

Alexandra Ferreira Justino

Intervir para progredir: a ação comunitária na
Associação Verdades Escondidas



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2016

Alexandra Ferreira Justino

**Intervir para progredir: a ação comunitária na
Associação Verdades Escondidas**

Mestrado em Educação Social

Relatório de Estágio

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Doutor António Carlos Pestana Fragoso de Almeida



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2016

Título:

Intervir para progredir: a ação comunitária na Associação Verdades Escondidas

Declaração de autoria de trabalho:

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Todos os autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

Assinatura:

(Alexandra Ferreira Justino)

Copyright

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

À minha família de sangue pelo amor incondicional;

À minha família do coração pela amizade e companheirismo;

À minha família universitária pelos ensinamentos e constante motivação;

Ao meu orientador pelo profissionalismo e disponibilidade;

Ao Bairro da Armona pela aprendizagem;

Ao corpo técnico da Associação Verdades Escondidas pela ajuda;

Um aplauso para vós.

Resumo

O presente relatório descreve o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio curricular desenvolvido na Associação Verdades Escondidas cujo objetivo passou por desenvolver atividades destinadas a públicos específicos: crianças, jovens e séniores, bem como a comunidade em geral.

A intervenção foi efetuada de acordo com o diagnóstico de necessidades da população do Bairro da Armona e da associação, sendo que o grande objetivo focou-se na prevenção, melhoria ou anulação de alguns problemas/dificuldades sentidas pela comunidade em questão.

Palavras-Chave: Exclusão social; Famílias “multiproblemáticas”¹; Desenvolvimento local e comunitário; Animação sociocultural; Inclusão social;

¹ Expressão utilizada pelo autor Hines (citado em Sousa & Ribeiro, 2005) para descrever famílias com problemas de diversas origens.

Abstract

This report describes the work carried out under the traineeship developed in the Association Verdades Escondidas whose main goal was to develop activities aimed to the specific audiences: children, youth and seniors, as well as the community.

The intervention was performed in accordance with the diagnostic needs of Armona population and the association, were the main objective was the focus on the prevention, improvement and reduce or eliminate some problems or difficulties faced by the community in question.

Keywords: Social exclusion; Families with multiple problems; Local and community development; Sociocultural animation; Social inclusion.

Índice

Introdução.....	1
1.Apresentação do tema do estágio.....	1
Capítulo I.....	3
Enquadramento contextual do estágio.....	3
1.Caraterização da associação.....	3
1.1.Projetos da Associação Verdades Escondidas	4
1.2. Recursos Humanos, Protocolos e Parceiros.....	6
1.3. Público-alvo.....	7
2. Identificação e avaliação de necessidades - processo de diagnóstico.....	7
3. Objetivos do estágio.....	8
Capítulo II.....	10
Enquadramento teórico.....	10
1. Pedagogia Social.....	10
2. A intervenção social enquanto resposta educativa aos problemas da contemporaneidade.....	13
3. A animação sociocultural enquanto processo de inclusão social.....	19
Capítulo III.....	25
Enquadramento Metodológico	25
1. Investigação qualitativa.....	25
2. Método: Investigação-ação	26
3. Técnicas de recolha de dados.....	28
3.1. Conversas informais.....	28
3.2. Análise Documental	29
3.3. Observação direta e participante	30
3.4. Inquérito por questionário	32
3.5. Entrevista semiestruturada	33
4. Diagnóstico de necessidades – análise <i>SWOT</i>	35
5. Análise de conteúdo.....	36
6. Plano de tratamento e análise de dados.....	36
Capítulo IV.....	38
Apresentação e discussão dos resultados.....	38

1. Caracterização da População do Bairro da Armona	38
2. Diagnóstico de necessidades - análise <i>SWOT</i>	42
2.1. Análise <i>SWOT</i> da Associação Verdades Escondidas	43
2.2. Análise <i>SWOT</i> do Bairro da Armona	45
3. Atividades desenvolvidas e respetivas avaliações	48
3.1. Atividades Lúdicas para séniores	48
3.2. Atividades lúdicas para crianças e jovens	56
4. Atividades para a comunidade em geral	65
4.1. Mercado Social	65
5. Falta de adesão nas atividades – perspetiva futuras	67
Conclusões	72
Referências Bibliográficas	77
ANEXOS	83

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1</i> - Cronograma das atividades na oficina "Encontros com Histórias"	49
<i>Tabela 2</i> - Perspetiva de horário para a realização de atividades futuras.....	71

Índice de Gráficos

<i>Gráfico 1</i> - Perceber se os residentes conhecem a associação	68
<i>Gráfico 2</i> - Motivo por nunca terem frequentado a associação.....	69

Siglas e abreviaturas

APA (American Psychological Association)

CPCJ (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens)

DECO (Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor)

MAPS (Movimento de Apoio à Problemática da Sida)

NC (Nota de Campo)

PSP (Polícia de Segurança Pública)

SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats)

1. Apresentação do tema do estágio

O presente relatório serve para descrever e analisar o trabalho desenvolvido no estágio curricular que decorreu na Associação Verdades Escondidas, no âmbito do Mestrado em Educação Social, cujo objetivo passou por intervir junto da comunidade do Bairro da Armona.

Ao longo do meu percurso académico fui criando certezas de que gostaria de intervir numa comunidade em risco, com diferentes problemáticas. O interesse pelo conceito de “risco” está interligado com a aposta na prevenção que deverá ser entendida como uma tentativa de evitar o aparecimento ou intensificação de problemas que estão na génese do risco, bem como na atuação quando este já se encontra inserido na comunidade (Reis, 2009).

Para o crescimento de uma determinada comunidade torna-se urgente a melhoria dos sistemas de ação, no qual a proximidade aos sujeitos e a possibilidade de partir dos interesses das populações para chegar à resolução de problemas e transformá-los em oportunidades de desenvolvimento correspondem a pontos essenciais.

Nesta linha de pensamento, colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos durante todo o percurso académico, a oportunidade de crescer enquanto profissional ao interagir com pessoas competentes ao nível da educação social e experienciar realidades com as quais um profissional da área se irá deparar posteriormente, foram as principais razões que levaram à realização de um estágio curricular. De igual modo, a partilha e a troca de ideias em questões relacionadas com a área social motivam esta investigação.

Inicialmente, a intervenção com esta comunidade passou pela recuperação e reabilitação de crianças e jovens, dos 0 aos 18 anos, em situação de risco ou de carência efetiva, promovendo a sua reinserção sócio familiar, valorizando as suas potencialidades e trabalhando os problemas familiares das mesmas. Contudo, com a participação no seio da associação e a respetiva recolha de informação sobre as necessidades e as diferentes problemáticas que a população em questão enfrenta, a ideia central da investigação mudou de rumo.

O aumento da receptividade da população face às iniciativas da associação, a promoção da mesma e a criação de atividades para as diferentes faixas etárias com vista

à inclusão social, foram aspetos com grande realce na presente investigação. As atividades desenvolvidas, com vista à melhoria dos sistemas de ação, pretenderam reduzir os diversos constrangimentos encontrados no diagnóstico de necessidades – posteriormente detalhado. Por último, foram desenvolvidas atividades que apostam na prevenção do risco.

Nesta linha de pensamento, o objetivo central passou pela melhoria de todos os pontos presentes no diagnóstico de necessidades, ao invés do foco numa faixa etária específica.

O presente relatório está dividido em cinco capítulos: 1) enquadramento contextual do estágio onde é efetuada a caracterização da associação e identificado o processo de diagnóstico e os objetivos do estágio; 2) enquadramento teórico onde são apresentados as temáticas que servem de base para este trabalho; 3) enquadramento metodológico que reflete as estratégias de intervenção; 4) apresentação e discussão dos resultados onde constam todas as iniciativas elaboradas ao longo do estágio; 5) para terminar temos as conclusões onde é feita a ligação entre todo o trabalho e as aprendizagens efetuadas ao longo do mesmo através da descrição dos resultados obtidos no decorrer dos oito meses de estágio e da reflexão e assimilação dos objetivos alcançados e dos aspetos a desenvolver.

Por último, interessa referir que este trabalho está escrito mediante a sexta edição das normas da APA, sendo que os excertos do discurso direto dos entrevistados estão em itálico.

Capítulo I

Enquadramento contextual do estágio

Este capítulo pretende caracterizar a Associação Verdades Escondidas, os seus principais objetivos e projetos desenvolvidos, o público-alvo bem como os recursos humanos existentes para a intervenção social. Pretende, por outro lado apresentar a problemática e a sua relação com a área de especialização – Mestrado em Educação Social -, apresentar o diagnóstico de necessidades, as expectativas, as motivações sentidas, as finalidades do estágio e respetivos objetivos.

1. Caracterização da associação

A Verdades Escondidas, sediada no Bairro da Armona (Concelho de Olhão), foi constituída em janeiro de 2008, destinando-se a intervir junto de grupos específicos, nomeadamente crianças, jovens e famílias carenciadas, em situação de risco ou de efetivo desfavorecimento social, promovendo a sua inserção sociofamiliar e escolar, potenciando as suas vocações para a construção de um projeto de vida sólido. ²

A visão da Associação Verdades Escondidas alcança a intenção de se tornar uma referência no âmbito social e na prestação de serviços de apoio à comunidade no respetivo concelho. Prestar um serviço com qualidade e rigor nas áreas social, cultural, de formação e desportiva, acolhendo, acompanhando, educando e formando pedagogicamente crianças, jovens e adultos, de acordo com as suas necessidades. ²

A associação visa fidelizar crianças, jovens e famílias através da disponibilização de serviço fidedigno e profissional, que se inscreva nas suas necessidades e garanta a sua total satisfação; divulgar os serviços e projetos da associação com o objetivo de aumentar o interesse e a procura das atividades e consequente envolvimento e participação da comunidade; por fim atuar em conformidade com o sistema de gestão da qualidade, visando uma melhoria contínua dos processos e serviços prestados, proporcionando condições que permitam um melhoramento do nível de vida das crianças, jovens, famílias e comunidade em geral. ²

² Informação recolhida do Site Verdades Escondidas, 2014

1.1. Projetos da Associação Verdades Escondidas

Projeto “Saber Mais”

Este projeto disponibiliza apoio ao estudo a crianças e jovens e alfabetização de adultos para a restante comunidade, com o objetivo de treinar capacidades e metas de aprendizagem.³

O apoio ao estudo tenciona proporcionar às crianças e jovens um maior sucesso escolar, sendo que o seu objetivo primordial passa por realizar um acompanhamento pós-laboral, nos trabalhos de casa e na preparação para os testes de avaliação. Estas sessões ocorrem diariamente, durante os períodos letivos, sendo que no mês de Julho e Agosto são as atividades lúdicas que substituem o apoio ao estudo.³

Por parte da equipa técnica, são sentidas algumas dificuldades no que diz respeito ao espaço reduzido e ao elevado número de presenças, que se revela prejudicial à concentração das crianças e jovens e às práticas de estudo das mesmas. Para colmatar estas falhas, em 2014 a Associação Verdades Escondidas estabeleceu um máximo de trinta inscrições no apoio ao estudo, dividindo os alunos em dois turnos, de acordo com o seu horário escolar. Outra estratégia passou pela criação da “regra das três faltas”, sendo que, a inscrição dos alunos com número superior a três faltas consecutivas, sem justificação é anulada e, posteriormente cedida a outra criança ou jovem.³

A alfabetização de adultos tem como objetivo principal o apoio na leitura e escrita, iniciação, aprofundamento e consolidação de conhecimento de português e matemática. Neste campo foram sentidas algumas dificuldades no que diz respeito à manutenção dos níveis de motivação e adesão dos utentes, já que a falta de um professor constante na instituição, levou à interrupção desta atividade, por períodos de curta duração.³

Projeto “Saúde e Movimento”

Este projeto foi concebido a pedido da população do Bairro da Armona e visa uma intervenção urgente no que se refere ao isolamento e sedentarismo na terceira idade. Este projeto está agregado a ações de sensibilização, tais como a caminhada e rastreios de saúde, implementados através de parcerias. As diversas atividades realizadas no seio deste projeto promovem a melhoria da qualidade de vida da comunidade envolvente, através de atividades de estimulação da condição física e

³ Informação recolhida do Site Verdades Escondidas, 2014

cognitiva. Para o sucesso deste projeto, até à data foram realizadas ações de sensibilização, dinamizadas no Atelier da Família, enquanto programa de educação para a saúde. A associação nas sessões supramencionadas contou com temáticas, tais como: alimentação e saúde oral, atividade física e saúde, prevenção dos acidentes domésticos nas crianças, competências parentais: regras e limites, saúde mental: bem-estar e gestão de orçamento familiar.⁴

No Atelier da Família funcionou o Gabinete de Saúde, que concretizava rastreios e atendimentos de saúde e a melhoria da saúde oral e alimentação das crianças e jovens.⁴

Projeto “Ser mais”

Este projeto de intervenção psicossocial é destinado a grávidas e mães adolescentes e/ou em risco do concelho de Olhão, pretendendo prevenir e minimizar potenciais consequências negativas, quer para a mãe quer para o bebé. Com capacidade para apoiar até quinze agregados familiares, as famílias são auxiliadas através da atribuição mensal de apoio alimentar, cuidados de higiene, cedência de artigos de puericultura pesada e vestuário.⁴

Projeto “Ser Mais Família”

Este projeto de intervenção social destina-se ao acompanhamento de famílias e pessoas que apresentem diversas problemáticas nas áreas do emprego, educação, habitação, saúde e iliteracia. Assim sendo, é prestado acompanhamento em todas as situações sociais, sendo que a instituição oferece apoio no preenchimento de requerimentos, marcação de consultas, articulação e encaminhamento com instituições públicas e privadas, entre outras.⁴

No âmbito deste projeto a associação atribuía cabazes com géneros alimentares a famílias carenciadas. Atualmente, esta atribuição já não se encontra em vigor, na medida em que este apoio foi suspenso devido à incapacidade financeira. Nesta linha de pensamento e a fim de garantir um apoio efetivo, estas famílias foram encaminhadas para outras instituições que apresentam como principal serviço o apoio alimentar.⁴

⁴ Informação recolhida do Site Verdades Escondidas, 2014

Ateliês Ocupacionais

A animação é um estímulo permanente na vida mental, física e afetiva da população sénior. Neste sentido, e com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos associados e dos indivíduos em situação de vulnerabilidade social, este *ateliê* pretende combater o isolamento, treinar competências e promover a interação social.⁵

Assim sendo, são realizadas atividades de carácter lúdico e ocupacional, como é o caso dos bordados.

Atividades Esporádicas

A Verdades Escondidas Associação assinala algumas efemérides, desenvolvendo atividades alusivas às diversas comemorações como é o caso, no Dia da Criança, Carnaval, Halloween, Dia do Pai, Dia da Mãe, entre outras.

A Associação proporciona a todas as crianças e jovens, no dia do seu aniversário uma pequena festa de comemoração junto dos seus colegas.⁵

1.2. Recursos Humanos, Protocolos e Parceiros

Atualmente, a Associação Verdades Escondidas conta com três educadoras sociais e uma administrativa. Este quadro altera-se todos os anos devido à entrada e saída de estágios profissionais.⁵

A Associação conta com a parceria da Unidade de Cuidados na Comunidade – olhar +, OlhãoPesca, KubiDoce, Cruz Vermelha Portuguesa, GAAF - Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família-, CAV – Centro de Apoio à Vida - e da Associação para a Promoção do Potencial Humano – Sê mais Sê Melhor.⁵

Todas as parcerias e protocolos supramencionados constituem uma referência de extrema importância para a associação, na medida em que ajuda no seu crescimento.⁵

Para exemplificar, através da parceria com a Unidade de Cuidados na Comunidade instaurou-se o funcionamento do Gabinete de Saúde. Por sua vez, a KubiDoce patrocina os lanches das crianças e jovens que frequentam o apoio ao estudo. Por último e a título de informação, o Gabinete de Apoio ao Aluno e às Famílias, auxilia a associação na contribuição de um desenvolvimento harmonioso dos adolescentes e jovens nas suas diferentes dimensões: individual, familiar, escolar e social.⁵

⁵ Informação recolhida do Site Verdades Escondidas, 2014

A associação conta, de igual modo com o apoio de instituições públicas, tais como: Câmara Municipal de Olhão, Centro de Saúde, Segurança Social, creches e infantários.⁶

Quando algum caso se afasta do campo interventivo da associação, esta articula e encaminha o problema para a instituição que melhor se adequa à situação.

1.3. Público-alvo

A visão da Associação Verdades Escondidas alcança a intenção de se tornar uma referência no âmbito social e na prestação de serviços de apoio à comunidade do concelho de Olhão. Contudo e apesar desta perspetiva, os beneficiários dos serviços impulsionados pela associação são maioritariamente a comunidade situada na Rua da Armona.⁶

2. Identificação e avaliação de necessidades - processo de diagnóstico

No início do estágio curricular, o primeiro passo dado para a melhoria dos sistemas de ação foi uma análise das necessidades, em que é possível observar as dificuldades de intervenção encontradas na associação em questão e também no Bairro da Armona.⁶

O diagnóstico de necessidades e posterior análise *SWOT* conseguiram detetar os problemas existentes na comunidade envolvente e na associação, através dos vários métodos de recolha de dados, mais especificamente: conversas informais, análise documental e inquéritos por questionário.⁶

Relativamente às respostas por parte da associação foi notório a falta de iniciativa com as diferentes faixas etárias, sendo que apenas estavam a ser processadas atividades destinadas a crianças e jovens, nomeadamente o apoio ao estudo – ponto positivo que facilitou a participação do público-alvo e o sucesso das atividades planeadas.⁶

Neste sentido a parte interventiva do estágio curricular focou-se, através da animação sociocultural, na melhoria das dinâmicas com dois grupos específicos: a população sénior do Bairro da Armona devido à necessidade supramencionada e as crianças e jovens do mesmo tendo em conta a proximidade já existente.⁶

⁶ Informação recolhida do Site Verdades Escondidas, 2014

No que diz respeito à população sénior, um dos principais entraves que afetou todo o percurso curricular prende-se com a falta de participação da comunidade e com a inexistência de uma relação coesa entre associação e comunidade do Bairro da Armona. Os inconvenientes referidos causaram alterações na planificação do estágio curricular, mudaram o rumo da intervenção por diversas vezes e adiaram os objetivos principais do mesmo, sendo necessário reformular o diagnóstico de necessidades inicial - análise *SWOT* - sempre que um novo problema se opunha à planificação. Contudo, este relatório apresenta somente a versão final da análise *SWOT*.⁷

Como o objetivo principal – convocar a população para a realização de pequenas atividades com o intuito de entender quais as necessidades da população e do próprio Bairro - não foi atingido devido à falta de participação, em último recurso realizei um inquérito pelo Bairro da Armona com o objetivo de entender quais os motivos da falta de participação da população e quais as melhorias a realizar no bairro e na própria associação.⁸

3. Objetivos do estágio

Os objetivos gerais deste estágio curricular passaram por criar um desenvolvimento local e comunitário no Bairro da Armona, assente em propostas de investigação e intervenção que fossem ao encontro dos interesses e que atuassem segundo as suas limitações e necessidades da população. Executar funções relacionadas com a área de educação social, utilizando a animação sociocultural como meio de dinamização do bairro, desenvolvendo atividades de cariz educativo para crianças, jovens e população envelhecida foi outro dos objetivos centrais.

Como objetivos específicos podemos realçar:

- Prevenir a solidão e isolamento da população sénior através de atividades que promovam o convívio entre população envolvente e o fomento de relações interpessoais;
- Reduzir as problemáticas presentes no bairro, criando ações de sensibilização que consciencializem como meio de prevenção.
- Incentivar a participação e a iniciativa através de ações que favoreçam as potencialidades do bairro como meio para fomentar a autoestima e respetiva motivação;

⁷ Informação recolhida do Site Verdades Escondidas, 2014

⁸ Os resultados deste inquérito encontram-se no capítulo IV, no ponto 5 (Falta de adesão nas atividades – perspetivas futuras).

➤ Incluir a comunidade envolvente na vida social, criando rotinas saudáveis através de atividades de cariz cultural e de sensibilização para a participação cívica e social;

Capítulo II

Enquadramento teórico

1. Pedagogia Social

O conceito de Pedagogia assume-se como uma atividade desenvolvida por uma determinada pessoa com o objetivo de incentivá-la e estimulá-la no desenvolvimento de novas aprendizagens. Por sua vez, a consolidação do conceito de educação para todos e ao longo da vida originou uma pedagogia que visa o desenvolvimento humano, num contexto de criação de laços sociais, envoltos por dinâmicas sociais (Azevedo citado por Peres, 2012) que estabeleceram o século XX como o século da pedagogia social.

A inclusão da educação social poderá ser explicada em função de diversos fatores, como é o caso do aparecimento de novas políticas sociais, as formas de cultura predominantes, o aparecimento da democracia e das novas formas do Estado se manifestar que, conseqüentemente criaram uma consciência de responsabilização face aos novos problemas e o respetivo desenvolvimento da proteção social (Petrus, 1997).

Nesta linha de pensamento, numa sociedade onde o trabalho deixou de funcionar como o grande fator de integração e coesão na vida social, torna-se fulcral estabelecer e promover outra medida de acompanhamento das trajetórias de vida. A experiência contemporânea associada ao fenómeno da exclusão evidencia a necessidade de uma intervenção eficaz, orientada para a vida social como meio de amenizar os processos de vulnerabilização humana. Posto isto, a educação social no seu contexto interventivo deve incluir, concetualmente e metodologicamente, um universo mais vasto de problematização e ação que enfatiza a pedagogia social (Baptista, 2008).

A pedagogia social remete-nos para uma realidade antropologicamente densa, complexa e multifacetada – a praxis socioeducativa numa perspetiva de «cidadania social». Ao mesmo tempo que se promove a capacitação subjetiva e cívica das pessoas, trata-se de procurar «fazer sociedade» num mundo que nos surge como fragmentado, incerto, vulnerável e «líquido», apostando para tal na ligação orgânica entre aprendizagem, vida e experiência comunitária” (Baptista, 2008, p.7).

De realçar, que a pedagogia social e a educação social, apesar de se interligarem, não são sinónimos, isto porque a pedagogia social assume-se enquanto disciplina científica que fornece as ferramentas para a educação social (Pinel, Colodete & Paiva, 2012).

De acordo com Cabanas (1997) a educação social corresponde a um aspeto fundamental da educação em geral, na medida em que, é a principal maneira de captar a essência e o propósito do trabalho educativo, cujo objetivo passa pela socialização do indivíduo com vista à sua melhoria global. Por outro lado, realça a educação social como uma forma pedagógica do trabalho social, que utiliza a educação para detetar, precaver ou melhorar problemas do foro social a comunidades ou indivíduos em risco.

Independentemente do foco sobre o qual olhamos para a educação social é certo que esta atua no espaço sociocomunitário e que se interliga com duas das suas características mais distintas: âmbito social e o seu caráter pedagógico (Petrus, 1997). Por outras palavras, a pedagogia social adota uma forma pedagógica e educacional no trabalho social, revitalizando a solidariedade e cidadania, onde são promovidos os direitos plenos de uma vida comunitária, com vista a um desenvolvimento comunitário (Pinel, Colodete & Paiva, 2012).

As ações no contexto da pedagogia social estão agrupadas em dois pontos. O primeiro referente à inclusão dos indivíduos na educação das redes sociais, o segundo alusivo à promoção humana através de ações socioculturais que atuam na capacitação do indivíduo e na sua vida enquanto cidadão (Petrus, 1997).

Segundo Baptista (2012), a pedagogia social representa o domínio de conhecimento que valoriza a educação em toda a sua plenitude, enquadra as experiências socioeducativas e a formação ao longo da vida. De acordo com a autora, todos os indivíduos estão em fase de desenvolvimento, independentemente da sua idade, situação de vida ou condição física. Assim sendo, a aprendizagem e os processos formativos desenvolvem cidadãos mais ativos, resilientes, com melhores condições de vida e capazes de intervir socialmente. Quando estas experiências são vividas em comunidade, a aprendizagem aproxima indivíduos, gerações, culturas e tradições. Por esta razão, é possível falar em processos de desenvolvimento pessoal e sociocomunitário quando falamos de pedagogia social.

Pretendendo desempenhar um papel decisivo nos processos de desenvolvimento pessoal e sociocomunitário, a pedagogia social implica uma atenção especial aos indivíduos que sofrem situações de privação e vulnerabilidade, na medida em que estes enfrentam dificuldades ao nível do seu dever de aprendizagem e direito de formação (Capul & Lemay, 2003).

Neste sentido, “a pedagogia social, enquanto disciplina científica que promove a articulação entre aprendizagem, vida e experiência comunitária, vê-se permanentemente

desafiada a re-significar espaços/tempos/modos de educar em todas as dimensões da pessoa e durante toda a sua caminhada existencial.” (Baptista, 2009, p. 36).

O trabalho social deve então referir-se a iniciativas programadas e realizadas através de uma perspectiva educativa e não assistencial, na medida em que é este compromisso educativo e interdisciplinar que converte este trabalho numa transformação social com vista à diminuição de injustiças sociais (Petrus, 1997).

Como teoria da ação educativa da sociedade, para além do mencionado desenvolvimento comunitário, a pedagogia social estimula e otimiza os processos de socialização, remetendo a prática da educabilidade humana para indivíduos em condições sociais desfavoráveis (Pinel, Colodete & Paiva, 2012). A complementaridade destas duas vertentes enriquece o campo concetual e de intervenção desta pedagogia (Peres, 2012), fazendo com que a componente teórica e prática sejam duas dimensões numa mesma realidade. Quer isto dizer que, a educação social precisa de contínuas reflexões teórico-práticas e, num sentido lato nunca podemos conceber estas duas dimensões como aspetos díspares (Petrus, 1997).

Em síntese, a pedagogia social prevê uma profunda transformação nos modos de pensar, viver e agir das comunidades, onde se intervém com vista a um processo de desenvolvimento humano em diferentes escalas.

De realçar o papel fundamental do educador social que procura acompanhar as pessoas, grupos e comunidades no seu processo de inserção e participação social, proporcionar o autodesenvolvimento dos indivíduos em questão e adotar estratégias de dinamização de projetos educativos e comunitários (Sáez & Molina, 2006).

Canastra e Malheiro defendem que no trabalho socioeducativo é essencial reconhecer os “recursos endógenos”, na medida em que estes são a chave para transformar as necessidades sociais em potencialidades. Posto isto, “a intervenção socioeducativa (...) caracteriza-se pela forma como é utilizado o potencial existente nas situações de aprendizagem, independentemente do contexto a partir do qual elas se revestem de significado” (Canastra & Malheiro, 2009, p. 32). Nesta linha de pensamento, a principal ferramenta de um educador social passa pela investigação-ação. Quer isto dizer, que a aproximação ao terreno constitui uma mais-valia na aplicação dos conhecimentos teóricos e nos recursos disponíveis, num determinado contexto social (Villar & Vale citados em Canastra & Malheiro, 2009). Com o objetivo de dinamizar e construir um processo participativo de qualidade e exercer um papel ativo e interativo, o educador social deve desafiar o grupo de participantes para a descoberta de novos

contextos e aprendizagens, focando-se no diálogo como fio condutor de formação (Gohn, 2009).

De acordo com a pedagogia de Paulo Freire podemos encontrar três fases distintas na construção do trabalho social que visam “desenhar cenários futuros” e “impulsionar mudanças” sociais: 1) conhecimento do contexto e a elaboração do diagnóstico de necessidades; 2) construção da proposta de intervenção; 3) componente prática que visa a intervenção junto de uma determinada comunidade (Freire citado em Gohn, 2009, p. 33-34).

2. A intervenção social enquanto resposta educativa aos problemas da contemporaneidade

A intervenção social tem vindo a consolidar-se enquanto resposta educativa aos problemas da contemporaneidade. O aumento dos setores desfavorecidos, a intensificação da exclusão social, a quebra dos processos assistenciais, a maior consciência de responsabilidade face aos novos problemas sociais, a emergência de novas políticas sociais, a democratização da sociedade e a exigência dos sistemas de proteção social (Petrus, Esteban, Carvalho & Baptista citados em Timóteo & Bertão, 2012) originaram o crescimento da educação social e respetiva intervenção, “num cenário de progressiva valorização dos direitos humanos onde os ideais humanitários, de igualdade e de justiça social impulsionaram o estabelecimento de medidas de política social” (Timóteo & Bertão, 2012, p.13).

A globalização e a urbanização das nossas sociedades produzem disfunções sociais como a solidão psicológica e social que conseqüentemente fomentam danos pessoais como é o caso do desprendimento afetivo aos idosos e a indiferença perante o acompanhamento de crianças e jovens. Por outro lado, o desemprego e emprego precário presentes atualmente originam o fenómeno dos novos pobres que, associado a uma qualidade de vida inferior despoleta flagelos, tais como a toxicodependência e alcoolismo. A crise económica e social, por sua vez, ameaça a própria estabilidade dos sistemas a nível internacional, criando novos movimentos migratórios que intensificam os comportamentos xenófobos (Carvalho & Baptista, 2004).

Nesta linha de pensamento, o educador social, nos dias de hoje, não lida apenas com a população infantil e juvenil como no início do seu contexto histórico. A sua área de atuação tornou-se mais abrangente passando pela idade adulta, velhice e públicos

carenciados, tais como: sem-abrigo, pobres, toxicodependentes e indivíduos excluídos socialmente. A educação social é a “expressão da responsabilização da sociedade diante dos problemas humanos que a percorrem” (Carvalho & Baptista, 2004, p.11), onde a ação socioeducativa a pessoas ou grupos em situação de maior vulnerabilidade social e/ou de risco correspondem a uma mais-valia.

As famílias vulneráveis agregam um conjunto de desvantagens, no que diz respeito às necessidades relacionais, materiais e organizacionais, que lhes apresentam desafios capazes de as colocar numa situação de maior suscetibilidade. Por outras palavras, estas famílias vivem constantemente em desvantagem, na medida em que as suas circunstâncias de vida expõem-nas a um nível de *stress* mais elevado do que é habitual e os seus reduzidos recursos materiais impendem-nas de enfrentar desafios (Murali & Oyebode, 2004), intensificando gradualmente os seus problemas.

No seio de famílias desfavorecidas é possível constatar múltiplos desafios em simultâneo: rendimentos insuficientes ou instáveis, dependência crónica de subsídios, baixos níveis de escolaridade e insucesso escolar, habitações precárias, famílias numerosas e destruturadas, comportamentos problemáticos, convivência alternada com múltiplos parceiros, insuficiência grave nas atividades funcionais e relacionais, alcoolismo, prostituição, delinquência, toxicodependência, doenças do foro psicológico, entre outros. A noção destas realidades é fundamental quando se intervém numa família “multiproblemática”, na medida em que as suas características de organização obrigam o profissional a flexibilizar as suas próprias noções de família para poder intervir.

As famílias “multiproblemáticas” são, constantemente associadas à pobreza e aos baixos níveis socioeconómicos. Contudo, ser pobre, apesar de ser um fator que poderá levar as famílias saudáveis a bloquearem, não significa, necessariamente ser disfuncional (Hines citado em Sousa & Ribeiro, 2005).

Alguns estudos sobre as famílias capazes, fortes e saudáveis produziram um conjunto de dimensões que deveriam ser incutidas às famílias vulneráveis, sendo elas: a comunicação, o encorajamento, a orientação religiosa, a adaptabilidade, o relacionamento social e o tempo partilhado (Sousa & Ribeiro, 2005).

De acordo com o Programa Nacional de Reformas 2020, as famílias mais vulneráveis coincidem com as famílias de educador único, pessoas idosas, jovens desempregados ou que abandonaram os sistemas de ensino ou de formação, as pessoas com deficiências, sem-abrigo e os beneficiários de rendimento social de inserção. Neste sentido, estes indivíduos apresentam diversas necessidades, experienciam sucessivas

situações de crise, vivem em condições de pobreza e estão envolvidas em rotas de exclusão social que, na maior parte das vezes, apresentam reprodução geracional (Grilo, Rivero, Rodrigues & Sousa, 2013).

Os tipos de comportamentos supramencionados suscitam, desde logo uma pergunta: “Serão estes os problemas que originam a exclusão social ou será a exclusão que está na origem dos problemas?”

Os tipos de exclusão – que explicitaremos adiante-, na prática aparecem sobrepostos e, como se de uma bola de neve se tratasse, acarretam diversos desafios e problemáticas que colocam este fenómeno no topo das agendas sociais.

A área social é caracterizada pelo conjunto de sistemas em que um indivíduo está inserido – grupos, comunidades e redes sociais. Assim sendo, a exclusão social está intrinsecamente associada a este conceito, na medida em que podemos falar da mesma quando existe um rompimento efetivo entre sociedade e indivíduo. Nestes casos, a perda de identidade social, autoconfiança, perspetivas futuras, iniciativa e de sentido de pertença à sociedade são constantes (Costa, 2004).

Do ponto de vista de Capucha (2000, p. 20) “ (...) estar em situação de exclusão, não é ser um «não-membro» da sociedade, mas sim um (pelo menos tendencialmente) «não-cidadão», isto é, um membro da sociedade a quem foram retirados, objetivamente, direitos de cidadania”

De acordo com Costa (2004), podemos enumerar diversos tipos exclusão, são eles: económico, social, cultural, de origem patológica e por comportamentos autodestrutivos. A exclusão do tipo económico diz respeito às reduzidas condições de vida, aos baixos níveis de instrução e qualificação profissional e emprego precário, cuja repercussão pode ter efeitos a nível psicológico, cultural e comportamental. No contexto social, estamos perante uma situação de exclusão quando existe uma privação de tipo relacional, caracterizada pelo isolamento e falta de autossuficiência e autonomia. A exclusão cultural está diretamente interligada com questões xenófobas, racistas e nacionalistas que discriminam as minorias étnico-culturais. Outra forma de exclusão tem que ver os fatores patológicos, designadamente de natureza psicológica. Por último e no que respeita à exclusão ou autoexclusão por comportamentos autodestrutivos podemos referir-nos a comportamentos relacionados com a toxicoddependência, alcoolismo, prostituição, entre outros.

A exclusão, no seu sentido mais prático está interligada ao insucesso escolar, ao desemprego, a menores qualificações ou menos aptidões desenvolvidas para a

adaptação das mutações tecnológicas e organizacionais e a piores condições de habitação, de saúde e de equipamentos sociais (Capucha, 2000). Por outro lado e segundo o mesmo autor, o preconceito, a segregação social e a discriminação correspondem às diversas representações sociais que impedem o acesso a determinadas oportunidades de vida podendo, deste modo dizer-se que os grupos desfavorecidos são, por diversas vezes fruto das oportunidades desvantajosas que lhes são oferecidas.

Posto isto, importa realçar que existem diversas situações onde a exclusão não se refere somente a indivíduos e famílias, mas a todo um território – bairros sociais que estão excluídos da cidade, por exemplo. De acordo com Gonçalves (1988), as definições de bairro incluem elementos que dizem respeito a um determinado espaço com características sociais e culturais comuns, onde a interação social, com maior ou menor densidade, é uma constante, originada pela coexistência de um espaço funcional, relação residencial e, em alguns casos pela atividade económica.

Os defensores da conceção de bairro objetivavam a atribuição de uma função a um espaço específico, distinguido pela sua arquitetura e contexto social igualitário, cuja população heterogénea se caracterizava pela proximidade espacial quotidiana. A proximidade espacial limitada constante na vida quotidiana, no contexto real, longe de provocar uma aproximação, desenvolve frustrações, conflitos e a não criação de solidariedades comunitárias. Neste ponto de vista, a heterogeneidade pode originar a rejeição de comportamentos não adotados pelos meios sociais culturalmente dominantes (Gonçalves, 1988).

Tendo em conta a conceção de bairro social, podemos falar em exclusão geográfica, na medida em que esta ocorre quando a marginalização subtil se encontra implícita (Carvalho & Baptista, 2004). Quer isto dizer que existem zonas e bairros nas cidades com determinados grupos étnicos, com certos estratos sociais, mais ou menos perigosos, que todos nós utilizamos nos nossos esquemas de referências quotidianas e que têm impactos reais, como a influência nos preços das habitações e qualidade do comércio e das infraestruturas lá inseridas. Portanto, é possível verificar nestes casos a hétero e a autoexclusão – zonas suscetíveis de proporcionarem melhores refúgios que levam, por diversas vezes os indivíduos ao isolamento social.

Por outro lado, quando um bairro social é deslocado do resto da cidade, as distâncias e os custos dos transportes apresentam-se como grandes entraves à socialização. Estes casos agravam-se quando nos referimos a idosos e indivíduos portadores de deficiência que se padecem de uma limitada mobilidade, associada à falta

de apoios e de acessos. A falta de sensibilidade por parte das entidades responsáveis pelo realojamento de comunidades apresenta-se como outra das grandes limitações associadas ao isolamento social já que, na sua grande maioria, as habitações encontram-se desadequadas às características físicas e motoras dos seus inquilinos mas também quanto às características profissionais e pessoais dos mesmos.

Quando nos referimos a bairros que visam a realocação de uma comunidade em risco, apercebemo-nos de um conjunto de perdas que, a longo prazo, originam o isolamento social. Perdem-se as características do espaço citadino anterior, os contatos sociais efetuados ao longo dos anos e a visibilidade pública, cortam-se as rotinas que estabelecem a autonomia necessária a cada indivíduo e corrompem-se as relações familiares e de vizinhança.

Em suma, os fatores supramencionados não só originam o isolamento social como também reduzem os acessos à informação e à oportunidade de exprimir necessidades e interesses, originando uma população vulnerável e desprovida de redes sociais. Como destaca Costa (2004), as condições destes locais só podem melhorar quando promovido o progresso de todo o espaço, os domínios da habitação, equipamentos sociais, acessibilidade e atividades económicas.

O essencial é entender a importância do vínculo entre sociedade e indivíduo, mesmo quando este se encontra em situação de fragilidade pessoal e social e evitar que esta conduza à dependência e, conseqüentemente à perda de vínculos de responsabilidade (Carvalho & Baptista, 2004).

Nesta linha de pensamento, educar para a comunidade, na comunidade e com a comunidade, reivindicando novos contextos educativos e novas exigências, no sentido de otimizar essa mesma comunidade é um dos principais fundamentos da Educação Social (Maia, 2010), sendo que esta está interligada com a ação educativa que objetiva a capacitação dos sujeitos, grupos e comunidades para uma inclusão social.

O desenvolvimento comunitário remete-nos ao conceito de comunidade que Ander Egg define como um grupo de indivíduos, situados numa determinada área geográfica que se entendem como unidade social e que, simultaneamente reúnem características, interesses e objetivos (citado em Fragoso, 2005).

Quando falamos em desenvolvimento comunitário e desenvolvimento local, já que estes últimos apresentam características similares, falamos obrigatoriamente em participação da comunidade, valorização dos recursos locais, implicação de recursos externos e processos de mudança coletivos e educativos (Fragoso, 2005) nos quais a

população local aprende a ser responsável na resolução de problemas comuns. Nesta linha de pensamento fomenta-se o desenvolvimento de diversos setores tais como o económico, político, social, educativo e administrativo, através de ações cooperativas e organizadas num determinado território (Gómez, Freitas & Callejas, 2007) que têm como objetivo a melhoria da qualidade de vida da comunidade em questão e, conseqüente mudança social.

Esta mudança define-se como um valor que propeta a proteção e bem-estar da família, da infância e da terceira idade (Petrus, 2003), onde os aspetos de dimensão cultural, social, pessoal, educativo, de participação e associativismo se transformam em direitos, fruto desta mesma mudança social.

Neste contexto, o educador social assume um papel de agente de intervenção socioeducativa que atua com sujeitos e comunidades. Assim sendo, potenciar o desenvolvimento, transformação e ativação do papel dos indivíduos no seu processo de superação com vista à mudança social injusta são objetivos do educador social (Maia, 2010; Timóteo & Bertão, 2012).

Contudo, o desenvolvimento comunitário só se tornará viável se partir da iniciativa da própria comunidade, com a liberdade e autonomia que uma participação social requer e se, simultaneamente resultar da satisfação de todas as necessidades humanas. Neste sentido, uma intervenção não poderá ser reduzida a atividades pontuais ou isoladas mas sim através de dinâmicas que gerem vínculos sistémicos e incentivem a participação em diversos campos (Gómez, Freitas, & Callejas, 2007).

Nesta linha de pensamento, o desenvolvimento local prevê uma tomada de consciência acerca dos valores, potencialidades locais e riquezas histórias de determinada comunidade, abrangendo iniciativas geradoras de riqueza e de emprego que correspondam a um plano local de desenvolvimento equilibrado e integrado – consolidação da democracia, desenvolvimento económico e social e inserção da respetiva comunidade nas políticas macroeconómicas (Santos, 2002). A interdisciplinaridade e multidimensionalidade destes projetos são características base pois demonstram o desenvolvimento integral que coexiste nos vários domínios da estrutura social.

Uma vez que o desenvolvimento local prevê estratégias e metodologias de ação que elevem o nível de vida daqueles que habitam em determinado espaço geográfico, este processo de mudança incide em situações complexas e singulares, pressupondo um caráter indeterminado e imprevisível (Santos, 2002).

Fragoso (2005) acentua o papel das dinâmicas coletivas, concebidas de acordo com necessidades específicas, como forma de aprendizagem e capacidade de emancipação das populações. Assim sendo, os processos de mudança coletivos e educativos focam-se na atitude proactiva de uma comunidade e na sua capacidade de reconhecer não só as suas necessidades mas também o seu valor. Neste sentido, a comunidade tem a capacidade de se reerguer e ser a principal responsável pela resolução dos seus problemas. Mascareñas afirma que a ação social é um processo fundamentalmente educativo que se realiza sobre as comunidades em situação de subdesenvolvimento e/ou de marginalidade sociocultural ou económica com a finalidade de obter níveis moderados de bem-estar social (Mascareñas citado em Gómez, Freitas, & Callejas, 2007).

3. A animação sociocultural enquanto processo de inclusão social

Com o objetivo de dar respostas necessárias e adequadas às necessidades humanas fundamentais – acesso a bens económicos, redes de apoio social e recursos pessoais – poder-se-á utilizar a animação sociocultural, como instrumento adequado à integração e promoção de indivíduos socialmente desfavorecidos (García, 2004). Salienta-se um trabalho baseado num caráter interdisciplinar e de globalidade onde o sujeito, as famílias, os profissionais e as organizações podem estabelecer um processo de desenvolvimento social e cultural. Nesta perspetiva este processo apresenta-se como uma mais-valia, na medida em que prevê a igualdade social e conseqüente melhoria da qualidade de vida (Bernet, 2004), constituindo-se um processo de devolução e valorização do direito de participação social que permite, a cada indivíduo, a contribuição para a gestão e promoção da sua coletividade, enquanto protagonista da sua emancipação social e cultural (Leal, s.d).

Para Trilla (2004, p. 26), a animação sociocultural refere-se a “um conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou num sector da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objetivo principal de promover nos seus membros uma atitude participação ativa no seu processo de desenvolvimento quer social, quer cultural”.

A animação sociocultural parte do pressuposto básico que todos somos responsáveis por participarmos na gestão da nossa própria vida, no meio e na realidade social que nos rodeia. Por esta razão torna-se importante referir a importância da

animação sociocultural ao nível da educação para a participação, nomeadamente nos grupos séniores - que falaremos adiante -, onde esta se constitui como um entrave ao desenvolvimento local e comunitário. De acordo com Sousa & Baptista (2013) a animação sociocultural requer indivíduos que interagem como coletivo social, dinamismo próprio e uma organização que assenta na procura de objetivos comuns. Assim sendo, este conceito está intrinsecamente interligado com a participação, na medida em que “agir localmente, estimular pequenos movimentos ou grupos, explorar «brechas», significa fomentar a participação dos cidadãos (...) na resolução dos seus problemas ” (Silva citada em Lopes, 2006, p. 431). Por outro lado, nesta iniciativa organizada e intencional estão patentes o sentimento grupal e sentimento coletivo de comunidade - componentes fulcrais para a consciencialização individual, espírito crítico e intervenção na vida política e social da comunidade - que são obtidos através da experiência significativa de relações, ou seja através do relacionamento intercultural (Lopes, 2006; García, 2004).

No contexto social e histórico, a animação sociocultural evidencia-se na Europa, a partir dos anos 60, como tentativa de responder à passividade do Homem pós-industrial, às clivagens sociais e culturais da sociedade moderna e à massificação cultural, pretendendo combater a injustiça social e as desigualdades de oportunidades sociais e de acesso, que se fecharam às populações mais desfavorecidas das sociedades pós-modernas (Leal, s.d). “A animação sociocultural será, assim, o instrumento de «democracia cultural» mais do que apenas a «democratização da cultura». Não é um meio para a difundir, mas uma forma de transformar a potencialidade das comunidades para as gerar” (Bernet, 2004, p. 23).

Neste sentido, a animação sociocultural assume-se enquanto processo metodológico, incluindo uma filosofia de ação e desenvolvimento sociocultural e uma intervenção ao mesmo nível, assente na participação dos atores (Leal, s.d) com o objetivo de favorecer a construção do tecido social, o associativismo e beneficiar a descentralização (Bernet, 2004).

Abarcando diferentes âmbitos sociais, destinatários, problemáticas socioculturais, conteúdo, estratégias e técnicas, a animação sociocultural é um processo prático gerador de autoaprendizagens que objetiva o desenvolvimento das potencialidades e capacidades pessoais e sociais das pessoas e povos, a fim de capacitar os sujeitos para a tomada de consciência sobre si e o mundo que os rodeia (Leal, s.d). Ao nascer como resposta aos défices socioculturais, esta intervenção educativa e

racional prevê uma ineficiência na espontaneidade das ações. Neste sentido, adotar um certo rigor sistemático na reflexão sobre a realidade, planificação de ações e avaliação de resultados assume-se enquanto regra na animação sociocultural. Esta sistematicidade permite que os sujeitos criem novas possibilidades de intervenção e que se possam prever e regular necessidades futuras. Assim, a partir das respostas ao sistema, os sujeitos aprendem e utilizam essas informações que eles próprios geram. Deste modo, favorece-se uma maior flexibilidade e adequação às mudanças e também novos dados para futuras ações (Vallicrosa, 2004; García, 2004).

A diversidade das realidades socioculturais não permite um protocolo normalizado e exaustivo quanto às respostas previstas e adequadas para cada situação/problema. Assim sendo, o caráter criativo e o *feedback* apresentam-se como elementos conducentes à elaboração de novas respostas e imprescindíveis no desenvolvimento da ação e no processo de tomada de decisões, já que é através destes dois fatores que se adequam as ações aos problemas (Vallicrosa, 2004).

Nesta perspectiva, é essencial perceber os efeitos da ação, saber avaliá-los e transportá-los para lugares e momentos de tomada de decisões relativas à ação. O animador sociocultural deve conhecer detalhadamente a comunidade, o meio e os recursos comunitários, a fim de criar dinâmicas mobilizadoras de vontades, que partindo da realidade social e das reais necessidades das populações facilitem a realização pessoal e coletiva de determinado grupo ou comunidade (Viveiros & Luís, 2008).

A sua aplicação, num modelo de intervenção global, realizam-se por setores etários – infância, juventude, adultos e terceira e quarta idade - e em equipamentos, programas e associações, podendo falar-se em âmbitos e modalidades, de acordo com a função dos objetivos, problemáticas, destinatários, conteúdos e estratégias da animação sociocultural.

Quando falamos em animação sociocultural na infância falamos obrigatoriamente de um âmbito da mesma, dirigido a um público específico que restringimos, utilizando o critério da idade. Todavia, este tipo de animação sociocultural mantêm os seus processos e princípios, alterando apenas os programas de intervenção, atividades e metodologias, tendo em conta as características e necessidades dos grupos destinatários (Sastre, 2004).

A animação sociocultural na infância encontra-se situada dentro do contexto das relações entre educação e tempos livres, onde as atividades constituem um meio para atingir um objetivo: educar no lazer (Sastre, 2004). Assim sendo, as atividades dirigidas

ao público infantil efetuam-se nos tempos livres das crianças e contêm uma componente educativa que apresenta uma estreita relação com a pedagogia do lazer, criando processos de desenvolvimento pessoal e social nas crianças. As atividades extraescolares, recursos culturais e recreativos, instituições educativas especializadas que ofereçam atividades de educação nos tempos livres são exemplos de ações que se incluem na animação sociocultural. A proposta educativa deste tipo de animação prevê a ênfase nos valores educativos da recriação e da vida quotidiana, a promoção da vida em grupo, a participação e o envolvimento pessoal e, através destes aspetos educativos formar integralmente a criança (Sastre, 2004).

No que diz respeito à educação sociocultural na juventude, o período da adolescência acarreta diversas características que a condicionam: dificuldade de incorporação na sociedade e na construção da identidade, diversidade de grupos diferentes uns dos outros, idade enquanto característica díspar, diversidade territorial, falta de confiança nas instituições, entre outros. Estes fatores representam uma grande dificuldade de aproximação a esta faixa etária, sendo necessário que os diferentes recursos sociais sejam analisados, planificados e avaliados numa perspetiva juvenil (Artiaga, 2004). Um dos primeiros passos para uma ação bem-sucedida passa por atenuar o formalismo e a rigidez neste processo, atuando nos territórios juvenis e adaptando às características juvenis propostas preventivas que visem a redução do risco social, utilizando o educador como um profissional de relacionamento, estimulador de dinâmicas juvenis e criador de espaços educativos e informativos (Artiaga, 2004).

Por sua vez, a animação sociocultural com pessoas idosas é uma das mais recentes preocupações da animação sociocultural devido ao progressivo aumento da esperança média de vida e das questões em torno do envelhecimento. Centrada na manutenção e estimulação do bem-estar nesta faixa etária, este tipo de animação aposta na promoção da relação interpessoal e da participação social, atribuindo ao idoso o papel de protagonista na sua história de vida e no seu desenvolvimento, com vista à manutenção de uma vida com sentido e qualidade (Fontes, Sousa, Lopes & Lopes, 2014).

O processo de envelhecimento fisiológico acarreta novos desafios ao nível da construção de novas visões de estratégias de intervenção, já que são evidentes limitações ao nível físico e mental que condicionam a adaptação a situações de sobrecarga física, psíquica, funcional ou social (Sousa & Baptista, 2013). Por outro lado, as características peculiares que a terceira e a quarta idade possuem – reforma e

tempo livre alargado, situações de saúde específicas, condições físicas diferenciadas, desnível existente entre limitações num determinado grupo- influenciam toda a dinâmica de uma iniciativa de cariz socioeducativo, fazendo com que as atividades sejam multifacetadas e adaptadas às necessidades particulares de cada indivíduo.

Contudo, ao nível do envelhecimento, a animação sociocultural apresenta-se enquanto ferramenta impulsionadora de estratégias ao nível da promoção intelectual, psicológica, biológica e social. Possibilita, deste modo o desenvolvimento de uma intervenção de qualidade que visa a participação ativa – pilar na estrutura explicativa da animação sociocultural- e compromisso social, cujo objetivo final passa pelo grau mais elevado de realização pessoal (Sousa & Baptista, 2013).

A educação sociocultural direcionada para a comunidade sénior planifica as estratégias para o envelhecimento, promove novos interesses e atividades, estimula e treina a vitalidade física e mental, ocupa os tempos livres disponíveis, estimula a educação e formação permanente, oferece a possibilidade de disfrutar da cultura, proporciona a abertura a outros grupos etários e propicia e cria meios de melhoria da qualidade de vida (Osorio, 2004).

Segundo Jacob (2007) a animação sociocultural deve dar resposta a objetivos específicos, tais como: promover a inovação e novas descobertas; valorizar a formação ao longo da vida; incrementar a ocupação adequada do tempo livre; rentabilizar serviços e recursos comunitários para melhorar a qualidade de vida do idoso; valorizar capacidades, competências, saberes e culturas; aumentar a autoestima e autoconfiança.

Ao refletir sobre o impacto dos baixos níveis culturais na vida social dos indivíduos adultos e na conseqüente discriminação, a animação sociocultural assume-se enquanto alternativa educativa que visa incrementar a cultura enquanto meio participativo, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento comunitário nos próprios espaços dos coletivos sociais, facilitar novas possibilidades de acesso ao mercado cultural e desenvolver uma política a esse nível (Osorio, 2004). Assim sendo, este tipo de animação assenta num conjunto de ações que oferecem ao indivíduo a possibilidade de se converter no agente do seu próprio desenvolvimento e na evolução da sua vida física, mental e emocional (Sousa & Baptista, 2013).

Segundo Jacob, a animação sociocultural direcionada para públicos séniores divide-se em sete pontos fulcrais, são eles: 1) a animação motora – “ processo relacional inteligível entre a situação e a ação, entre o estímulo e a resposta, entre o movimento global e a motricidade fina” (Jacob, 2007, p. 13); 2) a animação cognitiva – conjunto de

passos com vista a incentivar o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, a sua autonomia e a comunicação com os outros; 3) a animação através da expressão plástica – trabalho com materiais diversos, a fim de exprimir sentimentos e emoções; 4) animação através da comunicação – objetiva comunicar através da música, teatro, dramatização, entre outros; 5) animação associada ao desenvolvimento pessoal e social – atua no desenvolvimento das competências pessoais e sociais da pessoa como parte integrante de um grupo, estimulando o autoconhecimento; 6) animação comunitária – participação na comunidade como elemento válido, ativo e útil, dando voz ao idoso; 7) animação lúdica – objetiva a ocupação do tempo livre, a promoção do convívio e a aquisição de conhecimentos, artes e saberes.

O grande desafio passa pela mobilização da comunidade para a participação, sendo que o mais adequado será partir de práticas educativas desenvolvidas com e para as pessoas, onde a provocação de consciências para a transformação de fraquezas em potencialidades sejam uma constante. Neste sentido, o educador sociocultural não deve basear-se num programa predefinido mas sim preocupar-se em estabelecer conteúdos elaborados para os indivíduos, para a comunidade e para as suas realidades, saberes e experiências, de modo a aumentar a motivação e respetiva participação (Viveiros & Luís, 2008).

Capítulo III

Enquadramento Metodológico

Este capítulo tem como principal função clarificar aspetos de natureza metodológica com o intuito de orientar a investigação. Nesta linha de pensamento e tendo em conta a definição da problemática, este capítulo descreverá e fundamentará todas as decisões tomadas no decorrer do estágio curricular.

1. Investigação qualitativa

Tendo em conta a problemática de intervenção e o contexto do local de estágio considero que a orientação da investigação qualitativa é a que mais se adequa e, por esta razão importa enquadrá-la e contextualizá-la no presente relatório de estágio.

A acelerada mudança social confronta os cientistas com novos contextos e novas perspetivas, onde é possível verificar o fracasso das metodologias dedutivas tradicionais face ao estudo das relações sociais, sendo necessário o uso de uma nova sensibilidade – influenciada pelo conhecimento teórico existente – para o estudo empírico destas questões. A investigação qualitativa tem vindo, desde então a consolidar-se no campo das Ciências Sociais, com ideias centrais bastante vincadas: adequação dos métodos e teorias, perspetivas dos participantes na sua diversidade, reflexão do investigador sobre a investigação e variedade de métodos e perspetiva qualitativa (Flick, 2005).

A pesquisa qualitativa assume-se atualmente um campo transdisciplinar baseado em tradições ou paradigmas de análise, com origem no positivismo, fenomenologia, hermenêutica, marxismo, teoria crítica e construtivista e adota diversos métodos de investigação para o estudo do fenómeno situado no local com o objetivo de tentar interpretar os significados que as pessoas lhes dão (Chizzotti, 2003).

Nesta linha de pensamento, “a investigação qualitativa é uma perspetiva multimetódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do sujeito de análise” (Denzin & Lincoln, 1994, p.2). Por outras palavras, os investigadores qualitativos estimulam uma partilha com as pessoas, factos e locais com o objetivo de estudar fenómenos nos seus contextos naturais e tentam interpretá-los, refletindo sobre os mesmos e sobre os significados específicos que os indivíduos atribuem a um determinado problema/necessidade (Denzin & Lincoln, 1994; Chizzotti, 2003).

Esta visão holística do campo de estudo conduz à obtenção de dados de tipo narrativo, apresentando uma análise indutiva dos dados, em que o investigador é o

principal “instrumento de medida” (Coutinho, 2008). O contacto prolongado com o terreno, o interesse pelo processo e a importância atribuída ao significado – utilização de uma linguagem semelhante à dos participantes, por exemplo- são elementos que caracterizam a investigação qualitativa.

O regresso à oralidade – formulação de teorias e realização de estudos empíricos focados nas narrativas e na comunicação-, o regresso ao particular – tratamento de problemas concretos-, o regresso ao local – reencontro com o estudo de sistemas de conhecimentos, práticas e experiências, no contexto das tradições locais e modos de viver- e o regresso ao conceito de oportunidade – necessidade de situar problemas estudados e perspetivar soluções tendo em conta o contexto histórico e/ou temporal -são quatro tendências enumeradas por Toulmin para descrever a investigação qualitativa (citado em Flick, 2005).

Neste tipo de investigação, existem diversas estratégias que pretendem aumentar a fiabilidade dos dados recolhidos, nomeadamente a triangulação que consiste na utilização de diferentes métodos dentro do mesmo estudo e que tem como objetivo fornecer um índice de validade convergente.

Denzin enumera quatro tipos de triangulação, são elas: 1) triangulação de dados; 2) triangulação dos investigadores; 3) triangulação das teorias; 4) triangulação dos métodos (citado em Reidy & Mercier, 2000). Focaremos a nossa atenção na triangulação de dados dada a sua importância para o trabalho desenvolvido.

A triangulação de dados consiste numa colheita de dados junto de diversas fontes de informação – grupos, meios e períodos-, onde é possível abranger três aspetos que estão interligados entre si: o tempo dá-nos uma perspetiva da influência do fenómeno em momentos distintos, o espaço estabelece a validade externa ao desenrolar-se em diferentes meios e a pessoa correlaciona-se com o estudo de várias populações alvo, tais como indivíduos, grupos e comunidades. Dado que uma só abordagem de investigação pode constituir-se um elemento insuficiente para validar um determinado estudo, a triangulação de dados assume-se como fator essencial que visa obter a validação através da conexão de múltiplas fontes (Reidy & Mercier, 2000).

2. Método: Investigação-ação

Na medida em que o estágio curricular em questão se focaliza na melhoria dos sistemas de ação é notório que a investigação-ação – método de investigação- seja um tema central neste capítulo.

O termo investigação-ação foi utilizado pela primeira vez em 1944, através do artigo “Action Research and Minority Problems”, escrito pelo autor Kurt Lewis que o descreveu como a forma de investigação que podia interligar a abordagem experimental, com programas de ação social para responder a graves problemas sociais, cujo objetivo seria alcançar avanços teóricos e mudanças sociais. A pesquisa, a ação e a formação são os três elementos base que o autor prevê numa investigação-ação, na medida em que existe uma dupla finalidade: alterar aspetos de uma organização ou instituição e gerar conhecimento acerca da mesma (García, Domingo, Higuera, Solla, Zabala, Peláez & Escámez (2010, 2011).

Assim sendo, a investigação ação apresenta uma vasta gama de estratégias realizadas para melhorar o sistema social. Neste sentido, podemos referir-nos à investigação-ação como uma família de metodologia de investigação que, por um lado inclui a ação onde se evidencia a mudança e, por outro a investigação, em que se salienta a compreensão (Latorre, 2003).

A investigação-ação passa pela análise reflexiva, num contexto prático com o objetivo de solucionar problemas, planificar e introduzir alterações e, por último sugerir recomendações para a mudança, como forma de melhorar os resultados (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009).

Como principais características da investigação-ação podemos realçar: aspeto participativo – indivíduos empenhados em alterar e melhorar as suas próprias condições; aspeto colaborativo; criação de comunidades autocríticas que participem em todas as fases do processo de investigação; aprendizagem sistemática; realização de análises críticas e alvo constante de avaliação; processo que envolve consecutivas mudanças no plano de investigação; aquisição de um diário de campo onde se registam todas as reflexões ao longo deste processo e se analisam novos caminhos a seguir (Kemmis & McTaggart, 2007)

Para além das características supramencionadas, a investigação-ação constitui um processo cíclico que alterna entre a ação, observação e reflexão crítica. Kuhne & Quigley (1997) referem-se a três fases da investigação-ação: 1) planificação cujo objetivo passa por definir o problema, projeto e medir; 2) implementação da observação; 3) reflexão e avaliação. De acordo com os mesmos autores, se o problema for resolvido, a metodologia tem o seu fim nesta terceira fase. Caso contrário, dá-se um segundo ciclo de investigação-ação e o processo cíclico anteriormente referido tem continuidade.

Por outro lado, a investigação-ação apresenta-se enquanto processo coletivo, na medida em que envolve investigadores e participantes e pressupõe a implicação do investigador nos processos de mudança e prático ao lidar com questões reais (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009).

Cohen & Manion (1994) defendem que o processo de um projeto de investigação-ação pode realizar-se através de diversos passos, são eles: 1) Identificação e formulação de um problema; 2) elaboração de uma primeira versão do projeto e negociação entre as partes envolvidas; 3) revisão da literatura; 4) reformulação do problema inicial; 5) definição dos procedimentos metodológicos; 6) determinação dos métodos e procedimentos de avaliação; 7) implementação do projeto; 8) interpretação dos resultados e conclusão.

Por último, importa referir as diversas técnicas de recolha de informação associadas à investigação-ação que Latorre (2003) divide em três dimensões: técnicas baseadas na observação, técnicas baseadas na conversação e, por último a análise de documentos que serão explicitadas mais adiante, consoante a utilidade das mesmas para o estágio curricular em questão.

3. Técnicas de recolha de dados

3.1. Conversas informais

As conversas informais foram fulcrais no período inicial do estágio, na medida em que a informação sobre o Bairro e os próprios indivíduos lá inseridos eram ínfimas e baseavam-se apenas nas conceções tidas pelas técnicas da associação. Por outro lado, perguntas como o que se faz, o porquê, quando, como e onde precisavam de ser respondidas para adequar as formas de intervenção.

Atribuímos o termo conversa quando nos referimos a qualquer tipo de comunicação através da qual os atores sociais organizam o seu mundo. Silva (2004) revela-nos algumas vantagens da utilização deste método no âmbito de uma investigação-ação, na medida em que a relação entre investigador e investigado se dá através de uma série de conversações não formais que acabam por ter um impacto positivo e uma recolha de dados significativos. As informações recolhidas através de conversas informais levam-nos, de acordo com o autor, ao levantamento de questões, elaboração de ideias e hipóteses, à identificação de “informantes-chave”, aos conhecimentos de pormenores sobre o contexto e estilo de vida dos investigados e,

sobretudo, familiarizam-nos com o contexto e com as próprias pessoas que nele se inserem. Por outro lado, o “diálogo espontâneo” dá uma liberdade ao investigado que este não teria numa situação formal, onde sentisse que estava a ser observado com o objetivo concreto de recolher informação (Silva, 2004). Ainda sobre as potencialidades das conversas informais, o investigado, neste tipo de situações, revela informações, ideias e opiniões de livre vontade, não se sentindo intimidado.

Neste caso concreto, as conversas informais foram surgindo com as técnicas da associação, com as crianças que frequentam o apoio ao estudo e com os pais das mesmas, com os moradores do bairro, com o grupo criado na oficina “Encontros com Histórias” – referido adiante-, entre outras. Através deste método foi possível detetar alguns dos problemas que o bairro enfrenta e algumas potencialidades do mesmo e, de uma maneira geral, entender o contexto em que a população em questão se insere. Esta informação foi recolhida dentro da própria associação e dentro dos prédios e casas de alguns moradores, na aplicação de inquéritos por questionário porta-a-porta. As informações resultantes destas conversas informais foram registadas no diário de campo. Contudo, no que respeita às conversas tidas durante os inquéritos por questionário, existiram algumas dificuldades no registo das mesmas, sendo que o espaço não era adequado para o registo.

3.2. Análise Documental

A análise documental assume-se enquanto uma técnica de recolha de informação necessária em qualquer investigação, na medida em que identifica, verifica e aprecia o trabalho elaborado até aos dias de hoje, com vista á aquisição de conhecimento sobre determinado grupo. Nalguns casos serve para completar a informação obtida através de outros métodos, noutros casos é o método de pesquisa central (Bell, 1997).

De acordo com Pardal & Correia (1995), existem determinadas formas de atuação neste método, são elas: definir claramente o objeto de estudo, formular concretamente a/as hipótese/s, detetar o nível de imparcialidade das fontes e comparar apenas o comparável.

Neste caso concreto, apesar de existir uma correlação entre métodos de recolha de informação, numa primeira instância, a análise documental revelou-se de extrema importância dado o difícil acesso aos moradores do Bairro da Armona e à falta de informação. Permitiu, de igual modo a análise dos documentos da associação e a

aquisição de conhecimento sobre os projetos em vigor e sobre as atividades desenvolvidas. Por outro lado, foi possível perceber a falta de documentação existente sobre a avaliação de projetos e atividades esporádicas, caracterização da população do Bairro da Armona, necessidades e potencialidades dos moradores, informação detalhada sobre os recursos humanos da associação, entre outros.

Como realça Travers, o termo documento está associado a uma impressão deixada por um ser humano num objeto físico (citado em Bell, 1997), quer isto dizer que uma pesquisa documental também pode incluir a análise de filmes, vídeos, fotografias e outro tipo de fontes não escrita. Neste sentido, a análise das fotografias arquivadas na associação foram um ponto de referência ao transmitirem todas as iniciativas efetuadas no seu seio, durante diversos anos.

Importa ainda referir que os documentos podem dividir-se em fontes primárias e secundárias, sendo que as primeiras são aquelas que surgem durante o período de investigação e as segundas baseiam-se em interpretações dos acontecimentos desse período baseadas nas fontes primárias (Bell, 1997).

3.3. Observação direta e participante

“A observação compreende o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é confrontado com dados observáveis” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 205). Assim sendo, ao longo desta fase são recolhidas variadas e valiosas informações sobre o objeto de estudo e o que o rodeia. “A observação é, portanto, uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 157) ”.

Tendo em conta o contexto do estágio curricular é previsível que o tipo de observação que mais se adequa é a direta e participante. Assim sendo, a observação direta refere-se à ação em que a informação é recolhida pelo próprio investigador sem que este se dirija aos sujeitos interessados para obter a informação procurada (Quivy & Campenhoudt, 1992). Por sua vez, a observação participante entende-se como um processo dualista: o investigador precisa de ganhar acesso às pessoas e ao terreno e, paralelamente a observação tem que se tornar gradualmente concentrada nas questões fulcrais para a problemática de investigação (Flick, 2005).

Neste sentido, apenas uma presença sistemática nos locais de estudo e uma participação na vida dos sujeitos permitem ao investigador adquirir conhecimento sobre

determinados aspetos que não constam nos regulamentos e que podem ser fundamentais para a intervenção.

O investigador, na observação direta e participante presencia o fenómeno de estudo com a finalidade de retirar as próprias conclusões sobre determinados assuntos (Latorre, 2003). Sendo este um trabalho pontual que abrange a conduta social e consiste no envolvimento direto que o investigador tem com o grupo social que estuda, importa observar o comportamento manifestado e, através da informação adquirida sobre o presente e o passado, contextualizar as relações observadas (Iturra, 1989).

Na medida em que, a adesão às diversas respostas sociais proporcionadas pela Associação é ínfima, tornou-se substancial a aproximação à população através de um instrumento que permitisse entender quais os problemas que afetavam a mesma e as possíveis resoluções. Nesta perspetiva criou-se a oficina “Encontros com Histórias” e conseqüentemente uma interação entre participantes e observador, gerando uma análise constante que obedecia a um calendário específico, com um princípio e fim (Peretz, 2000), cujo objetivo passava por registar e interpretar dados sobre a população do Bairro da Armona, através da observação participante. Por outro lado, a afluência de indivíduos do seio da associação para pedidos de apoio ao nível da resolução de problemas alargou os conhecimentos sobre a comunidade em questão, através da observação direta.

Assim sendo, registou-se uma presença sistemática no seio do grupo social estudado que originou um diário de campo onde constam registos de ideias, estratégias e reflexões bem como padrões que correspondem à descrição de determinados acontecimentos ouvidos, vistos, experienciados e posteriormente refletidos (Bogdan & Biklen, 1994). De realçar que todas as notas registadas no diário de campo devem resultar da perceção do observador e da relação com o universo observado e não de pressupostos pessoais, mantendo a investigação o mais fidedigna possível.

Segundo Schatezman & Satrauss (citado em Peretz, 2000) existem três categorias de notas, são elas: notas de observação que representam repositórios de descrição da organização social, notas de método onde se inserem comentários sobre os problemas de abordagem e bloqueios encontrados e, por último as notas teóricas que dizem respeito a conceitos gerais.

Em suma, o resultado bem-sucedido de um estudo de observação direta e participante baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas, que constituem uma ajuda no acompanhamento do desenvolvimento do projeto, na

visualização do plano de investigação e a tornar o investigador consciente da influência dos dados em si (Bodgan & Biklen, 1994).

3.4. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, normalmente representativo de uma determinada população, uma diversidade de perguntas com vista à obtenção de informação sobre a sua situação social, profissional e/ou familiar e sobre as suas opiniões relativamente a determinadas questões humanas e sociais, entre outros (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Quanto às suas principais vantagens, o inquérito por questionário permite-nos quantificar uma multiplicidade de dados, proceder a uma análise de correlação e interrogar um número elevado de indivíduos, sem que se coloque um problema de representatividade (Quivy & Campenhoudt, 1992).

De acordo com Hill (2000) existem passos determinantes na construção de um questionário, são eles: 1) listar todas as variáveis da investigação; 2) especificar o número de perguntas para medir cada variável; 3) escrever uma versão inicial para cada pergunta; 4) pensar na natureza da primeira hipótese geral e nas variáveis e perguntas iniciais com elas associadas; 5) decidir quais as técnicas estatísticas adequadas para testa a hipótese geral; 6) decidir o tipo de resposta desejável para cada pergunta associada com a hipótese geral; 7) descrever a hipótese operacional; 8) considerar as perguntas iniciais e os tipos de respostas associadas com a primeira hipótese operacional; 9) verificar se as versões finais das perguntas e das respostas ainda são adequadas para testar a hipótese operacional; 10) repetir os pontos três e nove para outras hipóteses gerais; 11) escrever as instruções associadas com as perguntas delimitar a resposta pretendida; 12) planear as seções do questionário.

Na medida em que este método permite a análise e o possível conhecimento de um fenómeno social através das respostas sobre características sociodemográficas, atitudes, valores e comportamentos habituais (Peretz, 2000), no primeiro mês do estágio curricular integrei o projeto da Câmara Municipal de Olhão que, através de inquéritos por questionário, pretendia efetuar uma caracterização dos bairros sociais da cidade, inclusive o Bairro da Armona. Esta iniciativa, embora não tenha participado no processo de decisão da sua aplicação foi de extrema importância ao superar o problema de falta de informação existente sobre a população em estudo.

Mais tarde, devido aos diversos problemas – explícitos posteriormente - de participação encontrados no decorrer das atividades realizadas foi necessário recolher opiniões sobre um conjunto de questões fundamentais para melhorar a ação da associação e o próprio bairro, através de inquéritos por questionário no âmbito deste projeto. Estes inquéritos, realizados a moradores do bairro com idade superior a catorze anos, foram realizados porta-a-porta, abrangendo diferentes horários e dias, com o intuito de corresponder à altura mais oportuna para o preenchimento dos mesmos, de acordo com a disponibilidade dos moradores. Apesar das diversas tentativas, a representatividade não foi absoluta, contando com uma estimativa de cento e sessenta indivíduos inquiridos.

A realização dos questionários foi feita através de aplicação direta, na medida em que, tendo em conta o nível de escolaridade e a especificidade do grupo social em questão a investigadora preencheu os questionários. Utilizou pelas mesmas razões linguagem simplificada ao ler as perguntas e ajudou o inquirido a formular as suas respostas, sem o induzir às respostas pretendidas. Por último, a estruturação de todo o questionário foi realizada com base no público inquirido, por essa razão continha perguntas fechadas na sua grande maioria e uma pergunta aberta no final do questionário, de modo a não intimidar e desencorajar o inquirido. A última etapa deste procedimento terminou no tratamento de dados.

Os dados e a respetiva análise relativos à caracterização da população do Bairro da Armona podem ser consultados na página 37 e os que dizem respeito às opiniões dos moradores sobre a melhoria da associação e do próprio Bairro, na página 65.

3.5. Entrevista semiestruturada

As entrevistas semiestruturadas são uma combinação de perguntas abertas e fechadas, em que o investigador segue um conjunto de questões previamente definidas ao mesmo tempo que, se achar oportuno, faz perguntas adicionais para elucidar questões ou temas que ficaram por esclarecer. Este tipo de entrevista é frequentemente utilizado quando o objetivo primordial passa por restringir o volume das informações, pretendendo um direcionamento específico para o foco da investigação (Boni & Quaresma, 2005).

“A entrevista semi-estruturada nem é inteiramente livre e aberta (...) nem orientada por um leque inflexível de perguntas estabelecidas a priori. Naturalmente, o entrevistador possui um referencial de perguntas-guia, suficientemente abertas, que

serão lançadas à medida do desenrolar da conversa, não necessariamente pela ordem estabelecida no guião, mas, antes, à medida da oportunidade” (Pardal & Correia, 1995, p. 65).

Em contexto prático o *Focus Group* realizado no âmbito do presente trabalho ocorreu num ambiente confortável, pretendendo a obtenção de respostas a perguntas previamente estruturadas no guião da entrevista. Para além destas, surgiram outras perguntas ao ritmo das opiniões do grupo.

O *focus group* de acordo com Morgan define-se como um método de investigação, através da interação de um grupo, que se dirige à recolha de dados, reconhece o papel ativo do investigador na dinamização da discussão do grupo e localiza a interação na discussão do grupo como fonte dos dados (citado em Silva, Veloso & Keating, 2014).

Um plano do *Focus Group* prevê a preocupação com o modo de intervenção –a atitude do investigador, o que se espera do discurso- e com a realização de guião onde estão explícitos um conjunto de pontos que desejamos explorar (Albarello, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy & Saint-Georges, 1997). Neste sentido, foi previamente realizado um guião, com perguntas abertas, onde foram decididos todos os pontos interessantes para a investigação, não querendo dizer que no decorrer do *Focus Group* não fossem realizadas novas questões não previstas.

O *Focus Group* – técnica de recolha de dados cujo principal objetivo passa por estimular os participantes sobre um determinado tema- pode ocorrer em diferentes fases do projeto de investigação, nomeadamente na fase final com o objetivo de discutir com os participantes os resultados obtidos (Veloso & Keatin, 2014) e como ferramenta para descobrir novos caminhos a seguir e estimular novas ideias. Nesta linha de pensamento e como medida de avaliação para a oficina “Encontros com histórias” foi realizado um *Focus Group*, na medida em que não apresenta qualquer constrangimento quando aplicado a indivíduos com um baixo nível de alfabetismo.

A sua realização não exigiu nenhuma seleção premeditada dos elementos, na medida em que todos se apresentam como elementos fundamentais ao propósito do projeto. A estratégia de recrutamento contava com a colaboração de todos os participantes das oficinas “Encontros com histórias”, com vista à obtenção de discussões produtivas. Neste sentido, o convite foi feito a dez participantes que frequentaram as sessões sendo que, pelos mais variados motivos o *Focus Group* ocorreu com a presença de seis elementos. A participação de poucos elementos revelou-se, por

um lado um desafio dado os constrangimentos sentidos por estes elementos, por outro lado deu a cada participante a oportunidade de expor a sua opinião sobre um determinado assunto.

Ao longo do decorrer do *Focus Group* a investigadora foi registando pequenas notas, contudo existiram duas anotadoras, a fim de facilitarem o processo da transcrição da entrevista. Após o *focus group*, culminámos o procedimento com a anotação no diário de campo de todas as informações adquiridas.

4. Diagnóstico de necessidades – análise SWOT

O diagnóstico de necessidades assume-se enquanto ferramenta “teórico-metodológica” e prevê a formulação do problema e o reconhecimento da situação do objeto de estudo, sendo que quanto mais perto da realidade este incidir maior será a coerência entre o contexto, prática e objetivos (Serrano, 2008, p. 29). Assim sendo, o diagnóstico permite localizar problemas cruciais e a sua origem, para além de oferecer soluções para a resolução gradual (Serrano, 2008).

De acordo com a autora existem um conjunto de passos que devem ser seguidos para o conhecimento da realidade, entre eles: identificar as necessidades existentes, as suas causas e qual a população afetada, formular e delimitar o problema tal como ele é visto pelos indivíduos que o enfrentam e descrever o contexto em que o problema se manifesta. Contudo, a ótica com que se analisa uma determinada situação deverá ser o mais semelhante da realidade, visando uma prática social transformadora (Serrano, 2008).

Nesta linha de pensamento e na medida em que não existia diagnóstico de necessidades efetuado no local de estágio, este foi elaborado, no contexto do presente relatório, através de uma análise *SWOT*. Neste tipo de método estão presentes as forças e fraquezas inerentes à associação e as oportunidades e ameaças inerentes a fatores externos. Ávila (s.d) reforça que as forças e as oportunidades representam os aspetos que trazem benefícios a uma entidade e as fraquezas e ameaças representam os pontos negativos e as características que impedem o crescimento ou prejudicam a associação.

Este tipo de diagnóstico constitui uma ferramenta importante, na medida em que os pontos negativos e positivos são apresentados de forma sintetizada, permitindo uma análise mais clara. Assim torna-se possível atribuir as soluções adequadas para cada ponto anunciado nas fraquezas e ameaças, como meio de atingir uma mudança social ao nível do objeto de estudo.

5. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo assume-se enquanto técnica que permite ao investigador cruzar os dados presentes no seu quadro de referências e o material empírico recolhido, neste sentido “tem uma *dimensão descritiva* que visa dar conta do que nos foi narrado e uma *dimensão interpretativa* que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo” (Conan, 2002, p.62). Como objetivos principais esta técnica pretende interpretar as diversas situações ocorridas, descrever fenómenos e descobrir as relações de causalidade entre as dinâmicas sociais em estudo (Conan, 2002).

Bardin enumera diversos tipos de análise de conteúdo e agrupa-os em quatro grandes tópicos, dois dos quais, pertencentes às análises temáticas, fundamentais para o presente relatório de estágio. O primeiro diz respeito à análise categorial – análise descritiva que representa a primeira fase de análise de conteúdo e que se baseia na hipótese de uma característica ser mais citada consoante o seu grau de importância. O segundo referente à avaliação que se processa através de textos de unidades de significação, onde é possível medir as atitudes do entrevistado relativamente ao objeto de estudo (Bardin citado em Conan, 2002; Bardin citado em Quivy & Campenhoudt, 1992). Neste último tópico, pretende-se medir “a frequência dos diferentes juízos (ou avaliações), mas também a sua direção (juízo positivo ou negativo) e a sua intensidade”(Bardin citado em Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 228).

No que diz respeito às suas vantagens, a análise de conteúdo obriga o investigador a ser coerente, colocando de lado as suas próprias interpretações, permitindo um maior controle do trabalho de investigação, na medida em que apenas a utilização de um método construído e estável permite ao investigador uma interpretação viável (Quivy & Campenhoudt, 1992).

6. Plano de tratamento e análise de dados

Com a recolha de diverso material empírico – observação direta e participante, análise documental, conversas informais, entre outros-, o investigador necessita de realizar um plano de tratamento e análise de dados, sendo por vezes um processo complexo, tendo em conta o seu carácter aberto e flexível. A análise da informação constitui um aspeto fundamental no processo de investigação, na medida em que possibilita a agregação de toda a informação recolhida (Aires, 2015).

“Esta componente da análise consiste na atribuição de *significado* aos dados reduzidos e organizados através da formulação de relações ou de configurações

expressas em proposições ou modelos” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1990, p. 122).

No processo de investigação, o analista utiliza os diversos dados recolhidos para refletir sobre os seus significados e, numa segunda fase apresentar conclusões. As análises válidas fazem-se acompanhar da exposição e análise de dados que correspondem às questões de partida (Aires, 2015).

Miles e Huberman enumeram três tipos de subprocessos quando abordam a temática da análise de dados, são eles: 1) a redução que diz respeito à seleção, focalização, abstração e transformação bruta para a formulação de hipóteses; 2) a exposição que corresponde à apresentação organizada de informação que permite desenhar conclusões; 3) e a extração de conclusões - última fase do processo (citados em Aires, 2015).

Por outras palavras, após uma leitura geral dos dados, pressupõe-se uma identificação dos mais pertinentes, de modo a reduzir possibilidades. Pretende-se, posteriormente uma separação das informações em unidades relevantes consoante a sua temática, procurando identificar categorias e unidades de análise que devem ser simples para facilitar a compreensão. Nesta linha de pensamento, inserem-se os segmentos de texto nas categorias correspondentes para que seja possível uma operação de atribuição de sentido, cuja validade importa controlar (Vala, 1989). De acordo com Bardin (2002), as unidades de análise podem incluir-se dentro das categorias e possuem um sentido que poderá contribuir para a compreensão de uma ideia expressa – direta ou indiretamente.

Capítulo IV

Apresentação e discussão dos resultados

1. Caracterização da População do Bairro da Armona

“A habitação constitui-se como uma das necessidades básicas da população. A falta de alojamento ou as más condições de habitabilidade conduzem, com frequência, a problemas de saúde física, degradação urbanística e do ambiente, à formação de zonas degradadas com as respetivas consequências ao nível das várias problemáticas sociais” (Câmara Municipal de Olhão, 2012).

Nesta linha de pensamento, a Câmara Municipal de Olhão intervém junto da população que não dispõe capacidade financeira para a aquisição de casa própria ou para aceder ao mercado livre de arrendamento. Por essa razão, ao longo dos últimos anos, esta entidade atuou significativamente nesta área. Foi neste âmbito que foram construídas as habitações sociais na Rua da Armona. Atualmente existem um total de 168 fogos, 167 dos quais arrendados e um cedido para equipamentos sociais (Câmara Municipal de Olhão, 2012).

No início do estágio curricular e tendo em conta a falta de documentação existente tornou-se fulcral caracterizar a população do Bairro da Armona, recolhendo-se dados sociodemográficos e comportamentos habituais das pessoas. Para este fim, integrei um projeto da Câmara Municipal de Olhão, que visava a caracterização dos bairros sociais da cidade, inclusive o Bairro da Armona.

O questionário foi efetuado a 176 moradores do bairro - 90 do género feminino e 86 do género masculino- sendo que, cada indivíduo forneceu informação tanto a nível pessoal como também referente ao seu agregado familiar.

De acordo com os dados recolhidos, o bairro em questão alberga na maioria indivíduos de nacionalidade portuguesa e naturais de Olhão, sendo que 35.3% dos residentes apresentam idades compreendidas entre os 40-59 anos, 20.9% entre os 0-19 anos, 23.3% entre os 20-39 anos e 17.6% entre os 60-79 anos. A percentagem da população com mais de 80 anos corresponde a 2.8%. Com estes dados podemos afirmar que a população do Bairro da Armona é juvenil, contando apenas com 20.4% da população com idades superiores a 60 anos, o que contraria a disposição da pirâmide etária portuguesa.

Outro dos fatores influenciadores do desenvolvimento local corresponde ao nível de escolaridade de uma determinada população. De realçar que 32.4% da população inquirida possui o 1º ciclo, 21% possui o 3º ciclo completo, 15.3% concluiu o 2º ciclo e 14.2% tem o ensino secundário. Os restantes dados referem-se a crianças a frequentar o ensino pré-escolar e creche e indivíduos com os níveis de ensino incompletos.

No que diz respeito à população analfabeta, os estudos apontam para 6.3% o que merece relevância e uma certa preocupação, na medida em que este valor se apresenta superior à média nacional, no ano de 2011, que corresponde a um valor de 5.2 %. De uma maneira geral, também a percentagem de ensino superior parece muito reduzida. Quanto ao ensino terciário e apesar de não constar nestas percentagens por erro do questionário, a percentagem é ínfima. Esta informação advém dos cerca de 160 inquiridos por questionários – feitos, descritos e analisados posteriormente – que foram aplicados à mesma comunidade e que nos mostram que apenas um desses inquiridos possui o ensino terciário. Quer isto dizer que estamos perante uma comunidade com baixo nível de escolarização, fator que apresenta diversos desafios ao nível do desenvolvimento local e comunitário, ao distanciar as oportunidades de emprego da comunidade local e ao intensificar os índices de pobreza. A probabilidade da população possuir empregos pouco qualificados e precários aumenta, tornando-a cada vez mais vulnerável aos fenómenos da exclusão social.

Por outro lado, é notório a influência que estes dados têm na população mais jovem, onde é possível constatar a despreocupação com a aprendizagem e desmotivação, relativamente à escolarização. Por outras palavras, o incentivo dado para à prática de aprendizagem é anulado e substituído pela procura de emprego, como meio de aumentar o valor mensal das famílias e, consecutiva subsistência. É certo que quando nos referimos a estas questões falamos na maioria da população residente no Bairro da Armona e não da sua totalidade.

No que se refere à qualidade de vida e aos meios de subsistência dos indivíduos inquiridos, os dados referem que apenas 29% da população inquirida apresenta rendimentos salariais. Os adquirentes da pensão de velhice, por sua vez somam um total de 13.6%, sendo que a restante população (37%) beneficia de abonos escolares, pensão de alimentos, pensão de invalidez, subsídio de desemprego, rendimento social de inserção, subsídio social de desemprego, pensão de viuvez, baixa médica ou pensão de invalidez (ordem percentual decrescente). As informações supramencionadas revelam

que a maioria da população residente no bairro em questão não possui um rendimento obtido através do seu salário, podendo subentender-se uma taxa considerável de inatividade e desemprego. Tendo em conta a percentagem notória de população juvenil a residir no bairro, constata-se que esta faixa etária não mantém uma postura ativa escolar nem relativa ao mercado de trabalho.

Ainda na categoria dos níveis de subsistência, 20.5% da população não possui qualquer tipo de rendimentos. Relativamente à população que afirma ser beneficiária de apoios mensais de vários tipos, os dados apontam para 5.7%. Quer isto dizer que 14.8% da população vive sem qualquer rendimento e apoio a nível alimentar ou omitiu algum tipo de ajuda ou subsídio, no preenchimento do inquérito por questionário.

Esta percentagem deixa-nos algumas dúvidas e por isso é necessário enumerar algumas possibilidades relativas a estes valores, são elas: 1) esta omissão pode ter que ver com subsídios provenientes de ocupações ilegais, como é o caso da prostituição e do tráfico droga; 2) por outro lado, verifica-se uma percentagem considerável de residentes que trabalham como feirantes ou mariscadores. Esta informação correlacionada com a população que vive sem qualquer rendimento e apoio a nível alimentar poderá apenas querer dizer que estas pessoas não estão declaradas ao nível da sua atividade profissional; 3) outro acontecimento possível prende-se com a dependência de subsídios, onde a omissão das ajudas recebidas poderá ser benéfico na atribuição de mais bens essenciais. Apesar de não terem dados concretos que comprovem estas análises, através da observação direta e participante foi possível retirar várias conclusões que se prendem com os aspetos referidos. Todas estas possibilidades não querem dizer que os dados obtidos estejam obrigatoriamente desajustados. É certo que a pobreza é uma das características que abrange quase todo o bairro. Contudo, é importante balançar todas as possibilidades, a fim de encontrar a mais adequada.

Quanto à qualidade de vida da população do Bairro e aos rendimentos por agregado familiar, a análise dos dados expressa que 32.4% da população sobrevive com valores entre os 400 a 600 euros por mês, 19.3% sobrevive com 600 a 800 euros por mês, 25.6% possuem mais de 800 euros por mês, sendo que 5.7% da população sobrevive com menos de 200 euros por mês. Apesar dos resultados apresentados aparentarem um valor significativo relativo à maior parte da população inquirida, estes valores referem-se a todo o agregado familiar, sendo que existem inúmeros agregados com 5 ou mais pessoas.

Importa ainda referir que, a maioria dos residentes exerce profissões precárias e com um carácter incerto e/ou determinado, sendo que no mesmo agregado familiar existem indivíduos a receber subsídios de emprego e outros a receber outros rendimentos, como é o caso do rendimento mínimo de inserção. Esta informação foi obtida por via da observação direta e participante.

Como explicação aos dados anteriores, importa referir o número de pessoas por agregado familiar, sendo que a maioria dos agregados familiares são constituídos por duas, três ou quatro pessoas e 3.1%, correspondem a famílias numerosas, com 5 ou mais pessoas por agregado familiar. Quanto à tipologia do agregado familiar, 23.3% da população está inserida em familiares monoparentais, 55.7% em famílias nucleares e 16.5% em famílias alargadas.

As habitações do Bairro da Armona foram construídas com o objetivo de realojar populações vulneráveis, com habitações em situação precária, tratando-se de um bairro de habitação social. Nesta linha de pensamento, metade da população inquirida relaciona a sua ida para o bairro com motivos que se interligam com falta de condições habitacionais provenientes da sua situação financeira. A restante amostra, enumera a falta de alternativas e razões pessoais como motivos para a alteração de residência. Estas respostas levam-nos a um só caminho que se prende com o fenómeno da pobreza.

De realçar que alguns moradores do bairro, através de conversas informais, relatam muitas vezes o seu descontentamento na mudança de residência. Estas questões prendem-se com diversos motivos: localização, os meios de acesso e os custos de transporte; realojamento não adequado às características físicas e motoras dos seus inquilinos; desadequação face às suas características profissionais e pessoais; perdas ao nível das relações de vizinhança; perdas ao nível da autonomia;

Numa das conversas informais tidas com dois residentes do bairro são notórios alguns aspetos acima referenciados:

“É que lá em baixo a casinha era pequenina mas podíamos assar peixe, agora estamos aqui presos (...)” (NC3fev.)⁹

“Eu não vou porque é muito longe e eu já não posso andar” (NC11fev.)⁵

De acordo com a opinião dos moradores do Bairro da Armona, fornecida nos inquéritos realizados, são vários os problemas que caracterizam o bairro: conflitos entre

⁹ Nota de campo, dia, mês

moradores, desemprego, degradação dos espaços comuns, falta de limpeza de rua, degradação dos espaços interiores da habitação, toxicodependência e criminalidade, alcoolismo, falta de desbaratização, falta de segurança no bairro, falta de fiscalização por parte da câmara ao bairro, pobreza e, por último falta de esterilização dos animais de rua (ordem percentual decrescente). Apesar dos conflitos entre moradores estarem classificados como o problema que mais afeta a população, na pergunta que se refere ao tipo de relações que cada indivíduo mantém com a vizinhança, 83.5% da população alega manter relações de cordialidade, nunca se fazendo referência aos conflitos entre vizinhos.

Importa referir, no processo de recolha de dados junto da população, o receio de dar informações que tenham que ver com os rendimentos do agregado familiar, com apoios fornecidos e com a denúncia de comportamentos desviantes. Através de conversas informais, registadas nas notas de campo, é possível constatar que o receio de fornecer dados sobre os rendimentos do agregado familiar, ajudas alimentares e subsídios variados está correlacionado com o receio de serem cortados apoios que funcionam como meio de subsistência de todo o agregado familiar. Por outro lado, as denúncias dos comportamentos desviantes relacionam-se com o medo de represálias, como a nota abaixo indica.

“Entre entre menina! (entrei dentro da casa e o senhor fechou a porta, falando baixinho e contando alguns episódios recorrentes) Isto aqui parece uma farmácia! É só vê-los a entrar e a sair! (...) Eu nem digo nada, quero durar mais uns anos” (NT20out.)¹⁰

Toda a informação referida apresenta-se especificada nas tabelas no anexo12.

2. Diagnóstico de necessidades - análise SWOT

A caracterização da população do Bairro da Armona tornou-se uma ferramenta chave no que respeita à elaboração do diagnóstico de necessidades. Primeiramente porque a aproximação à comunidade permite a recolha de informação em primeira mão. Posteriormente porque ouvir as histórias, as vivências e necessidades da população constituem um ponto de partida favorável no que diz respeito ao conhecimento de pontos a modificar e a empreender para o desenvolvimento da ação. Nesta linha de pensamento, a observação direta e participante originou uma visão geral dos fatores

¹⁰ Nota de campo, dia, mês

positivos e negativos, internos ou externos da associação e do próprio bairro que serão detalhados, dado a sua importância para as atividades a desenvolver.

2.1. Análise SWOT da Associação Verdades Escondidas

Quanto às forças relativas à associação podemos realçar: 1) envolvimento de técnicos; 2) bom ambiente de trabalho; 3) possibilidade de horário alargado; 4) abertura a novos projetos; 5) auxílio na entrega de bens essenciais à população desfavorecida; 6) diversidade de projetos; 7) bom relacionamento entre técnicos e crianças que frequentam o apoio; 8) regras incutidas e respeitadas por parte das crianças que frequentam o apoio; 9) serviços de assistência social.

Alguns dos fatores supramencionados influenciam de forma positiva as iniciativas promovidas pela associação, na medida em que o bom ambiente de trabalho, o envolvimento de técnicos, a possibilidade de adaptar horários à população residente no bairro e, principalmente a abertura a novos projetos simbolizam uma associação em desenvolvimento que prevê um futuro melhor ao nível da sua ação social. Contudo, existe uma diversidade de fraquezas, inerentes à associação, que atenuam a eficácia das ações tidas pela associação e que necessitam de melhorias, são elas:

➤ Falta de recursos financeiros que apresentam consequências ao nível dos restantes recursos. Posto isto, importa referir quais são e quais as suas limitações: 1) Falta de recursos materiais que se relacionam com a escassa alternativa de atividades. Por outro lado, a própria infraestrutura da associação possui espaços reduzidos que são ocupados todas as tardes com o apoio ao estudo. Quer isto dizer, que para a demais comunidade do Bairro da Armona apenas se pode realizar atividades no restante horário; 2) Falta de recursos humanos que diminui o campo de ação da associação, apoio constante em estágios profissionais e rotatividade de equipa técnica que, consecutivamente enfraquece a confiança perante esta entidade; 3) Falta de recursos técnicos.

➤ Falta de divulgação dos objetivos, projetos e atividades da associação e, sucessiva falta de dinamização a este nível contribuindo, desta forma para o desinteresse por parte da comunidade. Sem a respetiva projeção, faltará sempre interesse;

➤ Falta de respostas ao nível de acompanhamento a idosos, serviços de apoio à saúde, planeamento familiar, ocupação/incentivos para desempregados;

➤ Falta de parcerias e necessidade de reativar outras, na medida em que atualmente são poucas as parcerias que se encontram em funcionamento;

➤ Falta de atividades adequadas à população. Quer isto dizer que no início do estágio curricular, apenas se encontrava em funcionamento o apoio ao estudo destinado a crianças e jovens da associação, sendo que as restantes faixas etárias não estavam incluídas nas iniciativas. Contudo, esta pode ser uma fraqueza da associação mas também da própria população, através do baixo nível de participação nas atividades realizadas, nos anos antecedentes – fator que conduz à descontinuação de atividades;

➤ Falta de documentação sobre os moradores do bairro, sobre as suas necessidades e atividades desenvolvidas com eles e para eles. Esta é uma das principais dificuldades sentidas, na medida em que a informação que existe está desatualizada. Quer isto dizer que, no início do estágio curricular não existiam dados que caracterizassem a população em questão nem o contexto de vida da mesma, o que dificulta as tomadas de decisões e a escolha do caminho a seguir;

➤ Não existe uma diretriz geral nem uma recomendação no que toca aos procedimentos gerais nem às atividades a seguir, proveniente de uma interligação insuficiente entre equipa técnica e direção;

➤ Não são desenvolvidos projetos e iniciativas devido à preconceção de alguns técnicos da associação relativamente às pessoas do bairro e às atividades realizadas que não tiveram sucesso;

Por outro lado, existem oportunidades a nível externo que contribuem para a redução de algumas fraquezas supramencionadas, como é o caso do financiamento para a construção de um novo espaço – Centro Comunitário Ana Dias- que visa uma melhoria de recursos humanos, recursos técnicos e materiais, bem como de projetos. Outra das oportunidades tem que ver com a ajuda na entrega de roupa e outros bens por parte de alguma população de Olhão, que nos revela que a associação vai criando alguma visibilidade ao nível do município.

Existem, de igual modo ameaças que dizem respeito ao ambiente externo da associação mas que têm impacto nas decisões da associação, são elas:

➤ Falta de confiança existente na Associação, por parte da população do Bairro da Armona. Através da observação direta e participante subentende-se que parte desta desconfiança relaciona-se com o medo que a associação denuncie determinados casos às entidades competentes, como por exemplo a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens;

➤ Problema ao nível da participação e do desinteresse pelas atividades/iniciativas promovidas pela associação. Este é um dos pontos centrais no presente trabalho, na

medida em que o afetou significativamente. Primeiramente, interessa referir que as iniciativas são, na sua grande maioria, realizadas dentro da associação e com uma faixa etária específica, dificultando a visibilidade da associação dentro do próprio bairro. Posteriormente, a maioria da população do Bairro da Armona não conhece a associação e, quando tem conhecimento da existência da mesma, não sabe quais os seus objetivos. Poderemos então colocar duas perguntas: “será desinteresse?” ou “nunca lhes foi fornecida essa informação?”. Este ponto é referido nas fraquezas inerentes à associação mas também nas ameaças que dizem respeito ao seu ambiente externo, ou mais explicitamente aos moradores do bairro. Assim sendo, este é um problema mútuo que requer uma atitude diferente por parte da associação e dos próprios moradores. Ainda ao nível da falta de participação, existem múltiplos conflitos exteriores à associação que não facilitam a criação de um grupo, onde todos os intervenientes mantenham uma boa relação. O excerto da entrevista é ilustrativo:

“Exatamente! Mas isso não se vê aqui porque se fossem todas unidas, onde agente mora e aqui deste lado aqui (referindo-se ao edifício número 1 e número 2 do bairro) agente fazia um grupo aqui bom!” (Focus Group – anexo 8).

➤ Olhar, por parte de alguns moradores do bairro, para a associação como meio de subsistência e não como palco de desenvolvimento de novas iniciativas. Ao nível de desenvolvimento de atividades este fator revela-se um constrangimento, na medida em que só há participação se efetivamente existir um sistema de trocas;

➤ Falta de incentivo, por parte da população geral, para a prática de voluntariado no seio da associação;

➤ Preconceções relativamente às pessoas do bairro que intensificam o fenómeno da exclusão social e, conseqüentemente as atividades a realizar;

2.2. Análise SWOT do Bairro da Armona

Apesar dos constantes conflitos entre a comunidade do Bairro da Armona, também existe um grau acentuado de amizade, união e auxílio presente nesta população. Quer isto dizer que, em circunstâncias negativas existe uma entreatajuda. Podemos confirmar estas afirmações através de excertos de entrevistas:

“Bateu à minha porta “Ai Luísa, eu estou tão enrascada hoje, não me desenrascas aqui um pacotinho de leite ou um bocadinho de açúcar?”. Tudo bem, desenrascava quando tinha, quando não tinha também não (...) Eu sou assim! Quando tenho dou! Não sou aquela pessoa egoísta!”; “A qualquer

aflição agente acode logo como acodem agente!” (Focus Group – anexo 8, página 151).

Por outro lado, este é um bairro com várias potencialidades ao nível das artes. Os bons espaços exteriores do bairro podem ser uma mais-valia se deliberados enquanto espaços de convívio.

Por último, importa referenciar o bairro como multicultural, onde é possível constatar a interação entre diversas culturas como um fenómeno educativo ao nível das relações sociais. Os pontos destacados representam as forças inerentes ao bairro.

Todavia, as fraquezas e as fragilidades desta comunidade têm diversas problemáticas que se vão intensificando, ao interligarem-se entre si. Apesar dos constrangimentos encontrados ao longo do caminho, são estas as principais fraquezas que queremos eliminar e/ou atenuar.

- Ambientes familiares destrutturados com problemas, tais como: 1) analfabetismo; 2) absentismo e insucesso escolar; 3) toxicoddependência; 4) alcoolismo; 5) falta de gestão financeira; 6) rotinas desadequadas; 7) problemática da gravidez na adolescência; 8) famílias numerosas; 9) acompanhamento desajustado a crianças e jovens;

- Falta de responsabilidade cívica que acarretam diversas problemáticas: 1) poluição do bairro; 2) vandalismo e danificação dos espaços comuns; 3) abandono e maus tratos de animais; 4) conflitos entre vizinhos;

- Falta de condições económicas associadas ao desemprego, dependência de subsídios, olhar para instituições como meio de subsistência, inatividade face à procura intensiva de emprego;

- Falta de relações de sociabilidade que originam: 1) conflitos com atribuição de bens alimentares dados pela associação; 2) falta de gestão de condomínios; 3) desunião. A informação recolhida através do *Focus Group* realizado às participantes da oficina “Encontros com histórias” evidencia a desunião entre edifício um e o edifício dois do Bairro da Armona:

“Sei lá! Acho que as senhoras aqui de baixo (...) são mais finas que aquelas senhoras lá de cima! (...) Põem-nos de parte! Está bom?” (Focus Group anexo 8).

- Falta de sensibilização para os hábitos de higienização;
- Falta de ocupação relativa à população envelhecida e desempregada;
- Falta de confiança na associação que afeta a relação entre população residente e entidade – aspeto explicado anteriormente;

- Meios de subsistência ilegais, tais como a prostituição e tráfico de droga;

No que diz respeito às oportunidades externas ao bairro, consideramos as entidades que têm como público-alvo o Bairro da Armona e que atuam para a sua melhoria a diferentes níveis. A título exemplar: a CPCJ, a Associação Verdades Escondidas e o MAPS.

Relativamente às ameaças que têm que ver com fatores exteriores ao Bairro da Armona detetamos:

- Falta de acessibilidade a serviços. A Câmara Municipal de Olhão, nos anos seguintes à abertura da Associação Verdades Escondidas tinha ao serviço uma pessoa no seio da associação, com vista a tratar de assuntos relativos ao pagamento de despesas relacionadas com a habitação social. O facto de não existir este serviço é motivo de descontentamento por parte da população envelhecida que, atualmente tem que se deslocar até ao local previsto;

- Falta de acessos a pessoas com mobilidade reduzidas;

- Falta de espaços adequados à população como é o caso de um parque para crianças, espaços verdes, campo de futebol, entre outros;

- Falta de fiscalização do bairro, por parte das entidades competentes. Existem inúmeras queixas, por parte dos moradores a este nível, sendo que os principais problemas se referem à degradação dos prédios e ao tráfico de droga;

- Desajustamento no alojamento das famílias do bairro. Algumas habitações não correspondem às necessidades físicas e motoras dos indivíduos. Outra das ameaças prende-se com o facto de não ter existido uma preocupação nas relações de vizinhança, sendo que os moradores sentem-se desviados do seu contexto e não possuem um sentimento de pertença relativamente ao local que residem;

- Falta de oportunidades provenientes de preconceções tidas relativamente aos residentes do bairro que intensificam o fenómeno da pobreza. Ao nível das oportunidades de emprego esta forma de exclusão social é bem visível e tem repercussões ao nível da qualidade de vida da população em questão.

3. Atividades desenvolvidas e respectivas avaliações

As atividades desenvolvidas apresentam-se subdivididas em três tópicos, sendo que o primeiro corresponde às atividades lúdicas para séniores –“Encontros com histórias”-, o segundo atividades lúdicas para crianças e jovens –“Quadro Doce”, “*Peddy paper*”, “Convívio com jogos”, passeio à *Kidzania* e a atividade de expressão plásticas- e, por último as atividades efetuadas para a comunidade geral – mercado social. Todas as atividades referenciadas são acompanhadas de uma avaliação concebida através de vários métodos.

3.1. Atividades Lúdicas para séniores

“Encontros com histórias” foi uma oficina criada durante o estágio curricular que contou com a sua primeira sessão na quinta-feira, dia 05 de Novembro de 2015. Tal como o nome indica, o seu foco inicial incidia na recolha de informação sobre a população, através de conversas informais para a realização de um diagnóstico de necessidades que completasse a informação recolhida nos inquéritos por questionário.

Com o passar do tempo e após os objetivos iniciais serem atingidos, o alicerce desta oficina foi-se alterando e, atualmente corresponde a um conjunto de passos com vista a facilitar uma vida mais ativa, com foco principal na promoção pessoal e comunitária dos indivíduos, permitindo a utilização criativa dos tempos livres. Pretende, de igual modo uma aproximação ao bairro e aos indivíduos lá inseridos, uma vez que o absentismo nas atividades que a associação promove apresenta valores muito elevados.

Com o objetivo de dar resposta às necessidades da comunidade, esta oficina visa a socialização entre vizinhos; reativar papéis sociais; combater o sedentarismo; prevenir o isolamento; ocupar a população sénior; incrementar a ocupação adequada do tempo livre; evitar que o tempo de lazer seja passivo; promover a interação e coesão grupal; estimular a cognição; promover a inovação e novas descobertas; proporcionar uma vida dinâmica através da valorização de capacidades, competências e saberes; fomentar a autoestima, autoconfiança e o sentimento de pertença a um grupo.

Em suma, a oficina “Encontros com histórias”, realizou-se durante todas as quintas-feiras (salvo exceções), contando com um grupo com cerca de dez indivíduos e com diversas atividades, são elas:

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		OBJETIVOS
Oficina "Encontros com histórias"	Dinâmica de apresentação	Apresentar e conhecer o grupo;
	Dinâmica de apresentação	Conhecer e apresentar o grupo;
	Visualização de filme	Proporcionar um momento lúdico; Avivar melhorias passadas;
	Dinâmica "Avivar memórias"	Conhecer a população residente; Partilhar histórias e experiências;
	Workshop de bombons	Promover a aprendizagem de receitas de culinária; Promover o saber-fazer; Partilhar conhecimentos; Criação de um bloco de receitas;
	Workshop de broas	Promover a aprendizagem de receitas de culinária; Promover o saber-fazer; Partilhar conhecimentos; Criação de um espírito de grupo saudável;
	Workshop de pintura	Fomentar a criatividade; Fomentar a autoestima;
	Jogo do bingo	Melhorar a socialização e interação entre moradores do bairro; Trabalhar o cognitivo; Promover a ajuda mútua;
	Ida ao teatro	Visualização da peça "Juntos em Revista"; Proporcionar experiências de vida diferentes; Promover a educação cultural;
	Elaboração do calendário 2016	Estimular a autoconfiança; Abolir a expressão "não consigo"; desenvolver a criatividade e destreza manual;
	Sessão de beleza	Fomentar o cuidado com o corpo; incentivar e melhorar a autoestima;
	Confeção de sabonetes	Desenvolver a criatividade;
	Visionamento de filme	Proporcionar um momento lúdico
	Workshop de pães com chouriço	Educar para a poupança;
	Comemoração do dia da mulher	Comemorar a data festiva; Conviver;
	Workshop de folares de Olhão;	Promover a aprendizagem de receitas de culinária; Promover o saber-fazer; Partilhar conhecimentos; Criação de um espírito de grupo saudável;
	Visita ao Jardim Zoológico de Lisboa	Incrementar a atitude ativa como meio de aquisição de bens e serviços; Desenvolver a participação ativa; Fomentar o contacto com o exterior; Contrariar o desenraizamento social do grupo;
	Workshop de expressão plástica	Desenvolver a motricidade na utilização de diferentes técnicas artísticas; Educar para a poupança;
	Workshop de expressão plástica	Celebração do 25 de Abril; Confeção de cravos; Trocar experiências ao falar deste tema;
	Visita ao Zoomarine	Proporcionar novas experiências; Fomentar a proximidade entre gerações;
Comemoração do dia da família	Promover relações familiares saudáveis;	
Participação no evento "Um dia pela vida" – projeto de luta contra o cancro	Sensibilizar para o rastreio; Alerta para a prevenção; Fomentar o relacionamento com outros grupos sociais.	

Tabela 1 - Cronograma das atividades na oficina "Encontros com Histórias"

3.1.1. Avaliação geral da oficina “Encontros com histórias”

Tendo em conta a observação direta e participante, a oficina “Encontros com histórias”, apesar de não ter chegado ao seu grau máximo de satisfação e de precisar de melhorias e alterações, apresenta alguns aspetos positivos. Primeiramente porque esta iniciativa ativou a promoção de dinâmicas focadas na população envelhecida que, no seio da associação nunca se tinham realizado. Importa ainda realçar que esta oficina encontra-se, atualmente em vigor, mantendo o seu carácter inicial. Por último, proporcionou uma afinidade entre equipa técnica e uma reduzida amostra da população do Bairro da Armona o que, a longo prazo apresenta benefícios na aproximação à comunidade com que a Associação Verdades Escondidas pretende trabalhar.

Por outro lado, a reduzida divulgação de serviços e apoios impede a aproximação à população e aos moradores do Bairro, na medida em que existe falta de informação sobre o que os beneficiários podem ou não usufruir ou obter. Como forma de combater esta fraqueza, uma das medidas tomadas foi a divulgação porta-a-porta de todos os serviços e apoios que a Associação Verdades Escondidas presta.

Embora nunca tenha sido definido um género para a presença nas atividades, esta oficina conta apenas com participantes do género feminino, sendo esta uma das grandes fraquezas desta oficina. No preenchimento dos questionários porta a porta, de que falaremos adiante foi possível perceber que a existência de atividades que consistissem em jogos de cartas, dominó e bingo seria uma mais-valia para a participação de elementos do género masculino.

Ao longo desta oficina, as atividades realizadas foram articuladas com as necessidades da população representadas no diagnóstico supramencionado. Em modo avaliativo e com os respetivos objetivos das sessões, a intervenção foi efetuada sob diversas ameaças. Assim sendo, pretendemos combater os ambientes familiares desestruturados através da sessão de comemoração do dia da família e a falta de gestão financeira através dos diversos *workshops*. Quanto à desunião no bairro, falta de relações de sociabilidade, conflitos entre vizinhos e isolamento da população idosa, todas as sessões tiveram um impacto reduzido, embora positivo, nestas problemáticas.

A falta de comparência da população nas atividades desenvolvidas na Associação e a falta de confiança na mesma sofreu, de igual modo, uma alteração positiva.

Para além da avaliação que a observação direta e participante nos permitiu realizar, considerámos fundamental realizar uma entrevista às participantes da oficina em questão.

Assim sendo, as sessões que mais se destacaram pelo seu lado positivo e que mais agradaram as participantes foi o *workshop* de folares e bombons de chocolates, a visualização do filme “Aldeia da Roupa Branca”, a comemoração do dia 25 de Abril e respetiva execução de trabalhos manuais alusivos ao tema, a plantação de coentros e salsa e, por último, a visita à Universidade do Algarve:

“Sabe qual é que eu gostei mais? Foi dos folares, foi de estarmos ali a fazer os folares”; “Eu foi dos bombons que eu gosto mais de chocolates! (risos)”; “Quer dizer, da versão antiga eu gostei muito (refere-se ao filme “Aldeia da Roupa Branca)”; “Olha gostei dos coentros, dos cravinhos(...)”; “Ai olhem... Eu adorei, adorei ter ido lá naquele dia a Faro! Ai adorei! Eu adorei!” ”(Focus Group – anexo 8).

De acordo com a entrevista efetuada, a sessão que menos correspondeu às expectativas das participantes foi a visualização do filme “Pátio das Cantigas”, na medida em que o grupo já tinha visto a versão anterior que, comparada com a moderna, consideraram muito melhor.

“Olha, aquelas dos filmes (...) Não gostei! (...) Porque o Pátio das Cantigas eu já tinha visto na televisão, na versão moderna” (Focus Group – anexo 8).

Uma das dificuldades sentidas no decorrer desta oficina está correlacionada com o medo que os indivíduos possuem de atribuir confiança a alguém, na medida em que a entrada e saída de estágios profissionais e voluntariados destabiliza a afinidade que se vai criando entre equipa técnica e população-alvo. Quer isto dizer que, na maioria das vezes, quando se atinge a confiança necessária e quando se cria um grupo coeso, a equipa técnica muda, a população retrai-se e, o processo de reaproximação volta à estaca zero. Assim sendo, as iniciativas são descontinuadas porque não existe uma equipa permanente, sendo que os estágios ocupam a maioria da equipa técnica da associação.

➤ **Limitações e constrangimentos**

Relativamente às limitações e constrangimentos, a entrevista permitiu-nos identificar uma desunião real entre a população do Bairro, exemplo desta afirmação é um excerto retirado do *Focus Group*:

“Somos poucas porque as pessoas não são unidas, as pessoas não querem! As pessoas só querem é passar a roupa a ferro e lavar!” (Focus Group – anexo 8).

Dado a idade avançada de algumas pessoas, existiram diversas limitações no decorrer das atividades, sendo que as limitações ao nível da visão e motricidade são as mais mencionadas pelas participantes. Podemos concluir que, todas as técnicas minuciosas acrescem dificuldades para o grupo, sendo que o corte de materiais, a pintura, a leitura e a caminhadas representam as maiores dificuldades sentidas, como o seguinte excerto ilustra:

“Eu foi a pintar a tela! (...) Aos olhos! Também nunca tinha pintado assim filha! Nunca tinha pegado assim num pincelzinho pequenino e pintado! (risos) ” (Focus Group – anexo 8).

Por outro lado, o encargo familiar é outra limitação perceptível nas diversas unidades de texto, sendo que a confeção do almoço e a preocupação com as saídas e entradas de crianças nas escolas foram, ao longo das várias sessões, os motivos mais frequentes para a não comparência nas atividades desenvolvidas:

“Agora também começam ainda para mais agora começam as férias todos os dias ocupados, tenho os miúdos em casa de certeza absoluta, de maneira que me é impossível estar a dizer que vou. Mas gostava!” (Focus Group- anexo 8).

Entre conversas, o grupo acabou por confessar que o medo de não ser capaz e não atingir o objetivo, acaba por constituir um obstáculo condicionante na participação e na execução dos diversos trabalhos manuais, tal como o excerto abaixo nos indica:

“Que nos faz parar! (referente à questão: “Acham que o medo é um obstáculo?”)” (Focus Group – anexo 8).

Em suma, os constrangimentos e limitações existentes dificultam a criação de atividades que correspondam, simultaneamente às necessidades específicas de cada participantes e aos seus gostos pessoais.

➤ **Motivações**

Apesar da desmotivação transmitida pelas participantes em todas as ocasiões em que a comparência às atividades foi reduzida, é fundamental, através da entrevista realizada às participantes, realçar a motivação para a participação em novas atividades e aquisição de novos saberes. Contudo e o que dita a experiência de oito meses é que, ao longo das sessões existia motivação para uma determinada atividade e, após uns dias existia, de igual modo, um contratempo. Quer isto dizer que, quanto à motivação

patente na análise das unidades de texto, esta só poderá ser verdadeiramente avaliada quando posta em prática.

Outros aspetos que podemos correlacionar com a motivação é o orgulho nos trabalhos realizados. A título de exemplo, a exibição das telas pintadas e do livro de receita confeccionado são indicadores de satisfação e motivação que, gradualmente poderão ter consequência na melhoria da autoestima, como podemos verificar:

“Está bonita avó, tu sabes pintar! (risos de orgulho) Tirei o boneco e pus o quadro! Agora está o boneco em cima da cama!” (Focus Group- anexo 8).

Por sua vez, o reconhecimento da aquisição de aprendizagens e superação de obstáculos valoriza as participantes enquanto pessoas e tornam-nas seres em busca de novos conhecimentos e novos obstáculos a alcançar. Em suma, tornam-nas pessoas mais capazes, como as próprias referiram:

“E depois agente diz assim “Ai não sabemos” mas depois agente quando começa a fazer, agente vai sem medo. Se agente vai com medo não há nada a fazer! Está a perceber? (...) Ai agente não sabe fazer isto, ai agente não sabe fazer aquilo (...) Não! Espera aí! Agente vai experimentar!” (Focus Group- anexo 8).

➤ **Feedback sessões**

Tornou-se essencial perceber se o horário das sessões influenciava a participação nas atividades desenvolvidas. A maioria das participantes acha que o horário estipulado é o mais adequado, sendo que uma das participantes realçou a parte da tarde como o período em que mais pessoas estariam disponíveis.

De realçar a empatia e entreaajuda sentida entre participantes e equipa técnica que, a longo prazo, deverá resultar num sentimento de pertença a um grupo e na confiança na Associação: *“Gostei das meninas todas, muito amigas, muito unidas com agente.” (Focus Group – anexo 8).*

O convívio e a alteração da rotina diária foram as principais causas para a participação nesta oficina. Posto isto, é possível afirmar que a “Encontros com histórias” teve uma influência positiva, embora reduzida, numa das ameaças patentes no Bairro da Armona – o isolamento da população idosa -, tal como podemos verificar:

“Para termos mais convívio, não estarmos tão isoladas. Eu pela minha parte é assim”; “Para não estar sempre ali fechadas ali. Assim uma pessoa convive mais” (Focus Group- anexo 8).

De realçar o reconhecimento da aquisição de aprendizagens e a superação de dificuldades pessoais aumenta a autoestima e, conseqüentemente, a capacidade de superação através da eliminação do medo. Segundo os excertos indicados posteriormente, podemos afirmar que existiu aquisição de aprendizagens e que, apesar de não ser evidente em todas as sessões, as participantes têm essa noção:

“O que melhorou foi o que agente não sabia ficámos a aprender, tanto eu como as outras colegas todas! (...) Por exemplo, a primeira vez que eu vinha à escola achava que não sabia matemática. Depois é que eu vi que sabia fazer as contas todas! Porque eu achei que não sabia! (...)”; *“Aqui aprende-se muita coisa!”* (Focus Group – anexo 8).

➤ **Relação grupal e sentimento de pertença**

Na medida em que, no Bairro da Armona e no respetivo diagnóstico de necessidades, existem diversas falhas relacionadas com as relações de sociabilidade e, já que um dos grandes objetivos desta oficina é melhorar essas mesmas relações, é fundamental perceber se houve alguma melhoria nesta dimensão, ao longo das sessões.

Tendo em conta a observação direta e participante, desde a primeira sessão existiram conflitos exteriores que, posteriormente afetaram a dinâmica das sessões. A título exemplificativo, existiram vários episódios em que foi notória a falta de união entre o grupo:

“Quando estava a escolher o desenho com a Dona C. ela virou-se para mim e disse-me: “A mal cheirosa já se foi embora?”, referindo-se à Dona D. Como não sabia como responder à situação ignorei a conversa e não respondi, já que responder àquela pergunta seria intitular a Dona D. de mal cheirosa. Esta tem sido uma das batalhas ao longo destas sessões. (...) Através desta sessão descobri que a Dona R. e a Dona D. que são irmãs não se falam, já que a Dona C., nessa dita conversa contou-me que a Dona R. tenta alertar a irmã para os cuidados de higiene e que a Dona D. fica ofendida com essa situação” (NC17dez.).

“A Dona C. não compareceu nesta atividade por conflitos exteriores à associação. (...) De acordo com o que nos disse, a Dona R. comentou no bairro que a Dona C. só trazia uma das senhoras para a associação para que a associação lhe fornecesse comida.” (NC28jan.).

Todavia, na entrevista e segundo o que as participantes relatam, parece existir um envolvimento grupal – amizade e união- e a melhoria de relações entre grupo dentro e fora da Associação Verdades Escondidas.

Quer isto dizer que não existe uma sintonia entre palavras expressas e comportamentos, o que significa que as participantes, sem que se apercebam, continuam a ter atitudes preconceituosas, que dificultam a relação grupal. Por outro lado, esta falta de concordância entre comportamentos e discurso pode ter que ver com o facto de existirem afinidades com determinadas pessoas dentro do grupo da oficina “Encontros com histórias”. Esta última hipótese explica o facto de algumas pessoas se considerarem amigas e, ao mesmo tempo existirem conflitos entre outras pessoas e vice-versa. De realçar, ainda, que os conflitos grupais são passageiros e que, tal como refere uma das entrevistadas, as participantes rapidamente se perdoam: *“Eu acho que sim. Há certas coisas que mas pronto... Não somos pessoas que não conseguimos dar a cara por aquela pessoa! Por exemplo, (olhando para a Dona D.) agora vou sair daqui, há para lá uma coisa que eu não gosto de ver já começo a chatear a pessoa que vai comigo ou coisa assim! Mas não sou pessoa rancorosa.”* (Focus Group – anexo 8).

Analisando ainda o sentimento de pertença, ao longo de todas as sessões existiram comentários inapropriados, consideráveis estímulos grupais negativos, pelo seu carácter inibidor, que tendem desmotivar outros elementos do grupo, tais como: *“Ela não aguenta que ela não quer! Ela não tem nada nas pernas! (levantou o tom de voz)”* (Focus Group – anexo 8).

Contudo, a quantidade de estímulos grupais negativos correlacionada com os estímulos grupais positivos dá-nos a perspectiva de que os comentários positivos são superiores aos negativos. Nesta linha de pensamento, é notório o incentivo transmitido por elementos do grupo que motivam a realização de atividades, a participação dos próprios indivíduos e a prática de boas condutas.

➤ **Perspetivas e expetativas futuras**

Para além da avaliação das atividades efetuadas e na medida em que esta oficina continua a decorrer, é importante rever as perspetivas e expetativas futuras para que a oficina continue a evoluir. De acordo com a opinião de algumas participantes, no futuro deveria desenvolver-se ginástica, bordados, costura, passeios – Lisboa, Madrid, Brasil, Portimão e Lagos-, confeção de folares, visualização do filme “O Pátio das Cantigas-

primeira versão-, caminhadas, bailes comunitários, confeção de folares para os elementos que não tiveram presentes no primeiro *workshop* e um passeio de avião.

No que diz respeito às competência e conhecimentos a adquirir as participantes ressaltam a leitura como uma aprendizagem pertinente. Contudo, a alfabetização de adultos – outra das atividades desenvolvidas- foi descontinuada devido à falta de comparência da comunidade. Apesar das inferências supracitadas o grupo que frequenta a oficina não partilha da mesma opinião relativamente às atividades a realizar, sendo que a costura, os passeios para fora do país e a utilização do avião enquanto meio de transporte são as principais discórdias.

No decorrer da entrevista foi questionado ao grupo quais as melhorias pessoais que achavam pertinentes para a evolução da oficina. As respostas dadas detetam o reconhecimento de algumas falhas no decorrer das sessões e a motivação para melhorá-las, sendo que o empenho foi o principal aspeto referido, como pode ser notado: *“Temos que pensar é também o que estamos a fazer! Temos que puxar pela cabeça!”*; *“Ter mais empenho, empenhar-nos mais!”* (Focus Group- anexo 8)

Relativamente às melhorias no Bairro da Armona, as participantes ambicionam um bairro unido, com convívio entre vizinhos, onde haja mais iniciativas e participação comunitária. Por último, reforçam que a associação em questão deve incentivar mais a população do bairro com vista a uma melhoria da participação, na medida em que, segundo as participantes, existe uma falta de confiança e reticência em frequentar a associação – veremos estas questões adiante.

3.2. Atividades lúdicas para crianças e jovens

3.2.1. Apoio ao estudo - “Quadro Doce”

O apoio ao estudo é um projeto da associação que se destina a crianças e jovens dos 6 aos 15 anos e que visa o acompanhamento escolar diário com o objetivo de conquistar melhores resultados, colocando de parte algumas inseguranças e desmotivação na prática escolar ou desinvestimento familiar no percurso educativo. Apesar de não ser este o foco da investigação e do apoio ao estudo ser um serviço prestado pela associação antes do estágio curricular, integrei a equipa técnica e trabalhei com as cerca de trinta crianças e jovens que frequentam o apoio ao estudo.

Sabendo que uma das ameaças do bairro é o absentismo e o insucesso escolar e que existe, no seio da associação, falta de recursos humanos adequados no apoio ao

estudo torna-se, por vezes, complicado gerir toda a azáfama que ocorre na associação durante o período do apoio ao estudo. Com a observação direta e participante, de acordo com esta resposta social da associação, foi possível notar que não havia nenhum sistema que beneficiasse os bons alunos e os comportamentos exemplares ou valores benéficos.

Neste contexto, um dos projetos criados no âmbito do estágio curricular, o Quadro Doce corresponde à designação dada a uma experiência que pontua as crianças e jovens de acordo com os seguintes critérios: melhor comportamento, melhor educação, melhor entreatajuda, melhor empenho nos trabalhos de casa e o menos “queixinhas”.

O objetivo seria fomentar o estudo, num ambiente que favorecesse a aprendizagem e companheirismo entre as crianças. Numa perspetiva pedagógica, o prémio pelo esforço e dedicação resulta melhor que a punição. Assim sendo, no início de cada mês é colocado um doce na saqueta de cada aluno, sendo que os melhores alunos, de acordo com os critérios estabelecidos, são premiados todas as semanas com mais um doce e beneficiados pelo bom comportamento ao invés de penalizados pelo mau. No final do mês é distribuído a saqueta a cada aluno e recomeça a iniciativa, numa perspetiva de igualdade e de possibilidade de todos conquistarem um prémio nas semanas seguintes.

No que diz respeito à sua avaliação, esta dinâmica, apesar de não atenuar o absentismo, tentou evitar o insucesso escolar e promover a boa prática de comportamentos. Contudo existe muito trabalho a realizar nesta temática, não só com as crianças e jovens que frequentam o apoio ao estudo mas, principalmente, com as restantes crianças e jovens que não o frequentam e que são, com certeza, aqueles que mais precisam de uma intervenção neste aspeto. Esta é, sem dúvida a grande limitação desta dinâmica.

Apesar das limitações supramencionadas, as crianças e jovens, quando viram o quadro ficaram motivados e existiu até quem, numa tentativa de atingir o maior número de doces possível, começasse a ter um comportamento mais adequado e a ajudar os colegas nos trabalhos de casa, como o exemplo referido:

“ (...) E comentámos: “Não sei o que se passa com o E., nunca mais se comportou mal e quando acaba os trabalhos de casa vai ajudar os outros” (NC11mar.).

Em suma, a avaliação desta dinâmica foi efetuada através da observação direta e, a prova de uma avaliação positiva é que esta dinâmica, iniciada no mês de Dezembro,

têm-se mantido até hoje, continuando a sortir efeitos nas crianças e jovens da associação.

3.2.2. *Peddy Paper*

O *Peddy paper* corresponde a uma prova pedestre de orientação para equipas, associada a perguntas ou tarefas correspondentes a diversos postos, em que a concretização de um posto significa mais uma pista para descobrir a próxima paragem.

Esta atividade foi realizada no dia 29 de março de 2016, dentro do Bairro da Armona. Iniciou-se por volta das 14h:30 e contou com a presença de mais de trinta crianças e jovens. Uma vez que, a realização de um *peddy paper* está obrigatoriamente interligada à aquisição de conhecimentos sobre um determinado tema ou local, esta foi uma atividade de cariz lúdico e educativo que tinha como objetivo educar para a sexualidade, malefício das drogas legais e ilícitas, alimentação saudável, higiene oral e reciclagem.

Inicialmente foram definidos os nomes das equipas - Leonardo Da Vinci, Isaac Newton, Galileu Galilei, Albert Einstein e Aristóteles- através da construção de puzzles. Posteriormente, através de uma carta foi explicado o objetivo do *peddy paper* (ver anexo 9).

Contou com seis postos: 1) definia o tempo concreto em que cada equipa saía da associação; 2) pretendia educar para a reciclagem e para a não poluição do bairro, através de um jogo de colocação do lixo nos ecopontos corretos; 3) objetivava educar para a sexualidade, na medida em que são questões inerentes à problemática da gravidez na adolescência e famílias numerosas, através de perguntas direcionadas para a temática, tais como “Quais as doenças sexualmente transmissíveis?”, “Quais os métodos contraceptivos?”, “Quais as formas de contração de VIH/SIDA?”; 4) outro dos pontos remetia para a alimentação saudável onde foi elaborada uma prova de comida; 5) neste ponto trabalhámos os hábitos de higiene, mais propriamente a oral. Pretendeu responder às seguintes questões: “Quando se deve lavar os dentes?”; “Quanto tempo se deve escovar os dentes?”; “Com que idade se deve começar a lavar os dentes?”; “Um humano adulto tem normalmente quantos dentes?”; “Com que idade costumam nascer os dentes do ciso?”; “Qual o movimento correto para escovar os dentes?”; “Cada dente tem a sua função em relação aos alimentos. Para que servem os dentes molares?”; “Para que serve o fio dentário?”. Como prémio às respostas corretas, foi entregue a cada

participante uma escova de dentes como forma de incentivo à escovagem; 6) pretendia educar para o malefício das drogas legais e ilícitas, inerentes às problemáticas da toxicod dependência e do alcoolismo detetados no diagnóstico de necessidades. Assim foi elaborado um esquema que apresentava dois caminhos, sendo que os participantes, refletindo sobre a temática tinham que escolher qual o mais saudável e segui-lo.

Esta atividade foi desenvolvida de acordo com alguns pontos analisados e tidos enquanto ameaças no diagnóstico de necessidades – falta de relações de sociabilidade; pouca comparência da população das atividades desenvolvidas; falta de confiança na associação; falta de sensibilização para os hábitos de higienização; problemática da gravidez na adolescência; famílias numerosas; crianças e adolescentes com rotinas desadequadas à idade; poluição do bairro; toxicod dependência e alcoolismo. Pretendeu promover a confiança na associação, já que se mostrou ao longo do estágio que um dos problemas existentes é a falta de conhecimento que a população em geral tem acerca dos objetivos da associação.

Neste sentido, a atividade foi realizada ao ar livre, para que a restante comunidade tomasse conhecimento da iniciativa da associação e se promovesse os seus objetivos. A iniciativa pretendeu fomentar as relações de sociabilidade, sendo que cada criança ou jovem poderia vir acompanhado de um/a amigo/a ou familiar residente no Bairro.

Como método de avaliação, cada equipa escreveu uma carta que, no contexto do *peddy paper* que descreveu os conhecimentos adquiridos (anexo 10).

Uma das equipas, tendo em conta a hora de fecho da Associação, não conseguiu terminar a carta e, por essa razão, a avaliação efetuada corresponde só a quatro equipas. Após a análise das cartas foi possível verificar o nível e a dimensão das aprendizagens efetuadas, já que a maioria das equipas conseguiu transmitir todos os conhecimentos adquiridos, como se pode notar nas seguintes transcrições:

“Caro Doutor Tibúrcio neste jogo aprendemos muita coisa (...) No posto 2- aprendemos a reciclar as coisas como deve ser. No posto 3- aprendemos sobre as doenças, sobre a SIDA, como não engravidar. No posto 4 – foi saber qual é a alimentação saudável. No posto 5 –foi sobre lavar os dentes, tratar os dentes. No posto 6- foi sobre os exercícios que fazem bem” (anexo 10).

“Meu caro Doutor Tibúrcio neste jogo aprendemos sobre a gravidade, alimentação, reciclagem, sobre as drogas, como lavar os dentes, gorros e gostámos muito” (anexo 10).

Uma das fraquezas na realização desta atividade relacionou-se com o facto de alguns temas não serem do conhecimento das crianças e jovens devido à diversidade das suas faixas etárias. Neste sentido, a iniciativa de sensibilização transformou-se numa sessão de riso, derivado à idade de certos elementos. Apesar destes constrangimentos, de realçar as aprendizagens adquiridas:

“Sobre a sexualidade aprendemos que precisamos de higiene, que precisamos ter cuidado com as doenças, usar o que é necessário para ter relações sexuais.”; “Aprendemos sobre as doenças sexualmente transmissíveis” (anexo 10).

A avaliação final deste posto concreto diz-nos que, apesar dos constrangimentos referidos, e da desadequação de alguma da linguagem utilizada na arquitetura do jogo, foram retidos conhecimentos superficiais sobre alguns temas importantes, cumprindo-se, deste modo, parte do objetivo.

Acreditando que é na educação na infância e adolescência que se criam os valores morais de um indivíduo, é fulcral criar atividades e/ou sessões de sensibilização que se debrucem sob temáticas pertinentes. Nesta linha de pensamento, a equipa técnica da Verdades Escondidas em concordância com o presente projeto de intervenção achou pertinente sensibilizar os jovens para umas das grandes ameaças encontradas no Bairro da Armonia: toxicod dependência e alcoolismo. Este foi um dos pontos fortes do *peddy paper*, na medida em que a sensibilização sobre esta temática densa transformou-se numa mensagem subtil com valores morais sérios:

“Sobre o caminho saudável aprendemos que não se deve usar drogas nem beber álcool em excesso”; “Aprendemos o caminho certo para a vida” (anexo 10).

No que diz respeito à promoção da confiança na associação, esta atividade não consistiu num indicador de aumento de confiança, na medida em que foi uma atividade esporádica. Só a conjugação de diversas atividades, ao serviço de um plano estratégico pensado com mais cuidado, poderá permitir combate da problemática.

Quanto ao fomento das relações de sociabilidade e de acordo com a observação direta e participante, a avaliação é positiva. Quer isto dizer, que existiu uma partilha de momentos e aprendizagens entre crianças e jovens do Bairro da Armonia que, em pequena escala, promove as relações cordiais entre indivíduos e a adaptação a novos indivíduos e personalidades.

Em modo conclusivo, o grau de satisfação dos participantes foi avaliado consoante o método de avaliação adotado e pelas notas de campo recolhidas:

“ (...) perguntei à L.: de um a dez, como classificas a atividade?, ao qual ela me responde “dez”, com um grande sorriso na cara” (NC29mar.)

3.2.3 Visita à Kidzania

A visita à *Kidzania*, com as crianças e jovens que frequentam o apoio ao estudo foi uma atividade lúdica, realizada no dia 1 de abril de 2016, durante o período de férias escolares. Com o objetivo de proporcionar um dia diferente acompanhamos estas crianças nesta oportunidade, para muitos única. Apesar do seu carácter lúdico este dia teve, de igual modo, um carácter educativo, já que a *Kidzania* acompanha os programas escolares e procura ensinar às crianças valores e regras de cidadania, ajudando-as a viver de forma saudável em sociedade. Assim sendo, as crianças e jovens da Verdades Escondidas Associação, tiveram a possibilidade de experienciar e compreender a dinâmica que existe entre trabalho e oportunidade de consumo. Nesta perspetiva, ajuda a educar para a gestão financeira e para a economia doméstica – problema fulcral analisado no diagnóstico de necessidades.

Com o objetivo de responsabilizar as crianças e jovens para a aquisição de novas experiências através do esforço individual e coletivo, foram arquitetadas estratégias de angariação de fundos, onde os principais intervenientes foram eles próprios.

Em modo avaliativo, a visita à *Kidzania* representou um dia inesquecível para os participantes, sendo que o objetivo primordial desta atividade se concretizou. Quer isto dizer que foi notório a responsabilidade em converter trabalho em lucro que as crianças e jovens da Associação sentiram e que durante este processo existiu trabalho de equipa e motivação. De realçar:

“A S. toda entusiasmada disse-nos que tinha uma ideia para irmos à Kidzania. A ideia era fazer espetadas de gomas para vender e fazer bolos e vender na praça” (NC10fev.)

“Entretanto a L. nesse dia disse-nos que já tinha vendido as rifas todas e que precisava de mais (...) Foi a melhor vendedora de rifas e agora chamamo-la de “L. a vendedora” (...)” (NC23mar.)

Um dos pontos positivos, que não tinham sido previamente pensados foi a receptividade do restante Bairro na compra dos produtos, para que as crianças e jovens da Associação pudessem fazer uma visita a Lisboa, o que revela uma união bairrista.

Um dos problemas encontrados foi a falta de confiança na associação, na medida em que alguns pais dificultaram a autorização para o passeio. Após diversas abordagens, conseguimos que todas as crianças e jovens fossem à *Kidzania* e assim conquistar a confiança dos pais, na medida em que a viagem correu dentro do previsto.

A avaliação foi feita através de um método de avaliação adequada a esta faixa etária (anexo 11), com o intuito de saber se as expectativas corresponderam ao que esperavam. Assim, foi elaborado um quadro onde todas as crianças e jovens tinham que escrever ou desenhar o que mais e menos tinham gostado na viagem. De facto, o quadro “o que mais gostei” era o que tinha a maioria das respostas, sendo que as crianças e jovens gostaram de atividades, tais como: “*tirar a carta de condução*”, “*de ser correio*”, “*eu gostei de fazer gelados, fazer ginástica (...)*”, “*ir à maternidade*”, “*andar no kart*”, “*de fazer pizza*”, “*ser veterinária*”, “*brincar aos polícias*” e “*do cristo rei*”.

O quadro “o que menos gostei” continha: “*eu não gostei foi da comida no final e de ficar sem beber água*”, “*não ter tido tempo para ir aos bombeiros*”, “*trabalhar na fábrica de sumos*” e “*não gostei de fazer uma história*”. Oito dos comentários referiam à discoteca como uma das piores atividades, sendo que a viagem é apontada quatro vezes como um ponto negativo.

Tendo em conta os comentários supramencionados é possível depreender que a atividade correu da melhor forma, na medida em que os comentários no quadro “o que menos gostei” decorrem apenas da opinião sobre determinadas profissões experienciadas e não de episódios negativos.

“Quando cheguei ao pé da B., ela contou-me que o A. tinha trabalhado na *Kidzania* o dia todo e que, quando já tinha muito dinheiro foi ao supermercado e comprou camarões, bifes de vaca, sumos, detergente para a roupa, batatas para cozer, entre outros, saindo de lá apenas com um talão de supermercado” (NC01abr.).

Esta pequena atitude revela que, aos poucos é possível incutir nas crianças e jovens uma responsabilidade relacionada com a economia doméstica, já que, em vez de usufruir de todo o dinheiro que tinha ganho em divertimento, existiu uma responsabilização da parte desta criança.

Relativamente à transferência dos conhecimentos para a vida real, verificou-se na atividade do Mercado Social, referida posteriormente, que todas as crianças e jovens que tinham ido à *Kidzania* percebiam o objetivo da atividade: “trabalhar” para ganhar dinheiro não oficial com o objetivo de adquirir bens ou serviços.

3.2.4. Expressão plástica

No âmbito do estágio curricular, a realização de bonecos de neve com material reciclado foi uma atividade enquadrada na época natalícia, que pretendeu consciencializar sobre a diversidade de materiais que podem ser reciclados para evitar o desperdício e preservar o meio ambiente. Como objetivo específico, esta atividade pretendia o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da destreza manual e da descoberta. Por outro lado, a educação para a economia doméstica foi outro objetivo intrínseco a esta atividade, sendo que foram utilizados matérias reciclados.

A avaliação desta atividade foi realizada através de observação direta e participante, sendo que não faria sentido a aplicação de questionários numa atividade desta dimensão. No que diz respeito à economia doméstica e à preservação do meio ambiente, é óbvio que estas atividades representam uma pequena quota-parte na mudança de atitude, não deixando de ser fundamentais para o desenvolvimento e construção de valores importantes.

Relativamente ao desenvolvimento da imaginação, criatividade, destreza manual e descoberta, os resultados excederam as expetativas:

“A A. entretanto disse: “Tu já viste que os miúdos não se limitaram a imitar o boneco de neve de demonstração e fizeram coisas mesmo giras?”” (NT21dez.).

Tendo em conta a observação direta e participante, a atividade correspondeu aos objetivos pretendidos, representando uma nova experiência para os participantes.

3.2.5. Oficina “Convívio com jogos”

No âmbito do estágio curricular, esta foi outra das oficinas implementada cuja finalidade era a interação entre os jovens do bairro, de modo a promover as relações de sociabilidade e criar um espaço juvenil, a que todos os jovens do bairro tivessem acesso, de modo a diminuir as rotinas desadequadas e a promover a ocupação para muitos dos jovens desempregados que o bairro agrega.

Numa primeira fase, a oficina “Convívio com jogos” pretendia criar um grupo de jovens para, numa segunda fase definir os interesses dos mesmos e criar novos projetos assentes nas suas características.

Uma vez que esta atividade foi pensada para fazer frente à falta de atividades adequadas a estas idades, o horário foi pensado de acordo com os hábitos dos jovens do

bairro. Assim sendo, após o encerramento da associação às 18h, esta voltava a abrir das 19h até às 20h, para estas sessões.

Inicialmente esta oficina foi promovida através de telefonemas para alguns dos jovens do Bairro da Armona, com a esperança de que o “palavra passa palavra” funcionasse para a criação de um grupo. A divulgação foi feita também junto aos jovens que, por estas horas, se encontravam nas ruas do bairro.

A primeira sessão contou com a presença de três elementos. Na segunda-feira seguinte, a sessão contou apenas com uma pessoa e o grupo desvaneceu. Para combater a falta de divulgação da atividade, foram colocados no bairro cartazes a publicitar a oficina para jovens. Todas as segundas-feiras, durante dois meses, a atividade não contou com elementos, dando-se a descontinuação desta oficina.

Na primeira sessão da oficina foi perceptível o convívio entre o grupo. Contudo, as conversas trazidas do exterior da associação e que são continuadas no interior da mesma, resultam em conflitos que acabam por desagregar o grupo existente, sendo perceptível os conflitos existentes e a falta de relações de sociabilidade no seio do Bairro da Armona. Este foi o principal motivo para que na sessão seguinte, o grupo ficasse reduzido a um elemento.

Nesta atividade foi notória a falta de adesão da comunidade em questão, os conflitos existentes entre vizinhos e população pertencente ao Bairro da Armona, a falta de confiança e de interesse nas atividades que a associação organiza e a falta de divulgação relativa a todos os serviços e apoios que esta presta e dispõe.

A avaliação junto dos participantes estava agendada para o final do estágio curricular, sendo que só nessa altura se poderia fazer uma avaliação geral de todas as sessões ocorridas, contudo esta não foi concretizada devido à descontinuidade da atividade.

Assim, é notório que o objetivo desta oficina - que não passou senão de duas atividades sistemáticas- não foi cumprido, na medida em que não se conseguiu chegar aos jovens nem aos seus interesses para a criação de novos projetos. Como forma de combater esta e outras dificuldades que fomos sentindo ao longo de todo o percurso, pensámos em realizar novos inquéritos por questionário que permitissem recolher informação sobre um conjunto de questões fundamentais para melhorar a ação da associação e do próprio bairro que serão debatidos no ponto 4, do presente capítulo.

4. Atividades para a comunidade em geral

4.1. Mercado Social

O mercado social corresponde a uma atividade, realizada no dia 06 de maio de 2016, que se baseou em três fraquezas analisadas no diagnóstico de necessidades, são elas: falta de gestão financeira, falta de condições econômicas e conflitos originados por parte da comunidade relativamente à distribuição de alimentos e outros bens que ficam a cargo da associação. Neste sentido, pretendia-se uma atividade que aproveitasse os recursos do bairro, criasse um espírito saudável entre os moradores e consciencializasse para a responsabilidade no que respeita à economia doméstica, ao invés da associação ser vista como um meio de subsistência.

Neste sentido e com as ideias adquiridas do Projeto São Brás Solidário, surgiu o Mercado Social – experiência de trocas com recurso a uma moeda social. O grande objetivo desta iniciativa é a existência de um intercâmbio de produtos e serviços sem utilizar dinheiro oficial, para que os participantes possam aceder a bens e serviços que de outra forma não estariam ao seu alcance (Soares, 2008).

Já que um clube de trocas exige um determinado número de pessoas interessadas em trocar entre si bens e serviços que elas próprias produzam ou prestam (Soares, 2008), convidámos a população do Bairro da Armona, através de folhetos colocados em todas as caixas do correio – meio para combater a falta de comparência-, a participar nesta iniciativa através da inscrição na associação. Contámos com a presença das 28 crianças e jovens que frequentam o apoio ao estudo, 2 participantes que frequentam a oficina “Encontros com histórias”, 1 elemento do Atelier de Bordados e 4 elementos que vieram pela primeira vez participar numa iniciativa da associação. Assim sendo, cada uma destas pessoas assumiu-se enquanto produtora e consumidora de bens e/ou prestadora e consumidora de serviços.

O Mercado Social contou com um ajuste relativamente ao local da atividade devido ao estado do tempo e, por esse motivo, teve lugar na associação, sendo que a ideia inicial seria a utilização do espaço comum do bairro como meio de visibilidade para as iniciativas promovidas pela entidade em questão.

No que diz respeito aos produtos trazidos para o Mercado Social, contámos com sumos naturais, bolos variados, crepes, sanduíches, roupa, utensílios para bebés, brinquedos, jogos e bijuteria. Relativamente aos serviços, o Mercado Social beneficiou de massagens, penteados, pintura de unhas e medição da tensão e peso.

No início da sessão, após uma breve introdução sobre como deveria funcionar o Mercado Social cada participante recebeu 11 Vidas – dinheiro simbólico- para poder efetuar as suas trocas. A fixação do custo de Vidas para os respetivos bens e serviços ficou ao critério de cada participante visando a responsabilidade dos mesmos. No final da sessão todo o dinheiro não oficial foi recolhido para que, na próxima edição todos os participantes começassem em situação de igualdade em termos de acesso ao consumo.

Nesta linha de pensamento, a Associação Verdades Escondidas conta com uma segunda edição no dia 14 de junho de 2016, localizado no seio do Bairro da Armona. A avaliação desta atividade foi efetuada através da análise do nível de satisfação dos participantes, por via de conversas informais com os mesmos. Assim sendo, o nível de satisfação foi positivo, tendo em conta que os envolvidos refletiram sobre os bens e serviços que trariam na próxima edição do Mercado Social.

No que diz respeito ao nível e dimensão das aprendizagens efetuadas, a avaliação será feita nas próximas edições, verificando a adesão e a eficácia com que irá decorrer. A medição das aprendizagens e a sua aplicabilidade na vida real será uma avaliação feita a longo prazo, com a análise das próximas edições e com as mudanças sociais efetuadas através das mesmas.

Nesta linha de pensamento, através do envolvimento enquanto voluntária na associação em questão e com a perspetiva de terminar esta avaliação, participei na segunda edição do Mercado Social que, desta vez, se concretizou no exterior da Associação, dentro do Bairro da Armona. A visibilidade que se pretendia ao expor esta atividade no que concerne à alteração do local, demonstrou que não houve alteração ao nível da comparência dos participantes.

Por outro lado, os conflitos existentes nesta segunda edição continuam a prejudicar as atividades realizadas, na medida em que existiu uma discussão, no início do mercado social, que oscilou a atividade:

“Foi a minha avó que estava a descer e estava a falar connosco e o M. pensou que fosse com ele e começou a chamar nomes à minha avó. E ela passou-se e queria dar-lhe porrada.” (NT14jun.).

A falta de ligação entre equipa técnica e direção e conseqüente falta de recursos materiais capazes para a realização de atividades desta envergadura correspondem a uma das grandes dificuldades sentidas.

Em suma, fazendo uma comparação entre primeira e segunda edição do Mercado Social, é possível notar que a primeira teve maior impacto que a segunda, sendo que,

nesta última não se alcançou os objetivos pretendidos. Evidenciaram-se a carência de recursos humanos e materiais e comparência da comunidade em questão. Dentro da comunidade com que a associação trabalha, denotou-se uma maior incidência ao nível da participação das crianças e jovens, em comparação com a restante comunidade. Todavia, o Mercado Social continua a fazer parte dos planos de atividades da Associação Verdades Escondidas.

5. Falta de adesão nas atividades – perspetiva futuras

Não obtendo outro meio para chegar à população, no início do estágio curricular, a criação da oficina “Encontros com histórias” tinha como objetivo primordial conhecer as principais necessidades da população, através de conversas informais e começar a desenvolver atividades assentes nos seus interesses pessoais. Ao longo das várias sessões foram poucas as informações recolhidas que se focaram nas necessidades da população e, apesar de se ter notado um aumento gradual no grupo em questão, nunca se atingiu a participação esperada. Por outro lado, o nível de iniciativa das participantes era mínimo, e os estímulos dados para a escolha de atividades a realizar nunca foram obtidos.

Tentámos resolver o problema da falta de participação e de iniciativa através de vários meios: 1) informação porta-a-porta sobre as atividades que iam ser realizadas; 2) “palavra-passa-palavra”; 3) telefonemas – método utilizado pela própria associação para esta finalidade-; 4) divulgação via *facebook*; 5) divulgação através de cartazes que foram deixados pelo bairro.

Em última instância e na hipótese da população não conhecer as finalidades da associação foram distribuídos folhetos com toda a informação sobre a mesma, em todas as casas do bairro. Foram explicados todos os objetos, projetos e iniciativas da associação, através de conversas informais.

Apesar das várias tentativas efetuadas, o problema de baixo nível de participação e iniciativa continuava a ter grande impacto no estágio curricular e nas atividades que neste contexto eram desenvolvidas. As incertezas nesta temática debateram-se com as seguintes questões: “A população sabe da existência de uma associação no bairro?”; “A população conhece os objetivos da associação?”; “Os moradores já frequentaram/frequentam a associação por algum motivo?”; “Se os moradores já frequentaram a associação por que razão deixaram de frequentar?” “Será

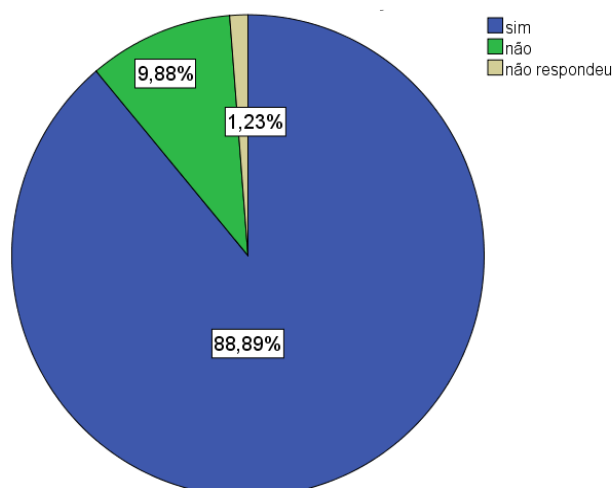
que a ação social que a associação promove é adequada ao tipo de população e aos interesses da mesma?"; "Será que a população gostaria de ver melhorias no bairro e se sim, quais?".

Tendo em conta este panorama, tornou-se fundamental realizar um segundo inquérito por questionário. Desta vez para responder às questões supramencionadas e entender qual o problema que leva os moradores do bairro a não frequentarem a associação, quais as melhorias que gostariam de ver no seu bairro e de que maneira a associação poderia ajudar nesse sentido.

Os dados que se seguem respondem-nos a algumas destas questões e sugerem alguns interesses dos moradores que poderão ser vistos como pontos de melhoria para as atividades futuras.

A este inquérito por questionário responderam 162 moradores do Bairro da Armona, dos quais 69.14% são do género feminino e 30.86% do género masculino. Relativamente à sua situação profissional, 75,31% dos inquiridos apresentam-se em situação de desemprego, reforma ou de pensão.

Gráfico 1 - Perceber se os residentes conhecem a associação



Quer isto dizer que a indisponibilidade para a frequência nas atividades não se revela a causa da reduzida participação nas iniciativas da associação. O facto de a população não conhecer a associação também não se apresenta como um fator que influencie a participação, na medida em que 88.89% dos inquiridos dizem conhecer a associação, como o gráfico acima indica.

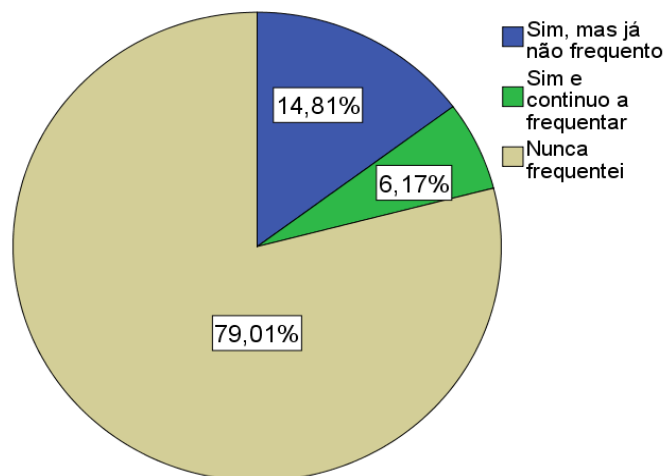
Contudo, no que respeita aos serviços que a associação presta os inquiridos responderam, por ordem percentual: 1) serviços de apoio ao estudo; 2) serviços de

assistência social e resolução de problemas sentidos pela comunidade; 3) preenchimento de papéis; 4) esclarecimento de dúvidas; 5) ajudam na alimentação e roupa; 6) serviços de ajuda a mães e bebês; 7) atividades de costura; 8) bordados caminhadas e oficina “Encontro com histórias”; 9) alfabetização de adultos; 10) acompanhamento a idosos; 11) campos de férias; 12) medição do peso e tensão; 13) serviços de apoio à saúde; 14) gestão de condomínios e festas no âmbito de comemorações específicas.

O valor mais alto corresponde a 43.2% e o segundo mais alto corresponde a 35.8%, o que quer dizer que menos de metade da população tem conhecimento dos serviços prestados pela Associação Verdades Escondidas. As restantes percentagens rondam os 20%, quer isto dizer que a maioria da população residente no Bairro da Armona sabe que existe uma associação mas não lhe conhece os objetivos. Por outro lado, a informação tida por parte dos inquiridos encontra-se desatualizada ou não corresponde à realidade. A título exemplar, não se fazem atualmente atividades destinadas a mães – apenas uma entrega de um cabaz alimentar para o bebé-, já não se prestam serviços de gestão de condomínios e não existe atividades destinadas à costura nem ao acompanhamento a idosos. Para além destes dados, 25.3% da comunidade assume não saber quais os objetivos específicos da associação nem os serviços que esta concede.

O seguinte gráfico ilustra a percentagem de pessoas que já frequentaram alguma atividade promovida pela Associação Verdades Escondidas, sendo que 14.8% responderam afirmativamente e 79% dos inquiridos responderam que nunca tinham frequentado nenhum tipo de atividade. Podemos então concluir que este é um problema que afeta a associação desde o seu começo e que, deste modo a questão da falta de participação nada tem que ver com a equipa técnica pertence à mesma.

Gráfico 2 - Motivo por nunca terem frequentado a associação



Os motivos por nunca terem frequentado a associação relacionam-se com questões de indisponibilidade, saúde e o facto de não necessitarem já ajuda da associação. De igual modo, foram indicadas razões que são da responsabilidade da associação e da sua ação dentro de um bairro social: “não conheço as atividades desenvolvidas”, “atividades desadequadas”, “não me quero envolver com a comunidade”, “não gosto de me comprometer” e falta de confiança com a associação.

Na medida em que existe uma percentagem de 14.81% de inquiridos que frequentava por algum motivo a associação importa perceber quais os motivos os levaram a desistir. Por ordem percentual os dados apresentam-nos motivos de diferentes ordens, são eles: 1) deixei de precisar, 2) falta de disponibilidade e motivos profissionais, 3) desinteresse, 6) motivos de saúde, 7) término das atividades. Estes dados indicam-nos que o único campo onde podemos e devemos atuar é no do desinteresse que a população sente perante as atividades realizadas. Por essa razão, o inquérito por questionário coloca questões que dizem respeito aos interesses pessoais dos inquiridos.

No que diz respeito às atividades que a população gostaria de ver implementadas no bairro e de acordo com os seus gostos e interesses pessoais, as respostas variam e apenas serão referidas as que apresentam visibilidade percentual e respetiva representatividade (mais de 20%). Neste sentido podemos enumerar a alfabetização de adultos, aulas de costura, culinária, desporto e dança, organização de passeios, oficina de pinturas, bordados, informática e trabalhos manuais, visionamento de filme e, por último aulas de dança. Todavia, algumas das atividades expostas já se realizaram na associação, sempre com um baixo nível de participação. A alfabetização de adultos, a título exemplar, fez parte dos serviços prestados pela associação durante algum tempo, acabando por ser descontinuada devido à falta de participação. No início do estágio curricular e a pedido de alguns indivíduos, voltaram a ser reabertas as sessões de alfabetização de adultos e, posteriormente canceladas pela falta de comparência. Quer isto dizer que o interesse representado nos dados obtidos só poderá ser medido quando estes forem transferidos de teoria a prática.

Quanto à questão “que assuntos gostaria de ver debatidos na associação”, 79.6% dos inquiridos responderam que as questões de limpeza e higiene do lar são das mais precisas no bairro, 71% referem assuntos de saúde, 62.3% emprego e formação profissional, 54.9% temáticas relacionadas com a alimentação, 52.5% relações de sociabilidade e 46.9 questões relacionadas com a economia doméstica. Assuntos como o

malefício das drogas, importância da escola e do envolvimento dos encarregados de educação, cumprimento de horários, assuntos de sexualidade e preconceito foram referidos, apesar de não serem expressivos.

A seguinte tabela elucida-nos sobre os horários mais convenientes para a realização de atividades, esta informação pode ser uma mais-valia e uma recomendação para atividades futuras. Se as atividades ocorrerem consoante a disponibilidade da maioria da população existe uma maior probabilidade de aumentar os níveis de participação.

Tabela 2 - Perspetiva de horário para a realização de atividades futuras

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	10h-12h	20	12,3	12,3	12,3
	14h-16h	15	9,3	9,3	21,6
	16h-18h	24	14,8	14,8	36,4
	18h-20h	16	9,9	9,9	46,3
	20h-22h	5	3,1	3,1	49,4
	Não quero participar	2	1,2	1,2	50,6
	Não respondeu	5	3,1	3,1	53,7
	Disponibilidade Total	32	19,8	19,8	73,5
	14h-18h	9	5,6	5,6	79,0
	14h-22h	2	1,2	1,2	80,2
	18h-22h	4	2,5	2,5	82,7
	10h-18h	2	1,2	1,2	84,0
	Falta de disponibilidade	22	13,6	13,6	97,5
	10h-16h	2	1,2	1,2	98,8
	16h-22h	2	1,2	1,2	100,0
	Total	162	100,0	100,0	

Por último, e como questão central ao inquérito por questionário questionámos a população sobre a forma que a associação poderia ajudar na melhoria do Bairro da Armona. Os pontos mais evidentes são os seguintes: criação de espaços verdes, atividades para crianças e idosos, consciencializar a população para as problemáticas do bairro, limpeza e higiene do bairro, consciencializar a população para a melhoria das relações de sociabilidade, gestão de condomínios, fiscalização dos prédios por parte das entidades competentes, colaboração entre associação e PSP para um melhor ambiente no bairro, criar uma relação de proximidade entre moradores e associação, apoio alimentar e de bens essenciais e criação de um torneio de futebol.

Conclusões

Os objetivos gerais deste estágio curricular passaram pela tentativa de promover o desenvolvimento local e comunitário do Bairro da Armona, assente em propostas de investigação e intervenção que fossem ao encontro dos interesses populacionais e que atuassem segundo as suas limitações e necessidades da população. Executar funções relacionadas com a área de educação social, utilizando a animação sociocultural como meio de dinamização do bairro, desenvolvendo atividades de cariz educativo para crianças, jovens e população envelhecida foi outro dos objetivos centrais.

As atividades destinadas às diversas faixas etárias, proporcionaram novas descobertas, valorizaram a formação ao longo da vida, estimularam a ocupação adequada do tempo livre, valorizaram capacidades, competências, saberes e cultura e, por fim aumentaram a autoestima e autoconfiança- objetivos específicos da animação sociocultural (Jacob, 2007). Assim sendo, estas iniciativas tiveram um impacto positivo na vida dos participantes.

Contudo, o objetivo geral deste estágio curricular não foi atingido. Primeiramente porque as taxas de participação nas atividades desenvolvidas não são representativas, sendo que não chegam sequer a um terço da população geral do Bairro da Armona. Seguidamente porque, de acordo com os dados obtidos, a organização de processos de desenvolvimento comunitário estão longe de serem concretizados. Quer isto dizer que é necessário, em primeiro lugar, resolver problemas básicos como a falta de participação e iniciativa da comunidade.

De acordo com os dados referenciados no presente relatório, estes problemas prendem-se com i) a falta de conhecimento por parte da comunidade das atividades desenvolvidas; ii) o facto de as atividades serem desadequadas populacionais às necessidades da população; iii) a falta de proximidade entre associação e comunidade; iv) a falta de confiança que parece existir em relação à associação. Uma das grandes limitações deste processo foi o facto de esta perceção ter ganhado visibilidade apenas no meio do estágio curricular, fazendo com que se tornasse impossível modificar todo o processo de intervenção. Contudo, quando as questões relacionadas com a falta de participação e iniciativa se revelaram incontornáveis, partiu-se para a investigação em torno das mudanças que a população gostaria de ver no bairro e qual a melhor maneira de mobilização. Apesar de esta iniciativa não modificar o campo de intervenção

realizado no decorrer do estágio curricular, dá-nos uma perspetiva de um possível caminho a seguir, num futuro próximo.

Importa referir que durante a realização dos inquéritos por questionário a população foi sugerindo diversas atividades que gostavam de ver implementadas no bairro e as problemáticas que gostariam de ver debatidas na associação. Estas informações foram dadas sempre na perspetiva que quem iria frequentar as atividades era a restante comunidade e nunca a pessoa que fornecia as diversas opções de melhoria. Por esta razão, num segundo ciclo de investigação-ação torna-se imprescindível aplicar estas sugestões e perceber se, depois de aplicadas, existe ou não uma participação ativa nas atividades. A desconfiança sentida relativamente à participação da comunidade é resultado de diversa recolha de informação, dada pela população, que originou um caminho errado a seguir.

Em suma, este estágio representou um primeiro ciclo de investigação-ação, tornando-se fulcral sugerir outras recomendações que serão utilizadas num segundo ciclo. Neste segundo ciclo, já que a falta de participação e iniciativa caracterizam o tema central deste trabalho, é imprescindível dar a conhecer a associação aos residentes para que esta ganhe visibilidade no bairro e passe a existir uma participação ativa. Os passos que se seguem apresentam um novo caminho a seguir.

Em primeiro lugar importa chegar à população geral do bairro através de iniciativas exteriores que consigam chegar a toda a população e não apenas aos indivíduos que frequentam a associação. Uma hipótese será a utilização de festas populares que costumam agradar todas as faixas etárias. Quando estas experiências são vividas em comunidade, a aprendizagem aproxima indivíduos, gerações, culturas e tradições (Baptista, 2012). Após esta visibilidade e depois da população perceber que a ligação com a associação pode representar uma dinamização do seu bairro, importa continuar a criar iniciativas exteriores que valorizem as gentes do bairro, os seus costumes e principalmente as suas potencialidades, na medida em que a intervenção socioeducativa se caracteriza pela forma como é utilizado o potencial de um determinado grupo nas situações de aprendizagem (Canastra & Malheiro, 2009). Posto isto fazê-los perceber que têm potencial, através de eventos de dança, música, culinária, *beat box*, entre outros e mostrar esse mesmo potencial à restante comunidade aumenta a autoconfiança e a autoestima da população do bairro. Por outras palavras, pretende-se criar ações socioculturais que atuem na capacitação do indivíduo e na sua vida enquanto cidadãos (Petrus, 1997).

Com o seguimento dos passos supramencionados, os residentes do bairro já saberão que existe uma associação e qual a sua missão. Interessa nesta altura começar a apostar em faixas etárias específicas que tragam a população à associação, como a criação de um clube de informática, de *playstation* e torneios de futebol de rua para os jovens do bairro. Quanto à população sénior, a realização de diversos *workshops*, aulas de ginástica, de bordados e de costura, entre outros constituíam uma mais-valia. Outras das sugestões de melhoria prende-se com um maior acompanhamento aos desempregados que o bairro agrega, com a formação adequada para a construção dos seus currículos *vitae* e um horário adequado para a procura intensiva de emprego.

➤ Finalmente, quando a associação conseguir uma ligação efetiva com as diferentes faixas etárias interessa apostar na eliminação, precaução ou diminuição das necessidades/limitações apresentadas nas análises *SWOT*, tais como:

➤ Combater o analfabetismo através de uma oficina de alfabetização de adultos;

➤ Combater o absentismo e insucesso escolar não só através da ajuda nos trabalhos de casa como já é realizado na associação mas também através de uma educação não formal, onde se interliguem componentes lúdicas com educativas. Por outro lado, a ajuda na realização de trabalhos escolares a adolescentes que frequentem outros níveis de ensino é um fator chave nesta temática. Ações de sensibilização destinadas aos encarregados de educação com temáticas ao nível educativo, tais como: “A importância escolar”, “ A pontualidade e assiduidade escolar”, “ O envolvimento dos encarregados de educação na ajuda dos trabalhos de casa”, entre outros. Por fim, trabalhar em conjunto com os professores das crianças/jovens que frequentam o apoio ao estudo, a fim de definir prioridades e de estabelecer um único método de trabalho.

➤ Prevenir a toxicodependência, alcoolismo e gravidez na adolescência com ações de sensibilização destinadas a adolescentes. No que se refere ao combate e ajuda quando estas problemáticas já se encontram presentes nas vidas dos diversos indivíduos, a criação de parcerias com as entidades responsáveis pela problemática da toxicodependência e alcoolismo como forma de reencaminhar os indivíduos seria uma mais-valia. Relativamente a adolescentes já grávidas, o acompanhamento ao longo de todo o processo com ações de sensibilização referentes a todos os cuidados a ter nas diferentes etapas de vida do bebé contribuem para o desenvolvimento de mães responsáveis;

- Combater a falta de gestão financeira com palestras fornecidas pela DECO que elucidem para as diferentes formas de poupança;
- Criação de parceria com entidade responsável pela educação sexual para que seja possível a distribuição de meios contraceptivos no Bairro da Armona como forma de atenuar a problemática das famílias numerosas e a gravidez na adolescência. Por outro lado e no que diz respeito aos meios subsistência ilegais como é o caso da prostituição e das respetivas doenças sexualmente transmissível o encaminhamento para estes serviços era importante;
- Aumento das relações de sociabilidade e combate à falta de condições económicas através da criação de um banco do tempo onde seja promovido a organização de trocas solidárias. Com esta iniciativa pretende-se sensibilizar para a união e entreajuda do bairro como uma mais-valia no que diz respeito à qualidade de vida dos residentes do mesmo. Por fim, rentabilizar as potencialidades de cada indivíduo;
- Criação de oficinas de empreendedorismo que promovam a criatividade como meio de subsistência e de combate às fracas condições económicas da população. Quer isto dizer que poder-se-á desenvolver atividades que contornem os padrões pré-estabelecidos no mercado de trabalho, como meio de subsistência, como por exemplo a confeção de roupa, de alimentação, entre outros;
- Parceria com a entidade competente para o realojamento dos indivíduos consoante as necessidades físicas e motoras dos mesmos;
- Criação de um evento multicultural, abrangente à comunidade de Olhão, que promova e identifique as potencialidades das diferentes culturas existentes no Bairro da Armona como meio de diminuição das preconceções tidas relativamente aos moradores do mesmo;

As sugestões dadas assentam na aprendizagem e no processo formativo que desenvolvem cidadãos e cidadãs mais ativos, resilientes, capazes e com melhores condições de bem-estar (Baptista, 2012).

Apesar das limitações referenciadas, o trabalho desenvolvido durante o estágio curricular enriqueceu o meu percurso académico e profissional e originou novas aprendizagens e experiências, através da diversidade de problemáticas que se podem verificar dentro de um bairro social. Demonstrou que o papel do educador social nas associações sociais é complexo e que é necessário uma boa capacidade de adaptação aos constrangimentos que vão ocorrendo, bem como uma resposta rápida e assertiva. Por

outro lado, o importante é trabalhar com e para a comunidade, acompanhar as pessoas e grupos, no seu processo de inserção e participação social, proporcionar o autodesenvolvimento dos indivíduos em questão e adotar estratégias de dinamização de projetos educativos e comunitários (Sáez & Molina, 2006).

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J.-P., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. d. (1997). *Práticas e métodos em investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva- Publicações, Lda.
- Artiaga, J. (2004). A animação sociocultural na juventude. In B. Trilla, *Animação sociocultural - teorias, programas e âmbitos* (pp. 219-233). Lisboa: Editorial ariel.
- Ávila, R. (s.d). GUIA RÁPIDO-PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO. *Luz - Planilhas Empresariais*, pp. 3-36.
- Baptista, A. (19-22 de Junho de 2012). Animação e animadores socioculturais: imprecisões, ambiguidades, incertezas, tensões e controvérsias de uma ocupação profissional. *Sociedade crise e reconfigurações*, pp. 2-23.
- Baptista, I. (2008). *Cadernos de pedagogia social - Educação e solidariedade social*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Baptista, I. (2009). Educabilidade e laço social - ética e política da alteridade. *Conferência internacional - Novos desafios educativos e cidadania social*. Porto: UCP Editora.
- Bardin, L. (2002). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva- Publicações, Lda.
- Bernet, J. T. (2004). Concepto, discurso y universo de la animación sociocultural. In J. Trilla, *Animación sociocultural - Teorias, programas e âmbitos* (pp. 13-39). Lisboa: Editorial Ariel.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (janeiro-julho de 2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, pp. 68-80.
- Câmara Municipal de Olhão*. (2012). Obtido de <http://www.cm-olhao.pt/en/areasatuacao/acao-social/habitacao#parque-habitacional>

- Canastra, F., & Malheiro, M. (2009). O papel do educador social no quadro das novas mediações socioeducativas. *Actas do X Congresso Interacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 24-33). Braga: Universidade do Minho.
- Capucha, L. (2000). Debates presidência da república. In J. M. Pinto, & A. Dornelas, *Pobreza, exclusão: Horizontes de intervenção* (pp. 13-36). Coimbra: Casa da moeda.
- Capul, M. &. (2003). *Da educação à intervenção social*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, A. D & Baptista, I. (2004). *Educação Social - Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista portuguesa de educação*, pp. 221-236.
- Cohen, L., & Manion, L. (1994). *Research Methods in Education*. London: Routledge.
- Conan, M. (2002). A avaliação de um projeto de intervenção. In I. Guerra, *Fundamentos e processos de uma sociologia de acção - o planeamento em ciências sociais* (pp. 175-207). Cascais: Principia.
- Costa, A. B. (2004). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações, lda.
- Coutinho, C. (2005). *Percursos da -investigação em Tecnologia Educativa em Portugal - uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas*. Braga: Universidade do Minho .
- Coutinho, C. (2008). Aspectos metodológicos da investigação em tecnologia educativa (1985-2000). *Actas do XIV Colóquio AFIRSE: Para um balanço da investigação em tecnologia em Portugal de 1960 a 2007* (pp. 1-12). Lisboa: Universidade do Minho.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologias preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, pp. 355-379.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (1994). *Handbook of qualitative research*. Califórnia: Sage.
- Escondidas, A. V. (2014). Obtido em 20 de Agosto de 2016, de <http://www.verdadesescondidas.pt>
- Estrela, A. (2007). *Investigação*. Lisboa: Educa | Unidade de I&D de Ciências da Educação.
- FFMS. (2015). *Taxa de analfabetismo segundo os Censos: total e por sexo*. Obtido de PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo:

<http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>

- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Fontes, A., Sousa, J. G., Lopes, M. d., & Lopes, S. M. (2014). *Cultura e participação: animação sociocultural em contextos iberoamericanos*. Associação Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural - Nodo Português.
- Fragoso, A. (s.d.). *As teias do desenvolvimento: reflexões sobre o desenvolvimento local no algarve*. Universidade do Algarve.
- García, M. (2004). Animación sociocultural y desarrollo comunitario. In J. Trilla, *Animación sociocultural - Teorias, programas e âmbitos* (pp. 297-303). Lisboa: Editorial Ariel.
- García, S., Domingo, N., Higuera, M., Solla, M., Zabala, M., Peláez, I., & Escámez, S. (2010-2011). Investigación Acción. *Métodos de investigación en Educación Especial*.
- Gohn, M. (jan./abr. de 2009). Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. *Meta: avaliação*, pp. 28-43.
- Gómez, J., Pereira de Freitas, O., & Callejas, G. (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local - Perspetivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Porto: Editora Profedições.
- Gonçalves, A. C. (1988). Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. *Revista da Faculdade de letras - geografia*, pp. 15-3.
- Hespanha, P., Monteiro, A., Ferreira, A. C., Rodrigues, F., Nunes, M. H., Hespanha, M. J., . . . Portugal, S. (2000). *Entre o Estado e o Mercado - As fragilidades das Instituições de Protecção Social em Portugal*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Iturra, R. (1990). Trabalho de campo e observação participante em antropologia. In A. S. Silva, & J. Madureira, *Metodologias das Ciências Sociais* (pp. 149-163). Edições Afrontamento.
- Jacob, L. (2007). *Animação de idosos* (Vol. nº4). Porto: Âmbar.
- Kuhne, G.W., & Quigley, B.A. (1997). Understanding and Using Action Research in Practice Settings. In B. A. Kuhnei, *Creating Practical Knowledge Trough Action Research: Posing Problems, Solving Problems, na Improving Daily Practice* (pp. 23-40). San Francisco: Jossey-Bass.

- Latorre, A. (2003). *La Investigación-Acción*. Barcelo: Graó.
- Leal, A. (s.d). Contextualização, princípio e fins da animação sociocultural. *Pensar Animação* , pp. 13 - 15.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa - fundamentos e práticas*. Lisboa: Rolo & Filhos - Artes gráficas, Lda.
- Lopes, M. d. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Oficinas da Gráfica do Norte.
- Magalhães, M. & Hill, A. (2000). *Investigações por questionário* . Lisboa: edições sílabo.
- Maia, C. (2010). O papel do educador social na intervenção com menores - alguns modelos de intervenção sócio-educativa. In A. Almeida, & N. Fernandes, *Intervenção com Crianças, Jovens e Famílias* (pp. 145-155). Porto: Almedina.
- McTaggart, R., & Stephen, K. (2007). Participatory Action Research : Communicative Action and the Public Sphere. In N. Denzin, & Y. Lincoln, *Strategies of Qualitative Inquiry* (p. 271). Los Angeles: SAGE Publications Inc.
- Morgan, D.L. (1996). Focus group. *Annual Review Sociology*, pp. 129 - 152.
- Murali, V. &. (2004). Poverty, social inequality and mental health. *Advances in Psychiatric Treatment*, pp. 216-224.
- Osorio, A. (2004). Animación sociocultural en la tercera edad. In J. Trilla, *Animação sociocultural - Teorias, programas e âmbitos* (pp. 255-268). Lisboa: Editorial Ariel.
- Osorio, A. (2004). Animación sociocultural u educación de adultos. In J. Trilla, *Animação sociocultural- Teorias, programas e âmbitos* (pp. 239-254). Lisboa: Editorial Ariel.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social* . Porto: Areal Editores, Lda.
- Peretz, H. (2000). *Métodos em sociologia* . Lisboa: Éditions La Découverte & Syros.
- Petrus, A. (1977). *Pedagogia Social*. Barcelona: Ariel.
- Petrus, A. (2003). Novos Âmbitos em Educação Social. In M. Romans, A. Petrus, & J. Trilla, *Profissão Educador Social* (pp. 51-111). São Paulo: Artemed Editora.
- Pinel, H., Colodete, P. R., & Paiva, J. S. (jul./dez. de 2012). Pedagogia Social: definições, formatação, espaços de trabalho, grandes nomes & epistemologias. *Conhecimento em destaque*.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reidy, M., & Mercier, L. (2000). A triangulação. In M.-F. Fortin, *O processo de investigação: da concepção à realização* (pp. 321-328). Loures: Lusociências.
- Reis, V. (2009). *Crianças e jovens em risco (Contributos para a organização de critérios de avaliação de factores de risco)*. Coimbra: Faculdade de psicologia e ciências da educação.
- Rivero, C., Sousa, L., Grilo, P., & Rodrigues, S. (2013). *Práticas colaborativas e positivas na intervenção social*. Leiria: EAPN Portugal / Núcleo Distrital de Leiria.
- Sáez, J., & Molina, J. (2006). *Pedagogía social. Pensar la educación como profesión*. Madrid: Alianza Editorial.
- Sáez, J., & Molina, J. (2006). *Pedagogía social: Pensar la educación como profesión*. Madrid: Alianza Editorial.
- Santos, H. (Abril-Junho de 2002). Desenvolvimento comunitário VS. Educação: Duas faces da mesma moeda? *Cadernos de educação de infância*, pp. 1-6.
- Sastre, A. (2004). Animación sociocultural en la infancia; La educación en el tiempo libre. In J. Trilla, *Animação sociocultural- Teorias, programas e âmbitos* (pp. 211-221). Lisboa: Editorial Ariel.
- Serrano, G. P. (1994). *Investigación Cualitativa*. Madrid: La Muralla.
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de projetos sociais - casos práticos*. Porto: Porto editora, Lda.
- Silva, A. S., & Pinto, J. M. (1989). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: edições afrontamento.
- Silva, E. (2004). *O burocrático e o político na administração universitária. Continuidades e rupturas na gestão dos recursos humanos docentes na Universidade Agostinho Neto (Angola)*. Braga: Concepção gráfica.
- Silva, I., Veloso, A., & Keating, J. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista lusófona de educação*, pp. 175-190.
- Soares, M. P. (2008). *Animação Cidadã para a Acção Solidária*. São Brás de Alportel: Associação in Loco.
- Sousa, J., & Baptista, M. (2013). Ócio e tempo livre na idade adulta avançada: as práticas de animação sociocultural como estratégias de resiliência. *III Congresso internacional em estudos culturais*, (pp. 1-12). Leiria.

- Sousa, L., & Ribeiro, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia, XIX*, pp. 169-191.
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação social transformadora e transformativa: clarificação de sentidos. *Revista do centro de investigação e inovação em educação, n°2*, pp. 11-26.
- Trilla, J. (2004). *Animación sociocultural - Teorias, programas e âmbitos*. Lisboa: Editorial Ariel.
- Vala, J. (1989). A análise de conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto, *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-126). Porto: Afrontamento.
- Vallicrosa, J. (2004). Técnicas de intervención en la animación sociocultural. In J. Trilla, *Animação sociocultural - Teorias, programas e âmbitos* (pp. 173-191). Lisboa: Editorial Ariel.

ANEXOS

Anexo 1 - Análise <i>SWOT</i> do Bairro da Armona	84
Anexo 2 - Análise <i>SWOT</i> da Associação Verdades Escondidas	85
Anexo 3 - Exemplos de diário de campo.....	86
Anexo 4 - Questionário aplicado ao Bairro da Armona	89
Anexo 5- Tratamento de dados do inquérito por questionário supramencionado.....	92
Anexo 6 – Guião <i>Focus Group</i>	110
Anexo 7 - Transcrição do <i>Focus Group</i>	111
Anexo 8 - Análise do <i>Focus Group</i>	136
Anexo 9 - Carta Peddy Papper	150
Anexo 10 – Avaliação Peddy Papper	151
Anexo 11 – Avaliação <i>Kidzania</i>	152
Anexo 12- Tratamento de dados do inquérito por questionário - caracterização do Bairro da Armona	153

<p>Forças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Amizade, união e auxílio entre população residente; • Bairro criativo com potencial ao nível das artes; • Bons espaços exteriores; • Bairro multicultural: 	<p>Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ambientes familiares destrutturados com problemas, tais como: 1) analfabetismo; 2) absentismo e insucesso escolar; 3) toxicodependência; 4) alcoolismo; 5) falta de gestão financeira; 6) rotinas desadequadas; 7) problemática da gravidez na adolescência; 8) famílias numerosas; 9) acompanhamento desajustado a crianças e jovens; • Falta de responsabilidade cívica que acarretam diversas problemáticas: 1) poluição do bairro; 2) vandalismo e danificação dos espaços comuns; 3) abandono e maus tratos de animais; 4) conflitos entre vizinhos; • Falta de condições económicas associadas ao desemprego, dependência de subsídios, olhar para instituições como meio de subsistência, inatividade face à procura intensiva de emprego; • Falta de relações de sociabilidade que originam: 1) conflitos com atribuição de bens alimentares dados pela associação; 2) falta de gestão de condomínios; 3) desunião entre edifício um e dois do bairro; • Falta de sensibilização para os hábitos de higienização; • Falta de ocupação relativa à população envelhecida e desempregada; • Falta de confiança na associação que afeta a relação entre população residente e entidade. • Meios de subsistência ilegais, tais como a prostituição e tráfico de droga;
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entidades que têm como público-alvo o Bairro da Armona: CPCJ; Verdades Escondidas Associação; MAPS; 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de acessibilidade a serviços; • Falta de acessos a pessoas com mobilidade reduzidas; • Falta de espaços adequados à população; • Falta de fiscalização do bairro, por parte das entidades competentes; • Desajusto no alojamento das famílias do bairro; • Falta de oportunidades provenientes de preconceções tidas relativamente aos residentes do bairro que intensificam o fenómeno da pobreza e exclusão social;

<p>Forças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento de Técnicos; • Bom ambiente de trabalho; • Possibilidade de horário alargado; • Abertura a novos projetos; • Auxílio na entrega de bens essenciais à população desfavorecida; • Diversos projetos: “Saber mais”; “Ser Mais”; “Ser Mais Família”; “Saúde e Movimento”; Alfabetização de Adultos; Atividade de Bordados; Atividades lúdicas para séniores - “Encontros com Histórias” • Bom relacionamento entre técnicos e as crianças que frequentam o apoio; • Regras incutidas e respeitadas por parte das crianças que frequentam o apoio; • Serviços de Assistência Social; 	<p>Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de recursos materiais – nomeadamente ao nível de espaço-, recursos humanos permanentes – apoio constante em estágios profissionais-, recursos financeiros e recursos técnicos; • Falta de divulgação dos objetivos, projetos e atividades da associação; • Pouca dinamização no que respeita à participação nas atividades, por parte dos moradores do bairro e a novas iniciativas; • Falta de respostas, tais como: acompanhamento a idosos, serviços de apoio à saúde, planeamento familiar, ocupação/incentivos para desempregados; • Falta de parcerias e necessidade de reativar outras; • Falta de atividades adequadas à população; • Descontinuação das atividades iniciadas; • Falta de documentação sobre os moradores do bairro, as suas necessidades e atividades desenvolvidas com eles e para eles; • Ligação insuficiente entre equipa técnica e direção e pouco envolvimento da mesma nas atividades realizadas; • Preconceções relativamente às pessoas do bairro que anulam projetos e iniciativas;
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Financiamento para construção de um novo espaço: Centro Comunitário Ana Dias, com perspetiva a novos profissionais e a novos projetos; • Entrega de roupa, por parte da população de Olhão; • No novo Centro Comunitário Ana Dias existe a possibilidade da criação de mensalidade, relativas ao apoio ao estudo, consoantes os rendimentos familiares; 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de confiança existente na Associação, por parte da população do Bairro da Armona; • Problema ao nível da participação e do desinteresse pelas atividades/iniciativas promovidas pela associação; • Olhar, por parte das moradores do bairro, para a associação como meio de subsistência e não como palco de desenvolvimento de novas iniciativas; • Falta de incentivo, por parte da população geral, para a prática de voluntariado no seio da associação; • Preconceções relativamente às pessoas do bairro que intensificam o fenómeno da exclusão social e, conseqüentemente as atividades a realizar; • Conflitos existentes no bairro que afetam a participação nas atividades;

Diário de Campo Nº 10

Nome da atividade observada: “Encontros com histórias” – Visualização do filme “Aldeia da roupa branca”

Data: 19/11/2015

Local: Associação Verdades Escondidas

Outros instrumentos de registo utilizados nesta observação: fotografia

Número de participantes: 4

Descrição atividade:

Antes da sessão começar, eu e outra técnica da associação fomos de porta-em-porta avisar que hoje havia outra sessão. Várias participantes disseram que não tinham disponibilidade para vir contudo, depois de alguma insistência estiveram presentes quatro residentes.

Na associação, encostamos uma das mesas à parede e colocamos diversas cadeiras em frente à televisão para a visualização do resto do filme “A aldeia da roupa branca”. A outra mesa continha diversas fotografias para que, mais tarde, fizéssemos a outra dinâmica. Quando acabou o filme perguntei-lhes o que tinham achado e quais as partes do mesmo em que conseguiam reviver alguma história do seu passado. A conversa foi-se prolongando e cada uma contava histórias da sua vida.

Começamos pela Dona B. que não se demonstrou inibida para falar sobre a sua vida, sendo que começou por falar dos tempos em que vivia na casa dos pais e que, tal como vimos no filme, lavava a roupa na ribeira. Disse-nos mais tarde, que depois de ter casado e saído da casa dos pais deixou de o fazer, tendo trabalhado como doméstica. Mais tarde, retirou do conjunto de fotografias, uma que retratava duas mãos dadas. Lembrou-se de uma história antiga e contou-nos que há muitos anos atrás o marido a foi buscar à sua terra e a família, que não a queria deixar ir fez uma espécie de barreira. Então a Dona B. para proteger o futuro marido foi buscá-lo ao autocarro e deu-lhe a mão, mostrando à família que se lhe quisessem agredir teriam que passar por cima dela e agredir-lhe também.

A Dona R. agarrou-se a uma fotografia que retratava uma “lavadeira “ a pendurar roupa no estendal e, devido à sua vergonha, ficou-se por ali, dizendo apenas que também o fazia.

A Dona C. só a meio da conversa se sentiu à vontade para partilhar as suas experiências com o grupo. Contou-nos sobre a sua vivência em Moçambique e em Luanda, sendo que mais tarde teve que voltar para Portugal. Falou-nos sobre as brincadeiras que tinha com o irmão e que apenas o tinha a ele como companhia, já que a zona onde morava era distante e as crianças que lá viviam com eles ou bem que eram muito velhas ou bem que eram muito novas e não se enquadravam nas brincadeiras. Mais tarde, tirou outra fotografia: lembrou-se dos tempos em que vivia em África e da água de coco que bebia lá. Explicou-nos como se fazia a apanha do coco e como se tratava o coco para comer e para beber a sua água.

A Dona C. foi desde sempre a mais tímida, quase nunca partilhou histórias da sua vida apesar de estar bastante atenta às que lhe contavam. Mais tarde, a Dona C. retirou uma fotografia que retratava várias mulheres a trabalhar numa fábrica de peixe, contando-nos que aquela fotografia lhe fazia lembrar os anos que tinha trabalhado como uma moura numa fábrica em Olhão e pouco mais falou.

Uma das técnicas juntou-se a nós no final da sessão, retirou uma fotografia que retratava duas crianças a brincar no recreio e contou-nos as brincadeiras que tinha com a sua melhor amiga na zona onde vivia – jogo da macaca e jogo do sirumba.

No final da sessão, numa tentativa de fomentar a iniciativa perguntei o que gostariam de fazer na próxima sessão, sendo que as participantes não tiveram resposta, pedindo para que dessemos sugestões. Sugeri um *Workshop* de culinária, onde aprenderíamos a fazer bombons e, desde logo, todas concordaram.

Diário de Campo N° 45

Nome da atividade observada: inquéritos por questionário porta-a-porta

Data: 20/03/2016

Local: edifícios do Bairro da Armona

Descrição:

Por volta das 10:30h, eu e outra técnica da associação (que sempre me acompanhou no preenchimento dos inquéritos por questionário) saímos da associação para tentar preencher mais questionários (a escolha deste horário tem que ver com o horário que os residentes mais estão disponíveis, já que acordam tarde). Começamos por bater a porta dos residentes que ainda não tínhamos conseguido aceder, ou porque não era uma altura

oportuna ou porque nunca nos abriram a porta. Depois do preenchimento de alguns inquéritos, voltámos para a associação.

Mais tarde, pelas 15:00 voltámos aos blocos, sendo que este horário é um dos mais complicados porque estão muitos grupos de jovens na rua e quando alguém chega há sempre muita curiosidade para saber o que lá estão a fazer e muitos olhares de desconfiança. Como forma de satisfazer a curiosidade e de dar a entender que a nossa presença dentro do bairro não era prejudicial para ninguém, aproveitei um momento que a Dona B. estava à janela e disse-lhe: “Olá Dona B. viemos cá fazer aquelas perguntinhas que respondeu no outro dia ao resto da malta!”. Neste momento, a curiosidade dos outros moradores acalmou e continuamos na nossa missão. Aproveitei este momento para perguntar a um dos moradores mais difíceis de contactar –pela sua personalidade instável- se queria participar num questionário que a associação estava a fazer. Esta nota apresenta relevância porque desde sempre que me foi dito por funcionárias da associação: “Não fales com eles, não des muita confiança”; “Ai os filhos da Dona R não porque são gente complicada”. No entanto, a conversa deu-se com grande facilidade e contribuiu para a recolha de mais informações sobre os moradores que estavam ali perto, já que quando este indivíduo respondeu às perguntas, os restantes não tiveram qualquer problema em contribuir para a recolha de informação.

Posteriormente conheci um senhor que ao falar nas questões de falta de sociabilidade e de conflitos no bairro me pediu para entrar na sua casa para nos contar alguns episódios particulares: *“Entre entre menina! Isto aqui parece uma farmácia! É só vê-los a entrar e a sair! Já contactei a polícia diversas vezes, disse-lhe os nomes das pessoas, as entradas e saídas e nunca fazem nada! Era simples, bastava haver uma rusga logo de manhã, cercavam o bairro e ninguém entrava nem saía (...)Mas nunca fazem nada... Eu nem digo nada, quero durar mais uns anos (...)”*. Depois de tocarmos a várias campanhas neste bloco e ninguém nos abrir a porta, fomos até ao bloco seguinte.

Este bloco é um dos mais problemáticos, os moradores reclamaram principalmente do barulho de madrugada e uma senhora disse-nos que já tinha sido ameaçada por confrontar os restantes moradores sobre este assunto. Contudo, quando nos cruzamos com alguns destes indivíduos nas escadas, perguntámos se queriam colaborar connosco, sendo que a resposta foi positiva e nunca existiu nenhum atrito. Posteriormente, voltámos com o objetivo de continuar o preenchimento dos inquéritos amanhã.

Questionário

No âmbito do Mestrado em Educação Social, da Universidade do Algarve, e do estágio na Instituição “Verdades Escondidas”, queremos saber quais são as opiniões dos moradores do bairro sobre um conjunto de questões, fundamentais para melhorar a ação da associação e o próprio bairro.

Pedimos que seja sincero nas suas opiniões, que são anónimas e confidenciais.

Obrigada pela sua colaboração!

Idade _____ Situação profissional _____

Género _____ Habilitações literárias _____

1) Conhece a Instituição Verdades Escondidas?

Sim Não

2) Se respondeu sim à questão anterior, que tipo de serviços a instituição presta à comunidade?

3) Alguma vez frequentou alguma atividade da responsabilidade da Instituição Verdades Escondidas?

- a) Sim, mas já não frequento
- b) Sim e continuo a frequentar
- c) Nunca frequentei

3.1) Se selecionou a alínea a), por que motivos já não frequenta nenhuma atividade?

3.2) Se selecionou a alínea b), que atividades frequenta?

3.3) Se selecionou a alínea c), por que motivos nunca frequentou nenhuma atividade da associação?

4) Marque três atividades de interesse pessoal.

Desporto	<input type="checkbox"/>	Informática	<input type="checkbox"/>	Visionamento de filmes	<input type="checkbox"/>
Culinária	<input type="checkbox"/>	Teatro	<input type="checkbox"/>	Trabalhos manuais	<input type="checkbox"/>
Dança	<input type="checkbox"/>	Passeios	<input type="checkbox"/>	Jogos de tabuleiro	<input type="checkbox"/>
Leitura	<input type="checkbox"/>	Outros	<input type="checkbox"/>	Quais? _____	

5) Que atividades gostaria de ver implementadas no bairro?

Costura	<input type="checkbox"/>	Pinturas	<input type="checkbox"/>	Alfabetização de adultos	<input type="checkbox"/>
Bordados	<input type="checkbox"/>	Dança	<input type="checkbox"/>	Culinária	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	Quais? _____			

6) Que assuntos gostaria de ver debatidos na instituição?

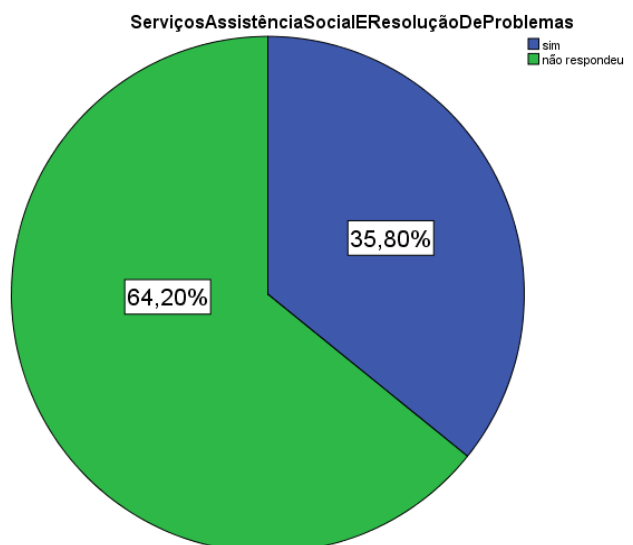
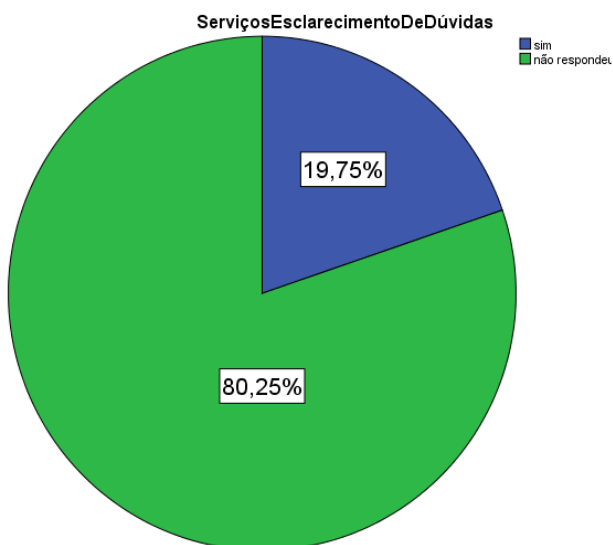
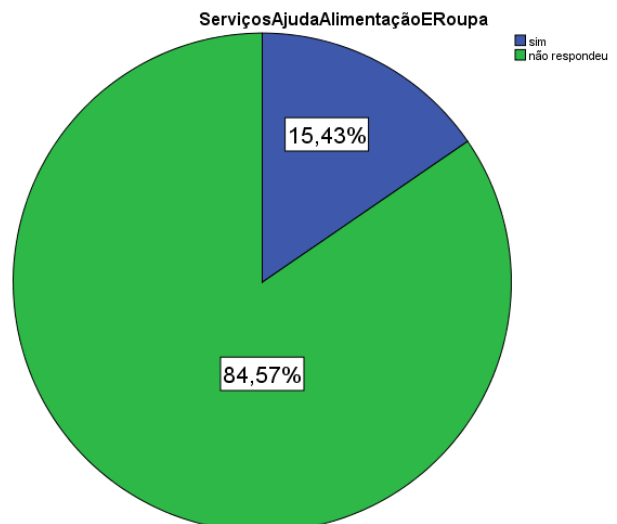
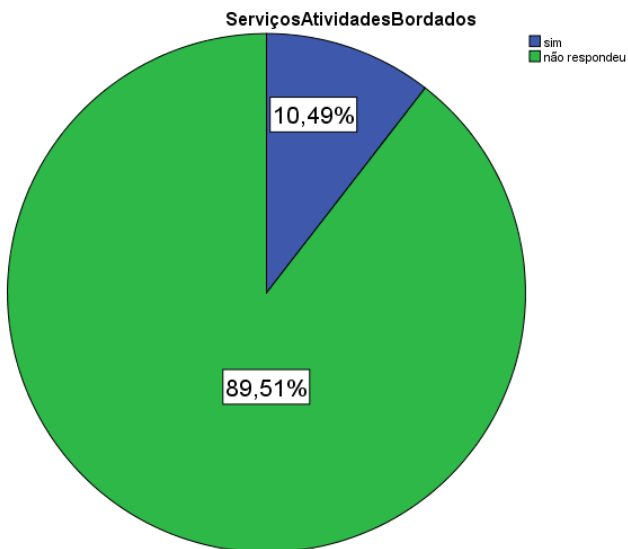
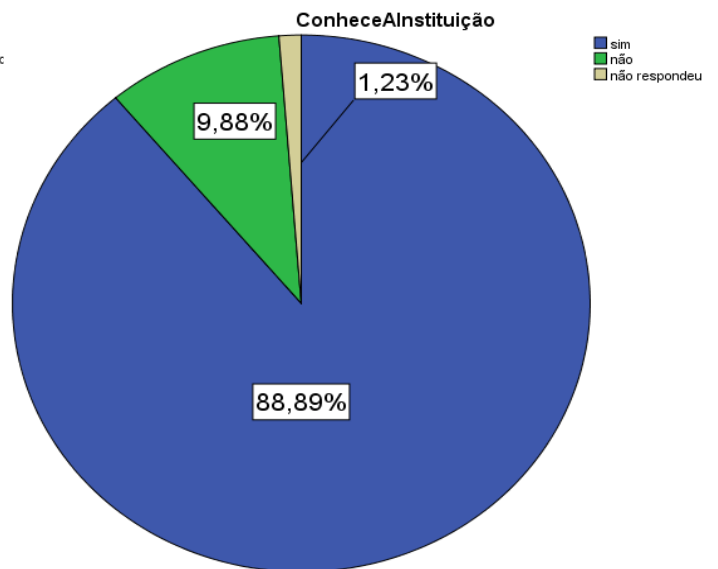
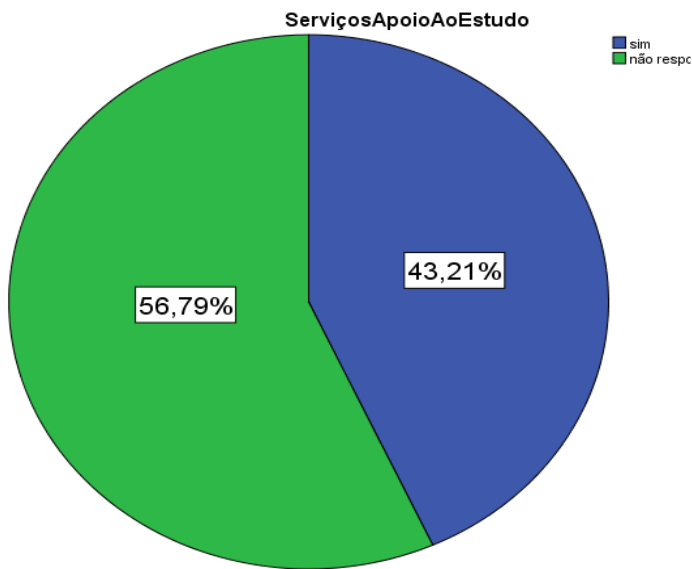
- Saúde
- Relações de sociabilidade
- Alimentação
- Limpeza e higiene do lar
- Emprego e formação profissional
- Economia doméstica
- Gestão de conflitos e relações de sociabilidade
- Outros. Quais? _____

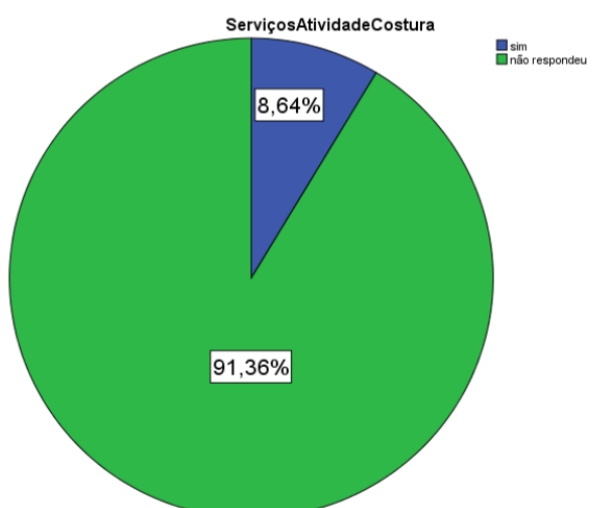
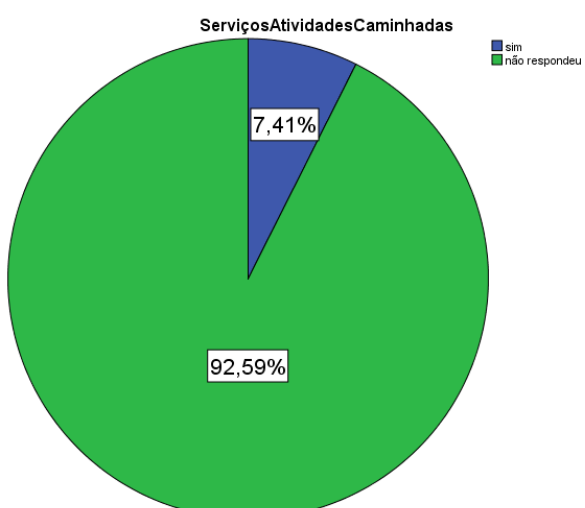
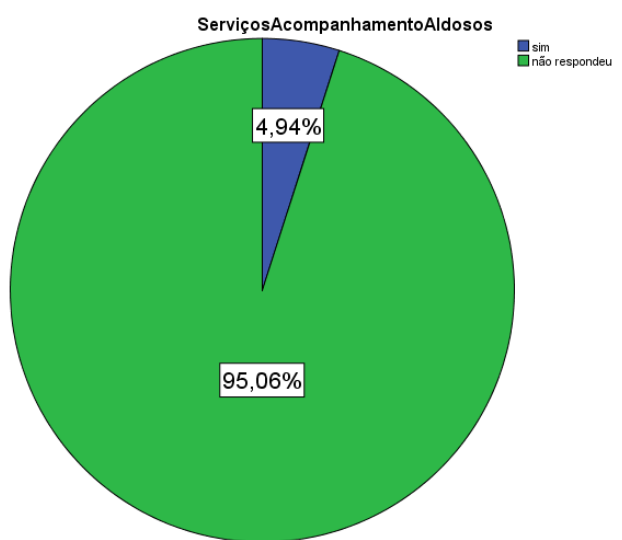
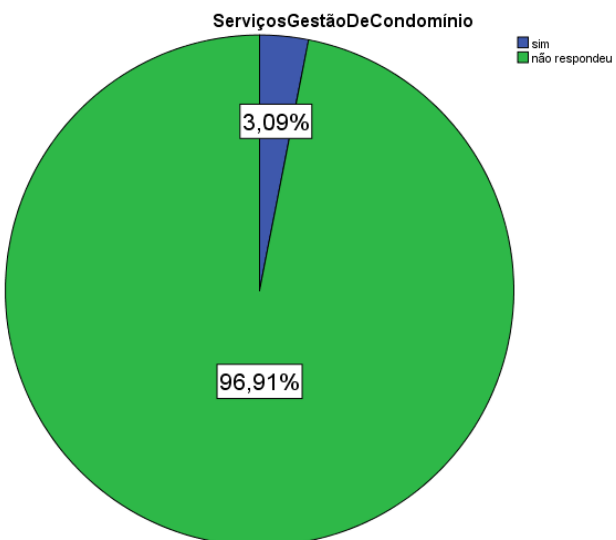
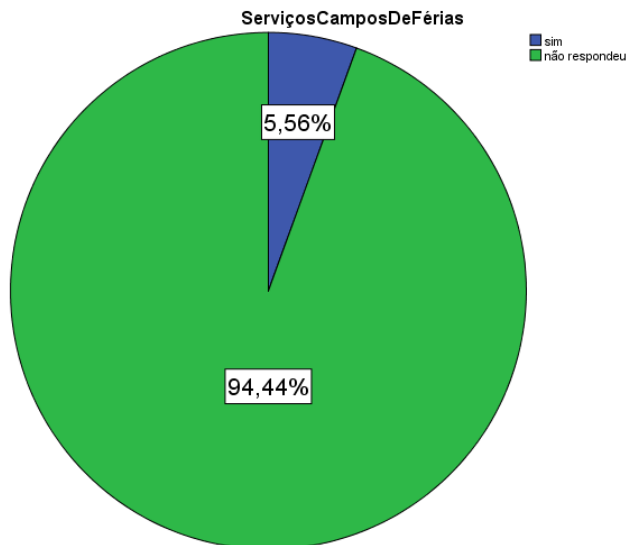
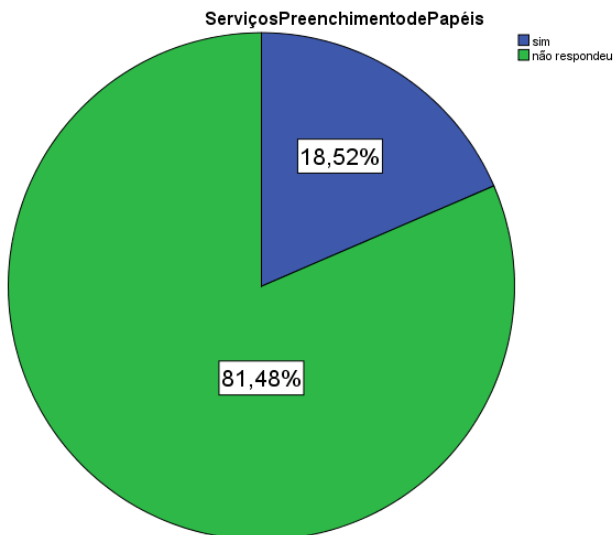
7) Qual o horário mais conveniente para a realização das atividades?

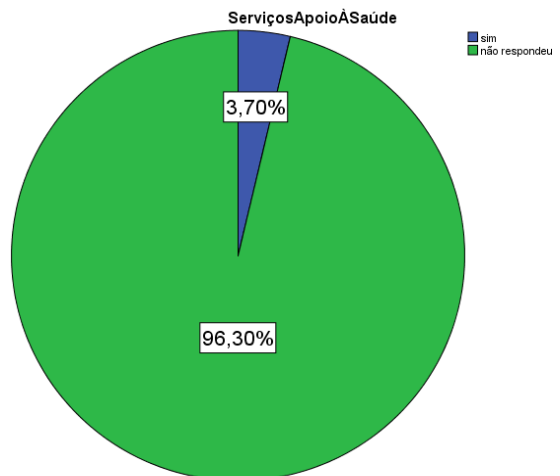
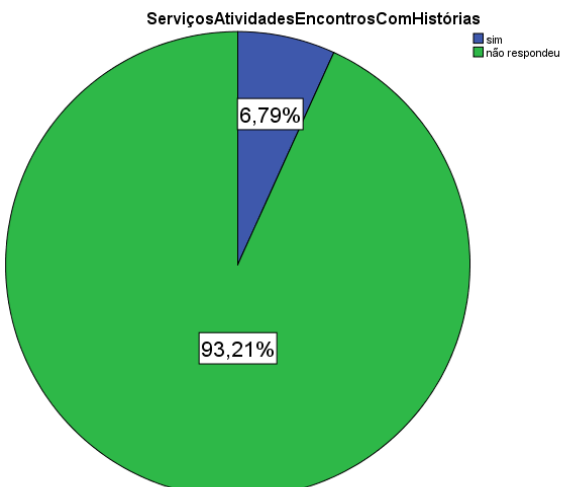
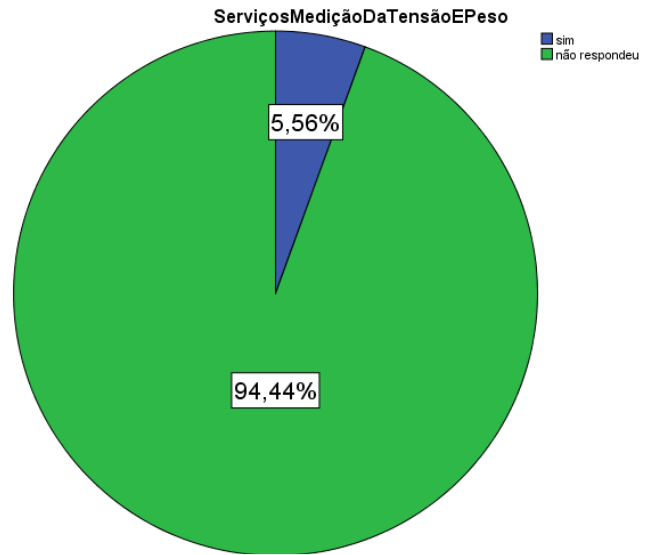
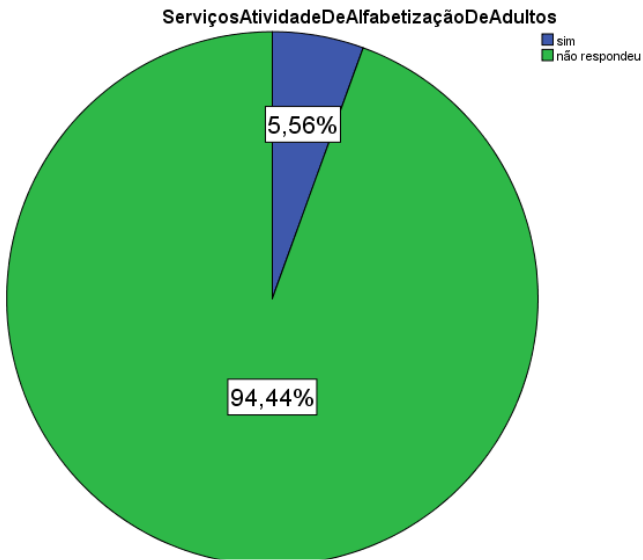
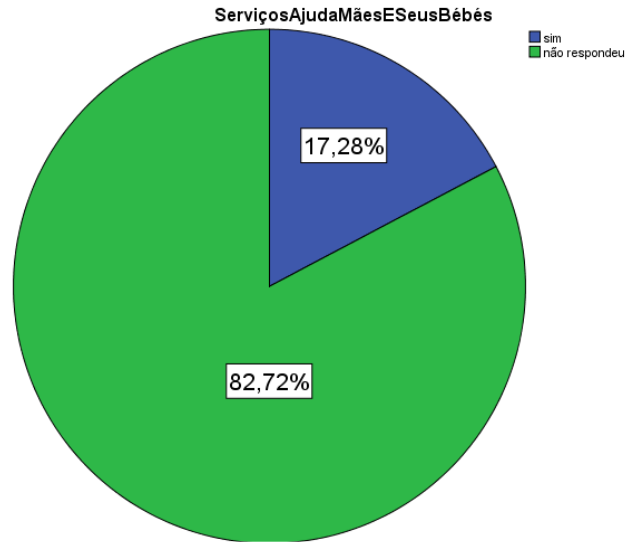
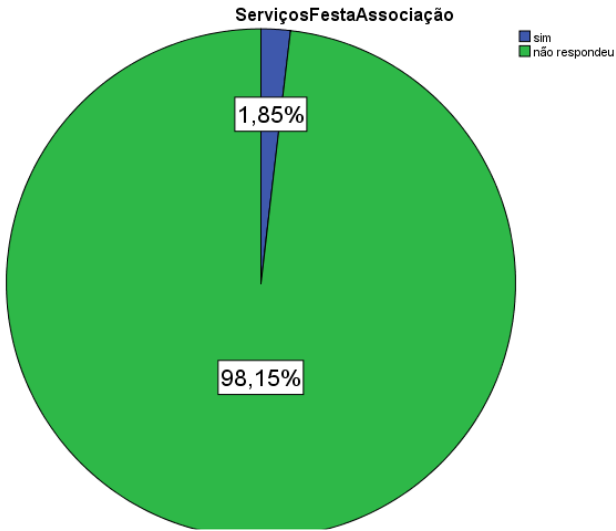
- 10h-12h 4h-16h 16h-18h 18h-20h 20h-22h

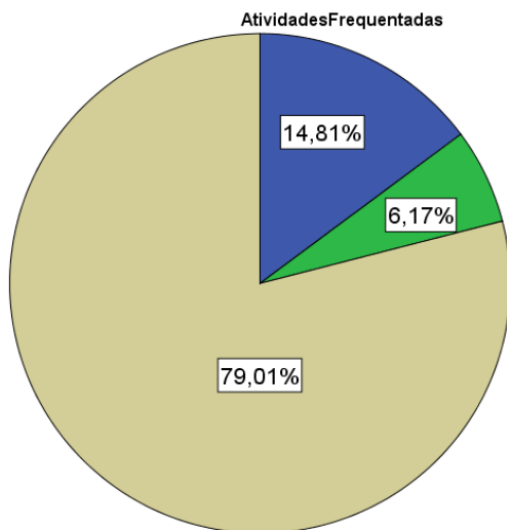
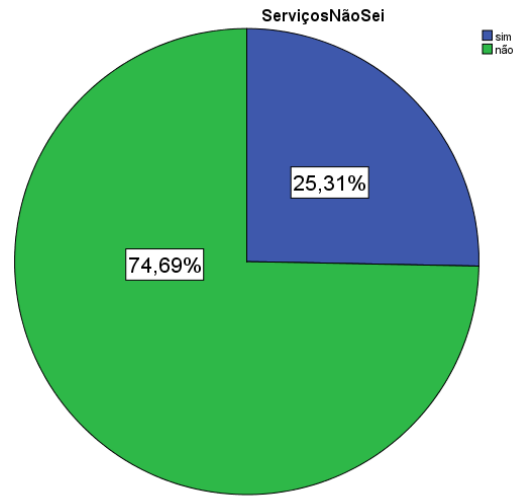
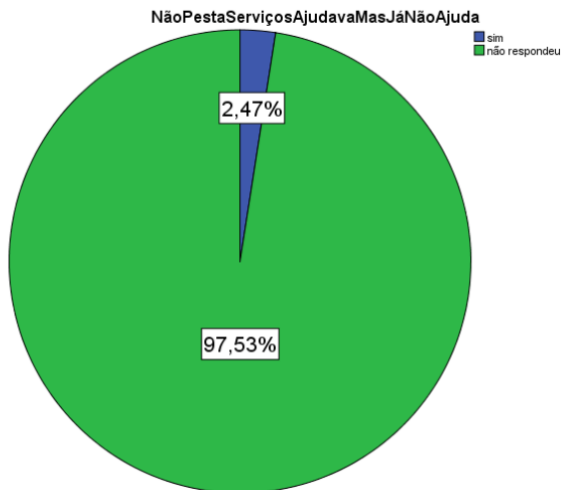
8) Como poderá a Instituição “Verdades Escondidas” ajudar na melhoria do seu bairro?

Anexo 5- Tratamento de dados do inquérito por questionário supramencionado

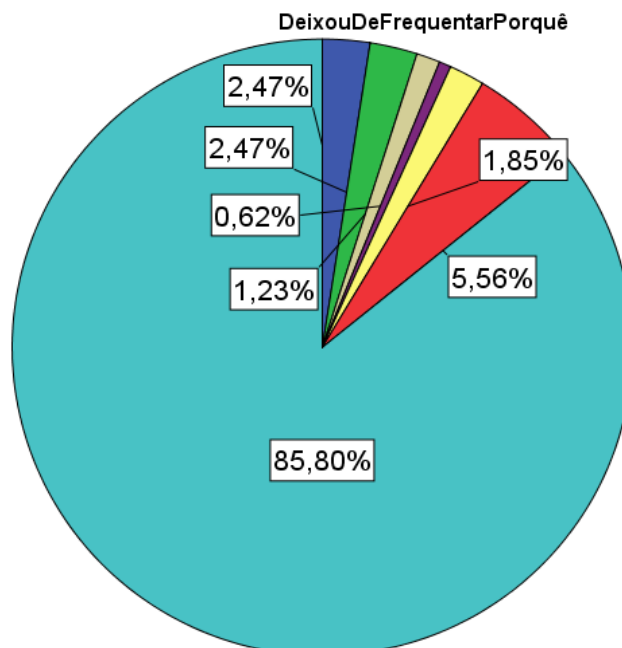




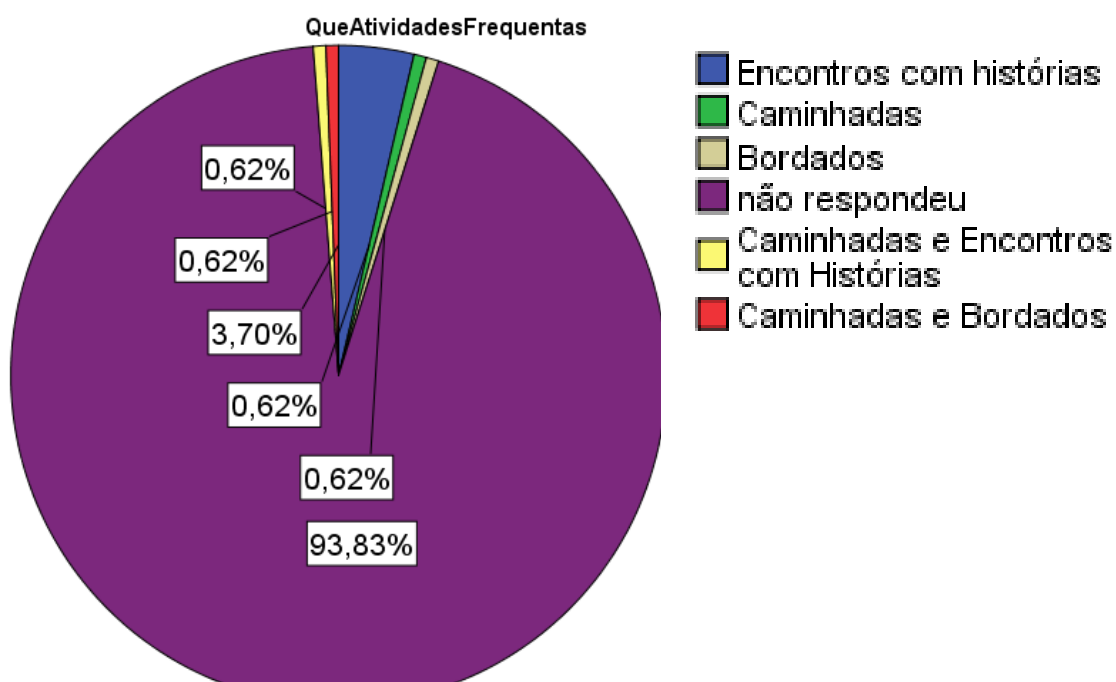
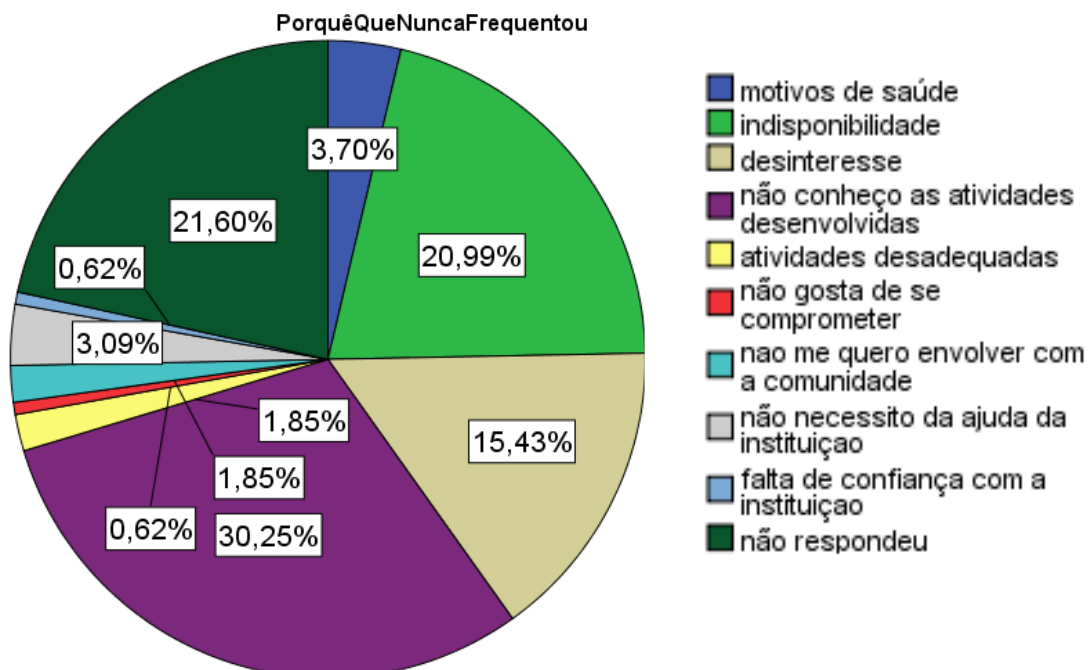




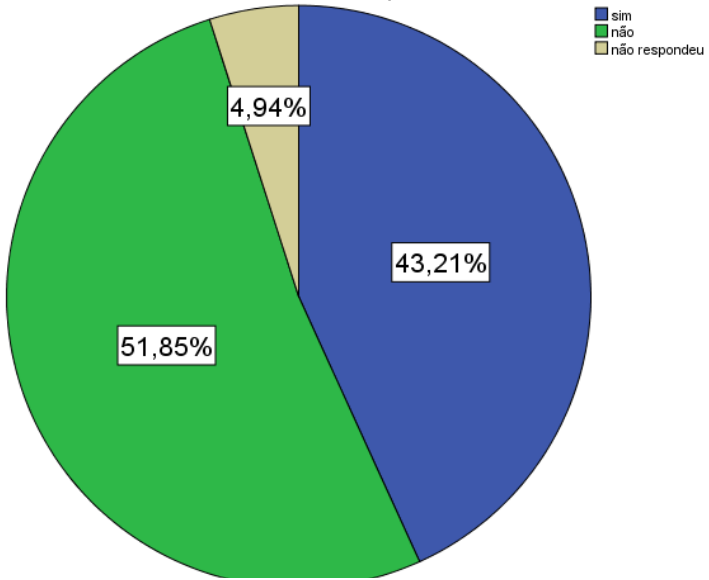
- Sim, mas já não frequento
- Sim e continuo a frequentar
- Nunca frequentei



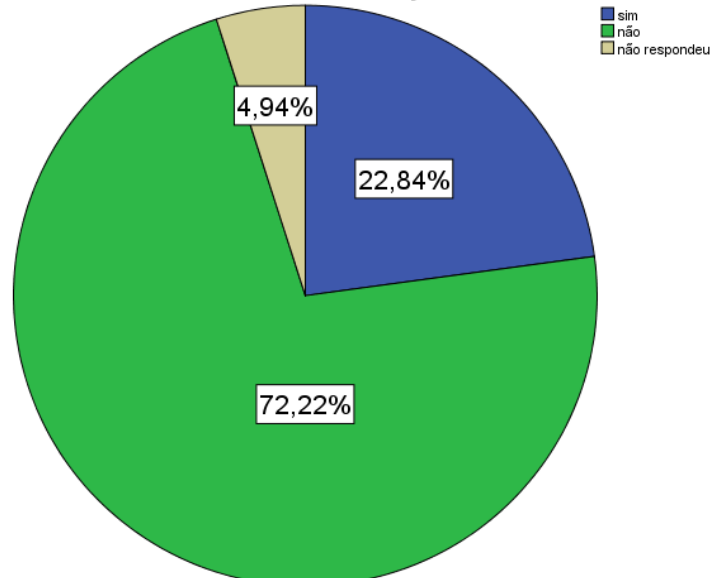
- falta de disponibilidade
- motivos profissionais
- motivos de saúde
- termino das atividades
- desinteresse
- deixei de precisar
- não respondeu



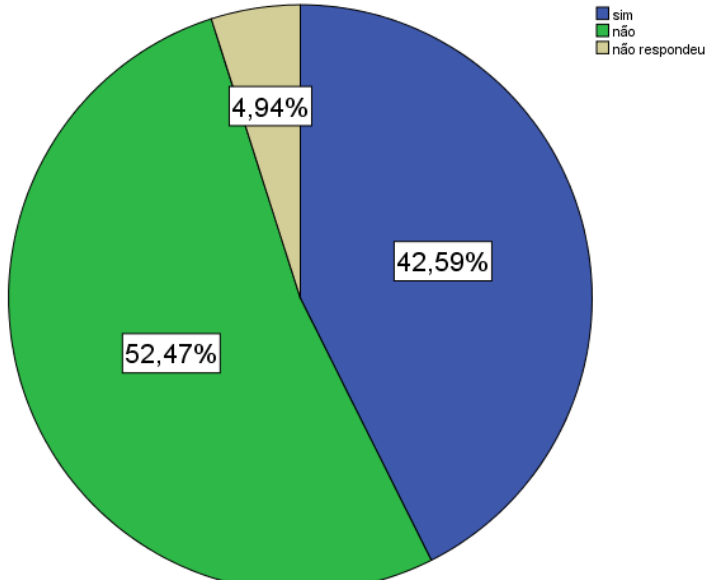
Desporto



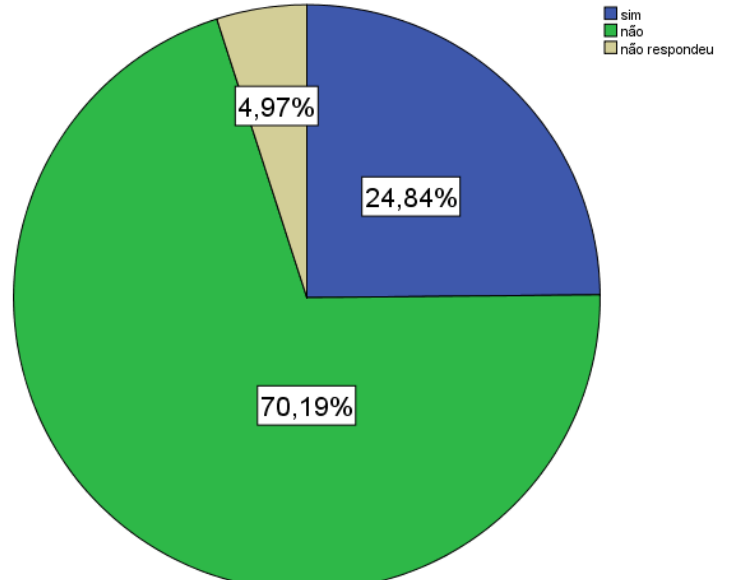
Dança



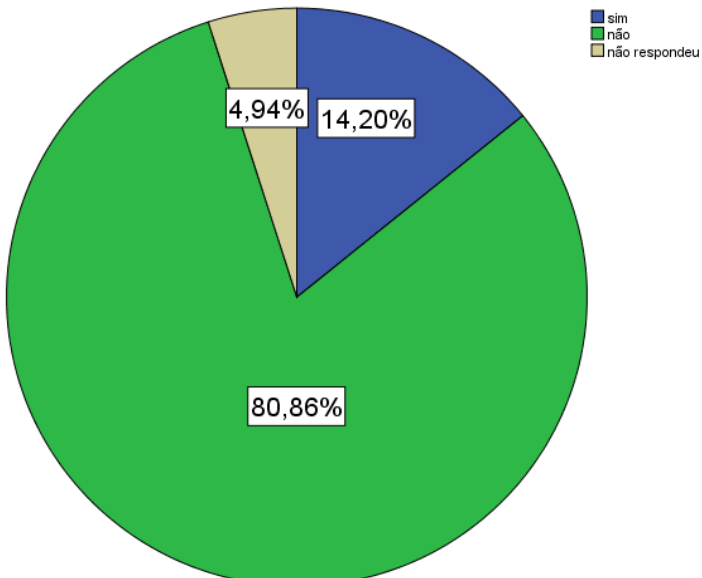
Culinária



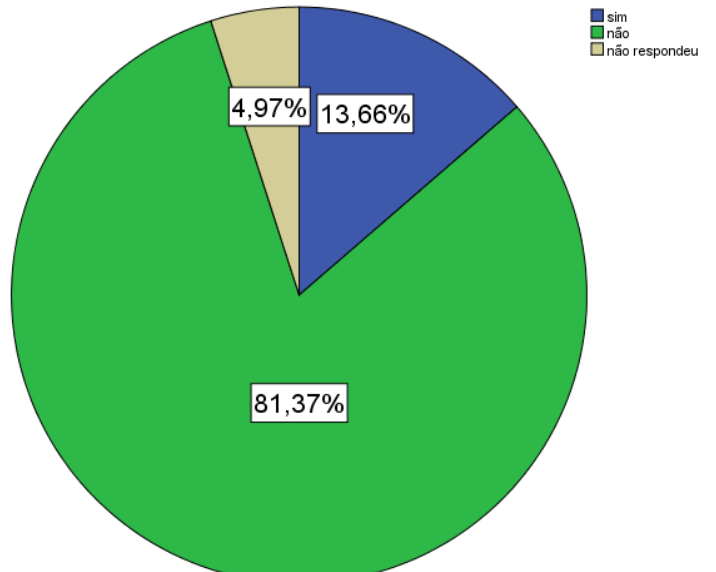
Informática

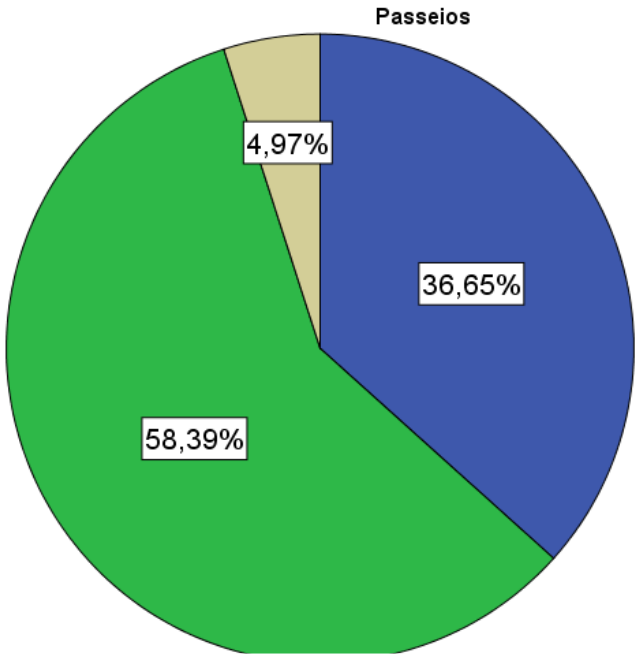


Leitura

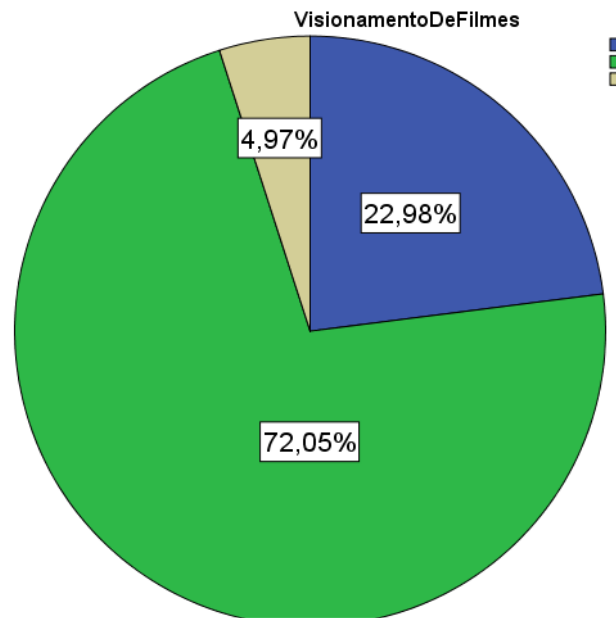


Teatro

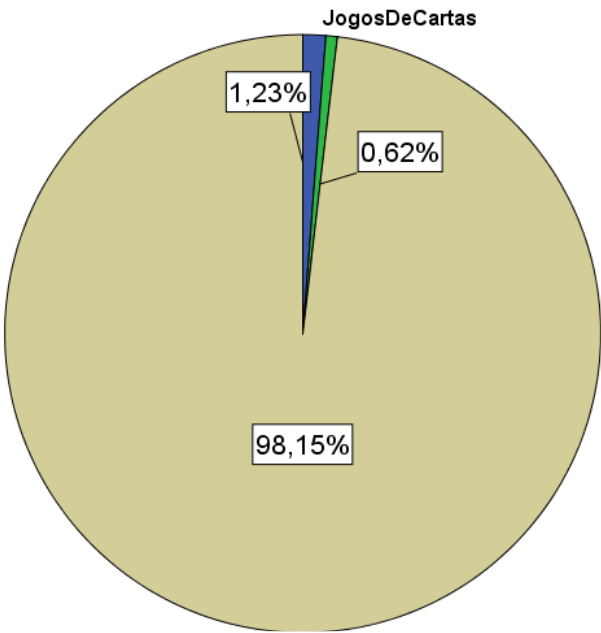




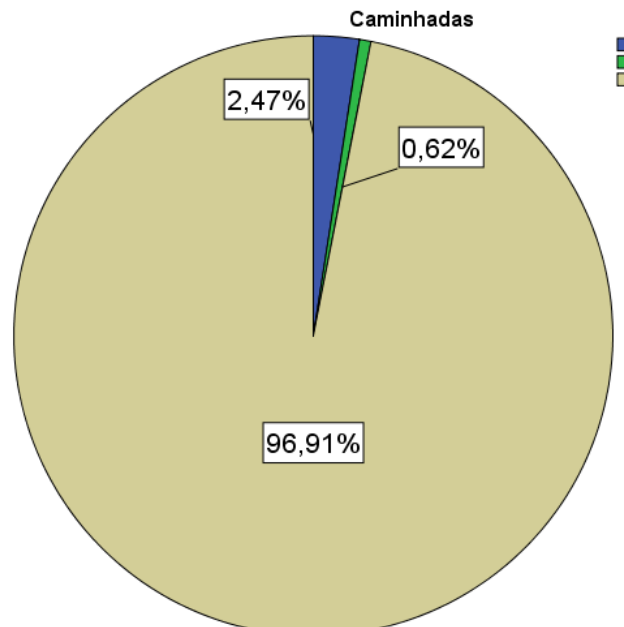
sim
não
não respondeu



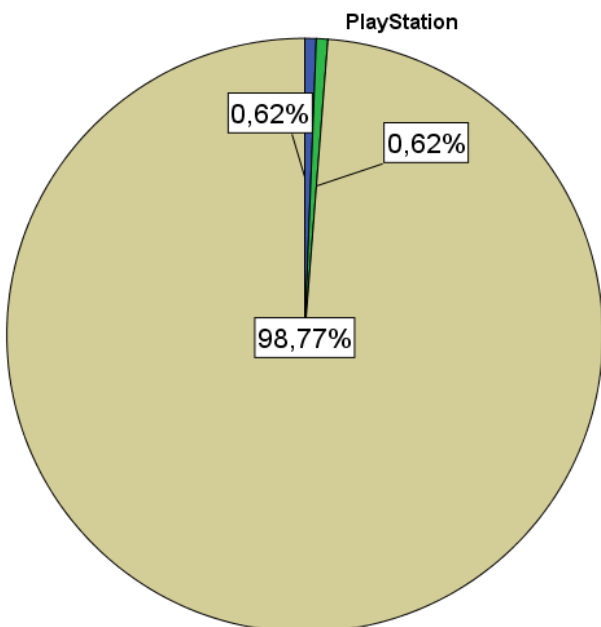
sim
não
não respondeu



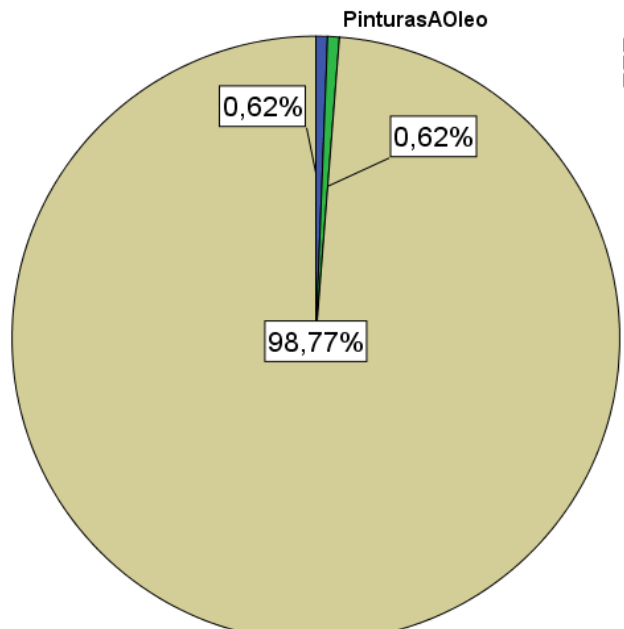
sim
não
não respondeu



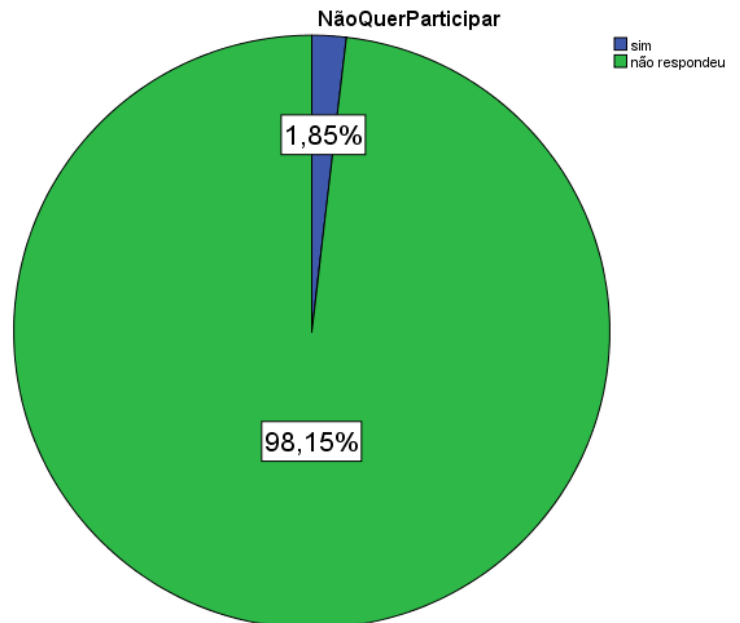
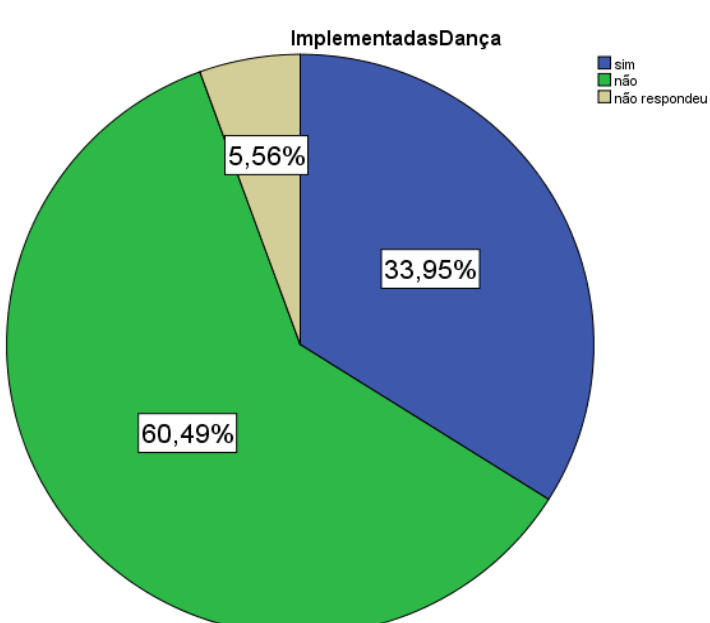
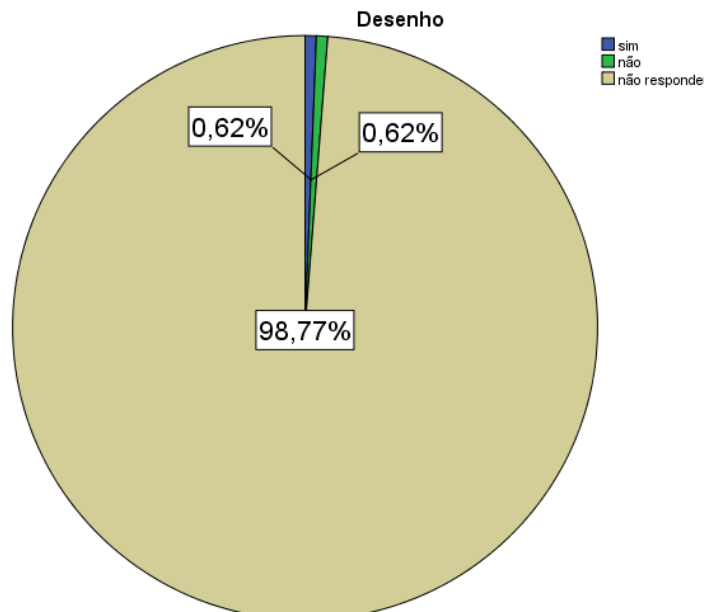
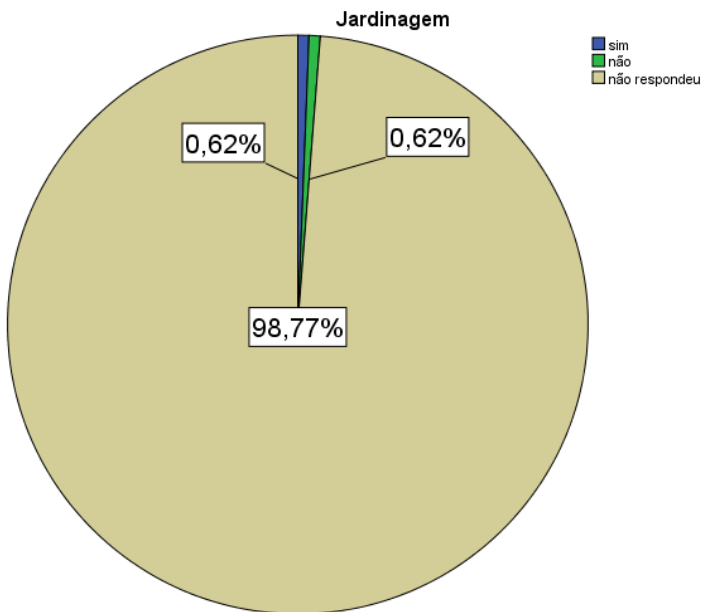
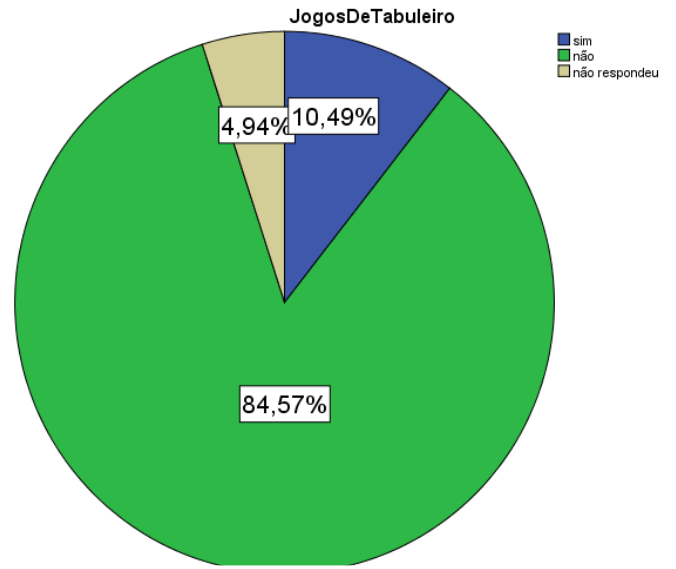
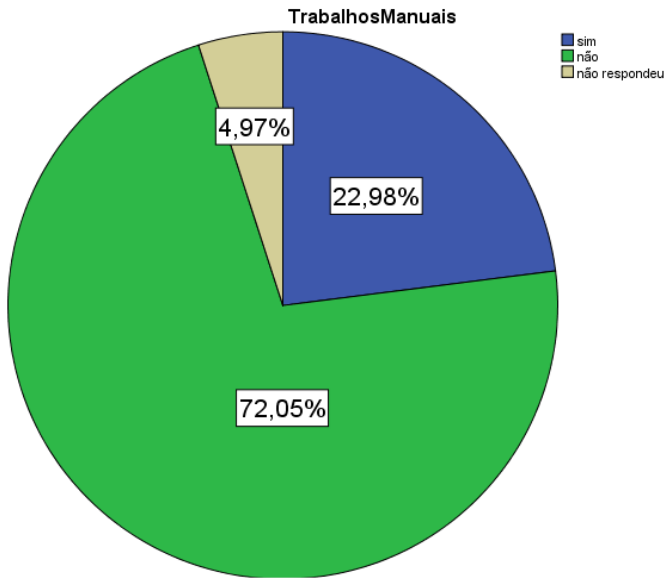
sim
não
não respondeu

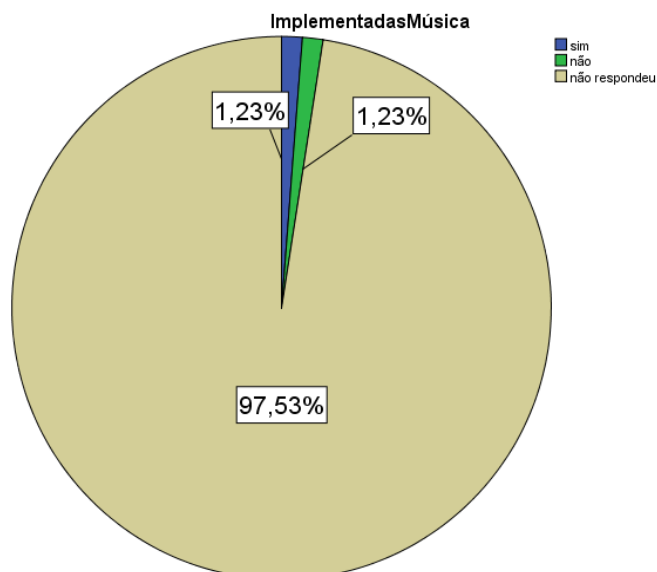
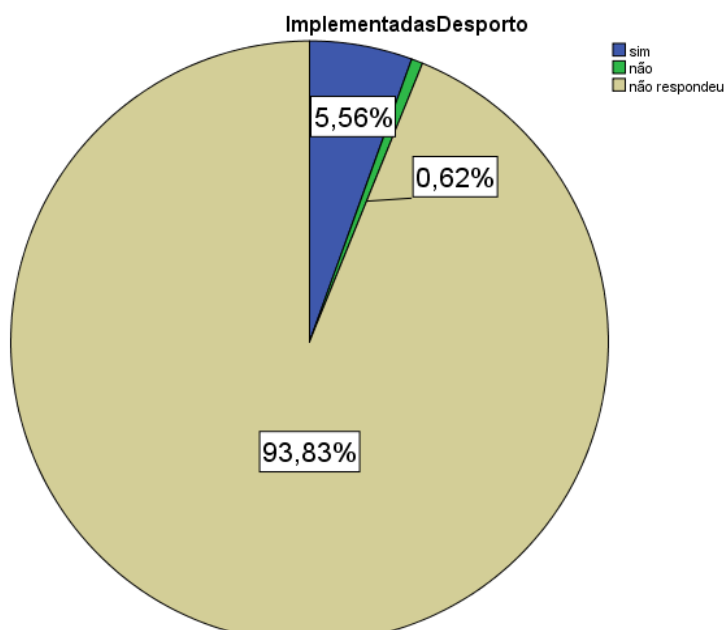
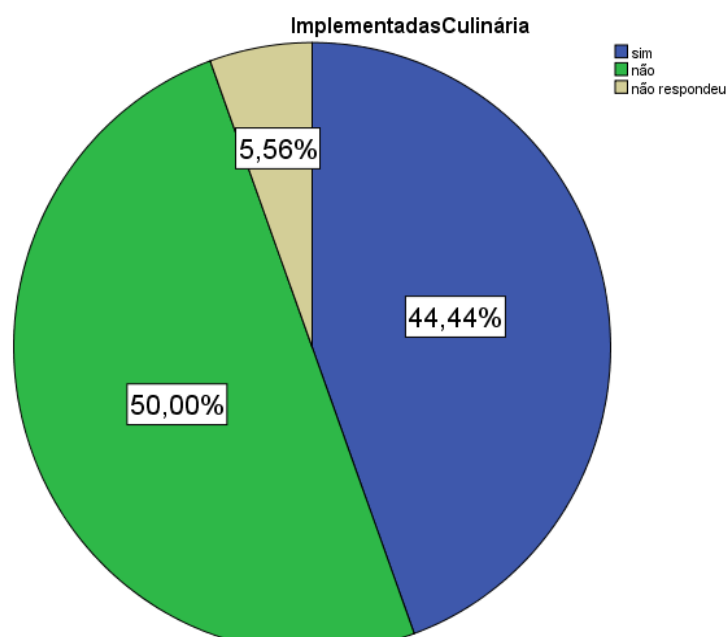
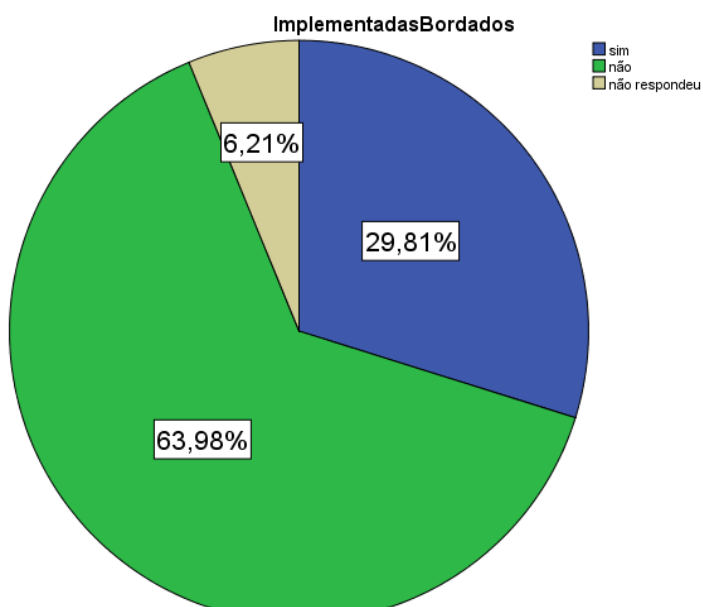
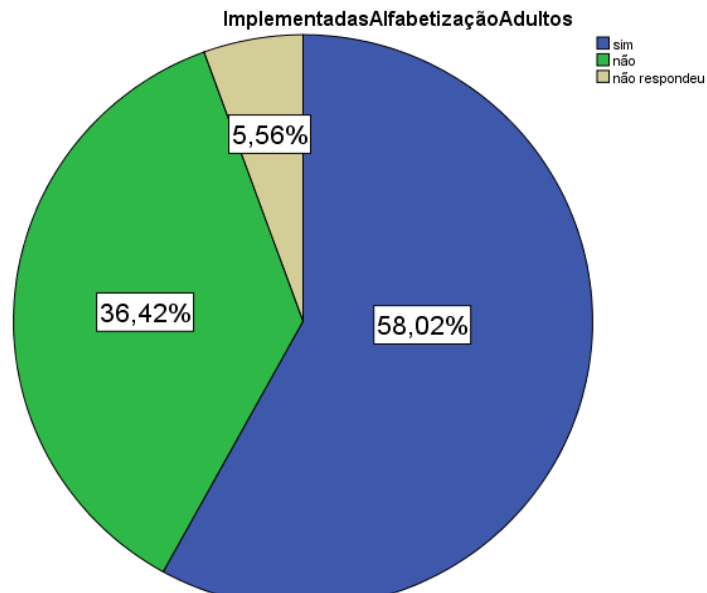
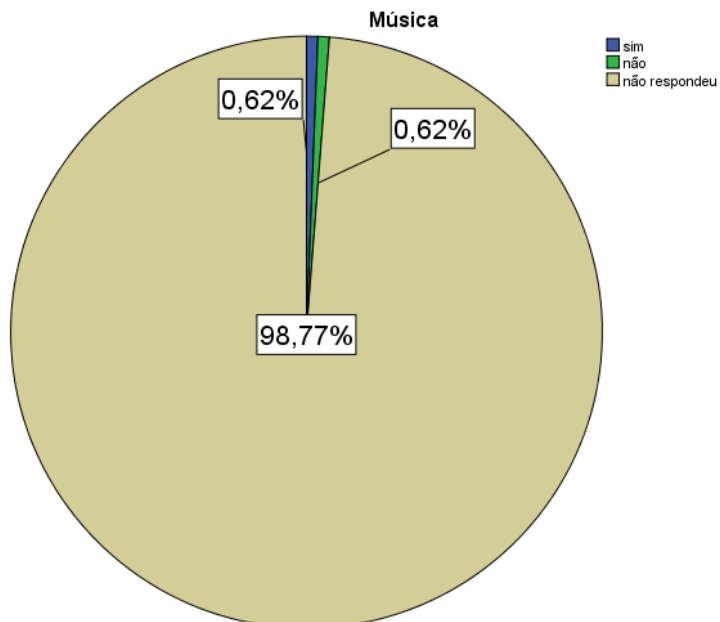


sim
não
não respondeu

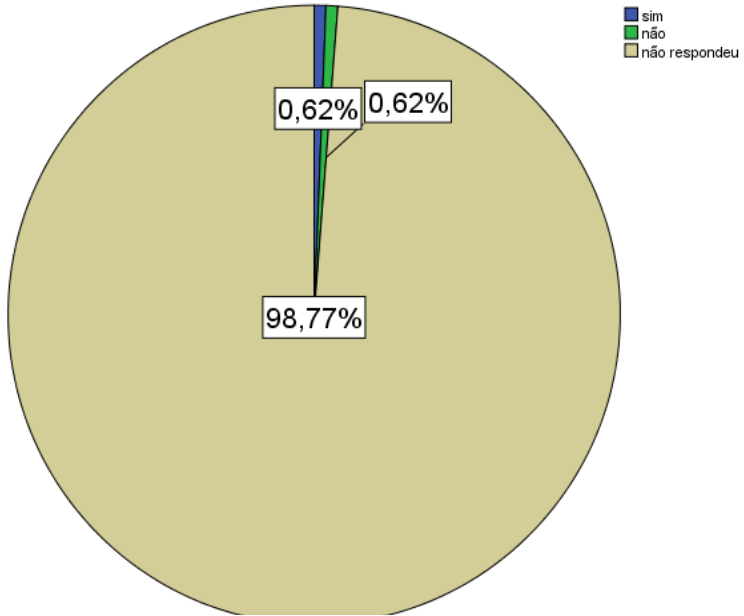


sim
não
não respondeu

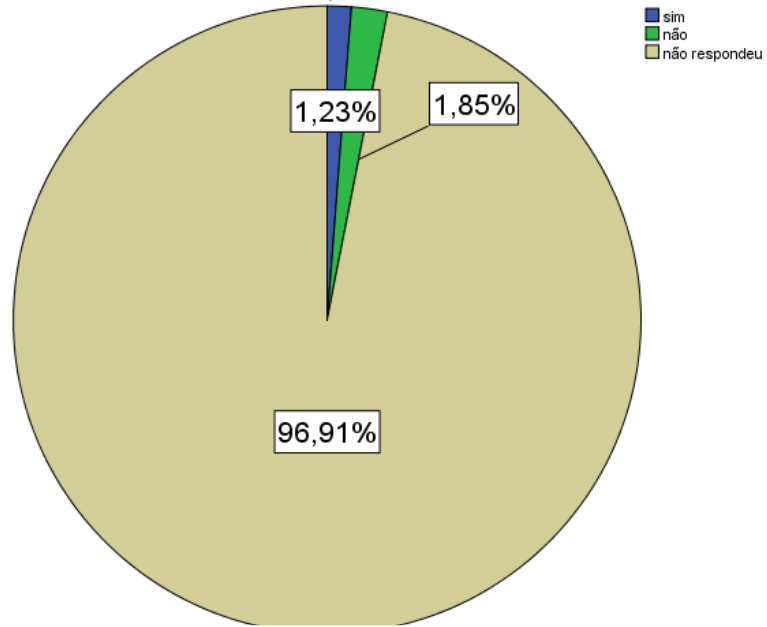




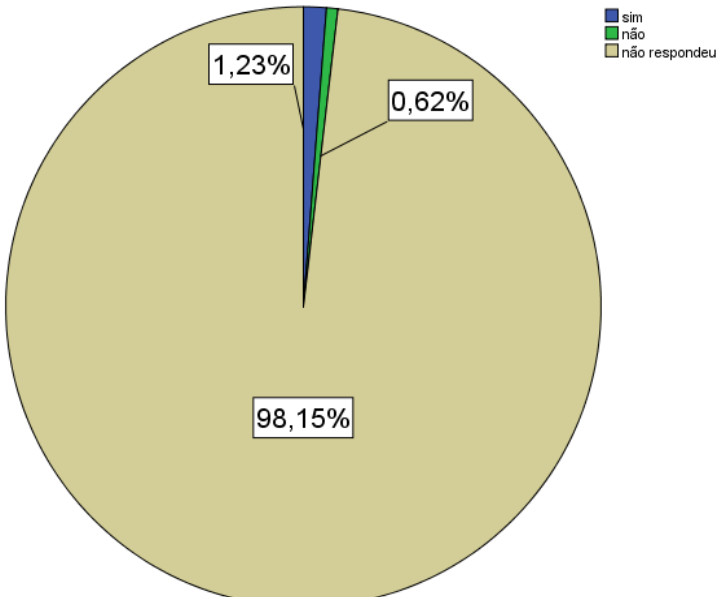
ImplementadasPlaystation



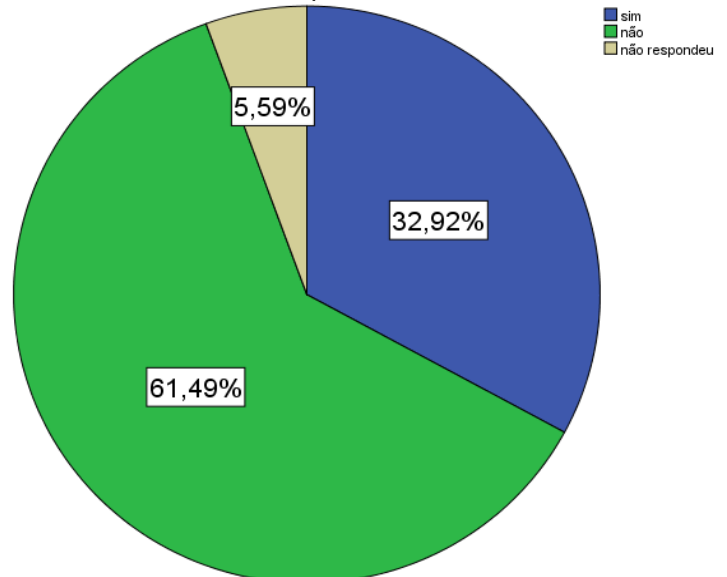
ImplementadasPasseios



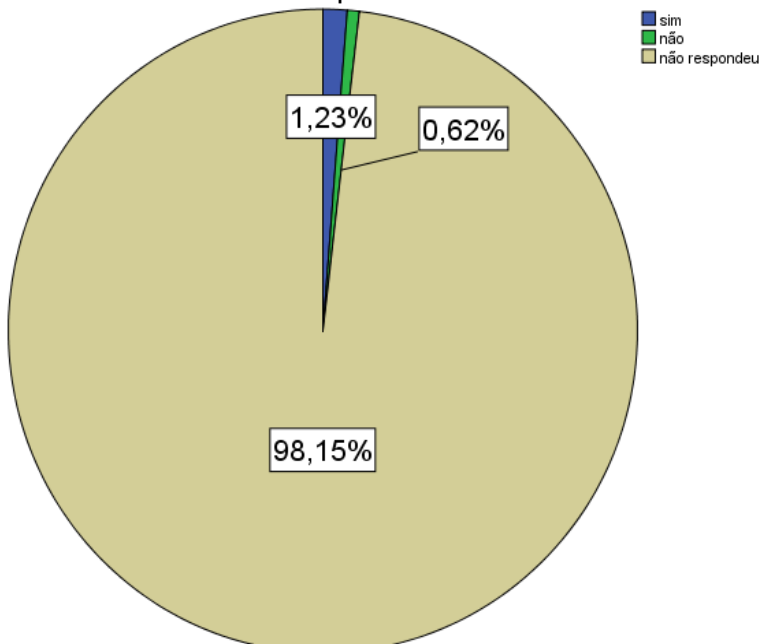
Bordados



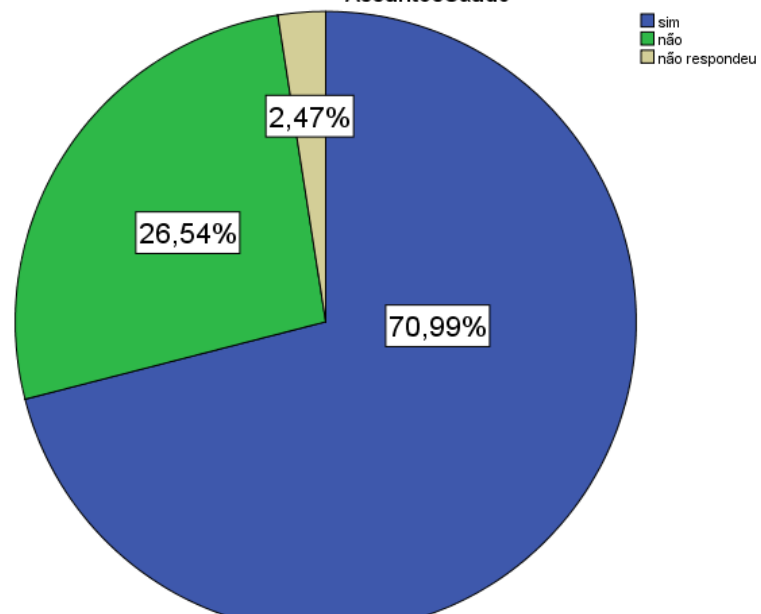
ImplementadasPinturas



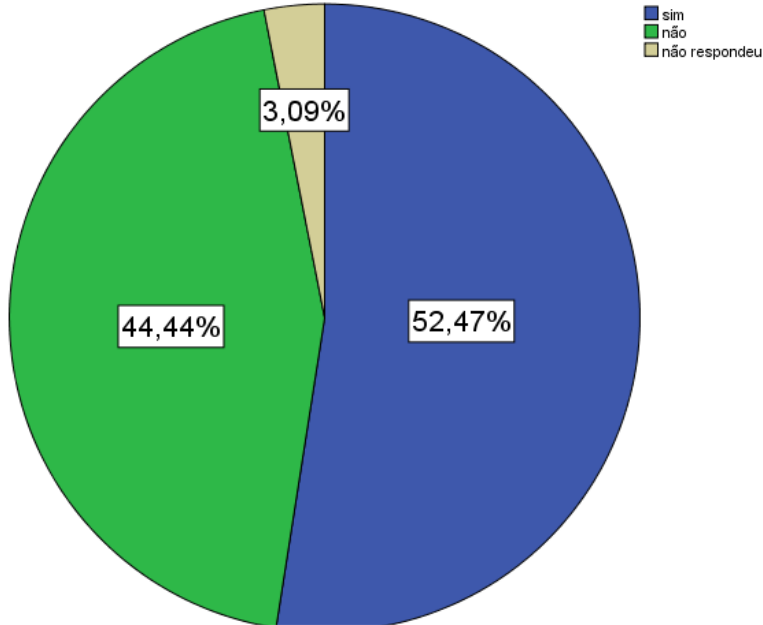
ImplementadasTeatro



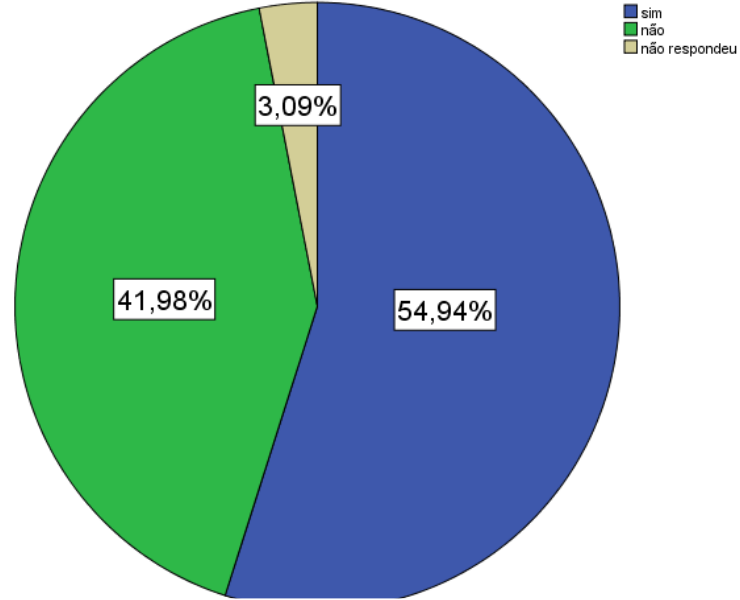
AssuntosSaúde



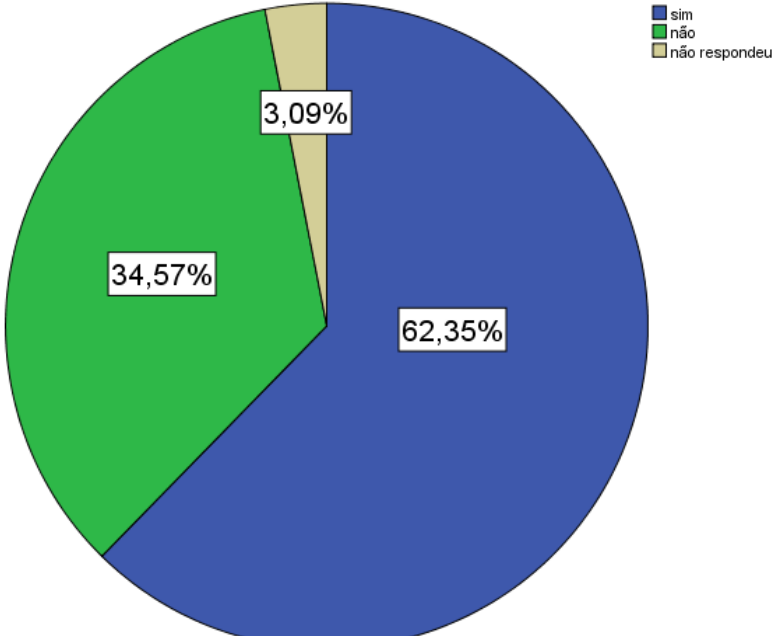
AssuntosRelaçõesSociabilidade



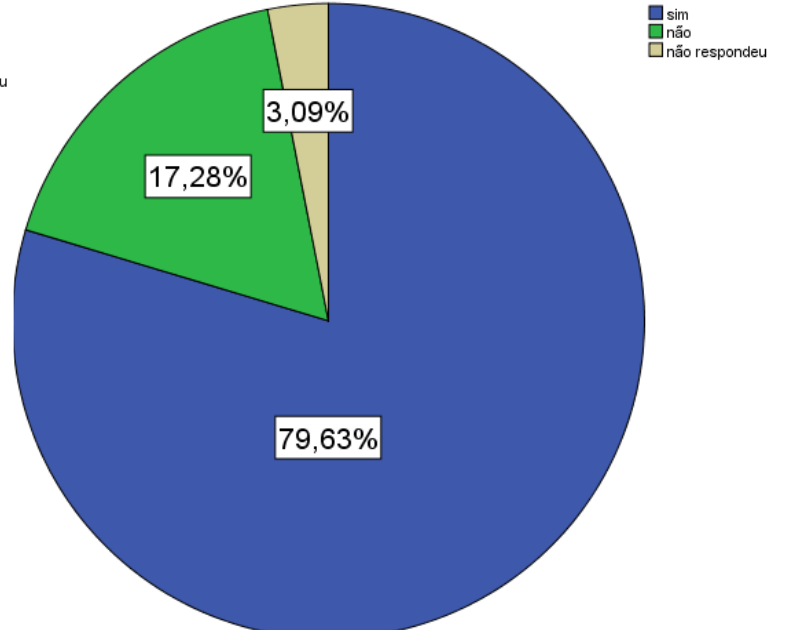
AssuntosAlimentação



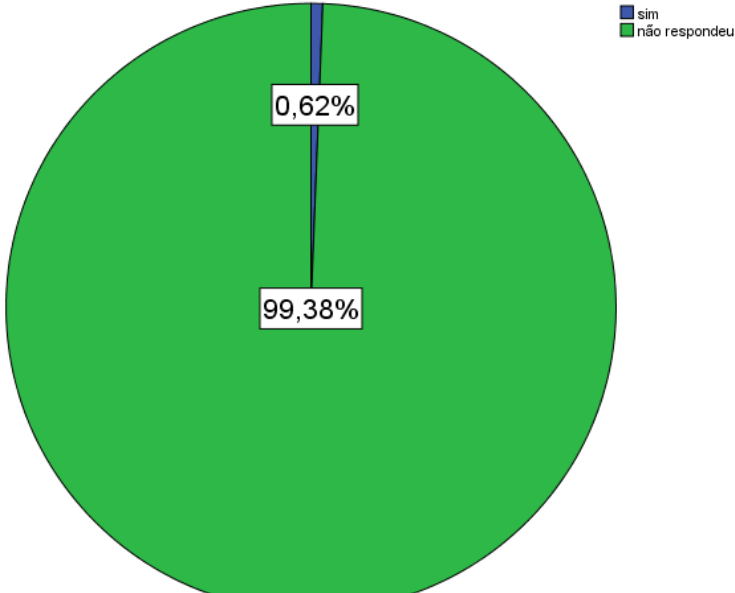
AssuntosEmpregoFormaçãoProfissional



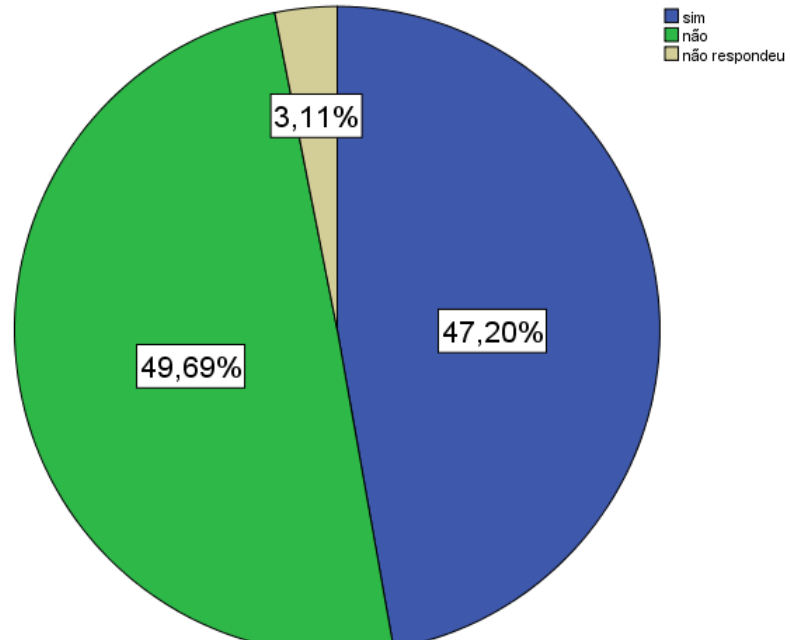
AssuntosLimpezaHigieneDoLar



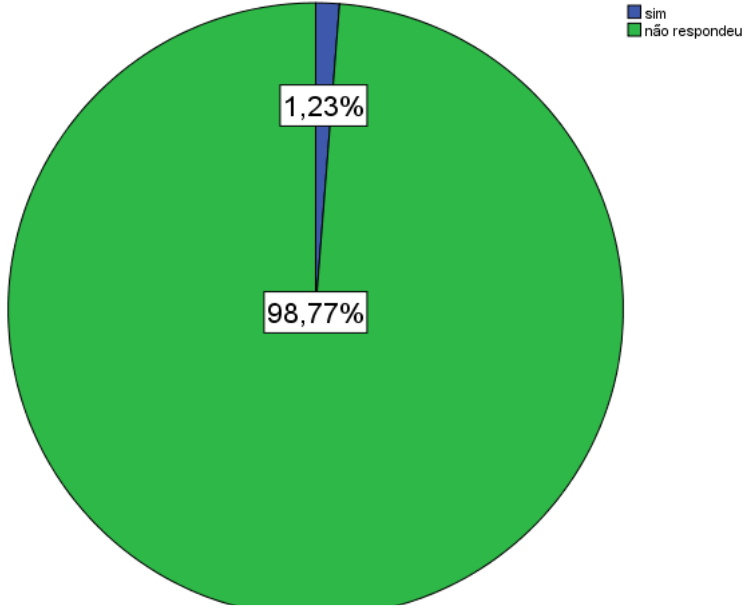
AssuntosImportânciaEscolaEnvolvimentoDosEE



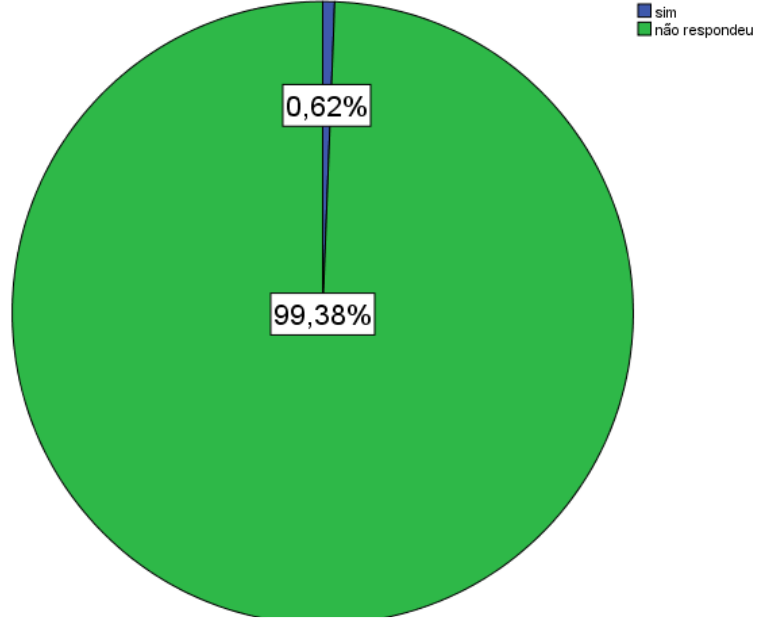
AssuntosEconomiaDoméstica



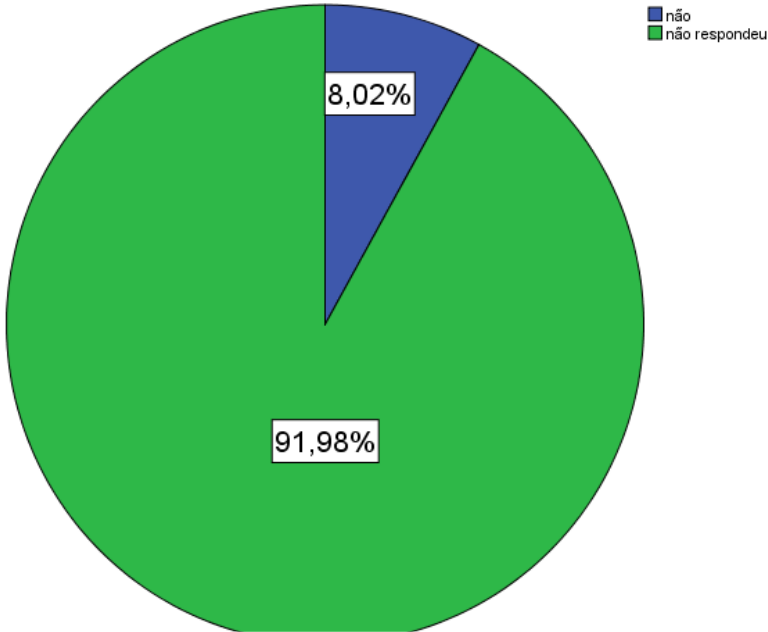
AssuntosMalificioDasDrogas



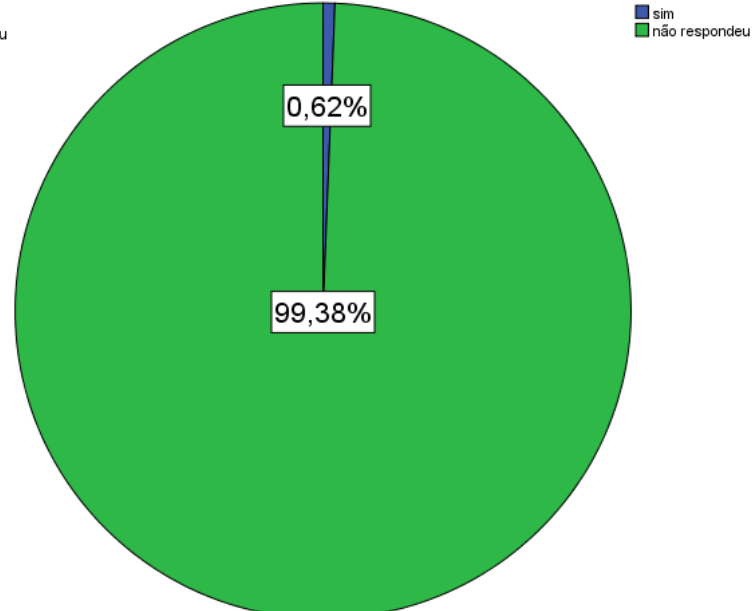
AssuntosCumprimentodeHorários



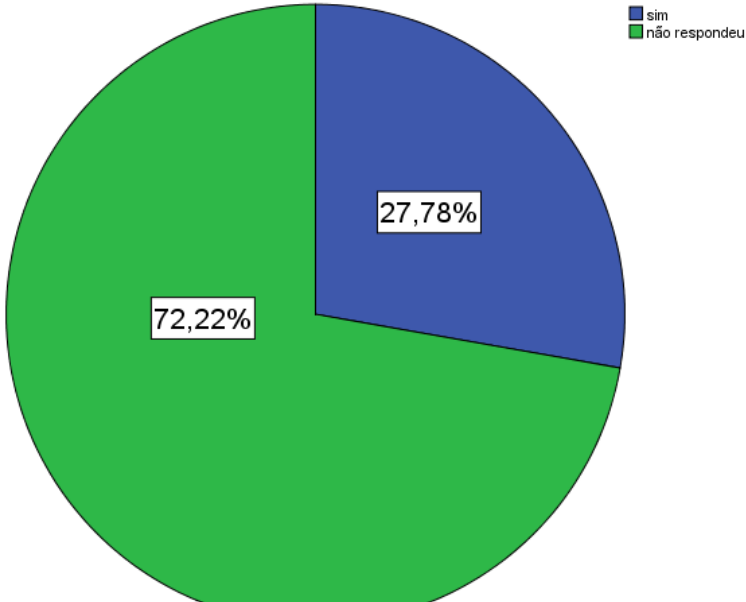
AssuntosViolênciaDoméstica



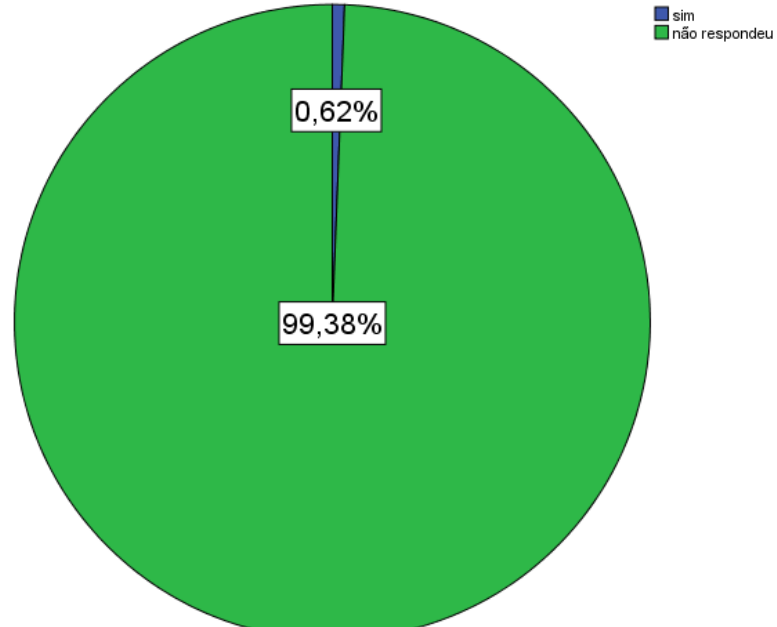
AssuntosSexualidade



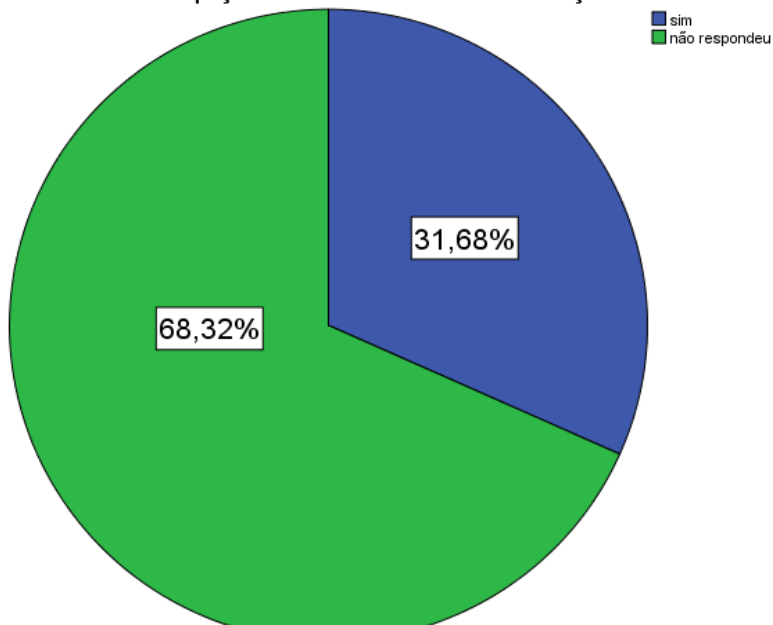
LimpezaEHigieneDoBairro



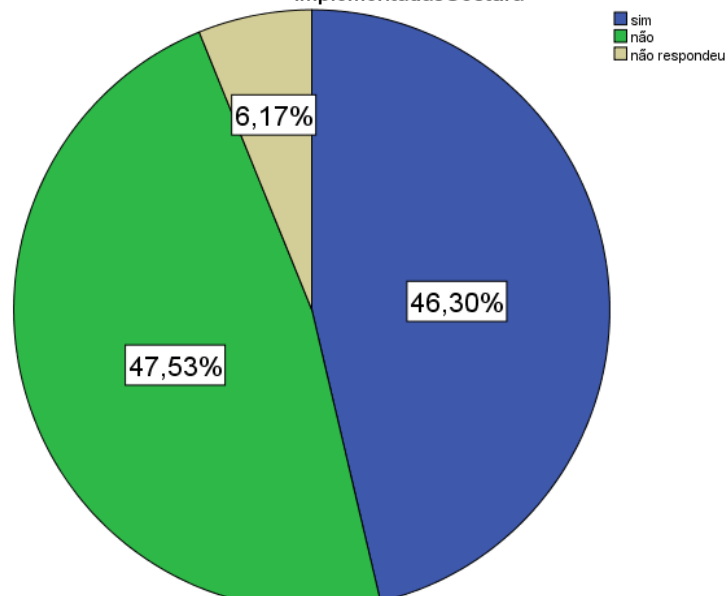
AssuntosPreconceito



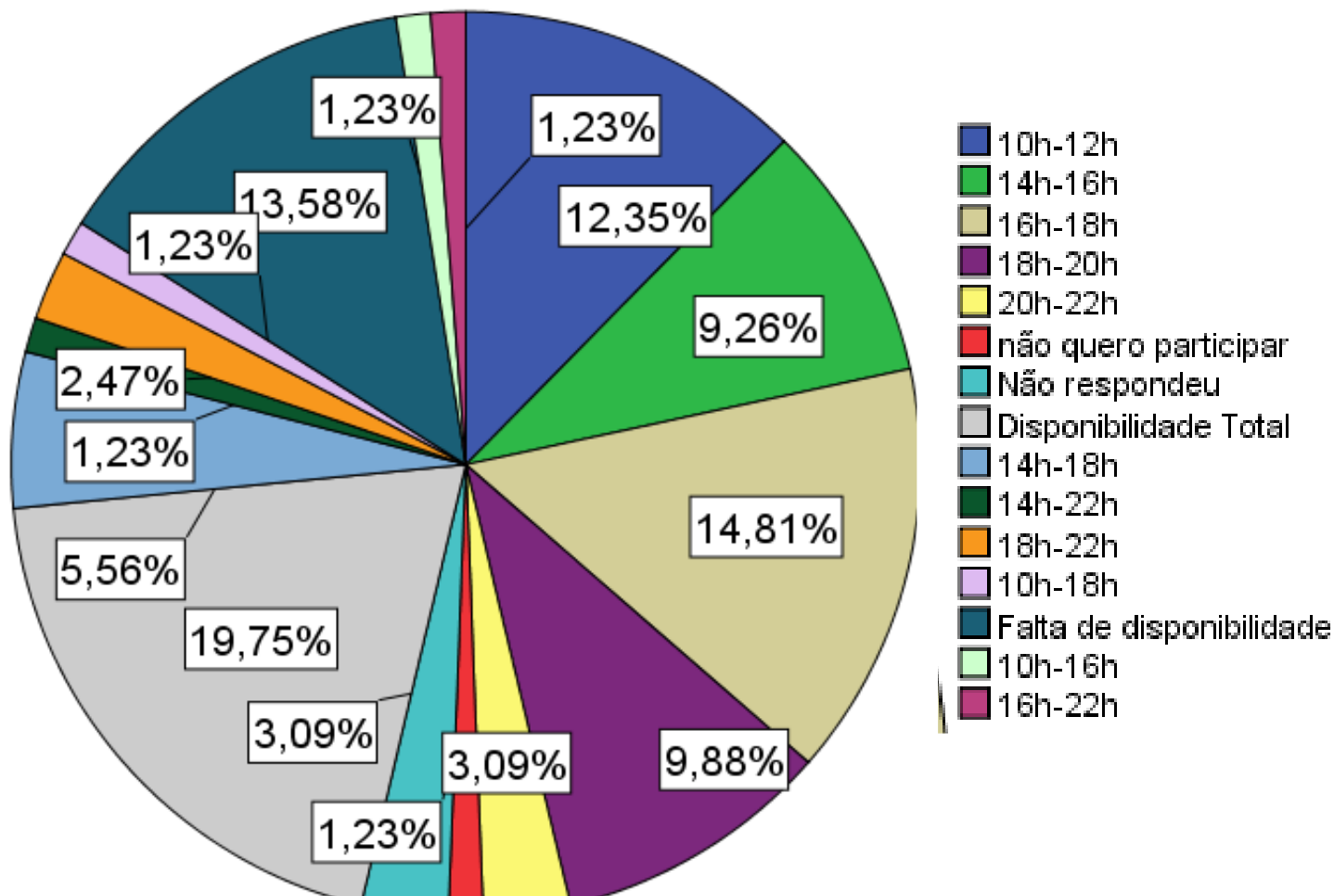
EspaçosVerdesEAtividadesParaCriançasEIdosos



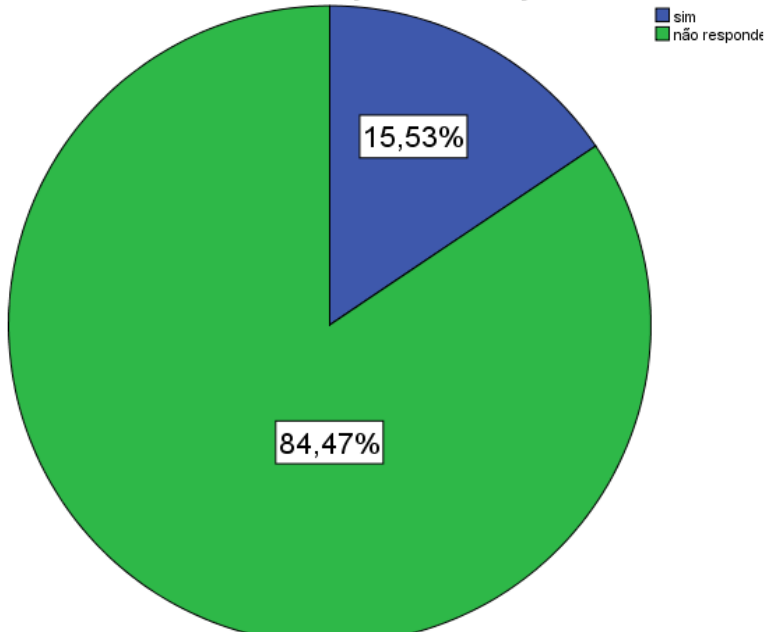
ImplementadasCostura



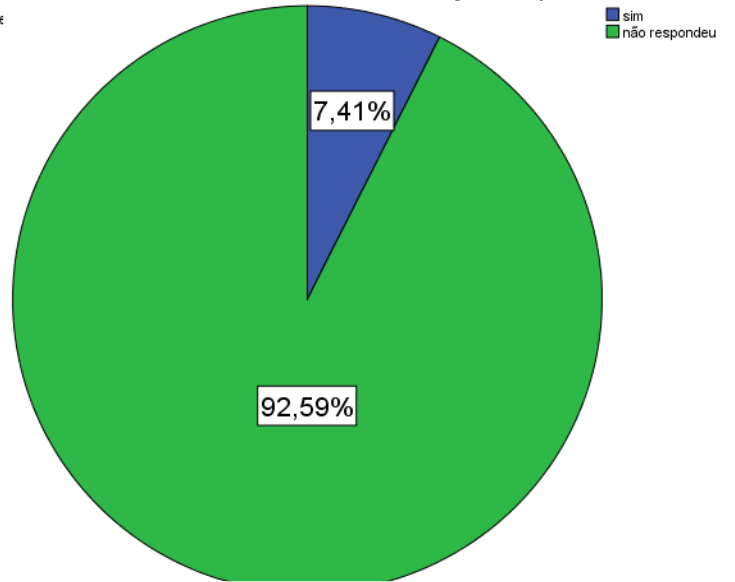
HorárioAtividades



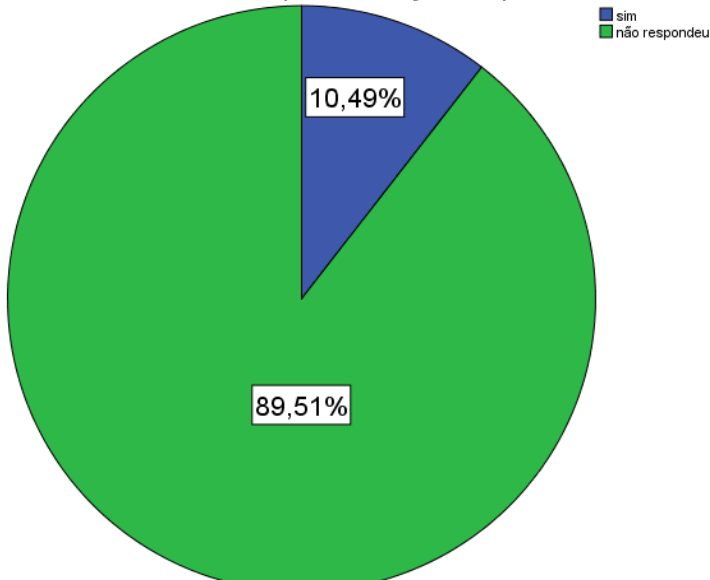
Colaboração Entre Instituição e PSP



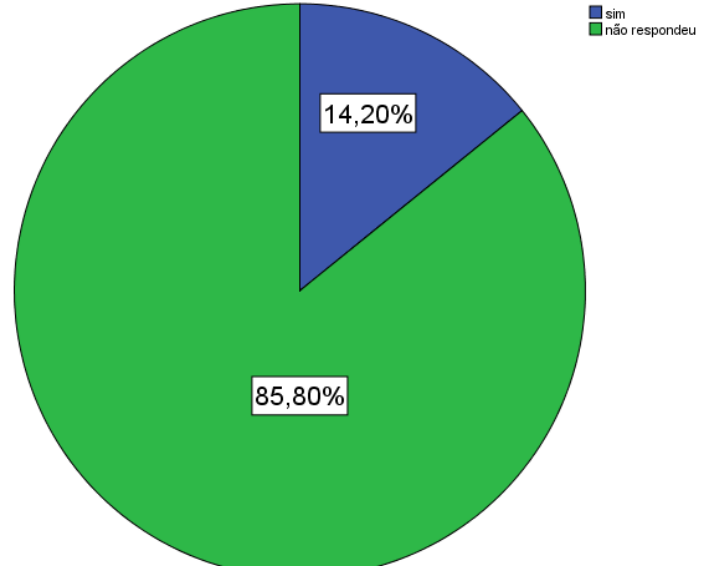
Criar Parcerias Com Associações Desportivas



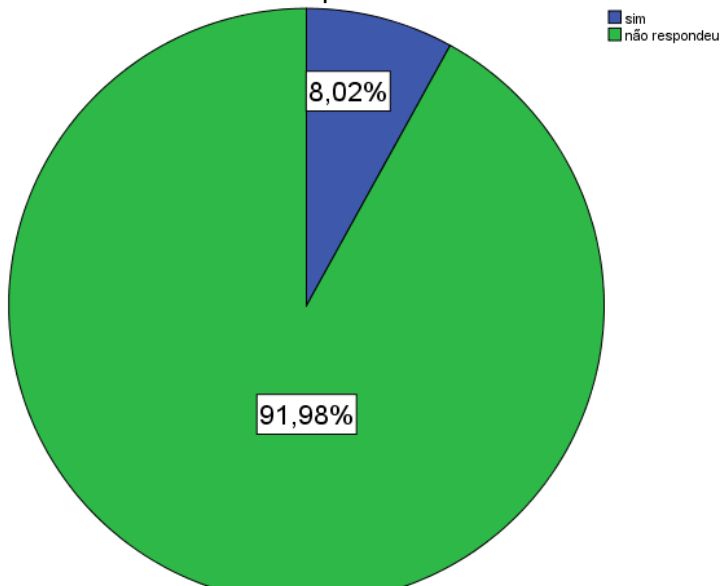
Apoio Alimentação e Roupas



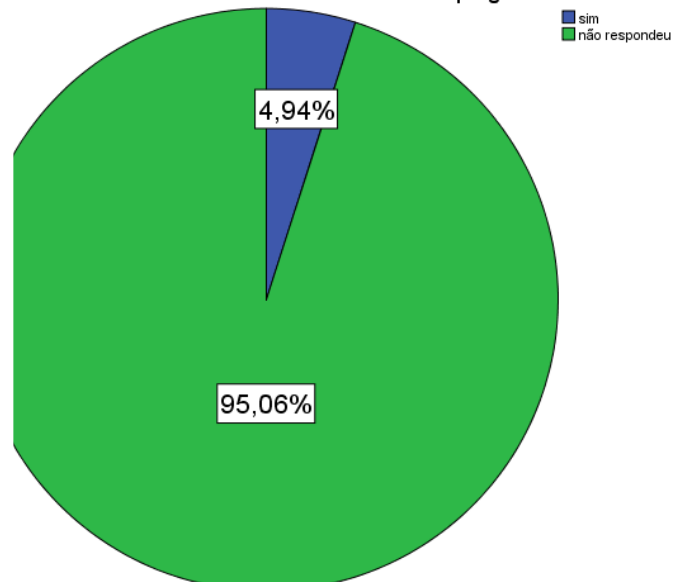
Criar Relação De Proximidade Entre Moradores E Associação



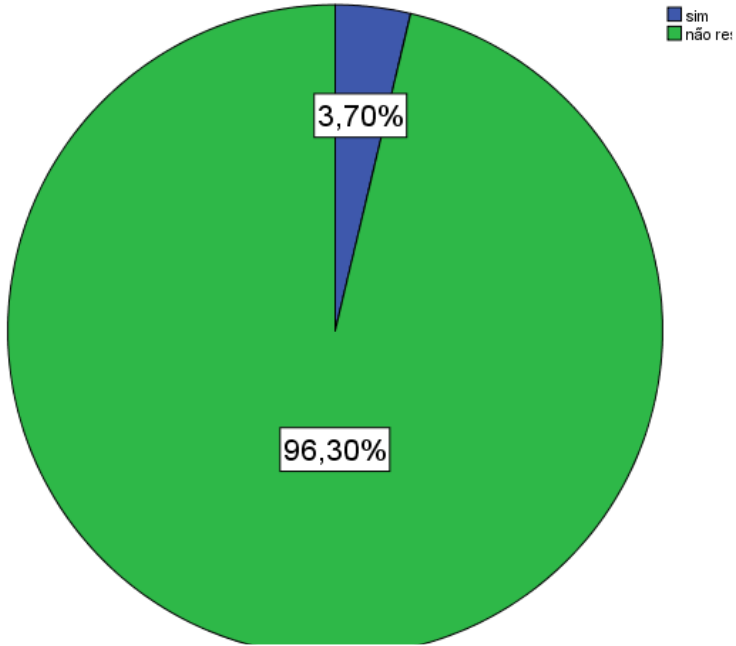
Acompanhamento De Idosos



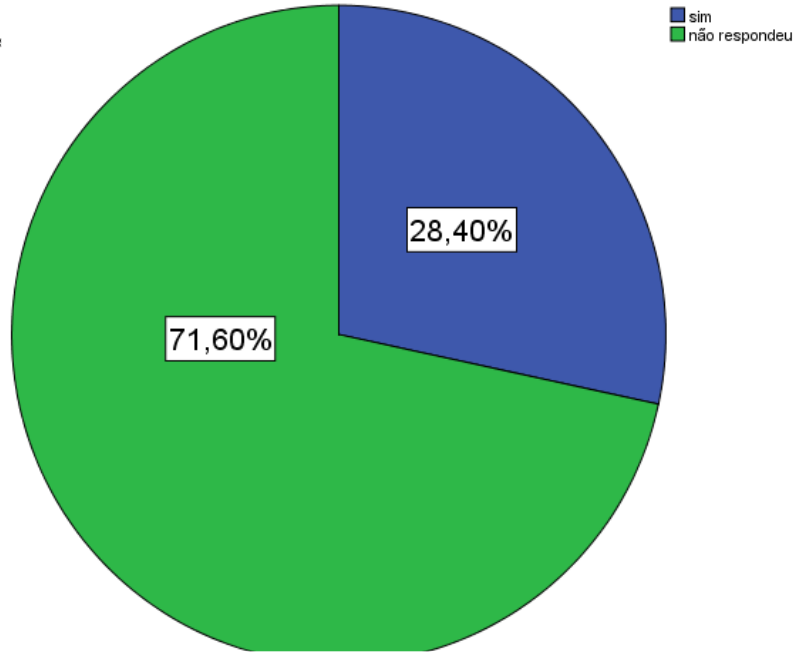
Incentivar A Procura De Emprego



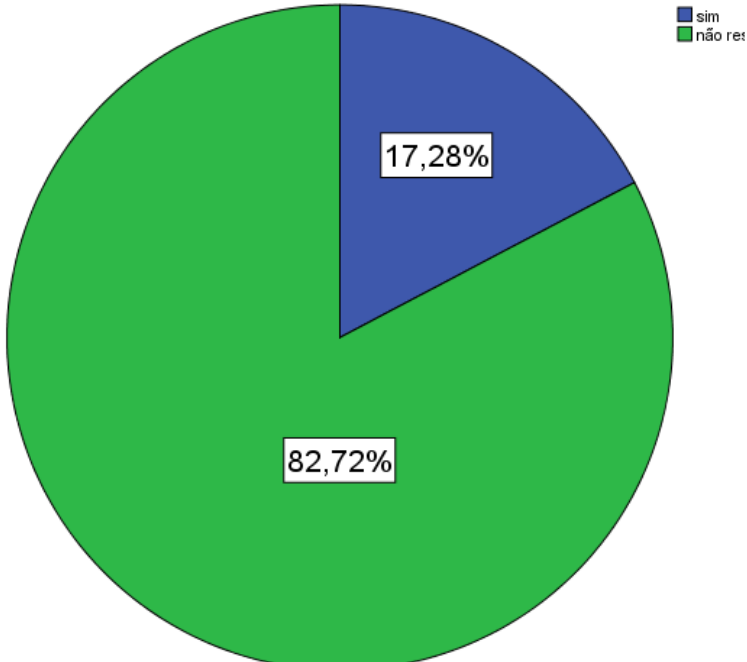
CriarParceriaComAssociaçãoDeDefesaDosAnimais



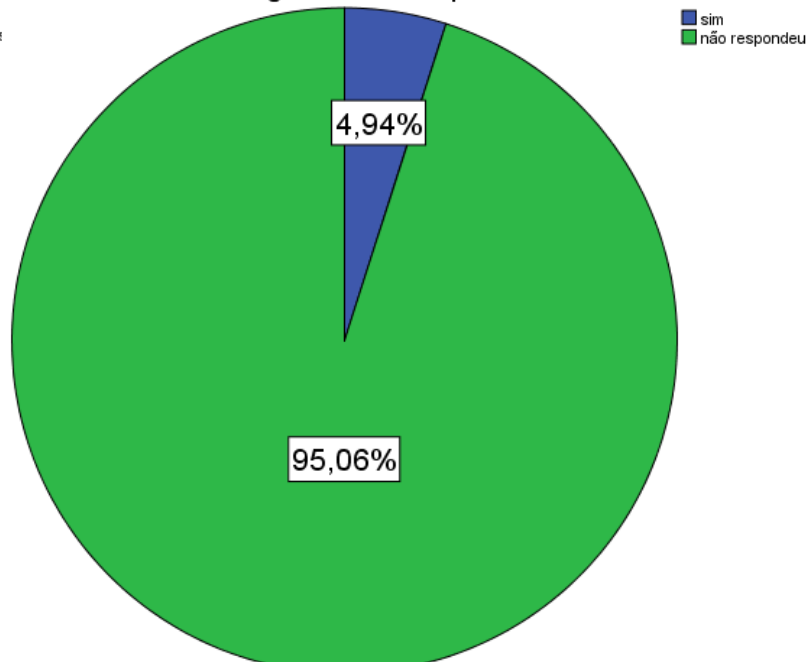
ConscientizarAsPessoasParaAsProblemáticasDoBairro



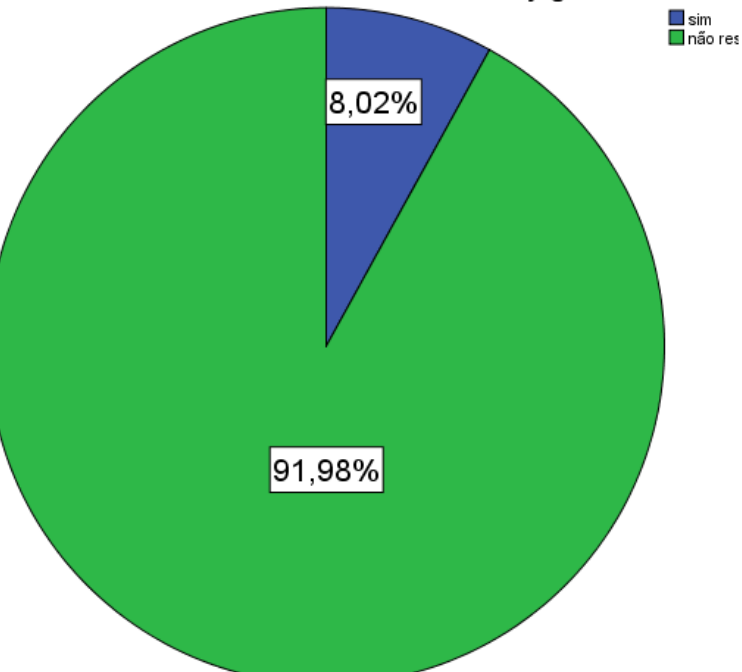
FiscalizaçãoPorParteDaCMO



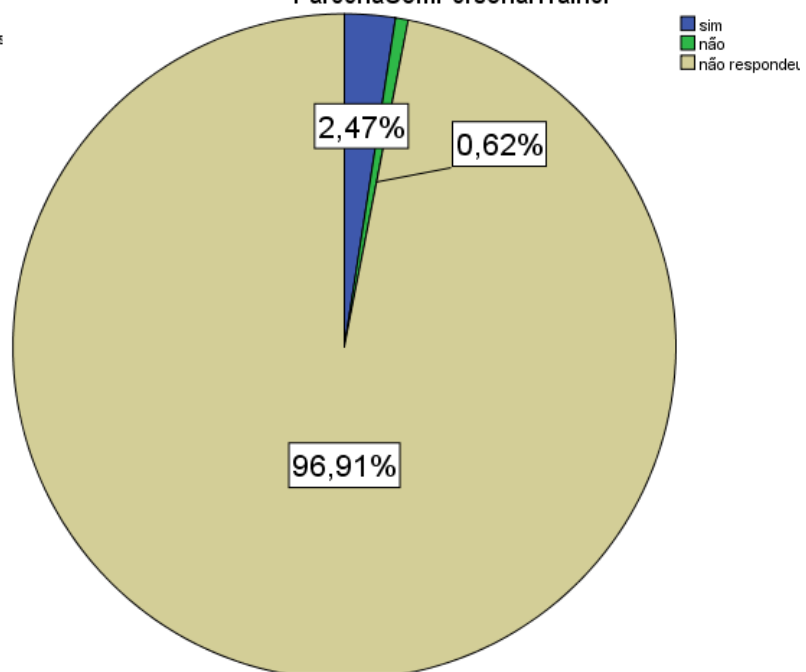
PagamentoDasDespesasHabitacionais



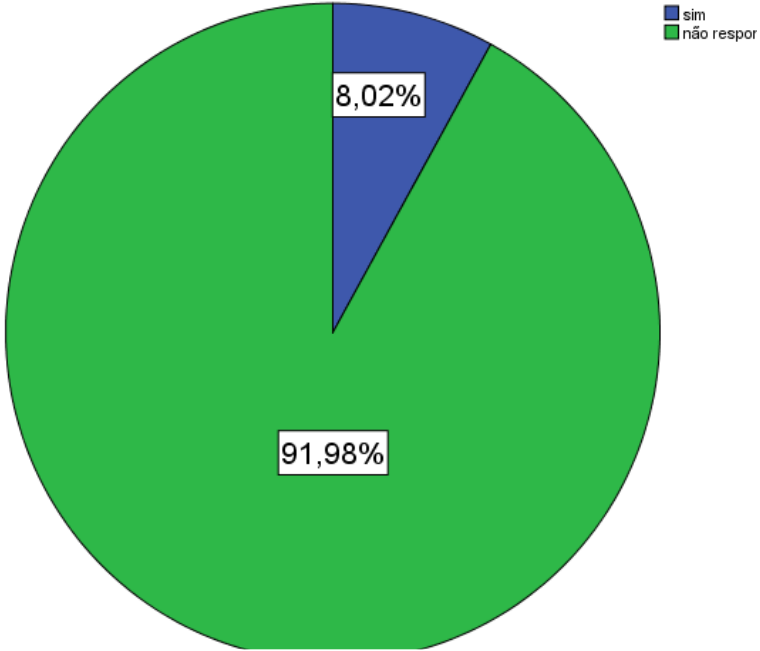
CriarTorneiosDeVideojogos



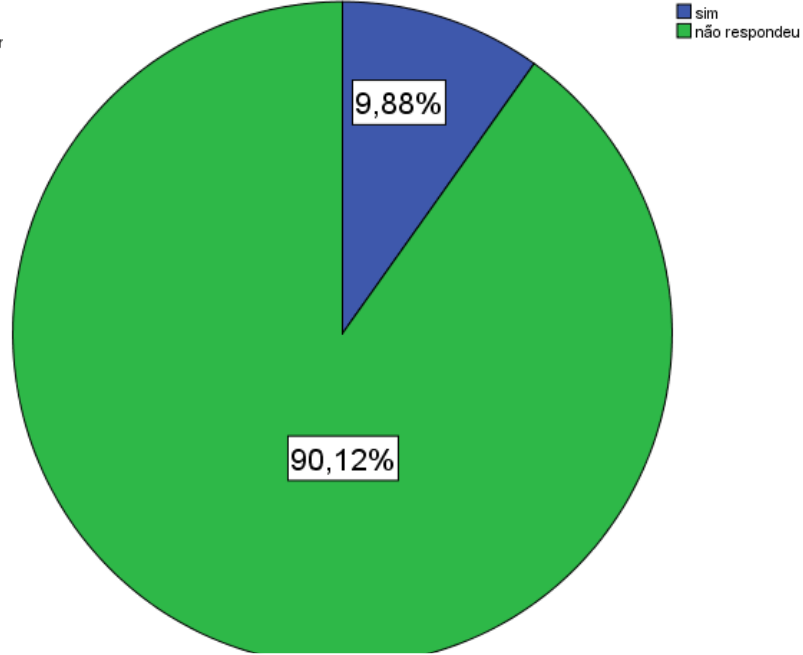
ParceriaComPersonalTrainer



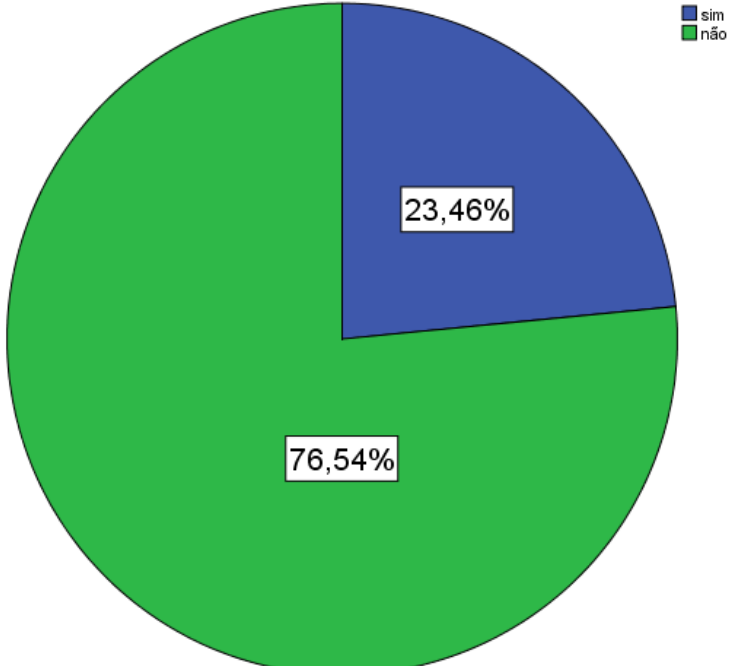
Criar Clube De Informática



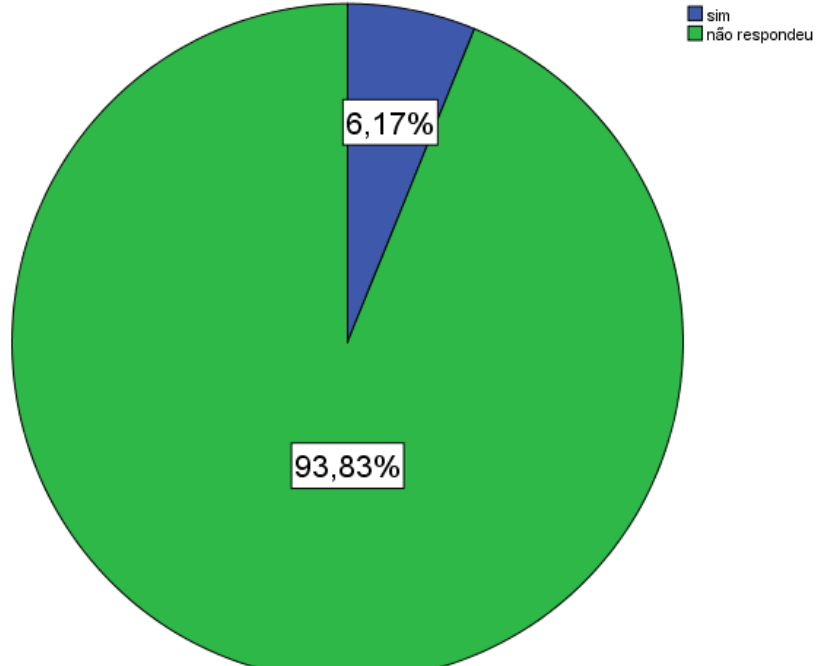
Criar Um Torneio De Futebol



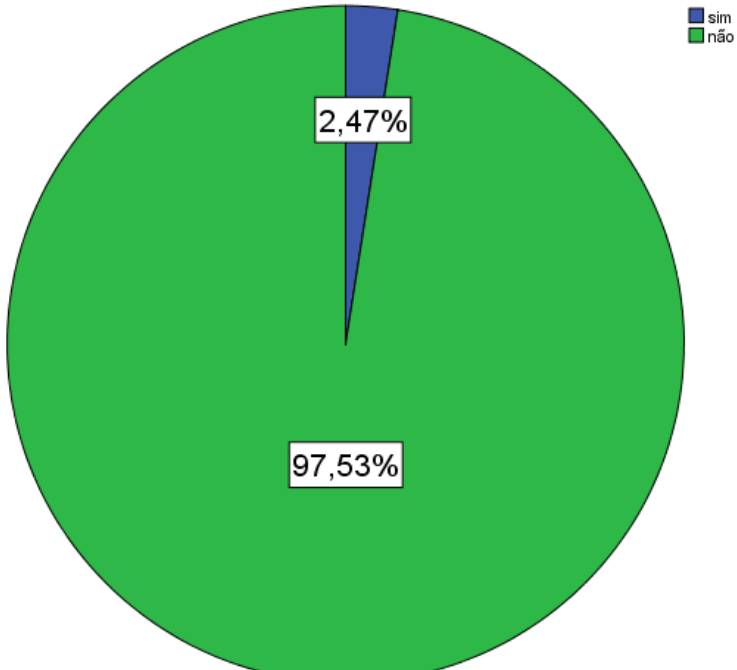
Conscientizar Para As Relações De Sociabilidade



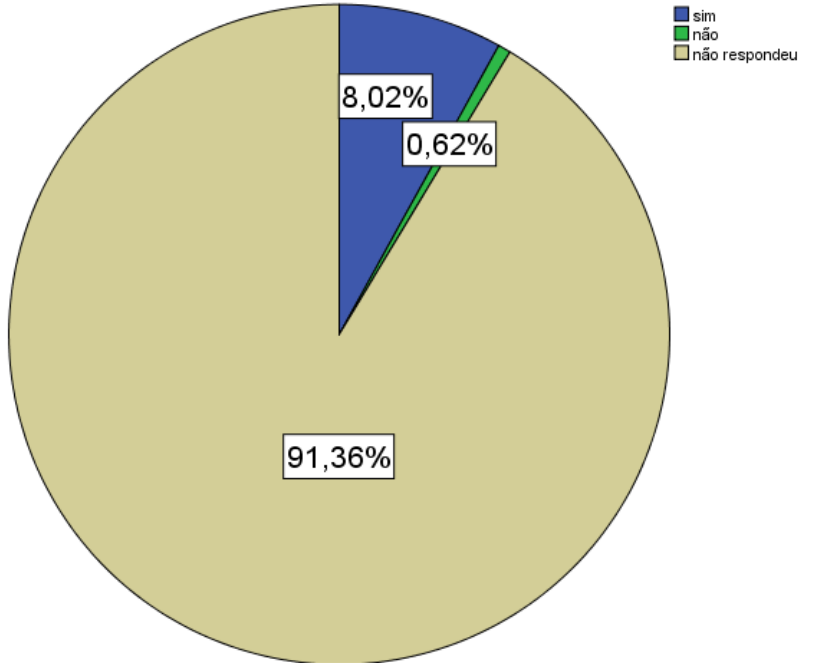
Gestão De Conflitos Entre Vizinhos



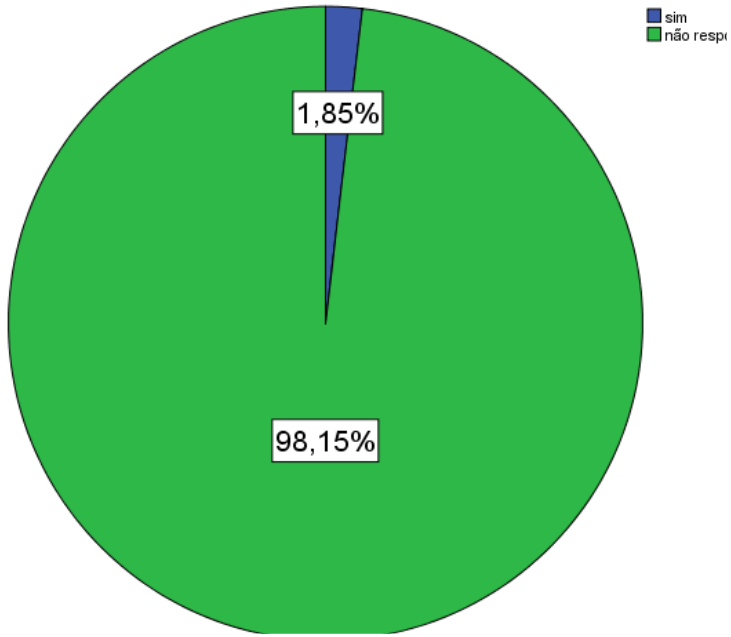
Parceria Com Nutricionista



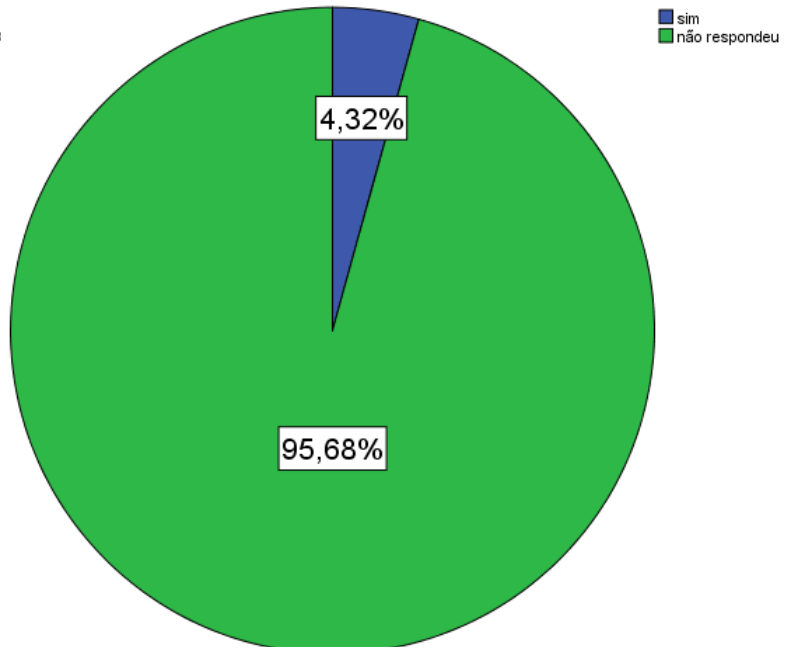
Apoio Social



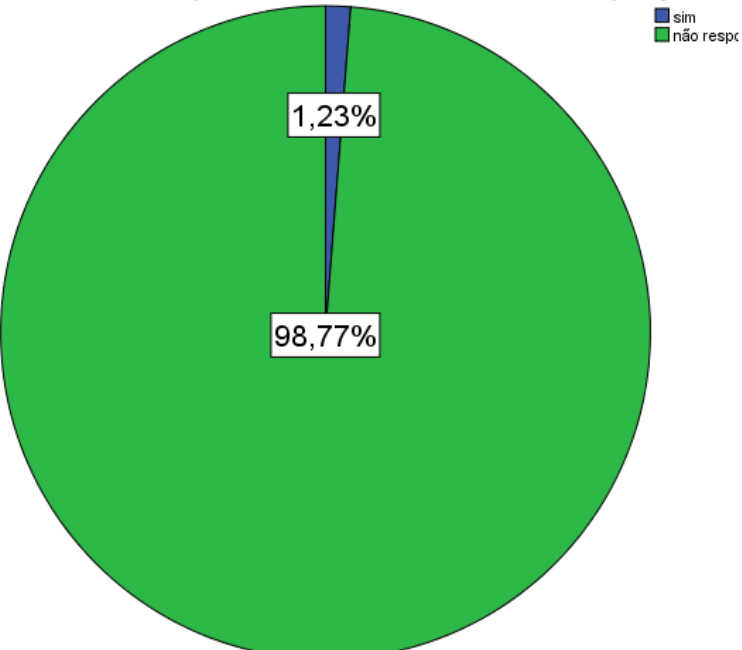
Mensalidades Consoante Os Rendimentos Familiares



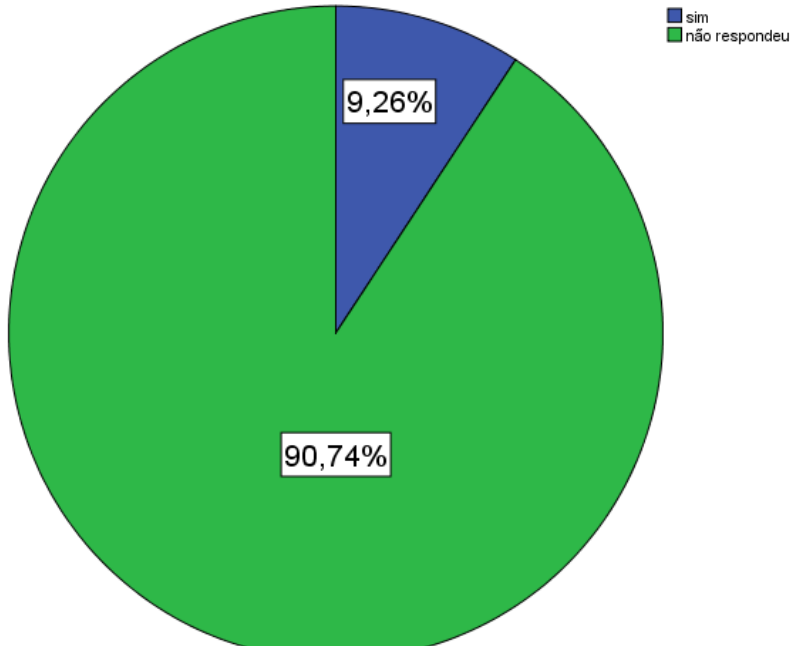
Envolvimento Dos Pais Nas Atividades Desenvolvidas



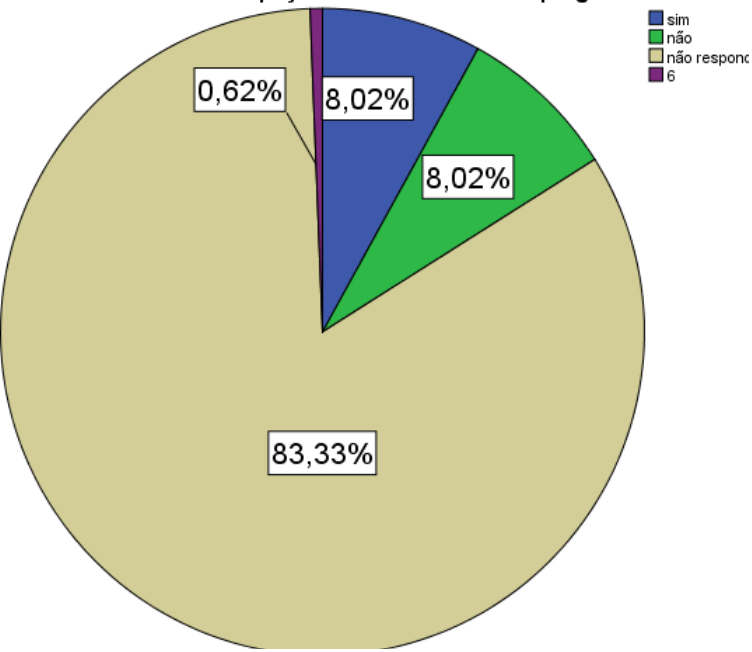
Inquéritos Para Conhecer A Realidade Da População



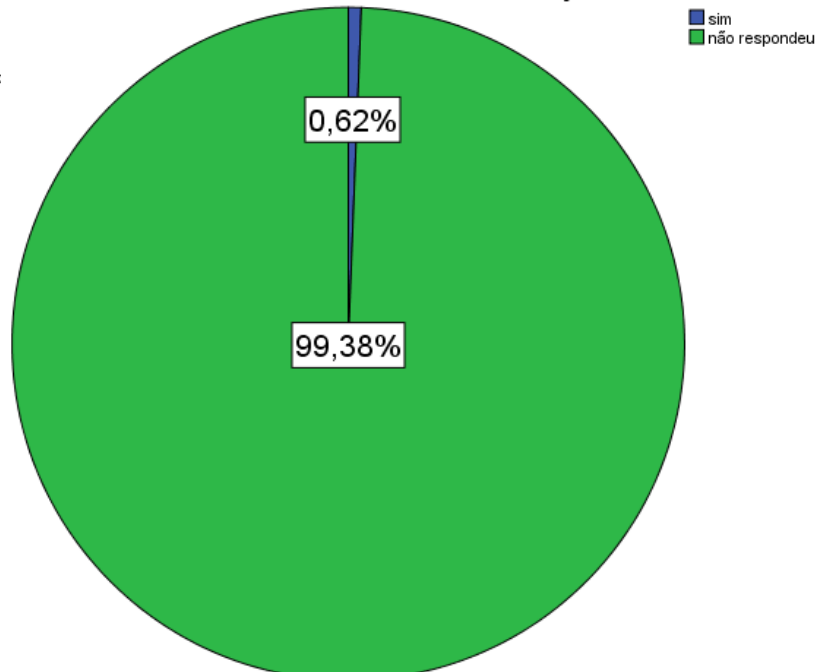
Dinamizar O Bairro



Ocupação Para Pessoas Desempregadas

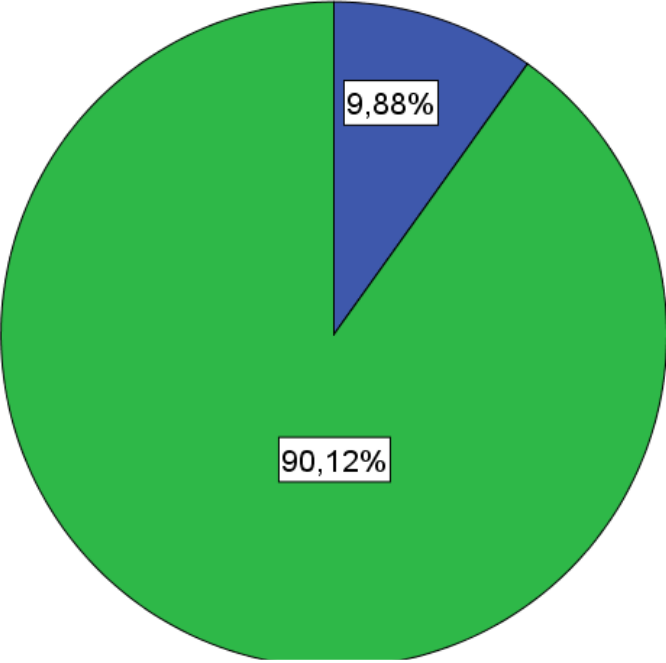


O Bairro Não Precisa De Ajuda



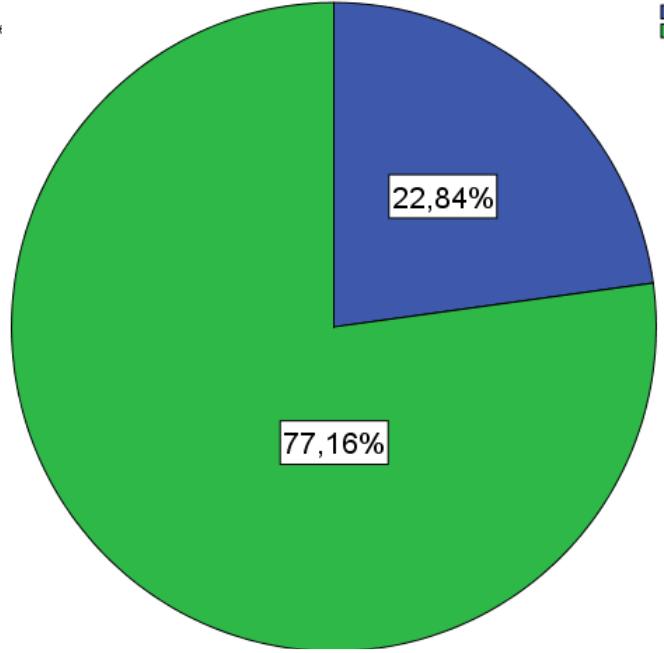
AjudaNaMelhoriaDoBarulho

sim
não respondeu



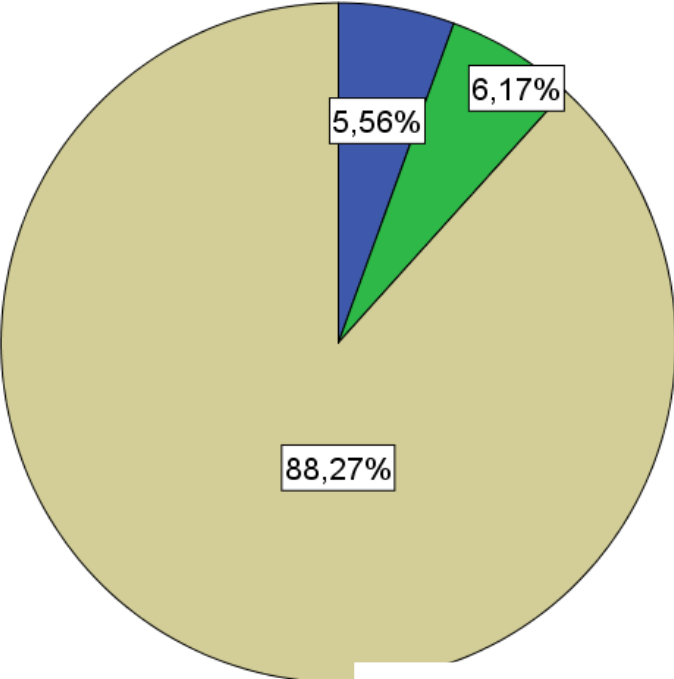
GestãoDeCondominio

sim
não respondeu



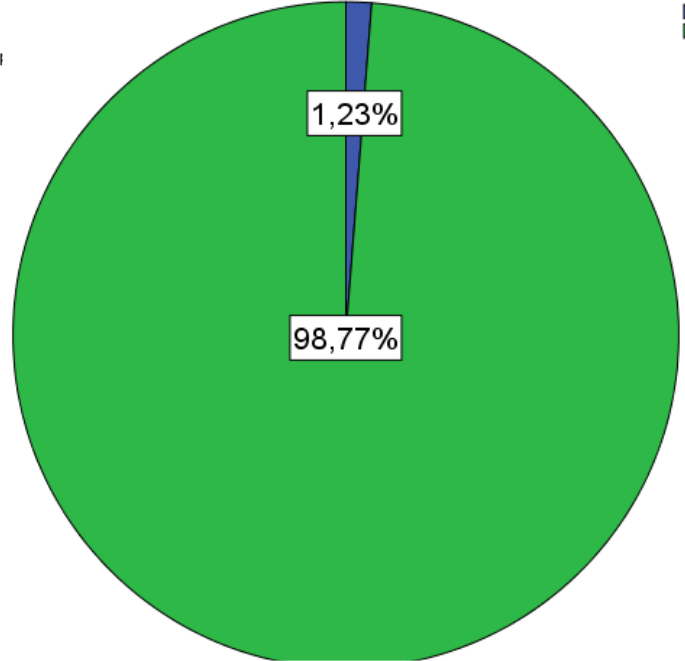
NãoSei

sim
não
não res;



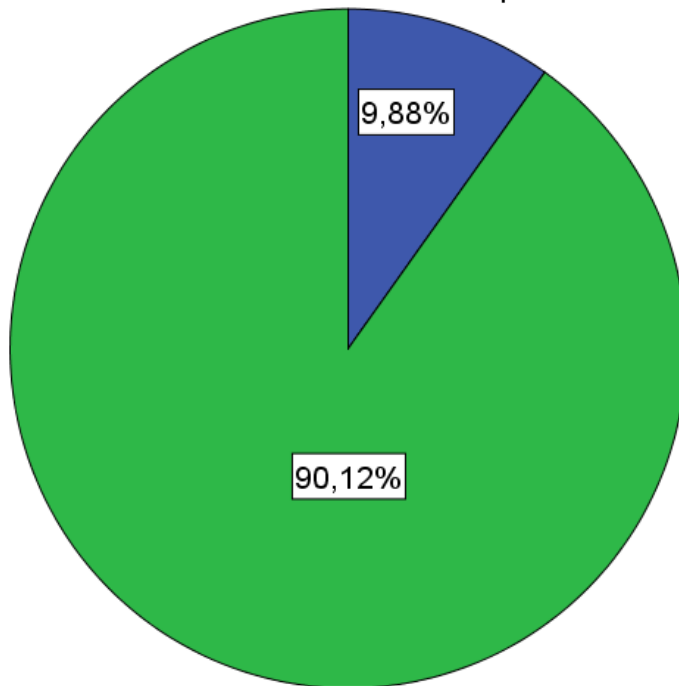
JáAjudam

sim
não respondeu



NãoSeiNãoRespondeu

sim
não



Proposta de guião para as entrevistas semiestruturadas, em Focus Group, aos participantes da oficina “Encontros com histórias”

1. Introdução

- a) Explicar o motivo da realização do *Focus Group*;
- b) Pedir para que as respostas sejam sinceras e explicar que ninguém está a ser avaliado;
- c) Reforçar as questões de confidencialidade;
- d) Autorização para a utilização do gravador;

2. Questões introdutórias - Participação nas atividades desenvolvidas

- a) Gostaram de participar na oficina “Encontros com histórias”?
- b) Quais as motivações para a participação nesta oficina?
- c) Sentem-se parte integrante de um grupo?
- d) Identificam-se com os valores e ideais da Verdades Escondidas Associação?
- d) As atividades corresponderam às vossas expectativas? Porquê?

3. Questões chave - Contribuições e aprendizagens adquiridas

- a) Retiraram aprendizagens das atividades efetuadas? Quais?
- b) Se sim, consideram que as atividades desenvolvidas podem contribuir para o vosso dia-a-dia e melhorar as vossas competências?
- c) Se não, que aprendizagens gostariam de ter adquirido?
- d) De acordo com os vossos gostos pessoais qual a atividade menos interessante?
- e) Qual a atividade que sentiram mais dificuldades em termos práticos?
- f) Quais as atividades mais interessantes? Porquê?
- g) A nível pessoal, o que poderiam ter feito para melhorar as atividades?
- h) Sentem que esta oficina “Encontros com histórias” contribuiu para a melhoria das relações entre alguns vizinhos do bairro?

4. Questões finais

- a) Que temáticas/áreas gostariam de abordar nas próximas atividades?
- b) Qual o horário e dias mais propícios à realização de novas atividades?
- c) Qual seria a atividade ideal?
- d) Qual seria a Associação ideal

Entrevistadora (após ter pedido permissão para gravar toda a entrevista): Eu precisava de avaliar as atividades porque no início eu disse que andava no mestrado e esta atividade fez parte das atividades que eu precisava de fazer para o mestrado e agora preciso de uma forma de avaliação. Vocês é que têm que me dizer o que é que gostaram, o que é que não gostaram. É isso que se pretende aqui. Queria só pedir para serem sinceras, ninguém está a ser avaliado, é só uma conversa. O objetivo é melhorarmos as próximas vezes que formos fazer.

Dona L.: A gente é toda ouvido.

Entrevistadora: Podemos começar aqui com a **Dona B.**, gostou das atividades que fizemos?

Dona B.: Sim, todas. Pena foi não ter conseguido contribuir com todas, derivado às minhas pernas, derivado à minha situação não contribui com todas as atividades que fizeram aqui. Os passeios que foram dar e essas coisas todas. Tive pena mas não podia, não fui. Gostei imenso. Gostei imenso, imenso, imenso.

Dona L.: Gostámos sim senhora. Adorei!

Entrevistadora: O que é que vos fez virem pela primeira vez às atividades?

Dona C.: O convívio. O sair dali do buraco.

Dona L.: Exato!

Dona C.: Para termos mais convívio, não estarmos tão isoladas, eu pela minha parte é assim.

Dona D.: Eu também.

Dona L.: Para não estarmos sempre ali fechadas, assim uma pessoa convive mais. Eu gostei de tudo!

Dona D.: Eu também gostei de tudo

Dona L.: Lá onde a gente foi e tudo (recordação da ida a Faro) Ai mãe! (risos)

Entrevistadora: Dona E. qual é a sua opinião? O que a fez sair de casa para vir às quintas-feiras?

Dona E.: Em casa faço tudo! (pessoa com dificuldades auditivas)

Dona C.: Não! Se gostou de vir aqui à quinta-feira.

Dona E.: À quinta feira? As outras coisas que a gente fez?

Entrevistadora: Estou a perguntar qual a motivação que a levou a vir cá às quintas feiras? A participar nas nossas atividades? (tom de voz alto)

Dona E.: Sim, gosto. Pronto, de vir aqui, de me sentar a fazer as coisas.

Entrevistadora: Sentem-se parte integrante de um grupo? Acham que são um grupo, vêm-se com um grupo?

Dona L.: Não não, como um grupo! A gente vê as pessoas como um grupo. E como amigas!

Dona M.: E como amigas!

Dona E.: E como amigas!

Entrevistadora: Acham que daqui para a frente enquanto grupo conseguem fazer novas atividades e conseguem estar unidas?

Dona D.: Conseguimos!

Dona L.: Conseguimos! Então não conseguimos porquê? Para mim tanto faz!

Dona B.: Eu vou-me esforçar, eu vou- me esforçar porque eu !

Dona C.: Eu acho é que somos poucas.

Dona L.: Exatamente!

Dona D.: As pessoas não são unidas!

Dona L.: Somos poucas porque as pessoas não são unidas, as pessoas não querem! As pessoas só querem é passar a roupa a ferro e lavar!

Entrevistadora: O que é que ia dizer **Dona B.**? Pode dizer à vontade.

Dona B.: Eu, quer dizer já não foi com a Aurora nem com a Alexandra, foi com as outras senhoras que tiveram aqui! Aquelas caminhadas e aquelas coisas que nós fazíamos. Adorei, adorei, adorei! ADOREI (Solettrado)!

Dona L.: Também eu!

Dona B.: Foi pena ter que desistir disso porque não! Derivado à minha situação das minhas pernas.

Dona D.: Terça-feira vou! Vamos todas à caminhada!

(Pausa para falar da ida à caminhada)

Entrevistadora: Deixem só ouvir a **Dona B.**

Dona B.: Sempre gostei das pessoas que trabalhavam aqui, não desfazendo do pessoal. Sempre gostei do pessoal todo que trabalhou aqui e que trabalha, não desfazendo das senhoras que estão!

Dona B.: Adorei e tenho pena de não conseguir continuar derivado à minha situação. Pronto, é isso.

Dona L.: Pois, as pernas é que não deixam.

Dona M.: Gostei das meninas todas, muito amigas, muito unidas com a gente.

Dona B.: têm-me ajudado muito!

Dona L.: Também à gente!

Dona B.: E pronto, não posso dizer mais.

Entrevistadora: Vocês identificam-se com os valores da associação, com o trabalho que se faz na associação?

Dona C.: Sim!

Dona I. : Sim!

Dona D.: Acho bom!

Dona M.: Acho bem!

Dona L.: Eu gostava de aprender a ler.

Dona D.: Venha à escola!

Dona L.: Não, por isso é que eu estou a dizer.

Dona D.: Venha!

Dona M.: Eu para ler já não tenho cabeça.

Dona L.: Olhe, não tem cabeça puxa!

Dona M.: Não, já não!

Entrevistadora: Essa era uma atividade que gostava de fazer?

Dona L.: Gostava de saber ler!

Dona B.: Uma atividade que eu gostava aqui de aprender a fazer mas pronto é impossível.

Gostava de aprender a bordar, pronto.

Entrevistadora: Impossível porquê?

Dona B.: Por causa do miúdo e por! é à terça, não é?

Dona C.: Não, é à quarta.

Dona B.: É à quarta e depois é à quinta e eu nem sempre estou disponível

Dona C.: Das 10 às 11: 30

Dona B.: Eu para estar a fazer isso.. É das 10 às quê?

Dona C.: Às 11: 30

Dona B.: Agora também começam ainda para mais as férias, todos os dias ocupados. Tenho os miúdos em casa de certeza absoluta, de maneira que me é impossível estar a dizer que vou mas gostava!

Dona C.: Não, é bonito. Eu gosto!

Entrevistadora: Quais as atividades que vocês gostavam de fazer daqui para a frente?

Dona C.: Ginástica.

Dona L.: Pois, também é bom. Ginástica é bom!

Dona B.: Sim, sim!

Dona M.: A ginástica é boa!

Dona B.: Nós íamos, nós íamos. Mesmo coxa ainda andava lá.

Dona D.: À ginástica, íamos todas para a caminhada em grupo.

Dona B.: Atrás do hospital velho?

Dona D.: A minha mãe não porque a minha mãe não aguenta.

Dona L.: Ela não aguenta que ela não quer! Ela não tem nada nas pernas! (levantou o tom de voz)

Dona D.: À caminhada ela não vai!

Dona M.: Se não for para muito longe, vou!

Dona L.: Ela lá aguenta!

Entrevistadora: Dona I. que atividades é que gostava de fazer daqui para a frente?

Dona I.: Sei lá!

Dona L.: Costura também é bom para aprender!

Dona C.: Ai, também é bom!

Entrevistadora: Uma coisa que gostasse de fazer do seu interesse pessoal (dirigido à Dona I., levantei o tom de voz)

Dona L.: Eu cá não gosto

Dona L.: Eu gosto!

Dona M.: Eu gosto!

Entrevistadora: Deixem só a Dona I. responder!

Dona I.: Eu já não tenho cabeça para isso.

Dona L.: Já não tem!

Dona B.: Já não tem? Para fazer ginástica? Já não tem cabeça para fazer ginástica?

Dona I.: Sim

Dona B.: Então, é isso que ela está a perguntar. Uma atividade! (Tom de voz alto)

Entrevistadora: Sim, qualquer atividade. Até pode ser para jogar às cartas. Pode ser uma coisa qualquer que goste. O que é que gostava de fazer?

Dona I.: Olhe, de andar por aí.

Entrevistadora: Passear?

Dona I.: Sim (risos)

Entrevistadora: E que tipo de passeios gostava de fazer? A que sítios gostava de ir, por exemplos?

Dona I.: Sei lá, a Lisboa (risos)

Dona C.: O que foi? A gente foi. Nós fomos.

Entrevistadora: E o resto do grupo?

Dona B.: Eu já fui a Lisboa. Conheço aquilo bem.

Dona C.: Fomos ver os nossos primos não foi Alexandra? (referente ao Jardim Zoológico)

Entrevistadora: Fomos!

Dona C.: Ai tantos que nós vimos lá!(sorridente)

Dona B.: Também já fui, também já fui ao Jardim Zoológico muita vez. Perdia: me lá a passear em Lisboa. Quatro criancinhas estavam lá à minha responsabilidade e pronto. Lisboa para mim não me é estranho:

Entrevistadora: Sem ser Lisboa, a que sítios gostavam de ir?

Dona I.: Gostava de ir passear a Lisboa, também para Espanha, para Madrid, não vamos?

Entrevistadora: Para Espanha?

Dona B.: (Risos)

Dona L.: Ela quer é “MadriDona”

Entrevistadora: Quem é que gostava de ir a Espanha?

Dona I.: Ai, eu gostava.

Dona D.: Eu não. Eu gosto da minha terra.

Dona L.: Ai não, eu também não gosto.

Dona I.: São terras que eu não vou. A gente não conhece, entre todas, não é? Era giro.

Dona M.: Terras que a gente não vai. Em Sevilha tenho a minha filha, está os primos, está os tios.

Dona L.: Em “Portigana” está os tios , está os primos, está as tias. Também tenho. Em Portigana também tenho família

Dona M.: Os meus filhos, os meus netos todos.

Dona L.: Também tenho. Tenho lá tudo em Portigana.

Dona M.: Tenho a minha filha mais velha.

Dona I.: Tenho lá as minhas irmãs

Dona L.: Também tenho lá muita gente mas não, assim tão longe não.

Dona M.: A Portimão, a Lagos!

Dona L.: Pois, assim está bem.

Dona M.: Portimão, Lagos!

Entrevistadora: Coisas mais! Só para a gente conhecer?

Dona L.: Sim sim!

Dona M.: Eu gosto muito de ir a Lagos.

Entrevistadora: Só para conhecer ou para fazer uma coisa específica? Alguma atividade ou algo assim?

Dona D.: Se for para fazer alguma atividade eu ia.

Dona M.: A gente ia.

Dona D.: Assim mais perto ainda posso ir agora para muito longe não posso.

Dona L.: Assim a Portimão ou Lagos já podemos ir.

Dona D.: Assim sim!

Dona L.: Pois!

Entrevistadora: Nós agora estamos aqui às quintas-feiras, de manhã, vocês acham que haveria outra hipótese ou outro dia que vos desse mais jeito ou outro horário?

Dona D.: Este horário para mim está bom. Agora para as outras pessoas não sei.

Dona C.: Talvez se fosse de tarde viessem mais pessoas. Não será?

Entrevistadora: À tarde?

Dona C.: Digo eu, não sei.

Entrevistadora: Às quintas-feiras à mesma ou haveria outro dia que!

Dona D.: Eu para mim dava-me mais jeito assim a essa hora.

Dona L.: A esta hora.

Entrevistadora: Dona B. de manhã ou de tarde?

Dona B.: De manhã.

Entrevistadora: E você?

Dona M.: De manhã. Não tenho bebês pequeninos que me empatem.

Entrevistadora: E a Dona E., de manhã ou de tarde?

Dona L.: Ficam com a mãe (direcionado para a Dona M.)

Dona M.: Pois!

Dona L.: Então não pode ir a lado nenhum por causa dos netos? Espera aí!

Dona L.: É que a mocinha tem o moço pequeno e depois tem que ir buscar a mocinha, tem que ir levá-la.

Dona B.: As férias começam agora?

Dona L.: Quarta-feira, parece que é.

Dona B.: As férias começam depois eu vou ter que (!) porque os pais trabalham, a mãe trabalha e para onde é que elas vão pôr? Na avóóóóóóóóóó! (prolonga a palavra em tom de brincadeira)

Dona L.: A avô é que é! Ai mãe (tom de desabafo)

Dona D.: A gente gosta é coisas de divertimentos!

Dona M.: Ela tem duas, já mulheres (refere-se aos filhos da Dona D.) mas tem mais quatro ou cinco.

Dona D.: Não é mal criar os moços mó!

Dona L.: Queres ir passear ficam com a mãe! Espera aí!

(telefone a tocar)

Dona L.: São as saudades que o meu marido tem minhas (olhando para o telefone).

Entrevistadora: Quer atender Dona D.?

Dona D.: Não, isto é mensagens dos bónus acumulados.

Entrevistadora: E agora, as atividades corresponderam às vossas expectativas? Eram o que estavam à espera?

Dona L.: Sim!

Entrevistadora: Ou o que é que podíamos ter feito melhor? Mesmo da nossa parte, há sempre coisas a melhorar. Alguma atividade que vocês não gostaram? A que gostaram mais?

Dona D.: Eu gostei de tudo!

Dona L.: Cá eu também gostei de tudo!

Dona B.: Sabe qual é que eu gostei mais? Foi dos folares, foi de estarmos ali a fazer os folares.
(Todos riram)

Entrevistadora: E conseguiu depois pôr em prática? Conseguiram pôr em prática essa atividade?

Dona B.: Sim!

Dona D.: Eu não tive. Eu no dia do folar não tive.

Dona C.: Mas aprende-se, em qualquer altura pode-se por em prática.

Dona L.: Pois!

Dona D.: A minha irmã Maria é que teve, eu não tive. Tinha saído não sei onde!

Dona L.: Eu tive, nos folares eu tive.

Dona B.: E as bolinhas, aquelas! Como é que se chamam?

Dona C.: Os pãezinhos com chouriço!

Entrevistadora: As broas?

Dona B.: Não não, não é as broas é aqueles coisinhos de chocolate.

Entrevistadora: Os bombons?

Dona D.: Os bombons é que eu tive.

Dona B.: Aqueles que os miúdos andaram para aí a vender.

Dona C.: Ai, os brigadeiros!

Dona B.: Também fizemos, não fizemos?

Dona C.: Não.

Entrevistadora: Não, fizemos bombons.

Dona B.: Estava a fazer confusão.

Dona D.: Os bombons eu gostei.

Entrevistadora: Por exemplo, os coentros e a salsa?

Dona D.: Deixe estar que a minha mãe deu-me cabo daquilo!

Dona E.: (risos) Os meus coentros estão pequeninos!

Dona B.: Espigaram-me todos!

Dona B.: Não levou o vaso? (dirigido à Dona L.)

Dona L.: Não levei, ficou aí.

Dona B.: Então porquê?

Dona L.: Sei lá, não sei. Ficou aí!

Dona C.: Porque ela não veio!

Entrevistadora: Não veio depois à outra atividade que fizemos a plantação, não foi?

Dona C.: Pois!

Dona L.: Pois!

Dona D.: Nesse vasinho tive que por hortelã! Aqui a bondade da minha mãe! também garreei tanto com ela!

Dona M.: Pus aquilo dentro do vaso das flores com tudo. (risos)

Dona C.: São umas boas jardineiras!

Entrevistadora: Acham que conseguimos retirar aprendizagens daquilo que aprendemos aqui?

Dona L.: Sim!

Entrevistadora: Queria que todas dissessem qual foi a melhor aprendizagem que retiraram desta atividades até agora? Dona C. pode começar!

Dona L.: Olhe, cá eu gostei de tudo!

Dona C.: É bom saber coisas que nós não sabíamos.

Dona L.: Pois, a gente fica a saber. Exatamente!

Dona C.: Apesar que há mais coisas ainda que podíamos aprender.

Dona M.: Coisas que a gente não sabe aprende.

Entrevistadora: Como por exemplo, o que acha que nós podíamos aprender mais?

Dona C.: (riu e baixou a cabeça)

Dona M.(risos): Está pensando!

Dona L.: Agora sim!

Dona C.: Agora sim!

Entrevistadora: Enquanto a Dona C. pensa! (olhei para a Dona B. e acenei em tom de incentivo)

Dona B.: Eu também estou a pensar!

Entrevistadora: Oh Dona B. é para nos dizer qual foi a aprendizagem, a melhor aprendizagem que retirou destas atividades?

Dona B.: Foi os folares, os pães com chouriço!

Entrevistadora: Dona L.?

Dona L.: Pronto!

Entrevistadora: Dona Maria Elisa! (risos, tom de brincadeira)

Dona L.: Agora é que eu não respondo!

Entrevistadora: Estou a brincar consigo! (risos)

Dona L.: Eu sei!

Entrevistadora: Agora a falar a sério, diga: nos lá!

Dona L.: É a do folar!

Entrevistadora: E a Dona D.?

Dona D.: Eu foi dos bombons que eu gosto mais de chocolates! (risos)

Dona M.: (risos)

Entrevistadora: E as telas? A Dona I. veio à atividade das telas?

Todos: Não!

Dona C.: Eu tenho a minha lá!

Dona L.: Eu também tenho a minha!

Dona B.: Ai eu tenho a minha lá também, está no quarto dos meus netos!

Dona D.: É aquela que está lá em cima da estante, aquele coisinho amarelo (explicar à Dona M.)

Dona M.: Sim!

Dona B.: Tenho lá aquilo pendurado. No primeiro dia, quando entraram: “Avó, o que é isto? ” Olha foi a avó que fez lá na associação. “Está bonita avó, tu sabes pintar!” A alicia! (risos de orgulho)

Dona D.: O meu marido já me queria fazer uma moldura daquilo! Que ele tem habilidade para fazer essas coisas! Ele vai fazer uma moldura daquilo e eu depois vou trazer que é para verem!

Dona B.: Tinha lá o boneco que a Iris tinha pendurado! Tirei o boneco e pus o quadro! Agora está o boneco em cima da cama!

Dona D.: Faz uma coisas tão lindas!

Dona M.: Ele é muito habilidoso. O meu genro é muito habilidoso!

Dona B.: Tenho que falar com ele! Se ela me deixar!

Dona M.: Olha, se ela deixar!

Dona D.: Quem o quiser levar que o leve! (tom de brincadeira)

Dona B.: Eu não quero! Era o que faltava! Eu só queria um favor dele!

Dona D.: Ah isso, não há problema!

Entrevistadora: Vocês acham que as atividades que desenvolvemos mudaram vocês enquanto pessoas?

Dona L.: Sim!

Dona L.: Acho que mudaram!

Entrevistadora: O que é que acha que melhorou Dona D.?

Dona D.: O que melhorou foi o que a gente não sabia ficámos a aprender, tanto eu como as outras colegas todas!

Dona M.: Pois!

Dona D.: Pois, é o que tenho para dizer!

Entrevistadora: Acha que isso melhora, por exemplo a auto estima? Por exemplo, nós à primeira achamos que não somos capazes!

Dona L.: Sim e depois somos!

Entrevistadora: Depois de fazermos, de enfrentarmos! acha que isso melhora o facto de aqui para a frente a gente acharmos que se calhar nós vamos conseguir fazer!

Dona L.: Melhora!

Dona L.: Exatamente!

Dona L.: Por exemplo, a primeira vez que eu vinha à escola achava que não sabia matemática. Depois é que eu vi que sabia fazer as contas todas! Porque eu achei que não sabia! Fui experimentar e afinal!

Entrevistadora: Afinal até sabia!

Dona L.: Mesmo assim ainda gostava de saber mais ler!

Entrevistadora: Foi a Dona B. que no início das telas disse logo que não!

Dona B.: Que não sabia fazer!

Entrevistadora: Que não sabia fazer, que nunca tinha pintado!

Dona B.: E no entanto comecei a pintar e gostei!

Entrevistadora: No entanto o quadro ficou bonito!

Dona B.: Está lá em exposição para alguém que queira comprar!(risos)

Todos: (risos)

Entrevistadora: Pronto, agora gostava que me dissessem a atividade que, para vocês, foi menos interessante!

Dona C.: Olha, aquelas dos filmes!

Entrevistadora: Não gostou dos filmes?

Dona C.: Não gostei!

Dona B.: Outra!

Entrevistadora: A Dona B. também não gostou?

Dona B.: Eram filmes já muito antigos. Eu também só vi um, acho eu.

Entrevistadora: Foi a “Aldeia da Roupa Branca” e !

Dona D.: Eu só vi a “Aldeia da Roupa Branca” e o outro do ladrão que ia assaltar a casa às pessoas (risos)

Entrevistadora: Quem mais não gostou dos filmes ?

Dona C.: Quer dizer, da versão antiga eu gostei muito. Agora da moderna !

Entrevistadora: Gostou da “Aldeia da Roupa Branca”

Dona C.: Gostei!

Entrevistadora: E não do Pátio das Cantigas?

Dona C.: Sim!

Entrevistadora: Do Pátio das Cantigas gostavam de ter visto o antigo?

Dona C.: sim!

Dona D.: Sim!

Dona C.: Porque o Pátio das Cantigas eu já tinha visto na televisão, na versão moderna.

Entrevistadora: Dona L., a atividade que menos gostou?

Dona L.: Também gosto de tudo!

Entrevistadora: Ah, mas há sempre uma que a gente faz mas não é aquela coisa!

Dona M.: Que a gente não gosta porque a gente não gosta!

Dona B.: Como estão todas a fazer somos obrigadas a fazer mas há sempre uma que não gosta.

Entrevistadora: Ou que não se identifica tanto ou que o gosto pessoal não vai muito para ali!
(silêncio)

Entrevistadora: E a Dona D. qual foi a que menos gostou?

Dona D.: Pois eu nem tenho explicação porque eu gostei de todas!

Entrevistadora: Não houve nenhuma assim !

Dona D.: Não! Eu gostei de todas! De tudo o que houve aqui eu gostei!

(Espirrei e deixei cair a caneta)

Dona L.: Santinho!

Dona C.: Santinha! Até a caneta se assustou!

Todos: (Risos)

Entrevistadora: Que atividades é que chegou a fazer?

Dona D.: Fizemos aquele jogo.

Entrevistadora: O bingo.

Dona C.: Sim!

Dona M.: E o do pão!

Entrevistadora: O do pão fez!

Dona M.: Sim!

Entrevistadora: Das que fez qual foi a que gostou menos?

Dona M.: Gostei de todas! Gostei de todas!

Dona D.: Pois, a gente gosta de todas!

Dona L.: Olha padeira!

Entrevistadora: E a Dona I.? Qual foi a atividade que menos gostou?

(silêncio)

Dona I.: Eu não fiz nada (ouve mal e não percebeu as questões)

Entrevistadora: Foi a Faro !

Dona C.: Não!

Entrevistadora: Já sei! Foi ao Zoomarine!

Verónica: Ao zoológico!

Dona I.: Não, não fui nada!

Dona B.: Então e também teve aqui a pintar e a fazer as sementes também !

Dona C.: Os coentros!

Entrevistadora: Pois!

Todos: Os cravos também!

Entrevistadora: Das atividades que fez qual é que menos gostou? Ou não gostou de nenhuma ?

Pode não ter gostado de nenhuma!

Dona I.: Os coentros!

Dona B.: Não gostou dos coentros?

Dona E.: Não me lembro agora!

Dona B.: Não gostou dos coentros? De plantar os coentros?

Dona I.: Gosto!

Dona B.: Então está a dizer que não gostou!

Dona D.: (risos)

Dona B.: Ela não está a perceber, ela não está a perceber!

Dona I.: Não é que não gostei! Gostei de fazer!

Dona B.: Ela gostou de tudo!

Dona I.: O que é que foi mais? Não me lembra! O que é que a gente fez mais?

Entrevistadora: E agora a atividade que mais gostaram?

Dona D.: Que a gente fez aqui?

Entrevistadora: Sim!

(silêncio)

Entrevistadora: De todas as atividades a que mais gostaram?

Dona B.: Eu já disse!

Entrevistadora: A Dona B. foi dos folares!

Dona C.: Eu também!

Dona D.: Eu dos bombons!

Dona L.: Eu gostei dos folares!

Dona I.: Ai eu gostava de aprender a fazer folares!

Dona L.: Também, também eu!

Entrevistadora: Já passou mas a gente pode fazer um!

Dona I.: Pois, mas eu gostava de aprender a fazer!

Dona D.: Não se como folares só na páscoa!

Entrevistadora: Pois não, pode: se fazer outra vez.

Dona D.: Pois não, num dia qualquer pode: se fazer folar!

Entrevistadora: Desta vez já não é ninguém a ensinar, vocês já sabem! (risos)

Dona C.: (sorriu)

Dona L.: Pois!

Dona D.: Olhe eu não sei porque eu não estava aí!

Entrevistadora: Já se safou! (risos)

Dona D.: (risos)

Dona M.: Eu também não estava!

Entrevistadora: A Dona C. a atividade que mais gostou?

Dona C.: Não há nenhuma específica!

Entrevistadora: Estão todas “assim-assim”?

Dona D.: A gente gostou de tudo!

Entrevistadora: Nem muito para baixo nem muito para cima?

Dona C.: Não!

Entrevistadora: A sua mãe é Dona Maria...

Dona D.: M.!

Entrevistadora: Dona M., qual foi a atividade que participou que mais gostou?

Dona M.: Eu gostei de todas!

Dona B.: Então agora estávamos a falar mal? Não!

Dona M.: pois! Eu gostei de todas! Pronto!

Entrevistadora: E agora, qual foi a atividade que sentiram mais dificuldade ou em termos de pintar, por exemplo o bingo que nem toda a gente sabe os números.

Dona B.: Eu ao bingo não estava aí!

Dona C.: Nunca veio?

Dona B.: Não!

Entrevistadora: Fizemos duas sessões! Ou em termos de audição porque não conseguimos ouvir bem o filme ou em termos de não conseguirmos ver bem o que estávamos a fazer? Qual foi a atividade, a nível motor que sentiram mais dificuldades?

Dona D.: Eu foi a fazer as florinhas que não consigo cortar!

Dona B.: Eu foi a pintar a tela!

Entrevistadora: Mas em relação ao quê? Em relação aos olhos?

Dona B.: Aos olhos! Também nunca tinha pintado assim filha! Nunca tinha pegado assim num pincelzinho pequenino e pintado! (risos)

Dona B.: Abre a boca mulher, diz alguma coisa! (direcionado à Dona C.)

Entrevistadora: Qual foi a atividade que sentiu mais dificuldades? (tom de voz alto direcionado à Dona I.)

(conversas paralelas)

Dona C.: Ela antes também vinha aos bordados e isso tudo (referindo: se à Dona I.)

Entrevistadora: Dona D.! deixe só ouvir aqui a Dona I.! (tom meigo)

Dona L.: Sim senhora!

Entrevistadora: Dona E., qual foi a atividade que sentiu mais dificuldade em fazer?

Dona M.: Eu não vim aos cravos!

Dona B.: Ela não está a perceber!

Entrevistadora: Estou a perguntar qual foi a atividade que sentiu mais dificuldade? Conseguir perceber? (tom elevado)

Dona L.: Tem que lhe gritar! Ela é um bocadinho surda!

Dona E.: Eu estou a ouvir, estou a ouvir!

Dona L.: Está a ouvir! Pronto!

Dona C.: Qual foi a atividade que te custou mais a fazer?

Dona E.: Olha gostei dos coentros, dos cravinhos!

Dona M.: Ela não está a perceber!

Entrevistadora: E agora, a nível pessoal, eu gostava que cada um dissesse o que é que poderia ter feito para melhorar a atividade ou para atingir um nível que não atingiu por algum motivo? Por exemplo, se fôssemos mais unidas, teria sido melhor! Isto são exemplos, não quer dizer que seja assim!

Dona M.: Pois!

Dona L.: Pois, exatamente!

Entrevistadora: Se tivéssemos chegado a horas, teria sido melhor!

Dona L.: Exato!

Entrevistadora: Se tivéssemos vindo naquele dia conseguíamos ter terminado alguma coisa. O que é que vocês acham que podiam ter feito a nível pessoal para melhorar as atividades?

Dona L.: Agora sim!

Entrevistadora: (risos)

Dona B.: Isso é uma pergunta um bocado coiso, complicada!

Entrevistadora: São estas que são boas! (risos)

Dona B.: Sim!

Entrevistadora: Que fazem a gente pensar! (risos)

Dona B.: Pois! Para quem não tem estudos suficientes para responder!

Entrevistadora: Não! Não é preciso ter estudos, é só pensarmos o que podíamos ter feito de melhor!

(silêncio)

Dona B.: Carminho?

Entrevistadora: por exemplo, eu também penso o que poderia ter feito de melhor. Já me fiz esta pergunta: O que poderia ter feito para melhorar as atividades?

Dona C.: Ter mais empenho, empenhar: nos mais!

Dona D.: Também penso o mesmo!

Dona L.: Também!

Dona B.: Tudo pensa o mesmo!

Todos: Pois! (risos)

Entrevistadora –É o empenho! Temos que ter mais empenho (risos)!

Dona L.: Pois! Exatamente! É o empenho!

Dona B.: E mais atenção ao que está a fazer!

Dona L.: Exatamente. Então?

Dona B.: Não é? É uma opinião boa?

Entrevistadora: Sim! Vocês é que sabem! Exatamente!

Dona B.: Pronto!

Dona L.: Fazer coisas novas que a gente não aprendeu!

Dona M.: Aqui aprende: se muita coisa!

Entrevistadora: Acham que o medo, o medo que nós temos de não conseguir! Eu também tenho medo!

Dona L.: É isso!

Dona C.: É! (acena que sim com a cabeça)

Entrevistadora: Acham que o medo é um obstáculo que nos faz!

Dona B.: Que nos faz parar!

Entrevistadora: Que nos faz parar e pensar que não vamos conseguir?

Dona C.: É!

Dona L.: E às vezes naquela que eu não vou conseguir e depois a gente vê que não consegue e vai conseguir!

Dona L.: E depois a gente diz assim “Ai não sabemos” mas depois a gente quando começa a fazer, a gente vai sem medo. Se a gente vai com medo não há nada a fazer! Está a perceber?

Dona L.: Foi o que se deu comigo com as contas!

Dona L.: É por isso! “Ai a gente não sabe fazer isto, ai a gente não sabe fazer aquilo”. Não! Espera aí! A gente vai experimentar!

Dona M.: Sem experimentar não se sabe de nada!

Dona L.: Exatamente! Quando a gente arranca para a frente a gente vai perder o medo! Se vamos com medo não há nada para fazer!

Dona L.: Temos que pensar é também o que estamos a fazer! Temos que puxar pela cabeça!

Dona L.: Pois! O que vai é a cabeça! A cabeça puxa muito!

Entrevistadora: Acham que é pelo medo de não conseguir ou de não estar disponível sempre, que o restante bairro não vem às atividades?

Dona M.: Pois!

Dona L.: Exato! É isso mesmo!

Entrevistadora: Acham que pode ser?

Dona L.: Pode ser isso!

Dona C.: Também pode ser! Sermos só nós sempre!

Dona B.: Somos sempre as mesmas!

Dona L.: Exatamente!

Entrevistadora – Acham que custa, por exemplo, chegar a um grupo já formado e dizer “Hoje vim, estou aqui!”

Dona M.: Pois! Exato! Acho que sim!

Dona L.: Exatamente! Mas isso não se vê aqui porque se fossem todas unidas, onde a gente mora e aqui deste lado aqui (referindo: se ao edifício número 1 e número 2 do bairro) a gente fazia um grupo aqui bom!

Dona C.: Por exemplo, aqui da parte do edifício 1 só venho eu!

Dona L.: Exatamente!

Entrevistadora: O que é que vocês acham que nós poderíamos fazer para conseguir criar um grupo maior?

Dona C.: Picá-las!

Dona M.: (risos)

Dona L.: Era levar uma agulha e picá-las!

Dona M.: E picá-las com uma agulha (risos)

Dona B.: Sei lá! Acho que as senhora aqui de baixo!

Dona C.: São mais finas!

Dona B.: São mais finas que aquelas senhoras lá de cima!

Dona M.: Lá isso também é verdade!

Dona B.: Põem: nos de parte! Está bom?

Dona L.: É é!

Dona C.: Então eu sou grossa!

Dona B.: Oh Dona C., nada disso!

Dona C.: Mas quer dizer, eu praticamente sou a única que venho deste lado!

Dona B.: Porque ali daquele lado são as pessoas mais rascas, aqui são mais finas! Não se podem comparar aquelas ali de cima!

Dona L.: Exatamente!

Dona M.: Nem os bons dias!

Dona L.: É porque elas ali são da cova da moura e estas aqui são da rua da armona! (risos)

Dona B.: Eu vi ontem uma menina que mora aqui com a mãe. Não, ela não mora com a mãe, ela só vem aqui visitar a mãe. Agora anda de BM, não é coiso mas eu vi: a crescer assim (faz o gesto com a mão) pequenina, morou ao lá ao pé da gente. Agora como tem um BM já não fala a quem! E eu ontem respondi para ela, ia buscar a minha neta e respondi para ela: “Olha minha filha, saiu: te a sorte grande?”

Dona M.: Nem os bons dias dizem!

Dona B.: Quantas e quantas as vezes que a mãe dela bateu já depois de estar aqui, isto não é falar mal, nem vou nomear quem é!

Dona C.: Claro!

Dona M.: Exatamente!

Dona L.: Exatamente!

Dona B.: Bateu à minha porta “Ai Luísa, eu estou tão enrascada hoje, não me desenrascas aqui um pacotinho de leite ou um bocadinho de açúcar?”. Tudo bem, desenrascava quando tinha, quando não tinha também não!

Dona M.: Pois, a gente também nem sempre tem!

Dona B.: Eu sou assim! Quando tenho dou! Não sou aquela pessoa egoísta!

Dona M.: Mas é verdade!

Dona B.: Não vou mais longe, o Zé da coisa ontem e aquele moço que está sempre ali sentado: “Oh vizinha não tem uma sandezinha ou não tem um copinho de água, ou não tem isto ou não tem aquilo!”

Dona M.: O calhabana!

Dona B.: Eu dou! Eu tenho dado muito, não sei se as pessoas reparam. Mas é assim, a pessoa como está um bocadinho mais coisa já pensa que! não é nada, não é nada. Não deixa de ser

aquela pessoa que é. Mas como está de BM, tem um jipão e tem isto e tem aquilo já não fala a quem não tem nada.

Dona M.: Nem os bons dias dizem!

Dona B.: Nem bom dia dizem! Olha minha filha!

Dona E.: Quem bate à porta também dou! O calhabana está-me sempre a bater à porta! Até às 5 da manhã ele bate à porta a pedir uma sandes.

Dona L.: É que eles depois não querem de pão, querem só de papo-seco e uma pessoa nem sempre tem papo-seco!

Dona E.: Ali a gente tem matado muita fome àquele moço! Olá, até pratos de comer e tudo lhe tenho dado! O mocinho bate: me à porta cheio de fome e diz: me “Vizinha, não tem uma sandezinha”. Dou uma sandezinha ou duas e uma garrafinha de água.

Dona B.: Toda a gente tem defeitos! Toda a gente tem defeitos na vida!

Dona I.: Quando tenho dou, quando não tenho paciência!

Dona L.: Exatamente!

Dona E.: Com queijo e fiambre e o meu marido diz assim: “Maria vai lá levar uma sandezinha aqui ao Carlinhos”.

Dona B.: A mãe fala: me bem! Ela é que desde que já tem um bocadinho já pensa que é. Ai filha, não vale a pena ser assim filha! Se a porcaria chegasse! (risos)

Dona M.: É verdade!

Dona C.: Ai! (risos)

Entrevistadora: Não vale a pena dizer o resto da frase que eu depois transcrevo o que ia dizer, está bem? (risos)

Dona B.: Ai é? (risos)

Dona C.: a Alexandra faz piiiiiiiiiiii (prolonga a palavra em tom de brincadeira)

Dona B.: Ficavas toda “embebada”! Eu disse- lhe logo a ela!

Todos: risos

Dona C.: piii, piii, piii! (vai cantando em tom de brincadeira)

Dona B.: Mas o que é que quer? Então não dá nervos a uma pessoa?

Dona C.: Dá!

Dona B.: Para quê essa vaidade toda? Para quê essa soberba toda? Esse cinismo, para quê?

Dona C.: E porque que a gente nos encontramos na rua e ninguém é capaz de dar nem bom dia nem boa tarde?

Dona B.: Eu falo a toda a gente! Quem me fala a mim, eu falo!

Dona M.: também eu!

Dona L.: Eu também!

Dona B.: A minha mãe sempre me ensinou: um copo de água não se nega a ninguém!

Entrevistadora: Vocês acham que nós enquanto grupo ficamos mais unidas. Nas relações com os vizinhos, nas vossas relações fora daqui acham que conseguiram criar melhores relações.

Dona D.: Sim!

Dona L.: Sim!

Dona M.: Sim!

Dona C.: Então e quem é que se abre?

Entrevistadora: Não, estou a falar agora do grupo. Acham que deixou de haver tantos conflitos fora da associação?

Dona M.: Sim!

Dona B.: Eu acho que sim. Há certas coisas que mas pronto! Não somos pessoas que não conseguimos dar a cara por aquela pessoa! Por exemplo, (olhando para a Dona L.) agora vou sair daqui, há para lá uma coisa que eu não gosto de ver já começo a chatear a pessoa que vai comigo ou coisa assim! Mas não sou pessoa rancorosa. Passou passou! Não sou assim! E já tenho tido lá coisas mas pronto, esqueço! Passou! (referente à pergunta: vocês acham que nós enquanto grupo ficamos mais unidas? Nas relações com os vizinhos, nas vossas relações fora daqui acham que conseguiram criar melhores relações?)

Dona M.: É verdade!

Dona B.: É verdade ou mentira?

Dona D.: É verdade vizinha, é verdade!

Dona L.: Guardar rancor dos outros para quê? Não vale a pena!

Dona M.: A qualquer aflição a gente acode logo como acodem a gente!

Dona B.: Aqui é assim!

Dona M.: A vizinha já caiu duas vezes. A gente vê vai logo a fugir!

Dona B.: Para quê a gente ganhar rancor às pessoas? Não há necessidade.

Dona D.: É verdade! Uma pessoa não ganha nada!

Dona M.: Não ganha nada a ser assim! A gente só faz mal a quem faz mal a gente!

Dona B.: Eu falo com toda a gente. Quem não responde, o problema é dela não é meu!

Dona L.: Pois!

Dona M.: Aos anos que a gente conhece a vizinha, desde lá debaixo! Fomos sempre vizinhas!

Dona E.: Eu também me dou com toda a gente!

Dona B.: Eu já tive aqui uma confusão com a Dona C. não sei porquê? (risos)

Dona C.: Não se lembra? (risos)

Entrevistadora: Já está tudo bem?

Dona B.: Já está tudo bem! (olhar cúmplice com a Dona C.)

Entrevistadora: A Dona C. ia dizer ainda à bocado, fez assim uma cara (imitei a expressão), em relação ali àquele lado que as pessoas não se dão! Porquê?

Dona C.: Não!

Entrevistadora: O que é que vocês acham que nós podíamos fazer enquanto grupo para duplicarmos o grupo? Para fazermos o grupo ficar maior?

Dona C.: Então eu não digo a elas? Venham, vão ali à Associação! “Ai agora não posso!”, “Ai este horário não me convém” (imita a voz de várias pessoas).

Dona L.: Não vêm que não querem vir!

Entrevistadora: Se nós quando formos a algum sitio dissermos assim “Sabes onde é que eu fui hoje? Fui ao Zoomarine. Gostava de vir connosco?”

Dona B.: Olha foste!

Dona L.: Aí já gostam!

Dona M.: Para passear gostam!

Dona B.: Ai olhem! Eu adorei, adorei ter ido lá naquele dia a Faro! Ai adorei! Eu adorei! Fui convidada lá para ir à *Kidzania*, não fui porque eu não pude!

Dona L.: Eu também!

Entrevistadora: Convidámos toda a gente! A Dona I. é que já apareceu mais tarde e a Dona L. também não foi desde o início.

Dona L.: Não, não. Fui só a Faro!

Dona B.: Mas agora quem sabe! Se organizarem outra que eu vá! Quem sabe! Ainda não morri, não é verdade? Se me ajudarem mais um bocadinho a subir ou a descer, quem sabe! Eu um dia que vá, eu um dia que vá a uma excursão que vão todas vou pedir uma coisa: é um banco de trás para mim! O último!

Entrevistadora: Tudo bem!

Dona M.: Ai, eu não gosto! Eu gosto de ir à frente!

Dona B.: Não, é por causa das minhas pernas puderem esticar, era só isso e mais nada! Porque ao subir e ao descer, ao subir é que me custa mais! O descer é sempre melhor! Se for coisa que tenha que andar muito, descanso agora um bocado e amanhã logo damos mais uma passada!

Dona E.: A Lorena agora quando eu for passear com vocês ela quer ir! Ela um dia diz que também quer ir se vocês deixarem!

Dona B.: Porque é assim quando foram à *Kidzania*, as minhas meninas ficaram com muita pena de eu não ter ido com elas!

Dona I.: A minha Lorena ficou zangada comigo! Quando a gente foi passear ela ficou chateada comigo (risos)!

Entrevistadora: Agradeço só que não tenham conversas paralelas que depois não se percebe nada. Diga Dona B..

Dona B.: Pronto, era o que eu estava a dizer que as meninas tinham ficados tristes de eu não ter ido com elas à *Kidzania*.

Entrevistadora: Dona L., deixe só a Dona B. falar, já falam vocês se não a gente não se percebe.

Dona L.: Vá, fala lá! (tom zangado)

Entrevistadora: Dona L.!

Dona L.: Oi? Maria não!

Entrevistadora: Não, Dona L.! (risos)?

Dona L.: Sou dona e tudo o que é que tu queres mais? Até dona!

Entrevistadora: O que é que você acha, com uma opinião sincera, o que seria a atividade ideal? A melhor atividade que poderia participar? Pode sonhar à vontade!

Dona L.: Eu não sei!

Entrevistadora: Um sonho antigo que tenha, por exemplo.

Dona L.: Ou ginástica. Costura também gosto! Saber ler também gosto! Não sei ler mas queria aprender!

Entrevistadora: E a Dona D.?

Dona D.: Eu gostava de aprender a ler para ser advogada (risos)!

Todos: Risos

Entrevistadora: Dá tempo!

Dona D.: Eu já estou velha!

Entrevistadora: E a Dona M.? Qual era a atividade ideal?

Dona M.: gosto de tudo!

Dona C.: risos

Entrevistadora: Dona C.? A Dona C. está morta de pagode! (risos)

Dona M.: risos

Dona L.: Olha outra!

Entrevistadora: A atividade ideal para si? (dirigido à Dona M.)

Dona M.: Eu gosto de tudo!

Dona D.: Saltar à corda! (risos)

Dona L.: Os ossos já não deixam!

Entrevistadora: Dona B.?

Dona B.: O quê? Já respondi! (risos)

Entrevistadora: Ai, eu não ouvi!

Dona B.: A atividade ideal?

Dona C.: Olhe eu gosto muito de bordados!

Entrevistadora: Para si, a fazer bordados estava tudo bem! E a Dona C.?

Dona B.: Ai C., onde é que estás tu C. (tom de brincadeira)?

Dona L.: Ai rimos muito quando fomos a Faro com aquela Celeste! Ai mãe! (risos)

Entrevistadora: A atividade ideal para si (dirigido à Dona B.)?

Dona B.: Olha filha, era caminhar. Gostava muito de caminhar e não ter dores e puder andar! Ser livre como os passarinhos! Andar, andar, sem andar aqui com a amiga muleta!

Entrevistadora: Olhe que na última atividade! A parte das dores é que não foi possível mas...

Dona B.: Esta última que nós fomos lá a Faro?

Entrevistadora: Com esforço mas ainda conseguiu!

Dona B.: Adorei, adorei! O que é que quer que eu lhe diga mais? Nem mais nem menos: adorei!

Dona L.: A Loi (algunha utilizada pelos moradores do Bairro da Armona para a Dona D.) é que se estreou nas caminhadas! (risos)

Dona L.: A C. rebentou o sapato, tiveram que lhe ir colar o sapato! (risos)

Entrevistadora: Dona E.? A atividade que gostava de fazer? A atividade ideal? (tom de voz elevado)

Dona E.: Ai eu gostava de andar por aí voando!

Dona C.: É tudo a voar!

Dona I.: Passear!

Entrevistadora: De avião?

Dona I.: Sim! Ir ao Brasil!

Dona C.: De avião não! Já andei tantas vezes!

Dona L.: De avião também não gosto! De avião também não vou!

Dona M.: Não se pode dizer que gosto, também não gosto porque nunca andei!

Dona E.: Assim perto!

Dona M.: Nunca andei mas gostava de andar! Eu gostava de andar, sou sincera!

Dona B.: Eu já andei! Fico surda! Só não gostei ao aterrar! Ao levantar ainda, agora ao aterrar!

Dona M.: Eu nunca andei! Por isso não sei!

Dona C.: (Ao aterrar) estremece tudo!

Dona E.: Dá medo dá, vizinha Luísa?

Dona B.: Ao aterrar! Ao aterrar dá, ao levantar é uma sensação boa!

Dona L.: Olha a minha irmã de óculos, que veio aqui uma vez fazer uns papéis já foi à Suíça de avião!

Dona B.: Olhando cá para baixo não se via nada, só se via era nuvens!

Dona M.: Eu ainda não fui é por isso que não sei se gosto ou não gosto!

Dona L.: A minha filha está farta de me dizer “mãe, vem para cá mãe”! Vou para lá bastante! Agora de avião! Espera aí que eu já lá vou!

Entrevistadora: Agora a última pergunta: o que é que vocês acham que para vocês seria a Associação Ideal? O que é que vocês acham que nós deveríamos ter na associação para as pessoas do bairro?

Dona L.: Melhoras!

Dona B.: Melhoras já lá vamos ter daquele lado (referem: se à Associação nova)!

Entrevistadora: Ou então o que é que vocês acham que no outro lado nós poderíamos ter, em termos de atividades ou do que vocês quiserem? Até podem falar das nossas atitudes! Qualquer

coisa que vocês acham que poderia ser melhor! Para falarmos da Associação ideal, o que seria a Associação Ideal para vocês?

Dona B.: Oh Alexandra, em meu ver tenho que ver primeiro como é que está, não é? Que é para depois poder falar!

Entrevistadora: Imagine!

Dona L.: Pois, exatamente!

Entrevistadora: Nós não sabemos o que vai estar lá. O que é que você gostava que tive lá?

Dona L.: Escola! (refere: se à alfabetização de adultos)

Dona B.: A escola está ao lado!

Entrevistadora: Alfabetização de adultos?

Dona L.: Sim!

Dona M.: Pois!

Dona L.: Também gosto de ir à escola!

Dona L.: Aqueles parques para as crianças, também vai estar lá!

Dona L.: Costura também gosto de aprender!

Dona M.: Eu para a escola não dou. Costura e outra coisas sim!

Dona L.: Eu já andei à escola! De noite, quando andava à escola de noite!

Dona L.: Porque a minha mãe, leva ali a tarde a cozer paninhos. Pano a pano, liga uns aos outros (risos). Passa a tarde assim!

Dona M.: Eu tenho bocadinhos de pano, eu pego todos uns aos outros e faço uma toalha grande! São bocadinhos de pano! Faço malha!

Dona D.: Ela gosta muito de costura!

Dona M.: Malha! Faço aquelas tiras grandes e colo umas às outras. Faço mantas grandes!

Dona L.: Ela entretém-se a fazer isso!

Dona M.: As minhas filhas todas tem daquelas mantas! Todas me lâ! Eu gosto de fazer!

Dona L.: Ela precisava de estar mais tempo ocupada para não estar sempre metida em casa. Quanto mais tempo se passa em casa mais se pensa!

Dona L.: Pintura também é bom, para quem não sabe!

Dona M.: Eu pintura não dou nada mas o resto dou!

Entrevistadora: O que é que a Dona I. estava a dizer?

Dona E.: Eu adoro fazer costura!

Entrevistadora: Dona C., a associação ideal? O que seria a Associação ideal?

Dona B.: Era haver mais convívio!

Dona C.: Mais convívio entre os moradores!

Dona B.: Pessoas mais unidas! Unirmo-nos!

Dona C.: Pessoas mais unidas!

Dona B.: Termos mais pessoal para se fazer mais coisas!

Dona L.: Exato!

Dona C.: Têm que incentivar mais!

Entrevistadora: Gostavam de ter a liberdade de ter um espaço para vocês?

Dona L.: Exato!

Dona M.: Um espaço grande!

Dona L.: Para a gente estar à vontade!

Dona B.: Mas ali há!

Dona M.: Ali há! Aquilo é muito grande! Aquilo é bonito!

Dona B.: Para fazer ginástica ali! Para fazer grandes assadas de peixe!

Dona C.: Bailarico!

Dona L.: Olha lá a vizinha Luísa!

Dona B.: Mesmo não podendo estou sempre com o rabo aos saltos!

Dona L.: Mesmo sentada na cadeira estive sempre muito divertida (ida a Faro)

Entrevistadora: Tipo arraial?

Dona B.: Sim! Eu quando estava lá em Lisboa ia aos arraiais todos do bairro! Todos!

Entrevistadora: Para vocês só ou para as pessoas todas do bairro?

Dona L.: Para todas!

Dona L.: Para toda a gente! Não quero só para a gente!

Dona B.: Só para nós porquê? Para as pessoas se unirem a nós! Para não terem receio, não terem vergonha, não terem nojo!

Dona L.: Exatamente!

Dona C.: Vivermos mais em convívio!

Dona B.: Exatamente!

Dona C.: Vivermos mais umas com as outras! “Ai vais para a Associação, o que é que vais lá fazer” (tom irónico)

Dona L.: Cá eu calo: as logo. Quando oiço falar calo: as logo!

Dona B.: Não vale a pena.

Dona D.: Se eu não falo mal daqui também não quero que ninguém fale!

Dona B.: Nós quando morrermos só vamos prestar contas a Deus! Cá temos que resolver as coisas como elas são! E temos que unirmo-nos para não haver tanta guerra, tanta coisa!

Dona M.: É verdades, é verdade.

Dona D.: Olha ainda ontem estavam a descarregar as crianças que trouxeram do jardim, passa um senhor que deve ser mais superior que as outras pessoas! O homem parou mesmo ao pé do lancil para tirar as crianças e não é que ele sai do carro para ir enfrentar o homem? ”Isto não é sítio para meterem a camioneta da câmara” “Onde é que quer que a gente tire as crianças?”

Dona C.: Aqui ao pé da escola?

Dona D.: Sim!

Dona M.: Gente estúpida!

Dona D.: Até a mulher que estava lá disse assim “Mas isso tem algum sentido, onde é que quer que o homem descarregue as crianças, lá no outro lado da estrada?”. Porque isso ainda é mais perigoso para as crianças! Olha ofereceu porrada ao senhor e tudo!

Entrevistadora: Há mais alguma coisa que queiram dizer?

Dona L.: Não mas se quiser a gente aqui mais tempo eu estou aqui mais tempo (risos)!

Entrevistadora: Eu não! Se quiser dizer mais alguma coisa que gostaram ou que não gostaram!

Dona L.: Eu gostei, graças a Deus. Sou-lhe muito sincera!

Dona M.: A gente gostou!

Dona L.: Ainda bem que sabe que a gente gosta de tudo!

Dona L.: Acho que sim! A gente não somos esquisitas!

Dona L.: Tudo o que esteja aqui a gente gosta!

Entrevistadora: Então e o que é que vamos fazer na próxima atividade?

Dona L.: Podemos fazer bolos! (risos)

Dona L.: Você é que sabe o que é que a gente vai fazer!

Entrevistadora: Eu quero que vocês me digam o que é que querem fazer na próxima atividade.

Dona L.: Outras coisas!

Dona M.: O que as meninas pensarem em fazer é o que a gente faz!

Dona B.: Na próxima atividade?

Dona C.: Para a semana !

Dona L.: Para a semana não sei se venho. Eu vou à entrega dos diplomas.

Entrevistadora: Já tinha dito! Já sei!

Dona L.: Só estou a fazer lembrar!

Entrevistadora: Vai com as suas meninas!

Dona L.: Do meu Fernando e da minha Taissa e a Iara também vai receber o diploma da pré para a primária. Isso tenho que estar sempre presente!

Entrevistadora: A Dona D. sugere que a gente faça bolos! Dona C. o que é que a gente vai fazer na próxima atividade?

Dona C.: Não sei! Vocês é que sabem!

Dona M.: Vocês é que sabem! As meninas é que sabem!

Entrevistadora: Não não, vocês é que sabem!

Dona L.: Mas uma pessoa também pode dar uma opinião!

Todos: Conversas paralelas e risos

Dona C.: Colheres de pau!

Todos: (risos)

Entrevistadora: Não me desafie que depois vai ter que fazer colheres de pau (tom de brincadeira).

Dona B.: Não sei se estou livre se não estou!

Entrevistadora: Por mim, está tudo.

Dimensões	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Inferências
Avaliação da oficina “Encontros com Histórias”	Feedback das sessões	Sessões preferidas	<p>“Lá onde agente foi e tudo (recordação da ida a Faro) <i>Ai mãe!</i> (risos)”</p> <p><i>“Sabe qual é que eu gostei mais? Foi dos folares, foi de estarmos ali a fazer os folares.”</i></p> <p><i>“é a do folar!”</i></p> <p><i>“Eu também!”</i> (refere-se à atividade de culinária dos folares)</p> <p><i>“Eu foi dos bombons que eu gosto mais de chocolates!”</i> (risos)</p> <p><i>“Quer dizer, da versão antiga eu gostei muito.”</i> (refere-se ao filme “Aldeia da Roupa Branca”)</p> <p><i>“Pois eu nem tenho explicação porque eu gostei de todas! (...) Não! Eu gostei de todas! De tudo o que houve aqui eu gostei!”</i></p> <p><i>“Gostei de todas! Gostei de todas!”</i></p> <p><i>“Não há nenhuma específica!”</i></p> <p><i>“Olha gostei dos coentros, dos cravinhos...”</i></p> <p><i>“Ai olhem... Eu adorei, adorei ter ido lá naquele dia a Faro! Ai adorei! Eu adorei!”</i></p> <p><i>“Ai rimos muito quando fomos a Faro com aquela Celeste! Ai mãe!</i> (risos)”</p> <p><i>“Eu gostei de tudo”</i></p>	<p>As participantes gostaram, no geral de todas as sessões realizadas. No entanto, destacaram-se as seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> -sessão de culinária que visava a confeção de folares; - sessão de culinária de confeção de bombons de chocolate; - visualização do filme “Aldeia da Roupa Branca”; - comemoração do dia 25 de abril e execução de trabalhos manuais alusivos ao tema; - plantação de coentros e salsa; - visita à Universidade do Algarve com o objetivo de participar no projeto “Um dia pela vida”;
		Sessões que não corresponderam às expectativas	<p><i>“Olha, aquelas dos filmes (...) Não gostei! (...) Porque o Pátio das Cantigas eu já tinha visto na televisão, na versão moderna.”</i></p> <p><i>“Eram filmes já muito antigos. Eu também só vi um, acho eu.”</i></p>	<p>A sessão que menos correspondeu às expectativas das participantes foi a visualização do filme “Pátio das Cantigas” – versão moderna;</p>
				<p><i>“Gostei imenso. Gostei imenso,</i></p>

		Pontos positivos	<p><i>imenso imenso</i>” (referente às atividades)</p> <p><i>“Sim, gostámos!”</i> (referente às atividades)</p> <p><i>“Gostámos sim senhora. Adorei!”</i> (referente às atividades)</p> <p><i>“Eu, quer dizer já não foi com a Aurora nem com a Alexandra, foi com as outras senhoras que tiveram aqui... Aquelas caminhadas e aquelas coisas que nós fazíamos. Adorei, adorei, adorei! A-D-O-R-E-I!”</i></p> <p><i>“Também eu!”</i> (concordância com a afirmação supramencionada)</p> <p><i>“Não, é bonito. Eu gosto!”</i> (referente à atividade de bordados)</p> <p><i>“Eu gostei, graças a Deus. Sou-lhe muito sincera!”</i></p>	que decorrem anteriormente e, simultaneamente valorizam as que estão a decorrer.
		Limitações e	<p><i>“Eu acho é que somos poucas”</i></p> <p><i>“Exatamente!”</i> (concordância com a resposta supramencionada)</p> <p><i>“Somos poucas porque as pessoas não são unidas, as pessoas não querem! As pessoas só querem é passar a roupa a ferro e lavar!”</i></p> <p><i>“Como estão todas a fazer somos obrigadas a fazer mas há sempre uma que não gosta.”</i></p> <p><i>“Pois! Para quem não tem estudos suficientes para responder...”</i></p> <p><i>“Somos sempre as mesmas!”</i></p> <p><i>“Pena foi não ter conseguido contribuir com todas. Derivado às minhas pernas, derivado à minha situação não contribui com todas as atividades que fizeram aqui. Os passeios que foram dar e essas coisas todas. Tive pena mas não podia não fui”</i></p> <p><i>“Foi pena ter que desistir disso porque não...Derivado à minha</i></p>	<p>Visível desunião entre a população do bairro e encargos familiares que originam uma menor adesão às atividades;</p> <p>Limitações ao nível da visão e motricidade que desencadeiam dificuldades no decorrer das atividades;</p> <p>O medo de não ser capaz é um obstáculo condicionante na participação e na execução dos diversos trabalhos manuais;</p> <p>Os constrangimentos e limitações existentes dificultam a criação de atividades que correspondam, simultaneamente às</p>

		<p>constrangimentos</p>	<p><i>situação das minhas pernas.</i>” (referente às atividades que anteriormente se realizavam na Verdades Escondidas Associação)</p> <p><i>“Adorei e tenho pena de não conseguir continuar derivado à minha situação. Pronto, é isso.”</i> (referente às atividades que anteriormente se realizavam na Verdades Escondidas Associação)</p> <p><i>“Eu para ler já não tenho cabeça.”</i></p> <p><i>“Por causa do miúdo e por... é à terça, não é?”</i> (refere-se ao facto de não conseguir participar nas oficinas de bordados)</p> <p><i>“É à quarta e depois é à quinta e eu nem sempre estou disponível”</i> (refere-se ao facto de não conseguir participar nas oficinas de bordados)</p> <p><i>“Agora também começam ainda para mais agora começam as férias todos os dias ocupados, tenho os miúdos em casa de certeza absoluta, de maneira que me é impossível estar a dizer que vou. Mas gostava!”</i></p> <p><i>“A minha mãe não porque a minha mãe não aguenta.”</i> (referente às caminhadas)</p> <p><i>“Assim mais perto ainda posso ir agora para muito longe não posso.”</i></p> <p><i>“É que a mocinha tem o moço pequeno e depois tem que ir buscar a mocinha, tem que ir levá-la.”</i></p> <p><i>“As férias começam depois eu vou ter que (...) porque os pais trabalham, a mãe trabalha e para onde é que elas vão pôr? Na avóóóóóóóóóó! (tom de brincadeira)”</i></p> <p><i>“É isso!”</i> (referente à questão: “Acham que o medo é um obstáculo?”)</p> <p><i>“É!”</i> (acena que sim com a cabeça)” (referente à questão: “Acham que o medo é um obstáculo?”)</p>	<p>necessidades específicas dos participantes;</p>
--	--	-------------------------	---	--

		<p><i>“Que nos faz parar!”</i> (referente à questão: “Acham que o medo é um obstáculo?”)</p> <p><i>“Fui convidada lá para ir à kidzania, não fui porque eu não pude!”</i></p> <p><i>“Não, é por causa das minhas pernas puderem esticar, era só isso e mais nada! Porque ao subir e ao descer, ao subir é que me custa mais! O descer é sempre melhor! Se for coisa que tenha que andar muito, descanso agora um bocado e amanhã logo damos mais uma passada!”</i></p> <p><i>“Eu para a escola não dou”</i></p> <p><i>“Eu foi a fazer as florinhas que não consigo cortar!”</i></p> <p><i>“Eu foi a pintar a tela!(...) Aos olhos! Também nunca tinha pintado assim filha! Nunca tinha pegado assim num pincelzinho pequenino e pintado! (risos)”</i></p>	
	<p>Motivações</p>	<p><i>“Eu vou-me esforçar, eu vou-me esforçar”</i></p> <p><i>“Terça-feira vou! Vamos todas à caminhada!”</i></p> <p><i>“Nós íamos, nós íamos. Mesmo coxa ainda andava lá...”</i></p> <p><i>“Se não for para muito longe, vou!”</i></p> <p><i>“Se for para fazer alguma atividade eu ia.”</i></p> <p><i>“Agente gosta é coisas de divertimentos...”</i></p> <p><i>“Apesar que há mais coisas ainda que podíamos aprender.”</i></p> <p><i>“Eu tenho a minha lá!”</i> (refere-se à tela que pintou)</p> <p><i>“Eu também tenho a minha!”</i> (refere-se à tela que pintou)</p> <p><i>“Ai eu tenho a minha lá também,</i></p>	<p>De realçar a motivação para a participação em novas atividades e aquisição de novos saberes;</p> <p>Orgulho nos trabalhos realizados e, conseqüente melhoria da autoestima;</p> <p>Reconhecimento da aquisição de aprendizagens e superação de obstáculos;</p>

		<p><i>está no quarto dos meus netos!”</i> (refere-se à tela que pintou)</p> <p><i>“Tenho lá aquilo pendurado. No primeiro dia, quando entraram: - “Avó, o que é isto? ” -Olha foi a avó que fez lá na associação. - “Está bonita avó, tu sabes pintar!” (...) (risos de orgulho)”</i></p> <p><i>“(...) Tirei o boneco e pus o quadro! Agora está o boneco em cima da cama!”</i></p> <p><i>“Mesmo assim ainda gostava de saber mais ler...”</i></p> <p><i>“E às vezes naquele que eu não vou conseguir e depois agente vê que não consegue e vai conseguir!”</i></p> <p><i>“E depois agente diz assim “Ai não sabemos” mas depois agente quando começa a fazer, agente vai sem medo. Se agente vai com medo não há nada a fazer! Está a perceber?”</i></p> <p><i>“É por isso! “Ai agente não sabe fazer isto, ai agente não sabe fazer aquilo”. Não! Espera aí! Agente vai experimentar!”</i></p> <p><i>“Sem experimentar não se sabe de nada!”</i></p> <p><i>“Mas agora quem sabe! Se organizarem outra que eu vá! Quem sabe... Ainda não morri, não é verdade? Se me ajudarem mais um bocadinho a subir ou a descer, quem sabe... Eu um dia que vá, eu um dia que vá a uma excursão que vão todas vou pedir uma coisa: é um banco de trás para mim! O último!”</i></p> <p><i>“O que as meninas pensarem em fazer é o que agente faz!”</i></p>	
	Horários	<p><i>“Este horário para mim está bom. Agora para as outras pessoas não sei.”</i></p> <p><i>“Talvez se fosse de tarde viessem mais pessoas. Não será?”</i></p>	<p>A maioria das participantes valoriza o horário estipulado;</p> <p>É notória a</p>

		<p><i>“A esta hora.”</i></p> <p><i>“De manhã.”</i></p> <p><i>“De manhã. Não tenho bebês pequeninos que me empate.”</i></p>	<p>preocupação com a participação de outros indivíduos na oficina</p> <p>“Encontros com histórias” pelo que outra opção seria a realização das mesmas atividades no período da tarde;</p>
	Recursos humanos	<p><i>“Gostei das meninas todas, muito amigas, muito unidas com agente.”</i></p> <p><i>“Têm-me ajudado muito!”</i></p> <p><i>“Também à gente!”</i> (concordância com a unidade de texto supramencionada)</p> <p><i>“Sempre gostei das pessoas que trabalhavam aqui, não desfazendo do pessoal. Sempre gostei do pessoal todo que trabalhou aqui e que trabalha, não desfazendo das senhoras que estão!”</i></p>	<p>De realçar a empatia e entreaajuda sentida entre participantes e equipa técnica;</p>
	Razão da participação na oficina	<p><i>“O convívio. O sair dali do buraco”</i></p> <p><i>“Exato!”</i> (referente à unidade de registo supramencionada)</p> <p><i>“Para termos mais convívio, não estarmos tão isoladas. Eu pela minha parte é assim”</i></p> <p><i>“Eu também”</i> (referente à unidade de registo supramencionada)</p> <p><i>“Para não estar sempre ali fechadas ali. Assim uma pessoa convive mais”</i></p>	<p>As principais motivações prendem-se com o convívio e alteração da rotina diária;</p>
		<p><i>“Mas aprende-se, em qualquer altura pode-se por em prática.”</i></p> <p><i>“É bom saber coisas que nós não sabíamos.”</i></p> <p><i>“Pois, agente fica a saber. Exatamente!”</i></p>	<p>Notório o reconhecimento da aquisição de aprendizagens, melhoria da autoestima e superação de dificuldades pessoais;</p>

		<p>Contribuições e aprendizagens adquiridas</p>	<p><i>“Coisas que agente não sabe aprende.”</i></p> <p><i>“Foi os folares, os pães com chouriço!”</i></p> <p><i>“O que melhorou foi o que agente não sabia ficámos a aprender, tanto eu como as outras colegas todas!”</i></p> <p><i>“Melhora!”</i> (refere-se à autoestima)</p> <p><i>“Sim e depois somos!”</i> (refere-se ao facto de serem capazes)</p> <p><i>“Exatamente!”</i> (refere-se ao facto de serem capazes e de ultrapassarem dificuldades)</p> <p><i>“Por exemplo, a primeira vez que eu vinha à escola achava que não sabia matemática. Depois é que eu vi que sabia fazer as contas todas! Porque eu achei que não sabia! Fui experimentar e afinal...”</i></p> <p><i>“Que não sabia fazer!(...)E no entanto comecei a pintar e gostei...”</i></p> <p><i>“Aqui aprende-se muita coisa!”</i></p>	
<p>Relação grupal</p>	<p>Sentido de pertença</p>	<p><i>“Agente vê as pessoas como um grupo. E como amigas!”</i></p> <p><i>“E como amigas”</i> (em modo de concordância com a resposta supramencionada)</p> <p><i>“E como amigas...”</i> (em modo de concordância com a resposta supramencionada)</p> <p><i>“Conseguimos!”</i> (referente à pergunta: “Acham que daqui para a frente enquanto grupo conseguem fazer novas atividades e conseguem estar unidas?”)</p> <p><i>“Conseguimos! Então não conseguimos porquê? Para mim tanto faz...”</i> (referente à pergunta: “Acham que daqui para a frente enquanto grupo conseguem fazer novas atividades e conseguem estar</p>	<p>De realçar o envolvimento grupal – amizade e união- e a melhoria de relações entre grupo dentro e fora da Verdades Escondidas Associação;</p>	

		<p>unidas?")</p> <p><i>“Sim!”; “Sim!”; “Sim!”;</i> (referente à pergunta: vocês acham que nós enquanto grupo ficamos mais unidas? Nas relações com os vizinhos, nas vossas relações fora daqui acham que conseguiram criar melhores relações?)</p> <p><i>“Eu acho que sim. Há certas coisas que mas pronto... Não somos pessoas que não conseguimos dar a cara por aquela pessoa! Por exemplo, (olhando para a D. Dolores) agora vou sair daqui, há para lá uma coisa que eu não gosto de ver já começo a chatear a pessoa que vai comigo ou coisa assim! Mas não sou pessoa rancorosa.”</i> (referente à pergunta: vocês acham que nós enquanto grupo ficamos mais unidas? Nas relações com os vizinhos, nas vossas relações fora daqui acham que conseguiram criar melhores relações?)</p> <p><i>“Passou passou! Não sou assim! E já tenho tido lá coisas mas pronto, esqueço! Passou!”</i></p> <p><i>“Eu já tive aqui uma confusão com a D.Carminha não sei porquê? (risos) (...)Já está tudo bem! (olhar cúmplice com a D.Carminha)”</i></p>	
	Estímulos grupais negativos	<p><i>“Ela não aguenta que ela não quer! Ela não tem nada nas pernas! (levantou o tom de voz)”</i></p> <p><i>“À caminhada ela não vai!”</i></p> <p><i>“Então não pode ir a lado nenhum por causa dos netos? Espera aí...”</i></p>	<p>Opiniões e comentários desadequados à coesão grupal;</p> <p>Intrigas no decorrer das sessões;</p>
	Estímulos grupais positivos	<p><i>“Venha à escola!”</i></p> <p><i>“Olhe, não tem cabeça puxa!”</i></p> <p><i>“Ela lá aguenta!”</i></p> <p><i>“O que foi? Agente foi. Nós fomos.”</i></p>	<p>Notório o incentivo transmitido por elementos do grupo que motiva a realização de atividade, a participação dos</p>

			<p>(refere-se à ida a Lisboa como quem diz que nada é impossível)</p> <p><i>“Abre a boca mulher, diz alguma coisa!”</i></p> <p><i>“Guardar rancor dos outros para quê? Não vale a pena!”</i></p>	próprios indivíduos e a prática de boas condutas;
Aprendizagens futuras	Perspetivas e expectativas futuras		<p><i>“Então eu não digo a elas? - Venham, vão ali à Associação!”</i></p> <p><i>“Ela gosta muito de costura!”</i></p>	
		Proposta de atividades a realizar e Competências e conhecimentos a adquirir	<p><i>“Ginástica”</i></p> <p><i>“Pois, também é bom. Ginásticas é bom!”</i></p> <p><i>“Sim, sim!”</i> (concordância com as respostas supramencionadas)</p> <p><i>“A ginástica é boa!”</i></p> <p><i>“Costura também é bom para aprender!”</i></p> <p><i>“Ai, também é bom!”</i> (referente à costura)</p> <p><i>“Eu gosto!”</i> (referente à costura)</p> <p><i>“Olhe, de andar por aí.”</i> (refere-se a passeios)</p> <p><i>“Sei lá, a Lisboa (risos)”</i></p> <p><i>“Gostava de ir passear a Lisboa, também para Espanha, para Madrid, não vamos?”</i></p> <p><i>“A Portimão, a Lagos...”</i></p> <p><i>“Pois, assim está bem.”</i> (referente à resposta anterior)</p> <p><i>“sim!”; “Sim!”;</i> (refere-se à questão: “O Pátio das Cantigas, gostavam de ter visto o antigo?”)</p> <p><i>“Pois, mas eu gostava de aprender a fazer!”</i> (refere-se à confeção de folares)</p> <p><i>“Pois não, num dia qualquer pode-se</i></p>	<p>Atividades a desenvolver:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ginástica; - Costura; - Passeios: Lisboa, Madrid, Brasil, Portimão, Lagos; - Confeção de folares; - Visualização do filme O Pátio das Cantigas – primeira versão; - Caminhadas; - Bordados; - Andar de avião; - Bailes; - Confeção de bolos; <p>Leitura e realização de bordados correspondem às principais competências e conhecimentos a adquirir;</p>

		<p><i>fazer foliar!”</i></p> <p><i>“Fazer coisas novas que agente não aprendeu!”</i></p> <p><i>“Ou ginástica. Costura também gosto! Saber ler também gosto! Não sei ler mas queria aprender!”</i></p> <p><i>“Olhe eu gosto muito de bordados!”</i></p> <p><i>“Olha filha, era caminhar. Gostava muito de caminhar e não ter dores e puder andar! Ser livre como os passarinhos! Andar, andar, sem andar aqui com a amiga muleta!”</i></p> <p><i>“Ai eu gostava de andar por aí voando! (...) Passear (...) Sim! Ir ao Brasil”</i></p> <p><i>“Não se pode dizer que gosto, também não gosto porque nunca andei! (...) Nunca andei mas gostava de andar! Eu gostava de andar, sou sincera!”</i> (refere-se em andar de avião)</p> <p><i>“Para fazer ginástica ali! Para fazer grandes assadas de peixe!”</i></p> <p><i>“Bailarico!”</i></p> <p><i>“Podemos fazer bolos! (risos)”</i></p> <p><i>“Eu gostava ir aprender a ler.”</i></p> <p><i>“Uma atividade que eu gostava aqui de aprender a fazer mas pronto é impossível. Gostava de aprender a bordar, pronto.”</i></p> <p><i>“Pintura também é bom para quem não sabe!”</i></p>	
	Atividades recusadas	<p><i>“Eu cá não gosto”</i> (referente à costura)</p> <p><i>“Eu não. Eu gosto da minha terra.”</i> (referente a um passeio na Espanha)</p> <p><i>“Ai não, eu também não gosto.”</i> (referente a um passeio na Espanha)</p> <p><i>“De avião também não gosto! De avião também não vou!”</i></p>	Apesar das inferências supramencionadas o grupo não partilha da mesma opinião relativamente às atividades a realizar, sendo que a costura, os passeios para fora do país e a utilização do avião enquanto meio de transporte são as

				principais discórdias;
		Melhorias pessoais	<p><i>“Ter mais empenho, empenhar-nos mais!”</i></p> <p><i>“Também penso o mesmo!”</i></p> <p><i>“Também!”</i></p> <p><i>“Tudo pensa o mesmo!”</i></p> <p><i>“E mais atenção ao que está a fazer!”</i></p> <p><i>“Temos que pensar é também o que estamos a fazer! Temos que puxar pela cabeça!”</i></p> <p><i>“Pois! O que vai é a cabeça! A cabeça puxa muito!”</i></p>	<p>Reconhecimento de melhorias futuras;</p> <p>As melhorias futuras referidas correspondem ao empenho;</p>

	<p>Relações entre indivíduos do Bairro da Armona</p>	<p>Desagregação</p>	<p><i>“Exatamente! Mas isso não se vê aqui porque se fossem todas unidas, onde agente mora e aqui deste lado aqui (referindo-se ao edifício número 1 e número 2 do bairro) agente fazia um grupo aqui bom!”</i></p> <p><i>“Por exemplo, aqui da parte do edifício 1 só venho eu!”</i></p> <p><i>“Sei lá! Acho que as senhoras aqui de baixo (...) são mais finas que aquelas senhora lá de cima! (...) Põem-nos de parte! Está bom?”</i></p> <p><i>“Lá isso também é verdade!”</i> (concordância com a afirmação anterior)</p> <p><i>“Nem os bons dias!”</i> (refere-se aos moradores do edifício número 1)</p> <p><i>“Eu vi ontem uma menina que mora aqui com a mãe. Não, ela não mora com a mãe, ela só vem aqui visitar a mãe. Agora anda de BM, não é coisa mas eu vi-a crescer assim (faz o gesto com a mão) pequenina, morou ao lá ao pé da gente. Agora como tem um BM já não fala a quem... E eu ontem respondi para ela, ia buscar a minha neta e respondi para ela: “Olha minha filha, saiu-te a sorte grande?”</i></p> <p><i>“Mas é assim, a pessoa como está um bocadinho mais coisa já pensa que... não é nada, não é nada. Não deixa de ser aquela pessoa que é. Mas como está de BM, tem um jipão e tem isto e tem aquilo já não fala a quem não tem nada.”</i></p> <p><i>“Para quê essa vaidade toda? Para quê essa soberba toda? Esse cinismo, para quê?”</i></p> <p><i>“E porque que agente nos encontramos na rua e ninguém é capaz de dar nem bom dia nem boa tarde?”</i></p> <p><i>“Olha ofereceu porrada ao senhor e tudo!”</i></p> <p><i>“As pessoas não são unidas!”</i></p> <p><i>“Ai agora não posso!” “Ai este horário não me convém”</i> (resposta que a restante comunidade dá quando se fala da Oficina “Encontros com</p>	<p>Nesta subcategoria conclui-se a existência de:</p> <ul style="list-style-type: none"> -sentimento de exclusão e inferioridade; -desunião entre edifício 1 e edifício 2 do Bairro da Armona; -falta de espírito comunitário e união; -comportamento desadequados que originam desavenças; -falta de interesse e conhecimento, por parte da população do Bairro da Armona nas atividades efetuadas na Associação;
--	--	---------------------	---	---

		<p>Convívio e entreaajuda</p> <p><i>“Bateu à minha porta “Ai Luísa, eu estou tão enrascada hoje, não me desenrascas aqui um pacotinho de leite ou um bocadinho de açúcar?”. Tudo bem, desenrascava quando tinha, quando não tinha também não (...)Eu sou assim! Quando tenho dou! Não sou aquela pessoa egoísta!”</i></p> <p><i>“Quem bate à porta também dou! (...) Ali agente tem matado muita fome àquele moço! Olá, até pratos de comer e tudo lhe tenho dado! O mocinho bate-me à porta cheio de fome e diz-me “Vizinha, não tem uma sandezinha ”. Dou uma sandezinha ou duas e uma garrafinha de água.”</i></p> <p><i>“A minha mãe sempre me ensinou: um copo de água não se nega a ninguém!”</i></p> <p><i>“Então e quem é que se abre?”</i></p> <p><i>“A qualquer aflição agente acode logo como acodem agente!”</i></p> <p><i>“A vizinha já caiu duas vezes. Agente vê, vai logo a fugir!”</i></p> <p><i>“Para todas!”</i> (referente à pergunta: Para vocês só ou para as pessoas todas do bairro?)</p> <p><i>“Para toda a gente! Não quero só para agente!”</i> (referente à pergunta: Para vocês só ou para as pessoas todas do bairro?)</p> <p><i>“Só para nós porquê? Para as pessoas se unirem a nós! Para não terem receio, não terem vergonha, não terem nojo!”</i> (referente à pergunta: Para vocês só ou para as pessoas todas do bairro?)</p>	<p>Apesar dos conflitos existentes é perceptível a entreaajuda dada entre a população do bairro;</p>
		<p>Melhorias</p> <p><i>“Era haver mais convívio! (...) Pessoas mais unidas! Unirmo-nos! (...) Termos mais pessoal para se fazer mais coisas!”</i></p> <p><i>“Mais convívio entre os moradores! (...) Pessoas mais unidas! (...)Têm que incentivar mais!”</i></p>	<p>As participantes idealizam um bairro unido e com convívio entre vizinhos;</p> <p>Reforçam que a Verdades Escondidas Associação deve</p>

			<p><i>“Exato!</i> (concordância com a unidade de texto supramencionada)”</p> <p><i>“Vivermos mais em convívio! (...)</i> <i>Vivermos mais umas com as outras!</i> <i>“Ai vais para a Associação, o que é que vais lá fazer (tom irónico)”</i></p>	<p>incentivar mais a população;</p> <p>De realçar a evidente falta de confiança e reticência em frequentar a Associação;</p>
--	--	--	---	--

O Doutor Tibúrcio de Chixäxû numa das suas grandes investigações reparou que tinha uma grande falha de conhecimento. Dirigiu-se à biblioteca mais próxima, procurou nos 10542 livros, que recolheu, e encontrou a ajuda preciosa necessária para a sua ação ultra secreta!

Num pequeno sítio do mundo, dentro da Europa, em Portugal, no distrito de Faro, em Olhão, no concelho de Quelfes, no Bairro da Armona estariam as mentes brilhantes que seriam a solução para o seu grande problema.

Diretamente da Neurolândia chegou uma carta para vós:

Neurolândia, 22 de Março de 2016



Caros cientistas:

Em nome da ciência, conto com a vossa inteligência para relatarem todos os conhecimentos aprendidos nesta grande jornada que vão ter. Tomem atenção, aprendam sobre as diversas temáticas e passem esta informação a todos quanto conseguirem.

Um verdadeiro cientista conta sempre com a ajuda de pequenos utensílios, tais como: caixa, lanterna, lupa, caneta e papel.

Nunca se esqueçam que a perda dos vossos utensílios pode comprometer a vossa missão!

Conto convosco, não me desiludam!

Aguardo resposta,
Doutor Tiburcio de Chixäxû

Anexo 10 – Avaliação Peddy Paper

A avaliação desta atividade foi elaborada em suporte de papel pelo que as seguintes imagens representam fotografias que ilustram as aprendizagens obtidas durante o *Peddy paper*.

Aprendemos as doctas - sobre VIH - Reciclar - caminho #
↓
doctas sexualmente transmissíveis
Para uma vida saudável

- comida saudável.

// — // — // — // — //

Posto 1 - tivemos de passar a bola para os outros gorros sem tocar na bola

Posto 2 - Aprendemos a Reciclar

Posto 3 - Aprendemos as doctas sexualmente transmissíveis.

Posto 4 - ~~sa~~ vimos os sabores da comida e tivemos de ver se era saudável.

Posto 5 - Aprendemos para que serve os dentes

Posto 6 - Aprendemos o caminho certo para a vida

Sobre os dentes aprendemos que os ~~molares~~ ^{caninos} são dentes que usamos,
os dentes molares são os que desfarçam

Sobre o consumo saudável
aprendemos que ^{não se} deve ~~usar~~ usar drogas
nem beber álcool em excesso.

Dr. Tiburcio chixáxú neste jogo aprendemos a combater contra a gravidade, a reciclar, a ~~doctas~~ sexualmente transmissíveis, os sabores, os dentes, e o jogo do caminho ~~saudável~~ saudável.

Assimob:
De Equipa Galileo Galilei

* Sobre a reciclar aprendemos que:
no amarelo devemos pôr o ~~plástico~~ plástico e metal não reciclado,
no azul colocamos papel e no verde colocamos vidro.

Sobre a sexualidade aprendemos que precisamos de higiene, que precisamos ter cuidado com as doctas, usar o que é necessário para ter relações sexuais.

Sobre os sabores aprendemos a saborear os alimentos e ver se são saudáveis.

Quero Doutor Tiburcio neste jogo aprendemos muita coisa. No.

Posto 1 - Foi passar uma bola para o gorro sem tocar nela.

No posto 2 - aprendemos a reciclar as coisas como deve ser.

No posto 3 - aprendemos sobre as doctas, sobre a SIDA, como não engravidar.

No posto 4 - foi saber qual é a alimentação saudável.

No posto 5 - ~~foi~~ foi sobre lavar os dentes, tratar dos dentes.

No posto 6 - foi sobre os exercícios que ~~se~~ fazem bem.

Um cara Doutor Tiburcio neste jogo aprendemos sobre a gravidade, alimentação, reciclagem, sobre as drogas, como lavar os dentes, e jogos ~~que~~ gostamos muito.

Anexo 12- Tratamento de dados do inquérito por questionário - caracterização do Bairro da Armona

Toda a informação que se segue foi facultada pela técnica da Câmara Municipal de Olhão que coordenou todo o processo de caracterização dos Bairros Sociais de Olhão, sendo que os dados foram tratados pela mesma. Contudo, foram recolhidos e analisados no âmbito deste estágio profissional.

Género	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Feminino	90	51,1	51,1	51,1
Valid Masculino	86	48,9	48,9	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Idade	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0 aos 4 anos	2	1,1	1,1	1,1
5 aos 9 anos	6	3,4	3,4	4,5
10 aos 14 anos	8	4,5	4,5	9,1
15 aos 19 anos	21	11,9	11,9	21,0
20 aos 24 anos	14	8,0	8,0	29,0
25 aos 29 anos	12	6,8	6,8	35,8
30 aos 34 anos	8	4,5	4,5	40,3
35 aos 39 anos	7	4,0	4,0	44,3
40 aos 44 anos	10	5,7	5,7	50,0
Valid 45 aos 49 anos	13	7,4	7,4	57,4
50 aos 54 anos	19	10,8	10,8	68,2
55 aos 59 anos	20	11,4	11,4	79,5
60 aos 64 anos	17	9,7	9,7	89,2
65 aos 69 anos	8	4,5	4,5	93,8
70 aos 74 anos	5	2,8	2,8	96,6
75 aos 79 anos	1	,6	,6	97,2
Mais de 80 anos	5	2,8	2,8	100,0
Total	176	100,0	100,0	
Idade * Género	Género		Total	
Crosstabulation	Feminino	Masculino		
0 aos 4 anos	1	1	2	
Idade 5 aos 9 anos	2	4	6	
10 aos 14 anos	6	2	8	

15 aos 19 anos	10	11	21
20 aos 24 anos	4	10	14
25 aos 29 anos	4	8	12
30 aos 34 anos	0	8	8
35 aos 39 anos	6	1	7
40 aos 44 anos	4	6	10
45 aos 49 anos	10	3	13
50 aos 54 anos	11	8	19
55 aos 59 anos	12	8	20
60 aos 64 anos	10	7	17
65 aos 69 anos	3	5	8
70 aos 74 anos	3	2	5
75 aos 79 anos	0	1	1
Mais de 80 anos	4	1	5
Total	90	86	176

Estado Civil	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Solteiro (a)	88	50,0	50,0	50,0
Casado (a)	52	29,5	29,5	79,5
União de Facto	12	6,8	6,8	86,4
Divorciado (a)	11	6,3	6,3	92,6
Viúvo (a)	13	7,4	7,4	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Nacionalidade	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Portuguesa	173	98,3	98,3	98,3
Angolana	3	1,7	1,7	99,4
Total	176	100,0	100,0	

Naturalidade	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Vila Real de Sto. António	3	1,7	1,7	1,7
Olhão	131	74,4	74,4	76,1
Beja	1	,6	,6	76,7
Angola	5	2,8	2,8	79,5
Almancil	1	,6	,6	80,1
Faro	4	2,3	2,3	82,4

Cabo Verde	1	,6	,6	83,0
São Tomé e Príncipe	1	,6	,6	83,5
Quarteira	2	1,1	1,1	84,7
Mértola	1	,6	,6	85,2
Alentejo	2	1,1	1,1	86,4
Tavira	4	2,3	2,3	88,6
Monchique	2	1,1	1,1	89,8
Porto	3	1,7	1,7	91,5
Castro Verde	2	1,1	1,1	92,6
Coimbra	3	1,7	1,7	94,3
Vilamoura	1	,6	,6	94,9
Lisboa	4	2,3	2,3	97,2
Portimão	2	1,1	1,1	98,3
Moncarapacho	1	,6	,6	98,9
Peniche	1	,6	,6	99,4
Brasil	1	,6	,6	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Nível de escolaridade	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pré – Escolar	3	1,7	1,7	1,7
E.B. 1º Ciclo	57	32,4	32,4	34,1
E.B. 1º Ciclo Incompleto	7	4,0	4,0	38,1
E.B. 2º Ciclo	27	15,3	15,3	53,4
E.B. 3º Ciclo	37	21,0	21,0	74,4
E.B. 3º Ciclo Incompleto	5	2,8	2,8	77,3
Valid Ensino Secundário	25	14,2	14,2	91,5
Ensino Secundário Incompleto	2	1,1	1,1	92,6
Não sabe ler / escrever	11	6,3	6,3	98,9
Ama / Creche	1	,6	,6	99,4
Ensino Especial	1	,6	,6	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Frequência Escolar	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	35	19,9	19,9	19,9
Não	5	2,8	2,8	22,7
Não aplicável	136	77,3	77,3	100,0

Total	176	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

Situação Profissional	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Empregado	56	31,8	31,8	31,8
Desempregado	43	24,4	24,4	56,3
Doméstica	6	3,4	3,4	59,7
Reformado	33	18,8	18,8	78,4
Estudante	38	21,6	21,6	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Qual o tipo de contrato	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Trabalhador por conta de outrem	51	29,0	29,0	29,0
Trabalhador por conta própria	5	2,8	2,8	31,8
Trabalhador Eventual	6	3,4	3,4	35,2
Não aplicável	114	64,8	64,8	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Qual a tipologia do agregado familiar?	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Monoparental Feminina	35	19,9	19,9	19,9
Monoparental Masculina	6	3,4	3,4	23,3
Nuclear sem filhos	20	11,4	11,4	34,7
Nuclear com filhos	62	35,2	35,2	69,9
Nuclear com mais de 2 filhos	16	9,1	9,1	79,0
Isolada Feminino	8	4,5	4,5	83,5
Família Alargada	29	16,5	16,5	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Principais problemas com a habitação	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Humidade/ Infiltrações	41	23,3	23,3	23,3
Saneamento/ Canalização	25	14,2	14,2	37,5
Sobreocupação do fogo	46	26,1	26,1	63,6

Insuficiência na qualidade dos acabamentos/materiais	11	6,3	6,3	69,9
Não identifica problemas	52	29,5	29,5	99,4
Baratas	1	,6	,6	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Que tipos de apoios pecuniários / rendimentos	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Abono escolar / Pensão de alimentos	35	19,9	19,9	19,9
Baixa médica	1	,6	,6	20,5
Salário	51	29,0	29,0	49,4
Pensão de Invalidez	9	5,1	5,1	54,5
Pensão de Velhice	24	13,6	13,6	68,2
Pensão de sobrevivência	1	,6	,6	68,8
Subsídio de Desemprego	6	3,4	3,4	72,2
Subsídio Social de Desemprego	4	2,3	2,3	74,4
Rendimento Social de Inserção	6	3,4	3,4	77,8
Não tem qualquer tipo de rendimento ou apoio	36	20,5	20,5	98,3
Pensão de Viuvez	2	1,1	1,1	99,4
Pensão Social de Invalidez	1	,6	,6	100,0
Total	176	100,0	100,0	

O agregado recebe apoios eventuais mensalmente?	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	10	5,7	5,7	5,7
Não	166	94,3	94,3	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Orçamento mensal do agregado familiar	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Menos de 200€	10	5,7	5,7	5,7
200 a 400€	30	17,0	17,0	22,7

400 a 600€	57	32,4	32,4	55,1
600 a 800€	34	19,3	19,3	74,4
800 a 1000€	22	12,5	12,5	86,9
1000 a 1200€	23	13,1	13,1	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Número de indivíduos com problemas crónicos	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	49	27,8	27,8	27,8
Não	127	72,2	72,2	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Problemas de saúde crónicos	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Acamado (a)	1	,6	,6	,6
Asma	4	2,3	2,3	2,8
Deficiência profunda	2	1,1	1,1	4,0
Depressão crónica	1	,6	,6	4,5
Diabetes	6	3,4	3,4	8,0
Toxicodependência	2	1,1	1,1	9,1
Não aplicável	127	72,2	72,2	81,3
Osteoporose	5	2,8	2,8	84,1
Hipertensão	8	4,5	4,5	88,6
Doença Oncológica	8	4,5	4,5	93,2
Epilepsia	1	,6	,6	93,8
Cardiologia	3	1,7	1,7	95,5
Artroses	1	,6	,6	96,0
AVC	1	,6	,6	96,6
Colesterol	2	1,1	1,1	97,7
Neurologia	3	1,7	1,7	99,4
Doença Mental	1	,6	,6	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Número de indivíduos que gostam ou não de viver no bairro.	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	132	75,0	75,0	75,0

Não	44	25,0	25,0	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Motivos para não gostar de viver no bairro	Frequência	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não gosta do fogo/ bairro	23	13,1	13,1	13,1
Gosto do fogo/ bairro	44	25,0	25,0	38,1
Memórias da vida	14	8,0	8,0	46,0
Gosta do ambiente do bairro	3	1,7	1,7	47,7
Valid Considera o bairro perigoso atualmente	7	4,0	4,0	51,7
Tem medo de viver no bairro	11	6,3	6,3	58,0
Não indica o motivo	48	27,3	27,3	85,2
Não tem outra alternativa	26	14,8	14,8	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Motivos que levaram os indivíduos a residir no bairro?	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Carência Económica	49	27,8	27,8	27,8
Falta de alternativas	16	9,1	9,1	36,9
Valid Não identifica	13	7,4	7,4	44,3
Razões Habitacionais	89	50,6	50,6	94,9
Razões Pessoais	9	5,1	5,1	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Problemas que caracterizam o bairro	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Alcoolismo	11	6,3	6,3	6,3
Baratas	11	6,3	6,3	12,5
Conflitos entre moradores	31	17,6	17,6	30,1
Criminalidade	13	7,4	7,4	37,5
Valid Degradação dos espaços comuns	22	12,5	12,5	50,0
Degradação dos espaços interiores da habitação	14	8,0	8,0	58,0
Desemprego	26	14,8	14,8	72,7
Esterilização dos animais	3	1,7	1,7	74,4

Falta de limpeza das ruas	16	9,1	9,1	83,5
Falta de segurança no bairro	7	4,0	4,0	87,5
Pobreza	4	2,3	2,3	89,8
Toxicodependência	13	7,4	7,4	97,2
Falta de fiscalização, por parte da camara ao bairro	5	2,8	2,8	100,0
Total	176	100,0	100,0	

Aspetos a melhorar no bairro	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Condições de habitabilidade	20	11,4	11,4	11,4
Criar condições para as pessoas passearem os animais	7	4,0	4,0	15,3
Desinfestação por causa das baratas	11	6,3	6,3	21,6
Equipamentos direcionados à infância	4	2,3	2,3	23,9
Equipamentos direcionados à juventude	8	4,5	4,5	28,4
Equipamentos direcionados à terceira idade	6	3,4	3,4	31,8
Equipamentos direcionados aos desempregados	9	5,1	5,1	36,9
Valid Reabilitação dos espaços comuns	9	5,1	5,1	42,0
Reabilitação dos espaços verdes	13	7,4	7,4	49,4
Limpeza dos espaços verdes, comuns e das ruas	16	9,1	9,1	58,5
Maior segurança na rua	25	14,2	14,2	72,7
Criação de emprego	20	11,4	11,4	84,1
Maior fiscalização/ acompanhamento nos fogos e no bairro	28	15,9	15,9	100,0
Total	176	100,0	100,0	

relação com os vizinhos	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Amizade	22	12,5	12,5	12,5
Cordialidade	147	83,5	83,5	96,0
Indiferença	7	4,0	4,0	100,0
Total	176	100,0	100,0	